



CATÓLICA  
ESCOLA DAS ARTES

---

PORTO

A DESCREDIBILIZAÇÃO DO CONSUMO DE  
MÚSICA DE RAPARIGAS JOVENS COMO  
MANIFESTAÇÃO DE MISOGÍNIA: ESTUDO  
COMPARATIVO DAS EXPERIÊNCIAS DE FÃS  
DE BEATLES E ONE DIRECTION

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de Mestre em Gestão de Indústrias Criativas

*Inês Ferrão Guedes*

Porto, Setembro de 2024



CATÓLICA  
ESCOLA DAS ARTES

---

PORTO

A DESCREDIBILIZAÇÃO DO CONSUMO DE  
MÚSICA DE RAPARIGAS JOVENS COMO  
MANIFESTAÇÃO DE MISOGÍNIA: ESTUDO  
COMPARATIVO DAS EXPERIÊNCIAS DE FÃS  
DE BEATLES E ONE DIRECTION

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de Mestre em Gestão de Indústrias Criativas

*Inês Ferrão Guedes*

Trabalho efetuado sob a orientação de

Prof. Doutora Cristina Sá

Porto, Setembro de 2024

## **Agradecimentos**

Primeiramente, quero agradecer ao meu pai, à minha mãe e à minha irmã por todo o apoio e motivação que continuamente me deram. Obrigada por acreditarem em mim e terem sempre uma palavra de encorajamento nos momentos mais difíceis. O caminho nem sempre foi fácil, mas a vossa presença, apoio e compreensão foram constantes e imensamente importantes. Obrigada por celebrarem as minhas vitórias e me encorajarem a levantar das quedas. Obrigada.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Cristina Sá, cujo contínuo apoio, disponibilidade e partilha de conhecimentos e experiência foram cruciais para o desenvolvimento desta dissertação. Obrigada por todas as aprendizagens que me proporcionou, pelas enriquecedoras e motivadoras trocas de ideias, pelo olhar crítico e experiente com que avaliou o meu trabalho, e pela compreensão. Foi uma honra poder contar com a sua orientação ao longo de todo este trabalho.

Desejo agradecer às participantes dos focus groups e das entrevistas conduzidos no contexto desta dissertação, cuja prestável e valiosa colaboração permitiu enriquecer este trabalho. Obrigada pela vossa partilha, as vossas histórias e conversas não só foram fundamentais para possibilitar uma maior compreensão das experiências de fãs, como me inspiraram e motivaram ao longo do desenvolvimento desta dissertação.

Obrigada também às participantes das dinâmicas piloto que conduzi, pela disponibilidade e críticas construtivas.

Por último, mas definitivamente não menos importante, deixo um agradecimento aos meus avós, inspirações constantes que sempre me acompanharam de perto.

## **Resumo**

A presente dissertação tem como objetivo debruçar-se sobre a temática das raparigas jovens enquanto consumidoras culturais na indústria da música e explicitar como a descredibilização deste seu papel por parte dos *media* e do público geral é uma manifestação de misoginia. Para isto, recorrer-se-á à análise do caso das boy bands – mais concretamente, aos estudos de caso dos fenómenos que foram o fandom de Beatles durante a década de 1960 e o fandom de One Direction durante a década de 2010.

A presente investigação conta com trabalho de campo que consistiu na dinamização de entrevistas e focus groups com fãs destas bandas, com o intuito de compreender a fundo as suas perspetivas e experiências.

**Palavras Chave:** Feminismo, Fangirls, Fandom, Boy bands, Consumo cultural feminino, Raparigas como consumidoras culturais, Misoginia

The aim of this dissertation is to look at the issue of young girls as cultural consumers in the music industry and to explain how the discrediting of their role by the media and the general public is a manifestation of misogyny. To do this, we will use an analysis of the case of boy bands - more specifically, case studies of the phenomena that were the Beatles fandom during the 1960s and the One Direction fandom during the 2010s.

This research includes fieldwork which consisted of interviews and focus groups with fans of these bands, with the aim of gaining an in-depth understanding of their perspectives and experiences.

**Key words:** Feminism, Fangirls, Fandom, Boy bands, Female cultural consumption, Girls as cultural consumers, Misogyny

## Índice

|   |          |
|---|----------|
| 1. Introdução .....   | 1        |
| <b>2. Contextualização Teórica .....</b>  | <b>4</b> |
| 2.1. Clarificações iniciais sobre identidade de género e papéis sociais de género ..... | 8        |
| 2.2. Fandom e Fangirls .....  | 10       |
| 2.3. Boy band: Definição .....  | 14       |
| 2.4. As críticas direcionadas às boy bands .....  | 18       |
| 2.5. As críticas direcionadas às fãs de boy bands .....                                 | 33       |
| 2.6. Fãs de Beatles e de One Direction como estudos de caso .....                       | 44       |
| 2.7. Os Beatles são uma boy band? .....   | 52       |
| 3. Trabalho de Campo .....  | 60       |
| 3.1. Entrevistas e Focus Groups – Metodologia .....                                     | 61       |
| 3.2. Entrevistas e Focus Groups – Análise de Dados .....                                | 71       |
| 4. Conclusão e trabalho futuro .....  | 106      |
| 5. Bibliografia .....   | 109      |
| 6. APÊNDICE A – Guião dos Focus Groups com fãs de One Direction .....                   | 115      |
| 7. APÊNDICE B – Guião das Entrevistas com fãs de Beatles .....                          | 119      |
| 8. APÊNDICE C – Consentimento Informado para as participantes dos Focus Groups .....    | 122      |
| 9. APÊNDICE D – Consentimento Informado para as participantes das Entrevistas .....     | 125      |
| 10. APÊNDICE E – Transcrições dos Focus Groups com fãs de One Direction .....           | 128      |
| 11. APÊNDICE F – Transcrições das Entrevistas com fãs de Beatles .....                  | 221      |



## 1. Introdução

A misoginia é um problema estrutural, permeando todas as dinâmicas e instituições da nossa sociedade, pelo que o setor cultural não é exceção. Quer estejamos a falar das raparigas como produtoras culturais, quer como consumidoras culturais, é certo que estas são vítimas de discriminação com base no género – esta misoginia pode assumir diversas formas, sendo que uma delas é a descrédibilização das suas opiniões e perspetivas e a desvalorização do seu papel enquanto avaliadoras culturais. A indústria da música é um exemplo de grande relevância no contexto desta discussão, sendo que o conteúdo musical que é direcionado a raparigas jovens é comumente desvalorizado pelos *media* e pelo público em geral como algo de qualidade inferior, irrelevante e/ou de sucesso momentâneo. Contudo, uma análise mais ampla no tempo leva-nos a perceber que não só isto não é verdade, como poderá até fazer sentido ver estas fãs como capazes de decidir e prever o que será culturalmente relevante no setor da música.

São várias as instâncias nas quais é possível observar que um artista que consegue apelar a raparigas jovens consegue alcançar grandes níveis de sucesso e, eventualmente, até tornar-se mainstream. O fenómeno das boy bands<sup>1</sup> ilustra isto de forma exemplar, pois em diversas instâncias foram as raparigas jovens que conseguiram impulsioná-las para patamares de sucesso global, embora, numa fase inicial, a qualidade da sua música seja muitas vezes posta em causa pelo público em geral (como será abordado ao longo desta dissertação).

A promoção do diálogo e o desenvolvimento de trabalho focados na misoginia no setor cultural são fundamentais para a desconstrução de narrativas misóginas como esta, que desvalorizam as perspetivas femininas e reforçam sistematicamente as ideias patriarcais de que os interesses que costumam ser associados a um público masculino têm uma maior qualidade e valor cultural do que aqueles que não são. Desconstruir estas ideias é um passo fundamental para garantir que a perspetiva feminina é valorizada e respeitada no setor cultural e para promover a igualdade de oportunidades nesta área, colocando as mulheres e raparigas na posição de respeito a que têm direito como consumidoras e avaliadoras culturais.

---

<sup>1</sup> Dependendo das publicações consultadas, é também possível encontrar as formas “boyband”, “boysband” e “boys band” – a título de exemplo, veja-se os seguintes artigos: <https://mag.sapo.pt/musica/fotos/take-that-no-meo-mares-vivas-o-primeiro-concerto-da-boyband-em-portugal-em-imagens>; <https://magg.sapo.pt/celebridades/artigos/estrela-de-bridgerton-ja-fez-parte-de-boysband-que-chegou-a-ser-comparada-aos-one-direction>; <https://www.jn.pt/6479747024/meo-mares-vivas-a-espera-de-40-mil-pessoas-por-dia-conheca-o-programa-dos-concertos/>. Contudo, devido à proeminência da forma “boy band” na literatura consultada no contexto desta dissertação (tanto académica como jornalística), optou-se pela utilização desta designação.

Com o objetivo de me debruçar sobre a temática das raparigas jovens enquanto consumidoras culturais na indústria da música e explicitar como a descrédibilização deste seu papel por parte dos *media* e do público geral é uma manifestação de misoginia, irei recorrer à análise do caso das boy bands – mais concretamente, aos estudos de caso dos fenómenos que foram o fandom de Beatles durante a década de 1960 e o fandom de One Direction durante a década de 2010.

Considerando que as raparigas jovens e os seus interesses são o foco deste trabalho, será imperativo compreender a fundo as suas perspetivas e experiências. Para isto, recorrer-se-á não só a entrevistas e testemunhos diversos já reportados e analisados tanto em literatura académica como jornalística (com metodologias e enquadramentos marcadamente distintos), como será feita uma análise da cultura de fãs de Beatles e One Direction através de entrevistas e focus groups dinamizados com fãs dos grupos. Estes fóruns serão orientados por um guião de propostas de atividades e temas e perguntas de carácter aberto que permitam que as participantes partilhem de forma tão genuína, fluída e orgânica quanto possível.

Iremos começar pela apresentação da contextualização teórica da temática de raparigas jovens enquanto consumidoras culturais na indústria da música (mais especificamente no caso das boy bands) e da misoginia associada à desvalorização deste seu papel (ilustrada em grande parte pela representação mediática que recebem e pela perceção que pessoas externas aos fandoms têm dos mesmos).

Posteriormente, avançaremos para uma secção com algumas clarificações iniciais sobre identidade de género e papéis sociais de género, de modo a garantir a clareza do leitor relativamente a como esta dissertação irá abordar estes temas, e com que objetivo.

De seguida, passaremos para a secção dedicada a abordar os conceitos de fandom e fangirls, o que nos levará a explorar o tema da cultura participativa no contexto dos fandoms, a forma como é percecionado o termo “fangirl” e a misoginia associada a algumas palavras que tendem a ser empregues para descrever fãs, como “histeria”, “mania” e “loucura”.

A secção seguinte focar-se-á em analisar o conceito de boy band, cuja definição tende a variar dependendo da fonte consultada – neste sentido, interessa-nos explorar e comparar várias definições, tanto jornalísticas como académicas, para podermos depois prosseguir com uma melhor e maior compreensão relativamente a esta classificação.

Segue-se uma análise das críticas direcionadas às boy bands, secção em que iremos explorar temas como o debate “Rockism versus Poptimism” e a questão de “autenticidade/inautenticidade” no contexto das boy bands, assim como a genderização de que estes conceitos foram alvo. Pretende-se, aqui, desconstruir argumentos que são comumente

utilizados para criticar boy bands, como “não saberem cantar” e “não tocarem instrumentos”, e averiguar a sua validade.

Posteriormente, serão analisadas as críticas direcionadas às fãs de boy bands – iremos debruçar-nos sobre a forma como estas consumidoras culturais são percecionadas pejorativamente e compreender a origem misógina destas ideias. Analisaremos os estereótipos de “teenybopper” e “groupie”, e abordaremos como a representação (nomeadamente, por parte dos *media*) das perceções que as fãs têm das boy bands revela uma compreensão limitada das mesmas.

A secção seguinte é dedicada à abordagem teórica dos dois estudos de caso desta dissertação: o fenómeno de fãs associado aos Beatles e o fenómeno de fãs associado aos One Direction. Será feita uma apresentação das bandas e dos fenómenos de fãs a elas associados e uma análise comparativa, clarificando as parecenças que justificam o interesse nesta análise. Contudo, não deixará de ser referido que também existem, claro, diferenças entre estes fenómenos.

O contexto proporcionado pelas secções até agora mencionadas será importante no momento de entrar na secção seguinte, na qual iremos focar-nos na pergunta de se os Beatles são, ou não, uma boy band – um debate que continua vivo e o qual se vai demonstrar tender a prender-se mais com questões de conotação do que de denotação.

Entramos, de seguida, na parte dedicada ao trabalho de campo desenvolvido, começando por explicitar questões metodológicas relacionadas com as entrevistas e focus groups dinamizados. Posteriormente, proceder-se-á à análise de dados, dividida em 3 partes: I) A perceção da banda, a experiência pessoal e identidade; II) A experiência coletiva de ser fã e o fenómeno de fandom; III) As perspetivas de não-fãs e dos *media*. Seguem-se as conclusões finais e sugestões de trabalho futuro, que encerrarão a dissertação.

## 2. Contextualização Teórica

Os temas sob os quais a presente dissertação se debruça têm vindo a ser analisados com recurso a conceitos e teorias pertencentes a áreas diversas: arte e cultura, estudos de género, psicologia, sociologia, marketing, entre outros. A diversidade de áreas de estudo envolvidas na literatura e estudos desenvolvidos sobre esta temática revela a sua complexidade, assim como a necessidade de articular conceitos e teorias de todas essas áreas para melhor compreender estas questões – optar por analisá-las considerando, de forma isolada, apenas uma das áreas previamente mencionadas, embora claramente relevante e importante para o desenvolvimento do conhecimento nessa mesma área, não permitiria uma compreensão tão holística dos temas em que esta dissertação se foca como a que nos é possibilitada por uma abordagem mais integral. Neste sentido, interessa-nos proceder a uma abordagem multidisciplinar.

Um pertinente ponto de partida para a exploração deste tema é explicitar o que se entende por misoginia e sexismo e esclarecer aquilo a que nos referimos quando dizemos que estes são problemas estruturais. O European Institute for Gender Equality (EIGE) refere que:

“O sexismo está ligado ao poder, na medida em que aqueles com poder são normalmente tratados com favorecimento e aqueles sem poder são normalmente discriminados. O sexismo também está relacionado com estereótipos, uma vez que as ações ou atitudes discriminatórias se baseiam frequentemente em falsas crenças ou generalizações sobre género, e na consideração de género como relevante quando não o é.”<sup>2</sup> (European Institute for Gender Equality, s.d).

Misoginia refere-se ao ódio por mulheres e pode manifestar-se através da discriminação com base no género, menosprezo das mulheres, assédio sexual, violência contra as mulheres, entre outras formas (Chaudhury, Srivastava, Bhat e Sahu, 2017)<sup>3</sup>.

De forma a proceder a uma abordagem mais completa e correta destes fenómenos, é importante compreender que estes são estruturais. Javidan enuncia que “Sexismo estrutural refere-se a crenças ou práticas discriminatórias com base no sexo e no género que estão enraizadas em estruturas sociais e que resultam em disparidades bastante previsíveis nos resultados sociais

---

<sup>2</sup> Foi tomada a decisão metodológica de traduzir para português as fontes que estão noutras línguas, de modo a proporcionar uma mais fácil leitura do texto. Estas traduções foram realizadas pela autora da dissertação.

<sup>3</sup> São referidos pelos autores os livros “Encyclopedia of Feminist Theories”, de Lorraine Code, e “Routledge International Encyclopedia of Women”, de Cheris Kramarae e Dale Spender.

relacionados com o poder, os recursos e as oportunidades” (Javidan, 2021). Referimo-nos ao sexismo como estrutural por permear toda a organização da sociedade, estando presente nas instituições, sistemas e relações sociais, e permitindo a legitimação de desigualdades.

Devido a integrarem todas as esferas e dinâmicas da sociedade, problemas estruturais são extremamente complexos de desconstruir e resolver. De facto, até a deteção de algumas das formas através das quais estes problemas se manifestam é, muitas vezes, difícil de fazer – estas manifestações podem, por exemplo, ser atos, discursos ou dinâmicas que já normalizámos coletivamente, o que dificulta identificá-las como sinais de um problema. Reconhecer estas dificuldades e obstáculos à criação de uma sociedade mais justa não deverá desmotivar-nos, mas sim criar urgência para a promoção do diálogo e desenvolvimento de trabalho em torno destes fenómenos.

No contexto desta dissertação, interessa-nos explorar e desconstruir algumas das manifestações de misoginia que é possível observar na cultura de fãs na indústria da música – mais especificamente, no caso das boy bands. De facto, muitas destas manifestações poderão constituir os previamente mencionados atos, discursos ou dinâmicas já normalizadas a nível coletivo, e por isso muitas vezes difíceis de detetar como sinais de um problema. É, por isso, essencial proceder a uma análise a fundo desta questão.

Fará sentido começar por “Fangirls: scenes from modern music culture” (2019), em que Ewens explora como as raparigas jovens e as suas experiências e poder como consumidoras culturais são frequentemente desvalorizados por historiadores e comentadores. Com o objetivo de analisar estas fãs, a sua dedicação e o sentido de comunidade e camaradagem que desenvolvem entre si, a autora oferece palco a histórias impactantes que celebram este público, em contraste com os retratos pejorativos que várias vezes os *media* convencionais tendem a construir destas fãs.

Abordagens que procuram compreender estes fenómenos a partir dos relatos destas fãs revelam-se menos sensacionalistas e mais transparentes e completas, algo que é possível observar ao comparar certas representações mediáticas que, por exemplo, se focam em utilizar palavras como “histeria” ou “loucura” (algo que analisaremos a fundo mais à frente) com análises como a de Ewens. Contudo, mesmo quando os *media* convencionais recorrem a estes relatos de fãs, não é incomum terem já uma narrativa predefinida que pretendem contar: veja-se o caso do documentário “Crazy About One Direction” (Asquit, 2013), em que os relatos de fãs que integram a versão final do filme não revelam uma amostra representativa do que é o fandom do grupo musical. Como Ewens teve oportunidade de comprovar após ouvir relatos de várias fãs,

não só as perguntas utilizadas pelos entrevistadores eram conducentes a que as respostas permitissem a perpetuação de narrativas sensacionalistas, como os testemunhos incluídos no documentário foram seleccionados de forma a permitir a confirmação destas narrativas. Como é comentado pela autora, o filme não foi feito para as fãs (Ewens, 2019).

Em “Multiple damnations: deconstructing the critical response to boy band phenomena”, Duffet explora “porque é que a representação das boy bands tem sido caracterizada por um período de *relativa estagnação histórica*” (Duffet, 2013, p. 187), apontando para como é possível observar a interseção de quatro discursos quando os *media* falam sobre boy bands: juventude, exploração, género e fandom.

Gaudie-Ley (2022) explora o conceito de fandom e a origem do próprio termo “fã”, algo estigmatizado e, por vezes, até tratado como uma patologia. Abordagens deste tipo revelam-se superficiais e não têm em consideração questões como o facto de fandoms serem fóruns mais acolhedores e fáceis de navegar para grupos marginalizados e que não se identificam tanto com a cultura dominante. Estas comunidades são locais de partilha e união em que pessoas com o mesmo interesse podem expressar-se de forma mais confortável e segura e criar e distribuir conteúdo artístico (sendo que este, por ser maioritariamente produzido por pessoas que não se identificam com padrões normativos e a cultura dominante, acaba por constituir um reflexo de realidades que nem sempre estão representadas nos *media* convencionais).

Gaudie-Ley debruça-se ainda sobre o termo “fangirl”, explorando as suas origens e a conotação pejorativa que lhe ficou associada. É neste contexto que aborda a Beatlemania e a sua relação com o movimento de libertação sexual da década de 1960, sendo que há um claro paralelo a ser desenhado entre a cultura de fãs dos Beatles durante este período e o romper com a imagem tradicional de submissão e pureza que era imposta à mulheres naquela época – comportamentos como gritar e chorar por músicos não se encaixavam nesta imagem, e o interesse pela música destes ídolos pode ser inclusive associado a um desejo de integração de um sistema social. A autora não deixa ainda de mencionar e analisar o receio que algumas fãs sentem de ser percecionadas como “irritantes” ou “histéricas”, conectando-o pertinentemente com misoginia internalizada e expectativas sobre papéis de género. Gaudie-Ley aborda como certos conteúdos são desenvolvidos com o objetivo de apelar a este público e, devido a misoginia, são considerados como de qualidade inferior, estando presente uma deslegitimação dos interesses femininos. Isto pode criar, inclusive, resistência aos mesmos, em contraste com os conteúdos dirigidos ao público masculino, que são aceites com mais facilidade. De facto, se nos é ensinado pelo sistema patriarcal que conteúdos direcionados a um público feminino são fúteis ou de

menor qualidade, pode criar-se o desejo de distanciamento dos mesmos, ou o sentimento de vergonha associado ao seu consumo.

Lyons (2020) fornece-nos uma cronologia condensada da História das boy bands e uma análise do termo em si, referindo que enquanto alguns jornalistas da indústria musical consideram os Beatles a primeira boy band, outros recusam-se a classificá-los como uma, e torna-se relevante perceber a razão por detrás disto – Esta recusa deve-se ao facto do grupo e a sua música não terem as características necessárias para receber esta classificação, ou à conotação pejorativa associada ao termo? Este será um assunto a tratar mais à frente neste trabalho.

A análise musical comparativa de Jones (2015) representa uma abordagem bastante interessante. A autora refere que o facto de tantos grupos terem vindo a ser descritos como boy bands acaba por tornar este termo num de definição relativamente ampla. Não obstante, identifica que características associadas a vários destes grupos podem estar associadas à perceção negativa que se tem do termo: o facto de ser comum não tocarem instrumentos, as acusações de que não sabem cantar e a formação do grupo estar várias vezes associada a managers ou a produtores, assim como haver vários casos em que os membros do grupo não são os compositores das suas músicas. Jones faz ainda referência aos primeiros anos de carreira dos Beatles, mencionando como esta banda considerada uma das mais inovadoras da História recente da música já foi bastante criticada por ter uma sonoridade considerada simplista. De facto, a apreciação e respeito que temos hoje pelos Beatles não foram algo sentido pelo público desde o início, o que é comprovado pela cobertura jornalística do início da década de 1960. Embora se saiba que, realmente, o pico de sucesso do grupo dar-se-ia posteriormente, Jones não deixa de apontar que a música que a banda produziu nos seus primeiros anos de atividade continha já marcas dos atributos que viriam a ser aplaudidos nos seus álbuns futuros. Revela-se, assim, altamente pertinente questionarmo-nos acerca da razão pela qual estas características não foram detetadas por críticos musicais no início da carreira dos Beatles – assim como perceber se a resposta a esta questão estará relacionada com a desvalorização e/ou desrespeito pelo que raparigas jovens costumam gostar.

Em “Everything I Need I Get from You: How Fangirls Created the Internet as We Know It” (2022) Tiffany aborda como os fandoms operam no contexto da Internet. A autora rejeita as narrativas que consideram estas fãs “históricas” e explora fandoms como fóruns de colaboração e inovação, atribuindo-lhes o respeito e crédito que, como já vimos anteriormente, várias vezes parecem estar ausentes da cobertura mediática destes fenómenos. Comentando esta mesma cobertura e explorando questões relacionadas com subculturas, Tiffany coloca estas fãs no lugar de destaque a que têm direito na História da Internet.

## 2.1. Clarificações iniciais sobre identidade de género e papéis sociais de género

É importante compreender que a referência a algo ser “tradicionalmente dirigido/associado a raparigas/mulheres” ou “tradicionalmente dirigido/associado a rapazes/homens” que por vezes será feita no contexto desta dissertação não acontece com o objetivo de perpetuar papéis sociais de género (algo que seria completamente contraditório tendo em conta a natureza feminista da premissa deste trabalho), mas sim com o intuito de explicar que estas expetativas sociais criadas com base no género estão presentes na sociedade (inclusive nas suas estruturas e instituições), têm o potencial de nos condicionar e precisam de ser abordadas de forma a permitir a sua desconstrução. Numa sociedade que opera com base em expetativas que diferem de acordo com o género das pessoas, abordar a questão do que é, tradicionalmente, dirigido ou associado (nomeadamente devido à repetida exposição, por exemplo através dos *media*, a premissas e narrativas que perpetuam papéis sociais de género) a um determinado género e porquê é um passo fundamental para conseguir que estas ideias e conceções sejam vistas como o que realmente são: construções sociais que representam obstáculos na construção de uma sociedade em que cada pessoa vive de acordo com os seus verdadeiros desejos e ambições, e não de acordo com os que são nela projetados (nomeadamente, por papéis sociais de género). Após compreender como estas expetativas e regras (que nem sempre são explicitamente comunicadas, mas que não deixam por isso de estar presentes) são construções, é então possível começar a trabalhar no sentido de desconstruí-las.

Também é importante deixar claro que o facto da presente dissertação se focar nas identidades de género de “rapariga/mulher” e “rapaz/homem” não representa, de forma alguma, uma tentativa de afirmar que a identidade de género é uma questão binária (abordagem na qual se perde a grande diversidade de identidades não-binárias<sup>4</sup>). Este foco é, sim, feito com o objetivo de desconstruir ideias relacionadas com esta suposta binariedade, que é socialmente construída – operamos numa sociedade assente em valores patriarcais que reforçam, em múltiplas instâncias, a ideia de que estas duas identidades de género são as únicas e têm a si associadas um conjunto de regras, expetativas, entre outros códigos e elementos; a desconstrução destas ideias implica que esta suposta binariedade seja abordada (para poder ser questionada e

---

<sup>4</sup> Como é referido pela Associação ILGA Portugal – Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo, “O termo não-binário é um termo guarda-chuva para diversas identidades que se caracterizam fora do binário, ou seja, identidades que não são exclusivamente mulheres, nem exclusivamente homens” (Associação ILGA Portugal – Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo, 2021).

desconstruída), mas, claro, com a consciência de que esta não é representativa da realidade – a grande diversidade de identidades de género existentes compreende muitas mais identidades de género do que “rapariga/mulher” e “rapaz/homem”. Aplica-se igualmente aqui o que foi acima mencionado relativamente a papéis sociais de género: abordar este tema, nomeadamente ao referir a compreensão binária de identidade de género por parte da sociedade patriarcal, não é feito com o objetivo de perpetuar a ideia de que a identidade de género é um conceito binário, mas sim com o intuito de explicar que as normas sociais de género que a sociedade patriarcal impõe a raparigas/mulheres e rapazes/homens estão também ligadas à forma como esta sociedade tem uma compreensão de género binária, conceção esta que tem de ser abordada para ser desconstruída.

## 2.2. Fandom e Fangirls

A presente secção tem como objetivo clarificar as definições de dois termos que serão várias vezes referidos ao longo desta dissertação.

“Fandom”, palavra formada através da junção de “fan” (“fã”, em inglês) e “kingdom” (“reino”, em inglês) (Gaudie-Ley, 2022), é definido pelo dicionário Merriam-Webster como “todos os fãs (como de um desporto)” (Merriam-Webster b), s.d.)<sup>5</sup> e “o estado ou atitude de ser um fã” (Merriam-Webster b), s.d.). Contudo, outras definições apontam para a relevância de, quando se fala de fandoms (e dos fãs que os integram), abordar cultura participativa. Em “Textual Poachers”, Jenkins refere como “Os fãs não se limitam a consumir histórias pré-produzidas; eles fabricam as suas próprias histórias e romances em fanzines, impressões de arte, canções, vídeos, performances, etc.” (Jenkins, 1992, p. 45). Prieto refere que, embora em “Textual Poachers” Jenkins se foque nos fãs de televisão, várias das coisas que diz “podem ser extrapoladas para outros tipos de fenómeno de fãs.” (Prieto, 2022, p. 8).

“os fãs afirmam ativamente o seu domínio sobre os textos produzidos em massa que fornecem as matérias-primas para as suas próprias produções culturais e a base para as suas interações sociais. No processo, os fãs deixam de ser apenas uma audiência para textos populares; em vez disso, tornam-se participantes ativos na construção e circulação de significados textuais” (Jenkins, 1992, pp. 23-24).

Esta perspetiva coloca ênfase em como os fandoms são comunidades ativas e criativas compostas por integrantes que participam e interagem de forma dinâmica, comunicando com outros fãs e criando conteúdo. Os fandoms também têm a si associado um nível de envolvimento, interesse e participação maior do que aquele que, por exemplo, um fã mais casual pretende ter, assim como contribuem para noções de identidade, como Lyons explica:

“as comunidades de fãs, também designadas por fandoms, vão para além dos fãs de música cujo interesse é meramente casual. Uma parte chave da distinção inclui não só identificar-se como fã de um artista, mas também o facto de esse estatuto de fã contribuir significativamente para

---

<sup>5</sup> Ao longo desta dissertação, o debate em torno da definição de alguns termos será iniciado com a apresentação da sua definição de dicionário. Estas tendem claro, a representar definições mais simples e/ou breves do que aquelas que encontramos quando consultamos literatura académica e jornalística. Contudo, começar pela apresentação das definições de dicionário não deixa de ter uma certa relevância como forma de introduzir estes termos, sendo que estas costumam representar os significados mais correntes das palavras, aqueles que tendem a ser aceites por vários como consensuais – interessa-nos, por isso, começar por essas definições e, de seguida, explorar mais a fundo o que têm a dizer outras fontes sobre o termo em questão.

noções de identidade. Os membros das comunidades de fãs são mais apaixonados e envolvidos (...) Também participam em mais atividades de fã para além da audição. Atividades de fã incluem coisas como ir a concertos e comprar merchandise, mas um elemento monetário não é necessariamente exigido. Falar com outros fãs, ler revistas de fãs e até mesmo apenas ouvir a própria música também são consideradas atividades de fã.” (Lyons, 2020, p. 41).

Para efeitos de esclarecimento, refira-se desde já que ao longo desta dissertação utilizo o termo “fã” para designar os integrantes de um fandom. É, claro, concebível que existam fãs que não integram os fandoms (sendo apreciadores ou admiradores de algo ou alguém mas não participando de partilha, comunicação, criação e outras atividades em torno desse algo ou alguém), mas os integrantes destas comunidades marcadas por cultura participativa serão, salvo referência em contrário, aqueles a que me estou a referir quando digo “fã”.

O dicionário Merriam-Webster define “fangirl” como “uma rapariga ou mulher que é uma fã extremamente ou excessivamente entusiasmada de alguém ou de alguma coisa” (Merriam-Webster c), s.d.). Gaudie-Ley refere que “Normalmente, o uso do termo fangirl é associado a uma menina reagindo de forma extremamente exagerada a algo que gosta e, majoritariamente, é entendido de forma pejorativa.” (Gaudie-Ley, 2022, p. 40) – esta ideia de “exagero” está também presente na definição de dicionário, com a utilização das palavras “extremamente” e “excessivamente”. É importante referir ainda que são várias as instâncias em que é possível ver palavras como “histeria”, “loucura” e “mania” serem utilizadas em referência a fãs de boy bands, e é crucial perceber a misoginia associada a este tipo de vocabulário.

O Dicionário Priberam define “Histeria” como “Doença nervosa, geralmente com manifestação de sintomas como convulsões, contraturas ou paralisias, antigamente associada às mulheres” (Priberam a), s.d.). Numa das outras definições apresentadas é possível ler: “Tipo de comportamento com grande, intensa ou ruidosa manifestação de emoção” (Priberam a), s.d.). Esta palavra teve origem na Grécia Antiga e carrega uma História de misoginia, estando associada à tentativa de patologizar as experiências e emoções de mulheres.

“A histeria – da palavra grega que designa o útero, *hysteria*, sempre a “fonte” anatómica dos problemas – carrega uma grande carga histórica. Esta “doença” ligada ao útero manifesta-se através de vários sintomas: ansiedade, falta de ar, irritabilidade, nervosismo, insónias, desmaios, bem como ser promiscua ou desejar sexo – ou seja, sentir coisas, fortemente. O médico da Grécia Antiga Aretaeus descreveu o útero como “um animal dentro de um animal” e Hipócrates foi mais longe, dizendo que, especialmente nas virgens, viúvas, solteiras ou mulheres estéreis, este útero “mau” produz também fumos tóxicos, que provocam histeria.

(...) Quase todos os médicos Vitorianos consideravam as mulheres mais frágeis e sensíveis do que os homens, propensas a cair numa fase histérica em qualquer altura. Aquelas que se rebelavam contra a sociedade Vitoriana arriscavam-se a ser internadas num asilo. Nos Estados Unidos a história era semelhante. Dos registos pertencentes ao West Virginia Hospital for the Insane, alguns fatores que se considerava terem contribuído para as ‘doenças’ (alegadas ou não) dos reclusos incluíam: doença feminina (o que quer que isso possa significar), problemas femininos imaginários, febre e ciúmes, avareza, desilusões de afeto ou amor, dissipação dos nervos e entusiasmo mental.” (Ewens, 2019, p. 12).

A palavra “mania” é definida no Dicionário Priberam como “Apego excessivo ou obsessivo a uma ideia ou intenção; afeição a uma ideia fixa” (Priberam c), s.d.), e é indicado que “-mania”, como elemento de composição, “Exprime a noção de loucura ou desejo imoderado” (Priberam c), s.d.). No mesmo dicionário, a palavra “loucura” é definida como “Alienação mental” (Priberam b), s.d), “Insensatez; imprudência”, (Priberam b), s.d.) “Extravagância” (Priberam b), s.d.) e “Doidice, ato descontrolado ou irrefletido” (Priberam b), s.d.).

É, claro, perfeitamente concebível que estas palavras sejam utilizadas por pessoas que não têm intenções de, com isto, perpetuar narrativas misóginas – por exemplo, uma das definições apresentadas para “histeria” é “Tipo de comportamento com grande, intensa ou ruidosa manifestação de emoção” (Priberam a), s.d.), pelo que a palavra poderá ser utilizada para descrever um comportamento deste tipo, e sem qualquer intenção de desvalorizar ou desrespeitar as experiências de alguém por parte do locutor. Contudo, não devemos ignorar que vários recorrem a estes termos para expressar que veem as emoções e experiências de raparigas e mulheres como algo “exagerado”, “dramático”, “ridículo” e/ou “incompreensível”.

Click refere que “os media menosprezaram as reações que as raparigas e as mulheres tiveram à série *Twilight* e aos atores que interpretam as suas personagens favoritas, frequentemente utilizando palavras de género da era Vitoriana como “febre”, “loucura”, “histeria” e “obsessão” para descrever os *Twilighters* e os *Twi-hards*.” (Click, 2009) – atentemos em como é referido que são “palavras de género”<sup>6</sup>. Estas palavras foram, nomeadamente durante a era Vitoriana, utilizadas tendo como “alvo” um género em específico – coloca-se, contudo, a questão de se esta disparidade na utilização destes termos não continua a estar presente. O contexto é, claro, marcadamente diferente – na era Vitoriana, “histeria” era um diagnóstico aceite como válido, algo que não acontece hoje. A questão que pretendo colocar é a de se, atualmente, palavras como “histeria” e “loucura” não continuam a ser empregues com frequência desproporcional

---

<sup>6</sup> Traduzido de “gendered words”.

quando nos referimos a interesses ou elementos que tendem a estar associados a raparigas e mulheres, em comparação com quando nos referimos aos que tendem a estar associados a rapazes e homens – parece plausível afirmar que sim.

Não se deveria ter um maior cuidado com a utilização de palavras que têm um peso histórico como o referido nesta secção? Adicionalmente, não têm os *media* uma responsabilidade acrescida neste contexto, devido ao seu poder de influência e, várias vezes, papel como autoridade num determinado assunto? “Defender implicitamente estereótipos misóginos indica ao público que é aceitável fazer o mesmo.” (Lyons, 2020, p. 79). Na sua investigação sobre como o jornalismo musical retrata boy bands, em comparação com grupos que não são boy bands, Lyons recorre à análise de várias categorias e menciona: “nenhuma das categorias deste estudo é necessariamente prejudicial por si só. Este estudo examina quando uma categoria foi encontrada em excesso, a ponto de diminuir as conquistas e fãs das boy bands”. (Lyons, 2020, p. 78) Após referir isto, partilha o seguinte:

“Por exemplo, não estou muito preocupada com o facto de um escritor individual descrever um estádio de raparigas adolescentes num concerto dos One Direction como “histérico”. Pode não ser a palavra que eu usaria por causa das conotações negativas, mas eu fui a um concerto dos 1D aos 15 anos em que gritei até perder a voz. Lágrimas estiveram envolvidas. Compreendo que “histérica” não é uma descrição totalmente imprecisa. No entanto, torna-se um problema quando os jornalistas referem repetidamente ideias como histeria como um conceito automático para fãs de boy bands sem considerar o significado subjacente ou dar retratos equilibrados. Para melhorar, os jornalistas têm de estar conscientes e trabalhar para desfazer estes preconceitos, em vez de escreverem em piloto automático e seguirem o caminho mais fácil.” (Lyons, 2020, p. 78).

Considero crucial terminar esta secção clarificando que o facto do termo “fangirl” ser por vários “entendido de forma pejorativa.” (Gaudie-Ley, 2022, p. 40) não levou a que a palavra se tornasse numa que é amplamente rejeitada, sendo inclusive usada com orgulho por várias fãs – “as fangirls estão a tentar uma recuperação notável do termo, lutando contra ideias erradas sobre o seu envolvimento superficial com a cultura popular.” (Williams, 2024, p. 1). De facto, não só não penso que o termo “fangirl” deva ser interpretado como negativo, como considero de uma enorme pertinência a perspetiva oferecida por Hopper: “Substituí a palavra 'fangirl' por 'expert' e vê o que acontece.” (Hopper, 2021). Entendo que faz todo o sentido reconhecer que as fangirls podem verdadeiramente assumir-se como experts nas suas áreas de interesse, dotadas de uma enorme dedicação, conhecimento e entusiasmo (retornarei a esta temática na secção 3.2.).

### 2.3. Boy band: Definição

O trabalho a que esta dissertação se propõe exige que, antes de avançarmos, nos debruçemos sobre o significado do termo “boy band”<sup>7</sup>.

O dicionário Merriam-Webster define “Boy band” como “um pequeno grupo de homens na adolescência ou na casa dos vinte anos que tocam canções pop especialmente dirigidas a um público feminino jovem” (Merriam-Webster c), s.d.)<sup>8</sup>. Esta descrição corresponderá, certamente, à imagem mental que várias pessoas têm do termo, cuja menção levará muitos a pensar em grupos como os Backstreet Boys ou os One Direction. Contudo, este termo é um para o qual não parece existir uma definição consensual, sendo possível observar que as características associados a estes grupos diferem dependendo da fonte consultada.

No artigo “75 Greatest Boy Band Songs of All Time”, publicado na Rolling Stone, é referido o facto de que o conceito de boy band foi evoluindo, mencionando-se que:

“A sua existência é uma constante do pop mas os parâmetros sempre foram ténues: às vezes dançam e às vezes não. Por vezes são completamente estranhos, outras vezes conhecem-se desde que nasceram. Às vezes cantam palavras que eles próprios escreveram, outras vezes cantam palavras de outras pessoas. Por vezes são literalmente rapazes, outras vezes são jovens de vinte e poucos anos com um encanto juvenil. Mas, como qualquer outra forma de arte, reconhece-se uma boy band quando se vê uma. O principal fator de definição? As salas cheias de fãs aos gritos - sempre jovens, na sua maioria raparigas - que ajudam a transformar uma boy band num artefacto cultural que vale a pena admirar e cantar, mesmo depois da sua inevitável dissolução ou “hiato.” (Spanos *et al.*, 2020).

Vemos aqui menção a fatores que não são referidos na definição de dicionário anteriormente citada: se os membros dançam ou não, se se conheciam previamente à criação do grupo, e se

---

<sup>7</sup> Embora o foco desta secção seja a análise da definição do termo “boy band”, e não uma abordagem da História do termo, é de relevo mencionar que Lyons proporciona uma cronologia que refere “grupos-chave que ilustram tendências maiores na história das boy bands. Adicionalmente, esta timeline permite-nos contextualizar estes padrões, como as origens do género nos quartetos de barbearia nas comunidades Negras ou a ascensão do adolescente nos anos 50.” (Lyons, 2020, p. 10). A autora refere que, nesta secção, se baseia bastante em “Larger Than Life: A History of Boy Bands from NKOTB to BTS” de Maria Sherman (2020) e “Boy Bands and the Performance of Pop Masculinity” de Georgina Gregory (2019).

<sup>8</sup> Algumas das definições de boy band que é possível encontrar utilizam o termo “male”/“males” para descrever os integrantes do grupo – como é o caso das apresentadas pelo Merriam-Webster (s.d.) e Braggs (2019) –, um termo que, dependendo da fonte consultada, varia entre se pode ser utilizado para se referir a sexo, género, identidade de género, ou mais do que um. Em português, esta palavra pode ter traduções como “homem”, “masculino” e “macho”. Clarifico desde já que esta dissertação irá considerar que as boy bands são integradas por pessoas cuja identidade de género é masculina. “Identidade de género: refere-se à experiência de género interna e individual profundamente sentida por cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído à nascença (...)” (ILGA-Europe, s.d.).

são os autores das canções que cantam – aspetos que, segundo o artigo, podem ou não estar presentes. Atentemos ainda a algo que é referido antes de serem abordados estes parâmetros, e que é a frase com que o artigo é iniciado: “Irresistivelmente cativante, inautêntica sem remorsos, sexy e eles sabem-no – a boy band é o mais fabulosamente pré-fabricado de todos os conjuntos musicais.” (Spanos *et al.*, 2020) – ou seja, o artigo associa boy bands a falta de autenticidade e considera-as algo “pré-fabricado” (mais à frente, terei a oportunidade de abordar mais a fundo esta questão da autenticidade).

Um artigo publicado na Billboard em 2022 diz que “Por definição, as boy bands são grupos constituídos por homens que não só criam música pop, como também cantam e dançam - um pormenor importante que exclui os Beatles da lista” (Bowenbank, 2022) (o debate relativo a se os Beatles são ou não uma boy band não será abordado nesta secção, pelo que deixo apenas a nota de que, mais à frente, irei focar-me neste ponto e argumentar que faz sentido considerar os Beatles uma boy band). No mesmo artigo podemos ler que “Com coreografias características, harmonias vocais perfeitas, uma imagem cuidada e fãs dedicados, estes grupos conseguiram resistir ao teste do tempo e permanecer relevantes na cultura pop, independentemente da década.” (Bowenbank, 2022). Esta definição introduz aqui a questão da imagem, algo que não tinha estado presente nas duas anteriores (embora a da Rolling Stone refira “inautenticidade” e a questão do “pré-fabricado”, que possivelmente poderão constituir um comentário relativamente a como consideram existir uma certa atenção atribuída à imagem), e, em comparação com o artigo da Rolling Stone, parece atribuir uma maior importância ao fator da dança para definir este tipo de grupo – enquanto que o artigo da Rolling Stone indica que as boy bands podem, ou não, dançar, o da Billboard parece tratar esta característica como mais decisiva para a atribuição desta designação. Contudo, o mesmo artigo inclui um vídeo onde é referido que várias são as bandas que não se encaixam na definição do Dicionário Cambridge para “boy band” (Bowenbank, 2022) – como esta definição menciona características como o facto dos seus integrantes dançarem (Cambridge Dictionary, s.d.), isto poderá indicar um reconhecimento de que, então, este fator não é absolutamente crucial para a atribuição do título de “boy band”.

Em “Our Favourite Boy Bands of All Time”, artigo da Teen Vogue, é referido que “não há uma única maneira de definir uma boy band” (Nast, 2016), sendo que algumas são compostas por integrantes que tocam instrumentos, outras têm performances com impressionantes coreografias, e o género musical em que se encaixam pode variar. Embora as definições de boy band que vemos em várias fontes se foquem no pop, este artigo da Teen Vogue não deixa de mencionar que também o R&B, o hip-hop e o punk são géneros musicais em que é possível

encontrar boy bands. Reitera-se nesta definição a questão dos parâmetros ténues mencionada na Rolling Stone, inclusive com um destaque mais claro à diversidade de géneros musicais (contudo, embora esta não seja tão claramente mencionada na definição apresentada no início do artigo da Rolling Stone, ao longo do mesmo é referido que a sonoridade de alguns dos grupos que referem se encaixa em géneros como o soft-rock, pop rock e R&B). O artigo refere ainda a audiência e fandom, mencionando que “se há uma coisa que as boy bands têm em comum, é a sua fanbase leal e (amorosamente) caótica. Quer sejas um Directioner ou um EXO-L, fazer parte de qualquer fandom de boy band vem com entusiasmo, amor, e, claro, toda a música imaginável.” (Nast, 2016).

Lyons refere que ““Boy band” é um género que parece enganosamente auto-explicativo” (Lyons, 2020, p. 9). O significado literal deste termo, traduzido para português, é “banda de rapazes”, pelo que poderia pensar-se que o próprio termo nos indica já o critério necessário para a atribuição desta classificação, mas, e como o presente capítulo pretende demonstrar, a definição do termo em questão não é assim tão direta, clara ou consensual.

Lyons reconhece a complexidade associada à definição de boy band, “devido às suas associações subjacentes” (Lyons, 2020, p. 9), referindo inclusive o contraste entre como “Grupos como os Backstreet Boys, os New Kids On The Block e os One Direction são inclusões óbvias. Todos estes três exemplos proeminentes consistem em cinco membros que apenas contribuem com a voz. Isto indica uma possível conexão entre as boy bands e a ausência de instrumentos ao vivo.” (Lyons, 2020, p. 9), e o facto de que “membros de protótipos anteriores de boy bands, como os Monkees, tocavam instrumentos.” (Lyons, 2020, p. 9). A autora menciona que “Normalmente, a boy band também tem bases no rock e no pop” (Lyons, 2020, p. 9), mas refere mais à frente: “embora a música desempenhe algum papel na caracterização das boys bands, a minha própria definição é mais fluida e enfatiza a fanbase” (Lyons, 2020, p. 9).

Jones refere que:

“uma característica em particular que unifica todas as boy bands ao longo das décadas: o tema lírico. As boy bands são conhecidas por lançarem canção de amor atrás de canção de amor, com o objetivo de fazer com que cada fã individual - geralmente uma rapariga adolescente - se sinta única, e acredite que foi “vista” não por apenas qualquer rapaz, mas pelos membros da banda especificamente.” (Jones, 2015, p. 5).

Posteriormente, quando refere que os Beatles não se encaixam em várias características que tendem a ser associadas a boy bands, a autora apresenta o argumento de “que muito mais

importante são as letras e o público da banda em questão, e estas são características que os Beatles iniciais<sup>9</sup> e os One Direction têm indiscutivelmente em comum.” (Jones, 2015, p. 6).

A definição de boy band de Braggs<sup>2</sup> inclui, entre várias características elencadas, referência à “enorme fan base (geralmente raparigas mais jovens)” (Braggs, 2019, p. 1) destes grupos e a como estes “cantam maioritariamente canções de amor” (Braggs, 2019, p. 1).

Após este debruçar sobre definições várias, importa agora explicitar o seguinte: a diversidade de definições que é possível encontrar para o termo “boy band” e o facto de não parecer haver um consenso relativamente aos critérios que permitem a atribuição desta classificação não representa, na minha ótica, um bloqueio ao desenvolvimento de estudos em torno destes grupos musicais e dos fenómenos de fãs a eles associados. Não considero que seja necessário criar uma lista de supostos “critérios cruciais” para a atribuição da classificação de boy band, pois é, aos olhos da presente dissertação, concebível que um grupo seja classificado desta forma mesmo que não se encaixe de forma perfeita em todos os parâmetros que foram referidos anteriormente. É pertinente, claro, referir que há certos atributos bastante característicos das boy bands, como os integrantes serem rapazes jovens, a sua discografia contar com uma grande quantidade de canções de amor (Jones, 2015) e estes grupos serem apoiados por um leal, dedicado e entusiasmado fandom que tende a ser composto por uma maioria de raparigas jovens, mas tentar construir uma extensa lista de características que vá muito para além disto pode revelar-se pouco útil, pois levaria a que “boy band” passasse a descrever apenas um grupo bastante reduzido de bandas – note-se que a pouca utilidade desta hipótese não se prende propriamente com haver muitas bandas que seriam excluídas da classificação, mas com o facto destas irem ser excluídas não por não se encaixarem em vários dos critérios, mas por não constituírem uma correspondência perfeita para todos os parâmetros específicos de uma longa lista. Qual seria a utilidade e pertinência em definir “boy band” de forma tão restrita?

O meu objetivo neste contexto é o de demonstrar como este não é um termo de definição tão clara ou exata como alguns poderiam pensar – e, mais à frente, o conteúdo desta secção será complementado com uma análise da conotação da palavra “boy band”.

---

<sup>9</sup> “Beatles iniciais” foi traduzido de “early Beatles”, termo utilizado neste contexto para se referir aos primeiros anos da banda.

## 2.4. As críticas direcionadas às boy bands

Nesta secção, irei abordar as críticas que tendem a ser direcionadas às boy bands e desconstruí-las, procurando compreender a sua origem e questionar a sua validade.

É importante considerar que, ao falar das críticas apontadas a boy bands e de quem as tende a tecer, não estamos a falar exclusivamente de pessoas que simplesmente não gostam da música produzida por estes grupos e que, por este motivo, escolhem não a ouvir, mas também de pessoas que ativamente participam na expressão do quanto odeiam estes grupos e aos seus fãs – algo que plausivelmente poderemos considerar que tem a si associado um maior nível de intensidade e investimento do que o ato de não gostar de uma certa banda ou de um certo tipo de música e, por isso, optar por não o ouvir. Duffet indica, referindo-se à rede social Facebook, que “Existe uma cultura florescente de páginas de ódio no site que visam as boy bands e os seus seguidores” (Duffet, 2013, p. 186), referindo depois como boy bands como os Backstreet Boys, os McFly, os Jonas Brothers e os One Direction têm páginas de ódio (“hate pages”) nesta rede social – e como foi criada, no caso deste último grupo, a página “I hate One Direction Haters”<sup>10</sup>, como resposta (Duffet, 2013). O autor apresenta uma análise pertinente do conteúdo que tende a estar presente nos comentários deixados nas páginas de ódio dedicadas a boy bands:

“Como mostram alguns exemplos de comentários de *posters* recentes no mural da página de Facebook ‘I Hate The Backstreet Boys’<sup>11</sup>, para além de expressões ocasionais de rivalidade ciumenta por parte de fãs de outras bandas, estas páginas oferecem uma crítica notavelmente consistente: ‘Os Backstreet Boys são meninas. A minha namorada adora-os. Às vezes preciso de uma arma, se é que me entendem... “Não sabemos cantaaaaaaaar”... A mesma merda estúpida que eu odeio. Eles são gays. Desejo-lhes a morte’<sup>12</sup>. Comentários de anti-fãs como este sugerem, em nenhuma ordem em particular, que as boy bands são grupos fabricados, sobrevalorizados, inúteis e sem talento, de jovens, insinceros, provavelmente gays, que nunca irão durar no campo da música pop porque eles dependem principalmente da sua aparência para vender versões de covers foleiras ou sacrílegas a legiões de fãs seduzidas. Para além das expressões de uma homofobia triste e frequente, estas queixas acrimoniosas sobre grupos proeminentes sugerem que o projeto “Leavisite” de desprezar a cultura de massas está vivo e de boa saúde online, com

---

<sup>10</sup> Em português, “Eu odeio pessoas que odeiam os One Direction”.

<sup>11</sup> Em português, “Eu odeio os Backstreet Boys”.

<sup>12</sup> Aquando do desenvolvimento da presente dissertação, este comentário citado por Duffet não estava disponível para consulta através do link indicado pelo autor, o que se poderá dever ao mesmo ter sido eliminado ou à página de Facebook em si ter sido apagada.

a abdicada cadeira do crítico a ser preenchida por utilizadores comuns do Facebook. Também indicam a encarnação mais recente de uma crítica de longa data e enraizada do género.” (Duffet, 2013, p. 186).

O autor não deixa de referir que as críticas a este tipo de grupos não estão apenas presentes nestes contextos, mencionando como “Paul Morley, o crítico de música popular do *The Guardian*, argumentou em novembro de 2010 que as boys bands deviam ser radicalmente recategorizadas” (Duffet, 2013, p. 186). Duffet refere o artigo “The boybands are always back in town”<sup>13</sup> (Morley, 2010), apontando para como Morley diz que “No entanto, não se deve falar delas como se tivessem algo a ver com música, ou apenas com música” (Morley, 2010). Neste mesmo artigo, Morley afirma que:

“É preciso que haja uma nova secção nas revistas e nos jornais - e, claro, nas publicações online que vierem a seguir, que é outro lugar onde a boyband pode prosperar, como algo que é simultaneamente visto, ouvido, partilhado e vendido - que incorpore este híbrido regulamentado de showbusiness, product placement, espírito comunitário, sexualidade codificada, manipulação do público, sedução organizada e canção atenuada.” (Morley, 2010).

Segundo Duffet, os projetos “Words and Music” e “Pop! What Is It Good For?” “viram Morley a visitar as suas inspirações enquanto fã de pop. No entanto, quando escreveu sobre boy bands no seu comentário no *Guardian*, combinou a sua autoconsciência típica com a abordagem de um jornalista sério e “rockist” da *Rolling Stone*” (Duffet, 2013, p. 187), comentário que é feito em referência ao seguinte excerto do artigo:

“Musicalmente, como um crítico de rock de uma certa idade com um conjunto bem estabelecido de requisitos intelectuais e emocionais, eu poderia estar inclinado a dar aos JLS, digamos, uma estrela pela sua música, e desesperar de forma rabugenta com o processo industrial previsível por trás de tais canções. É totalmente estúpido, no entanto, classificar os JLS dessa forma. É como esperar que um pacote de biscoitos tenha alma.” (Morley, 2010).

Duffet continua com a afirmação de que “Tal como a análise de Morley demonstra, as discussões populares sobre o assunto têm sido, até à data, bastante limitadas.” (Duffet, 2013, p. 187), e a questão do “rockism” que refere é, na minha ótica, altamente pertinente de abordar no contexto de compreender a origem do ódio pelas boy bands, pelo que iremos agora debruçarmo-

---

<sup>13</sup> Em português, “As boybands estão sempre de volta à cidade”.

nos, brevemente, sobre ela. Para o fazer, começemos por recuperar um tema em que tocámos numa secção anterior: a discussão sobre autenticidade que existe em torno das boy bands. Num artigo da Rolling Stone previamente mencionado é possível ler: “a boy band é o mais fabulosamente pré-fabricado de todos os conjuntos musicais” (Spanos *et al.*, 2020). Esta ideia de que a boy band é algo “fabricado” é uma que várias vezes está presente quando se fala sobre estes grupos musicais, e costuma aparecer em contraste com o conceito de “autenticidade”. Mas o que significa “autenticidade”, neste contexto?

Como Lyons, considero que há uma conexão entre este conceito de “autenticidade” e o debate “Rockism versus Poptimism”, referindo esta que “O rockism vê o rock como a norma aspiracional, em vez de um género único entre muitos, cada um dos quais merece formas individualizadas de avaliação. Enquanto os álbuns de rock têm o luxo de serem aclamados como “clássicos”, um álbum pop cativante só pode ser um “guilty pleasure”” (Lyons, 2020, p. 35). Lyons menciona o ensaio “The Rap Against Rockism”, do jornalista musical Kelefa Sanneh, onde é referido que “Inúmeros críticos acusam as estrelas pop de não serem suficientemente rock 'n' roll, sem parar para pensar porque é que esse deve ser o objetivo de todos. Ou recompensam-nas desproporcionalmente por fazerem gestos rock 'n' roll.” (Sanneh, 2004). Sanneh afirma que “Os bons críticos são bons ouvintes, e o problema do rockism é que ele atrapalha a audição.” (Sanneh, 2004), explicando que este nos pode fazer não prestar a devida atenção a características de outros géneros musicais e de outros artistas (Sanneh, 2004).

A dualidade que parece ser desenhada por alguns críticos entre “o rock como sério e de qualidade superior” e “o pop como um *guilty pleasure*, algo de qualidade inferior” apresenta-se como uma abordagem redutora, desde logo pelo facto de, como referido anteriormente, assumir que o rock é sempre a aspiração, o objetivo, e por não considerar que cada género musical “merece formas individualizadas de avaliação.” (Lyons, 2020, p. 35). A visão do poptimism, por sua vez, é uma que “acredita que a música pop é digna de crítica profissional e merece o mesmo nível de respeito que a música rock.” (Lyons, 2020, p. 36).

Parece ser possível observar, em várias instâncias, que está presente a ideia de que um crítico de música “sério” não deveria gostar ou sequer prestar atenção a música pop (e, mais especificamente, a boy bands) – vemos ecos desta ideia no último comentário de Morley citado (Morley, 2010), relativo aos JLS, que não só revela uma crença de que a música de boy bands provavelmente não poderia ser apreciada por críticos de rock experientes e competentes, mas que as suas expectativas relativamente a boy bands são reduzidas. Atentemos também num outro exemplo, este apontado por Jones e referente aos One Direction:

“Este tipo de reação mista é representativo da resposta que os One Direction receberam em geral com os seus primeiros quatro álbuns. Mesmo aqueles que têm comentários globalmente positivos a fazer sobre os One Direction fazem sempre questão de mencionar o estatuto da banda como uma boy band, antes de mais. Na sua “review” para a revista online *PopMatters*, Zachary Houle começa o artigo reconhecendo que “esta boy band britânica é o tipo de coisa da qual os críticos de música sérios como eu *não é* suposto gostarem.”<sup>14</sup>” (Jones, 2015, pp. 4-5).

Novamente, constatamos que está aqui presente a ideia de que este tipo de grupos musicais e a música que produzem são vistos como algo que os críticos “sérios” não deveriam apreciar.

Como se articulam, então, as questões da autenticidade, do debate “Rockism versus Poptimism” e das críticas apontadas às boy bands? E porque é que é tão pertinente analisá-las sob uma lente feminista? Lyons, referindo Hansen, Moos, Wald, Strand e Gregory, apresenta como funciona esta articulação, revelando como está presente uma genderização tanto de conceitos como “autenticidade” e “inautenticidade”, como do género pop:

“Vários académicos notam que a dicotomia entre autêntico/inautêntico, e a subsequente dicotomia entre criatividade/comercialização, é genderizada (Hansen, 2018; Moos, 2013; Wald, 2002). Muito disto decorre das ideias circundantes de que o pop, especialmente o “upbeat bubblegum pop” favorecido pelas boy bands, é genderizado e como feminino. Wald sublinha a existência de “uma hierarquia de género de cultura popular ‘alta’ e ‘baixa’ que desvaloriza especificamente a música consumida por raparigas adolescentes” (para. 2). Como observa Moos, “As interligações entre música, masculinidade e ‘(in)autenticidade’ tornam-se particularmente evidentes quando as boys bands estão a ser estigmatizadas como não sendo bandas ‘adultas’ ou ‘reais’” (p.3.). Por outras palavras, devido à construção de uma masculinidade segura e não ameaçadora, as boys bands são vistas como inautênticas.

O discurso da autenticidade no âmbito da crítica de música popular também trata tipicamente a autenticidade como um *juízo de valor* em que os fãs atribuem valor acrescentado à música que percecionam como autêntica (Strand, 2012). Neste sentido, podemos compreender como correlacionar música inautêntica com pop transpõe para a atribuição de valor negativo à feminilidade. Por último, é importante considerar porque é que os principais talentos das boy bands, a voz e a coreografia, são vistos como exigindo menos habilidade ou perícia do que tocar um instrumento. Tal como foi explorado na secção anterior, a dança é considerada feminina. Da mesma forma, dentro do discurso genderizado da autenticidade musical, “cantar tende a ser visto como uma forma menor de musicalidade do que tocar guitarra, teclado ou bateria” (Gregory,

---

<sup>14</sup> O artigo de Houle está disponível em: <https://www.popmatters.com/155316-one-direction-up-all-night-2495879225.html>

2019, p.14). Os artistas pop masculinos que cantam sem tocar instrumentos ocupam, portanto, uma posição feminina - ou seja, menos autêntica - na música.” (Lyons, 2020, pp. 33-34).

Com base nisto, é possível concluir que o pop é genderizado como feminino, que a masculinidade não ameaçadora associada às boy bands as leva a ser percebidas como inautênticas, que “música autêntica” recebe mais valor, e que “correlacionar música inautêntica com pop” (Lyons, 2020, p. 34) leva a que se atribua valor negativo à feminilidade. Consideremos ainda o que Huyssen abordou em “Mass Culture as Woman: Modernism’s Other” relativamente a como os conceitos de “cultura de massas” e “cultura real e autêntica” foram, de certo modo, genderizados:

“O que me interessa especialmente aqui é a noção que ganhou terreno durante o século XIX de que a cultura de massas está de alguma forma associada à mulher, enquanto a cultura real e autêntica continua a ser prerrogativa dos homens. A tradição da exclusão das mulheres do domínio da "alta arte" não tem, claro, origem no século XIX, mas assume novas conotações na era da revolução industrial e da modernização cultural.” (Huyssen, 1986, p. 3).

Huyssen refere várias características a considerar “Se tivéssemos de construir uma noção de tipo ideal daquilo em que a obra de arte modernista se tornou em resultado de canonizações sucessivas” (Huyssen, 1986, p. 7) e a primeira que enumera é “O trabalho é autónomo e totalmente separado dos domínios da cultura de massas e da vida quotidiana.” (Huyssen, 1986, p. 7). Coates, partindo deste ensaio que “vê a identificação da "cultura de massas como mulher", e o subsequente denegrimento de ambos como uma das características da modernidade na arte, literatura e outras formas de cultura aquando da emergência dessa filosofia estética em meados do século XVIII” (Coates, 2003, p. 66), explica como a relação entre o rock e a cultura de massas pode ser analisada à luz de uma lente que considera a influência dos critérios do Modernismo:

“Huyssen também documenta que o binário cultura de massas como feminino/alta cultura como masculino estava vivo e de boa saúde na crítica cultural e nas várias representações do Modernismo estético ao longo do século XX, desafiado no final pelo advento da crítica feminista. Não é um grande salto teórico afirmar que a mesma dinâmica foi mapeada na relação da música rock com a cultura de massas pelos primeiros críticos do rock. Mas ao contrário da pintura expressionista abstrata e de outras formas vangloriadas do Modernismo de meados do século XX, a música rock and roll não derivou da alta cultura. Na verdade, ela emergiu do pântano obscuro da cultura de massas, composta por tradições musicais populares associadas a

membros mais marginais da sociedade. Consciente ou inconscientemente, os primeiros críticos de rock que procuraram criar um vocabulário crítico para avaliar e categorizar as obras de música rock and roll aplicaram os critérios estéticos do Modernismo para o fazer.” (Coates, 2003, p. 66).

Explicitada esta articulação de ideias, torna-se mais claro o porquê de ser tão importante analisar as críticas feitas às boy bands com uma lente feminista – é crucial reconhecer e desconstruir a genderização associada a estes conceitos, de modo a permitir que a forma como falamos sobre música (a nível profissional, nomeadamente no caso do jornalismo musical, mas também a nível casual, por parte do público geral) seja mais inclusiva e justa. Reconheço que estão aqui presentes duas questões que merecem a nossa atenção e debate, com o intuito de as colmatar: o facto dos conceitos que foram genderizados como femininos serem percecionados como negativos ou de menor valor (o que representa uma manifestação de misoginia), e o facto de sequer existir a genderização de certos conceitos (pois organizar uma sociedade e a nossa perceção do mundo segundo a ideia de que tudo tem de se encaixar numa binariedade de feminino/masculino é imensamente redutor, impedindo compreensões mais complexas da(s) realidade(s)). Atentemos agora no que Sanneh refere sobre os preconceitos associados ao rockism:

“O rockism não é alheio a preconceitos mais antigos e familiares - isso é parte da razão pela qual é tão poderoso e vale tanto a pena discutir. A estrela pop, a diva do disco, o lip-syncher, o criador de êxitos “incrivelmente maus”: será mesmo uma coincidência que as queixas rockist coloquem frequentemente homens brancos heterossexuais contra o resto do mundo? Tal como a reação negativa anti-disco de há 25 anos atrás, o atual consenso rockist parece refletir não só uma ideia de como a música deve ser feita, mas também uma ideia sobre quem a deve fazer.” (Sanneh, 2004).

Lyons refere que “O debate rockism versus popitism desapareceu em grande parte do discurso musical na última década, provavelmente devido à maior diversificação de géneros, mas a obsessão com a autenticidade mantém-se.” (Lyons, 2020, p. 37), pelo que considero que não deixa de ser relevante mencionar este debate quando falamos da discussão sobre autenticidade em torno das boy bands. Lyons menciona de seguida que é preciso “complicar o nosso retrato da autenticidade das boy bands, reconhecendo que muitas boy bands são inegavelmente entidades empresariais” (Lyons, 2020, p. 37) e indica que “Os One Direction fornecem um exemplo moderno de conflitos entre a gestão e uma boy band fabricada que procura um maior

controlo artístico” (Lyons, 2020, p. 38). A autora refere o caso do integrante Zayn Malik, que saiu da banda em 2015. Malik publicou um tweet onde se lia: “Acho que nunca expliquei porque é que saí, foi por este momento para me ser dada a oportunidade de vos mostrar quem realmente sou! #realmusic #RCA !!!” (Malik, 2015). “Real music” poderá traduzir-se para “música verdadeira”, ou “música real”, e isto “pode soar duro à primeira vista - implicando que a música dos One Direction não é, por contraste, real. No entanto, Malik desenvolveu sobre o seu desejo de auto-expressão na sua primeira entrevista após a separação” (Lyons, 2020, p. 38), citando Lyons o artista: “Havia apenas uma conceção geral que a direção já tinha do que queria para a banda, e eu não estava convencido com o que estávamos a vender. Não estava a apoiar a música a 100 por cento.” (Cooper, 2015). Na mesma entrevista, Malik partilhou ainda sobre como “sentia que lhe faltava controlo também fora da música” (Lyons, 2020, p. 38), dizendo: “houve muitas situações que foram quase criadas para me fazer ser retratado como o misterioso ou o calado. Acho que isso é algo em que as pessoas acreditam, e ajuda-os a vender coisas. É um produto que já está concebido, e que vende” (Cooper, 2015). Parece estar aqui presente uma referência às dicotomias “criatividade/comercialização” e “autêntico/inautêntico”, mencionadas numa citação de Lyons previamente apresentada nesta secção, contudo, é importante considerar a seguinte perspetiva:

“No entanto, em ambos os casos, temos de distinguir entre os desejos pessoais de auto-expressão dos membros da banda e o discurso de autenticidade imposto. É provável que seja simultaneamente verdade que Malik queria explorar novos sons que o apaixonavam e que queria construir uma nova identidade pop em oposição aos estereótipos de boy band porque os tinha interiorizado. Mais ainda, as boy bands são comercializadas, mas isto não deve determinar se fazem música “verdadeira”.” (Lyons, 2020, pp. 38-39).

Aprofundemos agora a análise do debate em torno da autenticidade/inautenticidade das boy bands – este parece tender a referir-se a duas questões (não querendo isto dizer que não reconheço a possibilidade de existirem outras): o envolvimento dos membros da banda na criação da sua música e a questão da comercialização (que, como vimos anteriormente, é colocada em dicotomia com o conceito de criatividade), e a masculinidade associada a estes grupos. Começemos por analisar a primeira, partindo da seguinte citação:

“As interligações entre música, masculinidade e “(in)autenticidade” tornam-se particularmente evidentes quando as boy bands são estigmatizadas como não sendo bandas “adultas” ou “reais”. Isto é fácil de compreender se tivermos em conta que os membros destas bandas são geralmente

escolhidos por managers em processos de seleção altamente ecléticos. Estas bandas são ativamente criadas para fins comerciais. Na maioria das vezes, não compõem as suas próprias canções; os membros da banda raramente tocam quaisquer instrumentos musicais; o foco parece estar mais no nível visual do que no musical” (Moos, 2013, pp. 3-4).

O não envolvimento (ou reduzido envolvimento) dos membros da banda na escrita das canções que cantam e o facto de não tocarem instrumentos tendem a ser vistos como marcas de inautenticidade e, conseqüentemente, como algo pejorativo (como vimos anteriormente, na citação de Lyons que refere Strand, “autenticidade” tende a ser tratada como um juízo de valor no contexto da crítica de música popular). Mas interessa aqui questionarmo-nos sobre a validade de criticar música com base no facto de esta ser interpretada por cantores que não a compuseram, ou de esta ser acompanhada por instrumentos que não são tocados pelos cantores.

Jones refere que “as pessoas geralmente assumem que, como uma boy band que se formou numa idade tão jovem, os One Direction não escrevem a sua própria música. Até certo ponto, esta é provavelmente uma suposição razoável a fazer.” (Jones, 2015, p. 16), mencionando de seguida que, na altura em que foi lançado o seu primeiro álbum, “nenhum deles tinha qualquer experiência real a escrever música” (Jones, 2015, p. 16), e depois que “na altura em que chegaram ao seu quarto álbum, no entanto, eles parecem ter atingido o seu ponto alto.” (Jones, 2015, p. 16), indicando posteriormente que todos os integrantes do grupo contribuíram para a escrita do álbum, embora não no mesmo número de canções (Jones, 2015). Contudo, como referi, o que mais me interessa neste contexto é analisar porque é que o nível de envolvimento das boy bands na escrita das canções é utilizado como crítica – em referência aos One Direction, Jones refere que “tratar isto como uma característica inerentemente negativa da banda é um erro grosseiro de avaliação da sua música, porque é comum os artistas populares hoje colaborarem ou interpretarem canções escritas inteiramente por outras pessoas” (Jones, 2015, p. 17). De facto, colaborar com outros artistas, nomeadamente através da interpretação de músicas compostas por alguém que não é o intérprete, não é algo exclusivo às boy bands, mas parece que as colaborações associadas a estas tendem a ser particular alvo de crítica. Atentemos no seguinte:

“Em que momento é que os co-autores deixam de ser colaboradores? Quando é que é aceitável para os músicos construírem uma carreira com música que não escreveram? A maior parte da história do som gravado é marcada por “grandes intérpretes”, com a era do rock a ser um caso isolado de compositores originais que interpretam a sua própria música. Conseqüentemente, faz

pouco sentido destacar e criticar os One Direction por uma potencial falta de contribuições de composição, porque a tendência é tão comum na indústria musical atual.

Em última análise, apesar de ser importante identificar e derrubar quaisquer equívocos existentes sobre a banda, o facto de os One Direction terem ou não escrito as canções individuais é, francamente, irrelevante. O facto básico continua a ser que a sua musicalidade não seria tão criticada se não fosse o seu estatuto como boy band. Ao examinar a qualidade da sua música, temos de separar o nosso preconceito cultural enraizado sobre como deve ser um músico. Os One Direction podem existir como uma entidade combinada de cantores, compositores e produtores, mas esse é o estado da indústria musical atual, e o seu produto final é a única coisa que podemos julgar” (Jones, 2015, pp. 17-18).

Colaborações na indústria da música são comuns (nomeadamente, entre intérpretes e compositores), pelo que é realmente intrigante que isto seja algo que tende a ser utilizado como motivo de crítica a boy bands (no caso da citação de Jones, aos One Direction em particular) – o esclarecimento encontra-se, como Jones indica, no próprio estatuto de boy band, pois sem este, a musicalidade do grupo não receberia tantas críticas – o estatuto como boy band apresenta-se, então, como potenciador de críticas à musicalidade de um grupo.

É também relevante considerar que críticas que afirmam que os membros das boy bands “não têm talento” e “são inúteis” – algumas das críticas que Duffet (2013) refere que tendem a ser feitas – estão a descartar, desvalorizar ou ignorar as habilidades que tendem a estar presentes nestas bandas, nomeadamente talento vocal e skills de dança. Jones refere que o rótulo de boy band “é acompanhado pelo entendimento geralmente reconhecido de que os membros de um determinado grupo não sabem cantar” (Jones, 2015, p. 13), uma ideia que parece ter surgido quando a boy band New Kids on the Block foi acusada de fazer lip syncing em palco, alegações que tentaram provar como falsas, mas a sua popularidade foi afetada, e a partir daí esta ideia ficou associada ao conceito de boy band (Jones, 2015). Contudo, esta ideia não só constitui uma generalização que ignora todos os impressionantes cantores que integram ou já integraram boy bands, como parece contradizer a crítica de que as boy bands “não são orgânicas/autênticas, por tenderem a ser criadas através de processos de seleção” – embora alguns possam alegar que esta seleção é feita com base em mais do que a habilidade vocal, seria absurdo dizer que é feita sem considerar este critério. Vejamos o exemplo dos One Direction, um grupo criado durante o The X Factor<sup>15</sup>, e que foi acusado de lip syncing e de utilização de auto-tune (Jones, 2015):

---

<sup>15</sup> Concurso de talentos televisivo britânico focado em descobrir novas estrelas musicais. Estreou em 2004 e foi criado por Simon Cowell, também membro do júri.

“Na sua essência, esta é uma acusação peculiar para fazer sobre os membros dos One Direction em particular, simplesmente devido às origens da banda no The X Factor. O facto dos membros dos One Direction terem sido reunidos - pelo menos em parte - como resultado das suas capacidades de canto quando, de outra forma, teriam sido eliminados do programa, põe em causa estas suposições sobre as suas vozes” (Jones, 2015, p. 13-14).

No caso da parte vocal, parece que as críticas às boy bands tendem a assumir duas formas: acusações de que estas não têm habilidade vocal, ou um tratamento da sua habilidade vocal como algo insuficiente, o que se manifesta quando é criticado o facto de não tocarem instrumentos nem comporem canções – pois, de certa forma, apontar isto como fator de crítica indica presença da ideia de que cantar “não é suficiente”, de que é preciso algo mais. Gregory refere que “Nos discursos de género da música popular, o canto tende a ser visto como uma forma de musicalidade inferior a tocar guitarra, teclado ou bateria” (Gregory, 2019, p. 14). Como referido anteriormente, “a dança é considerada feminina” (Lyons, 2020, p. 34) e “artistas pop masculinos que cantam sem tocar instrumentos ocupam, portanto, uma posição feminina - ou seja, menos autêntica - na música” (Lyons, 2020, p. 34). Colocar talentos e habilidades artísticas como tocar um instrumento e compôr música acima de outros, como cantar e dançar, numa suposta hierarquia de “autenticidade”, “valor” ou “dificuldade”, pode representar uma manifestação de misoginia, devido a conceitos que foram genderizados como “femininos” serem avaliados pejorativamente.

Gregory, partindo de uma questão de Foucault, oferece uma interessante reflexão sobre a atribuição de valor a produção musical, referindo a questão de artistas intérpretes que não são autores/compositores nem instrumentistas:

“A sua abjeção encoraja-nos a juntarmo-nos a Foucault (1980: 118) na pergunta de se um indivíduo não é um autor reconhecido, o que devemos fazer da sua produção? Devemos assumir que os textos e as práticas das bandas pop mainstream não têm valor ou devemos questionar-nos porque é que só somos convidados a apreciar estes artistas quando seguem uma carreira a solo, rejeitam o pop ou escrevem a sua própria música? É verdade que a maioria das boy bands modernas não escreve as suas próprias canções e pode não tocar instrumentos musicais, mas isto nunca foi uma barreira para a aclamação de vocalistas como Elvis Presley ou Frank Sinatra. Parece que as razões para a exclusão do cânone não são nem diretas nem consistentes. Quanto mais não seja, as boy bands fazem-nos questionar a fetichização de autores e virtuosos, convidando-nos a refletir sobre a fragilidade da autoridade masculina, se esta depender tanto de provas de música de autoria própria ou do domínio de uma guitarra elétrica” (Gregory, 2019, p. 5).

Relativamente às críticas que mencionam a questão da comercialização (e deste conceito tender a ser visto como contrastante com o de criatividade) e que afirmam que “A fórmula das boybands tem sido sistematicamente aperfeiçoada ao longo de décadas por uma série de svengalis pop visionários, competitivos e/ou mercenários” (Morley, 2010), fará sentido começar por referir que há que ter em conta que existem várias boy bands que têm a si associadas atores e entidades que, dependendo de caso para caso, podem assumir papéis e níveis de envolvimento diferentes na gestão da banda, podendo estes incluir a própria criação do grupo, através da junção dos artistas no formato de conjunto musical. Duffet refere que “Questões de exploração em relação à prática de trabalho são quase inevitavelmente enfatizadas nos retratos populares. Isto deve-se, em parte, à pertença a uma boy band ser concebida como um trabalho *primeiro*, antes de qualquer sentimento de prazer musical ou de amizade orgânica entre os colegas de banda” (Duffet, 2013, p. 189). Mais uma vez, debruçemo-nos sobre a validade de recorrer a estes argumentos para criticar boy bands: assumir que o facto de pertencer a uma boy band ser um trabalho e de estes grupos tenderem a ser formados por managers significa automaticamente que não há prazer na criação artística e amizade entre colegas é, no mínimo, redutor, e, no máximo, um salto lógico. É, claro, plausível que existam casos de boy bands em que “comercialização” e “criatividade” não estão presentes em simultâneo, mas não fará sentido assumir que todos os integrantes de boy bands não sentem prazer em criar música, e que a razão disto é o grupo ter sido criado por um manager e a integração do mesmo ser vista como um trabalho pelos membros. “Uma banda ser criada por um manager e ser um trabalho” e “Os membros da banda tirarem prazer da criação musical e terem relações de amizade entre si” não são coisas mutuamente exclusivas, podem ambas ser verdade para a mesma boy band.

“A ideia de que a arte e o comércio não podem coexistir foi um pilar do pensamento modernista, utilizado em círculos de música popular para elevar os textos e práticas não comerciais da "escória" produzida em massa. A montagem de grupos pop com o único objetivo de gerar lucro é uma prática que pode ser rastreada até à formação dos Monkees em meados da década de 1960, mas a partir da década de 1990 a abertura do processo de casting e marketing cada vez mais agressivo levaram à utilização do termo "boy band".

Percepções de inferioridade inerente resultantes do processo de seleção devem ser postas em causa. Alumni de grupos "construídos" frequentemente revelam talento autêntico, alcançando até aclamação da crítica” (Gregory, 2019, p. 11).

Como modo de encerrar esta análise da parte do debate da autenticidade/inautenticidade que se foca no envolvimento dos membros da banda na criação da sua música e na questão da comercialização, atentemos no seguinte:

“Uma interpretação de exploração marginaliza ainda mais qualquer sugestão de que o seu empreendimento possa ser visto como uma espécie de colaboração: um espetáculo espetacular dirigido por um realizador dedicado, concebido por um conjunto de criativos da indústria, com uma equipa profissional de performers individualmente talentosos e socialmente valorizados. Exclui os membros das boy bands do papel de jovens empreendedores que utilizam as suas oportunidades para desenvolver um conjunto de competências e melhorar o seu perfil público. Em vez disso, são mostrados como “moths to the flame” de um negócio Faustiano do mundo do espetáculo. A sua luta por autonomia e remuneração representa um momento de autenticação (e, portanto, de empatia do público) no preciso momento em que começam a expandir-se para além dos limites imediatos do género” (Duffet, 2013, p. 191).

Existem, sim, casos de boy bands em que “comercialização” e “criatividade” não parecem coexistir, mas isto não deverá levar à criação de narrativas generalizadas sobre como as boy bands são grupos onde não há prazer na criação artística nem talento – afirmar isto é tratar os integrantes das boy bands e toda a sua produção musical como irrelevantes de um ponto de vista artístico, ignorando intérpretes fantásticos e músicas que representam grandes sucessos.

Antes de avançar, considero importante não deixar de referir que é crucial analisar criticamente as condições de trabalho proporcionadas a estes artistas – “Os artigos de imprensa falam frequentemente de condições de trabalho repetitivas, de contratos de exploração e de lutas de poder com os gestores ou outros representantes da indústria. Estes temas, que desempenham um papel central na publicidade sobre as próprias bandas, continuam a ser dominantes e raramente ou nunca são contrariados” (Duffet, 2013, pp. 189-190). Embora a presente dissertação não se foque nesta questão, considero relevante salientar que as condições de trabalho que envolvem exploração a que certos artistas são sujeitos não só não podem ser normalizadas, como têm de ser combatidas.

Abordando agora a segunda questão referida acima relativamente ao debate em torno da autenticidade/inautenticidade das boy bands, a masculinidade associada a estas bandas, atentemos no seguinte: “Para além das performances musicais das boy bands, a sua *performance de género* é também muitas vezes vista como “inautêntica” por ser considerada “não suficientemente masculina”.” (Moos, 2013, p. 4) É possível constatar a existência de uma narrativa que afirma que o masculino é autêntico, sendo que é esta crença que está por detrás

do que foi referido anteriormente sobre a masculinidade não ameaçadora das boy bands levá-las a ser percecionadas como inautênticas (Lyons, 2020). As boy bands e a sua música têm a si associadas uma masculinidade segura, profundidade emocional e manifestação de vulnerabilidade, o que representa uma distinta demarcação de uma masculinidade agressiva e associada à necessidade de dominar. Gregory explora estas questões, referindo a rejeição desta masculinidade agressiva por parte das boy bands:

“Um legado de masculinidade pop vulnerável continuou na década de 1960, influenciando grupos como os Beatles, um dos primeiros grupos pop a ganhar reconhecimento internacional por rejeitar o modo de performance masculino agressivo e individualista tipicamente visto no rock and roll na época. Ao dar prioridade ao aspeto emocional da identidade dos homens, abriram caminho para uma maior abertura entre os seus homólogos masculinos. A música inicial do grupo sugeria que os homens podiam sentir-se tão presos, desamparados e emocionalmente enredados em relações como as mulheres, permitindo-lhes alargar o seu repertório de sentimentos. Até certo ponto, estas expressões de medo e impotência serviam para os alinhar, por associação, com a falta de poder das mulheres e, ao fazê-lo, desafiavam a autoridade masculina” (Gregory, 2019, p. 27).

Lyons refere que “Desde a sua criação, as boy bands misturaram o feminino e o masculino.” (Lyons, 2020, p. 29) e menciona, relativamente aos Beatles, que “a banda dirigia-se a um público feminino, abraçando a feminilidade em vez dos modos mais masculinos do rock da altura” (Lyons, 2020, p. 29). Gregory elabora sobre o contraste entre as masculinidades associadas ao rock e ao pop, citando Frith e McRobbie ao explicar que “Enquanto as estrelas de rock são apresentadas como preocupadas com a satisfação sexual e com a obtenção de poder através da dominação física e sexual, a sexualidade masculina do pop "é transformada num anseio espiritual que apenas contém indícios de interação sexual" (Frith e McRobbie, 1990: 375)<sup>16</sup>” (Gregory, 2019, p. 86). A autora refere ainda que “Ao recorrer a textos e práticas culturais normalmente rejeitados pelo patriarcado, a filoginia oferece um contraste refrescante ao chauvinismo comumente testemunhado na cultura musical popular” (Gregory, 2019, p. 87), e explica como a masculinidade das boy bands pode ser vista como revolucionária:

“Assim, embora seja fácil rejeitar o pop mainstream como conservador, ao contrário de alguns géneros musicais mais politicamente informados, este é notavelmente tolerante em relação a

---

<sup>16</sup> Frith, S. & McRobbie, A. (1990). Music and sexuality. In S. Frith and A. Goodwin (eds.), *On record: Rock, pop, and the written word*. London: Routledge, pp. 371–89.

sexualidade alternativa e radical à sua maneira. O estudo mostra como os performers gay e bissexuais assumidos são aceites na comunidade pop e como os fãs gay interpretam os textos para se relacionarem com a música nos seus próprios termos. Em certos aspetos, a masculinidade suave veiculada pelas boy bands pode mesmo ser considerada revolucionária. As expressões abertas de vulnerabilidade dos rapazes, a facilidade com que exprimem as suas emoções e o seu compromisso no amor romântico distinguem-nos” (Gregory, 2019, p. 7).

A masculinidade segura e não agressiva característica das boy bands revela-se nestas expressões de romantismo, emoção e vulnerabilidade, mas “As inclinações filóginas da masculinidade pop também encontram expressão no vestuário, na voz e nos gestos corporais, onde os significantes femininos são apropriados e abraçados como uma forma de homenagem ao género” (Gregory, 2019, p. 88). Quer classifiquemos a expressão de género das boy bands como a expressão de uma masculinidade marcadamente diferente da que é promovida pelos ideais patriarcais, quer como a expressão de androginia, será correto afirmar que esta é uma expressão que desafia ideais e conceções tradicionais de masculinidade, rejeitando características como agressividade e dominância e incorporando fatores que são tradicionalmente considerados femininos – o que as leva a ser percecionadas como inautênticas aos olhos da narrativa que considera o masculino como autêntico.

É importante considerar também a homofobia presente em várias das críticas direcionadas a boy bands, não sendo raro encontrar instâncias em que os membros destes grupos são alvo de comentários especulativos sobre a sua orientação sexual de um modo que claramente indica que aquele que tece a crítica trata a homossexualidade como um suposto insulto. Fará sentido considerar que a razão por detrás destes comentários de cariz homofóbico estará, pelo menos em grande parte, no facto das boy bands não se encaixarem na conceção de masculinidade heteronormativa imposta pela sociedade patriarcal. Atentemos no que Moos, referindo Halberstam e Wald, menciona:

“As implicações ou subtextos homoeróticos inerentes à performance da masculinidade das boy bands - ou, em suma, o seu "potencial homo"<sup>17</sup> - podem funcionar como um perigo ou uma ameaça para as masculinidades hegemónicas, heterossexuais ou heteronormativas<sup>18</sup>. É este "medo homofóbico, tanto do fandom de rapazes como das dinâmicas homoeróticas em palco

---

<sup>17</sup> Neste ponto, a autora remete o leitor para uma nota que indica a seguinte referência: HALBERSTAM, Judith, In a Queer Time and Place. Transgender Bodies, Subcultural Lives, New York/ London, New York University Press, 2005, p. 178.

<sup>18</sup> Neste ponto, a autora remete o leitor para uma nota que indica: Cf. WALD, Gayle, art. cit., n. p., [http://www.genders.org/g35/g35\\_wald.html](http://www.genders.org/g35/g35_wald.html), 13 December 2012, Web.

entre os rapazes performers"<sup>19</sup>, bem como o medo dos próprios desejos potencialmente homossexuais, que frequentemente criam uma forte exigência de distanciamento da cultura das boy bands.” (Moos, 2013, p. 9).

Duffet refere que os comentários homofóbicos não estão apenas presentes nas críticas feitas a boy bands, mencionando como Steve Waksman<sup>20</sup> observou, nas disputas entre os fãs dos géneros musicais punk e metal, a existência de comentários deste cariz. Duffet indica que “Os fãs de punk e de metal de Waksman opunham regularmente a heterossexualidade dos seus performers preferidos à homossexualidade ‘menos autêntica’ daqueles de outros géneros.” (Duffet, 2013, p. 193), uma manifestação de homofobia que revela como a “autenticidade” é percecionada na masculinidade heteronormativa, enquanto que outras formas de expressão de género são vistas como menos autênticas ou inautênticas. O conforto das boy bands com a expressão de androginia, ou de uma masculinidade não heteronormativa e segura, afasta-as da conceção de masculinidade agressiva e dominadora e leva-as a ser percecionadas como femininas – o que, como pudemos constatar ao longo desta secção, é tratado como pejorativo e inautêntico devido a misoginia.

---

<sup>19</sup> Citado de: HALBERSTAM, Judith, In a Queer Time and Place. Transgender Bodies, Subcultural Lives, op. cit., p. 177.

<sup>20</sup> Waksman, S. 2009. *This Ain't the Summer of Love: Conflict and Crossover in Heavy Metal and Punk*. Berkeley: University of California Press.

## 2.5. As críticas direcionadas às fãs de boy bands

Como referido anteriormente, não só as boy bands são alvo de críticas, como também os seus fãs – que, na sua maioria, são raparigas e mulheres. Lyons indica que estas fãs foram, no mundo da música, “durante muito tempo menosprezadas e postas de lado. Há uma tendência histórica para definir uma fã feminina com base na sexualidade - ou na falta dela. Dois estereótipos persistiram desde o início da sua utilização nos anos 60: a teenybopper e a groupie.” (Lyons, 2020, p. 45), sendo que o primeiro tem “laços mais próximos com os fandoms tradicionais de boy bands” (Lyons, 2020, p. 45) do que o segundo. Contudo, apresenta-se como relevante abordar ambos, para ter uma análise mais completa deste tema.

Coates refere, relativamente às teenyboppers, que:

“O que as une é o seu mau gosto, tal como é percebido pelos críticos e académicos que "sabem mais". O facto de os críticos contemporâneos não se preocuparem em reconhecer que o gosto das teenyboppers não é "mau", mas mais provavelmente subdesenvolvido (quem de entre nós não tem esqueletos estéticos no seu armário musical [pré-] pubescente) exemplifica o poder contínuo de discursos que feminizam a cultura de massas em geral e valorizam o "masculino autêntico" no rock, mesmo subtextualmente” (Coates, 2003, p. 68)<sup>21</sup>.

Introduzo aqui ainda que considero relevante que, mesmo que os críticos assumissem uma posição de não classificar o gosto das teenyboppers como mau, mas como subdesenvolvido, não devemos deixar de olhar criticamente para o que constituiria, supostamente, esse “gosto subdesenvolvido” aos seus olhos – não seria propriamente surpreendente perceber que vários críticos poderiam recorrer ao conceito de “gosto subdesenvolvido” como forma de, consciente ou inconscientemente, perpetuar as ideias do rockism, afirmando que um “gosto desenvolvido” é aquele que valoriza o rock.

Coates refere a ideia do “posicionamento binário do ídolo adolescente criado pela televisão como o oposto da autêntica estrela rock” (Coates, 2003, p. 69) e que “Em todo o caso, o termo "teenybopper" foi naturalizado para representar tipos de música, fãs e performers que eram os opostos inautênticos dos "verdadeiros" rock and rollers.” (Coates, 2003, p. 69), mencionando também que o conceito de teenybopper é caracterizado pela sua associação ao feminino

---

<sup>21</sup> Coates refere que esta ideia é, em parte, baseada em “Mass Culture as Woman” de Huyssen (abordado na secção anterior da dissertação).

(referindo ainda que não se recorda do termo ser utilizado em referência a fãs masculinos (Coates, 2003)) – o debate em torno da questão da autenticidade (nomeadamente, da associação que é feita do “autêntico” ao masculino) foi abordado em mais profundidade na secção anterior, mas ressurgiu aqui pois não são apenas os artistas e a música pop que são avaliados segundo este suposto critério, mas também os seus fãs - assim como as boy bands e a sua música são, como analisámos anteriormente, percebidas como inautênticas, também as suas fãs são vistas como menos autênticas do que os “verdadeiros” fãs de rock.

“Para que o rock e a cultura rock fossem autênticos, algo tinha de ser inautêntico. A televisão, o pop televisivo e aqueles que se juntavam a ele eram os contrastes apropriados. Para além disso, a exclusão das teenyboppers femininas dos limites discursivos da autenticidade do rock deu ao rock um ar de exclusividade estética, justificando o exame do rock como arte “séria”. Gozar com as teenyboppers desviava criticismo ou mesmo o reconhecimento dos mesmos impulsos básicos para a adoração de heróis dos fãs do chamado rock “autêntico”. O rock autêntico não podia sobreviver sem adulação, especialmente a adulação das fãs femininas, apesar do que os críticos escreviam. A exibição de masculinidade heterossexual desenfreada, e da sexualidade, era uma parte crucial do mito do rock, e as fãs adoradoras são importantes para a sua manutenção” (Coates, 2003, p. 77).

É crucial referir também que as fãs de boy bands são representadas como consumidoras culturais que não pensam criticamente sobre o seu consumo e as escolhas a ele associadas, uma ideia que carrega claramente noções misóginas de que estas consumidoras culturais são, supostamente, “menos capazes” de proceder à avaliação de produtos culturais, ou que a sua opinião detém menor valor ou credibilidade. Atentemos na perspetiva oferecida por Duffet, com referência a ideias de Jenkins (1992):

“Além disso, estes retratos de adoração feminina coletiva correm o risco de reter elementos de noções de consumo dos media questionadas academicamente, que reduzem o fandom ao fim ilusório de um processo industrial, em vez de abordarem o complexo intrincado de relações humanas realçado pelas últimas duas décadas de estudos sobre fãs. As descrições contribuem para um estereótipo que sugere que o fandom é praticado por “consumidores acéfalos” emocional e intelectualmente imaturos, que são incapazes de separar os seus interesses fantasiosos em “rapazes bonitos encantadores” inalcançáveis das realidades mais duras da vida quotidiana (Jenkins 1992: 12).” (Duffet, 2013, p. 194).

“Mau gosto”, “imaturidade”, e “superficialidade” são algumas das palavras-chave associadas a esta narrativa misógina que representa as raparigas adolescentes como consumidoras culturais de pouco valor. Wald refere que a “hierarquia genderizada da cultura popular “alta” e “baixa” que desvaloriza especificamente a música consumida por raparigas adolescentes” (Wald, 2002, p. 1) “baseia-se em noções de inconstância, superficialidade e falência estética das formas materiais que os desejos das raparigas assumem na cultura popular” (Wald, 2002, p. 1). Lyons indica que o suposto “mau gosto” associado às teenyboppers “enfatizava atributos superficiais: nomeadamente, o facto de os membros da banda serem convencionalmente atraentes” (Lyons, 2020, pp. 45-46). As ideias de que os interesses das raparigas são superficiais e de que estas não têm um poder de decisão ativo relativamente ao seu consumo cultural representam uma desvalorização das suas capacidades e perspetivas e colocam em causa a sua agência, sendo inclusive plausível afirmar que carregam condescendência.

“A televisão, diz-se, representa o pior da cultura de massas e do comércio grosseiro, valores a que o rock and roll alegadamente se opõe. Ou seja, a televisão é talvez a forma representativa da cultura de massas feminizada. As suas audiências adolescentes femininas não sabiam melhor do que se apaixonar pelos falsos ídolos adolescentes cujos managers e empresas discográficas se aproveitavam das suas fantasias femininas” (Coates, 2003, p. 70).

Colocar em causa a agência que as raparigas têm relativamente ao seu consumo cultural permite a manutenção da ideia de que o consumo das raparigas é passivo.

“Apesar de três décadas de investigação feminista influente, os académicos continuam a lutar contra o pressuposto cultural persistente de que os textos dirigidos aos homens são autênticos e interessantes, enquanto os textos dirigidos às mulheres são de pouca qualidade e irracionais - e ainda de que os homens e os rapazes são utilizadores ativos de media enquanto que as raparigas são consumidoras passivas” (Click, 2009).

Como referido no início desta secção, existe “uma tendência histórica para definir uma fã feminina com base na sexualidade - ou na falta dela.” (Lyons, 2020, p. 45) e, no caso das teenyboppers,

“os seus desejos sexuais eram vistos principalmente como virginais e inocentes. As teenyboppers desejavam ídolos adolescentes virtuosos e cuidadosamente comercializados. Para a época de “sexo, drogas e rock and roll,” o “puppy love” das teenyboppers era novamente visto como fora do âmbito da verdadeira cultura rock” (Lyons, 2020, p. 46).

A narrativa que relaciona “autenticidade”, “masculinidade” e “rock” revela-se aqui novamente. A caracterização da teenybopper tende a incluir também o recurso a palavras como “histeria”, “loucura” e “mania”, termos analisados numa secção prévia, e, como referido anteriormente, o termo “fangirl” tende a ter associações a “exagero” – “Normalmente (...) é associado a uma menina reagindo de forma extremamente exagerada a algo que gosta e, majoritariamente, é entendido de forma pejorativa” (Gaudie-Ley, 2022, p. 40). O entusiasmo sentido pelas fãs e a expressão do mesmo – nomeadamente, através de gritos – é por vários percecionado como um sinal de perda de capacidade crítica e/ou como um fruto de manipulação, o que leva a que estas consumidoras culturais sejam alvo de críticas que põem em causa a credibilidade das suas perspetivas e a sua agência. Em “I Scream Therefore I Fan?”, Duffet nota que:

“Infelizmente, o legado do pensamento da cultura de massas moldou pressupostos tanto dentro como fora do meio académico, enquadrando os “fãs aos gritos” como vítimas de manipulação comercial que perderam as suas faculdades críticas e só conseguem produzir ruído vazio que não tem outra função senão publicitar o seu artista favorito” (Duffet, 2017, p. 144).

Análises que assumem que estes gritos representam uma perda de faculdades críticas, de poder de decisão e de agência desvalorizam ou até ridicularizam a expressão de emoção e envolvimento das fãs. Em “Beatlemania: Girls Just Want to Have Fun”, Ehrenreich, Hess e Jacobs apontam para o seguinte:

“Numa sociedade altamente sexualizada (um sociólogo descobriu que o número de referências explicitamente sexuais nos meios de comunicação social tinha duplicado entre 1950 e 1960), esperava-se que as raparigas adolescentes e pré-adolescentes fossem não só ‘boas’ e ‘puras’, mas também que fossem as responsáveis pela pureza na sua sociedade adolescente – traçando o limite para os rapazes demasiado ansiosos e ostracizando as raparigas que falhassem nesta responsabilidade. Abandonar o controlo - gritar, desmaiar, correr em multidões - era, na forma, se não na intenção consciente, protestar contra a repressão sexual, o rígido “double standard” da cultura adolescente feminina. Foi o primeiro e mais dramático levantamento da revolução sexual das *mulheres*” (Ehrenreich, Hess e Jacobs, 1992, p. 85).

Estas manifestações podem, portanto, ser interpretadas como um protesto contra as expetativas patriarcais impostas sobre as raparigas e mulheres e uma rejeição dos papéis e condutas que estas são pressionadas a assumir, através da adoção de uma postura que não se encaixa no

comportamento “puro”, “sem exageros” e “não impulsivo” que é esperado das raparigas e mulheres pelo sistema patriarcal.

O recurso a palavras como “histeria”, “loucura” e “mania” com o intuito de classificar manifestações de entusiasmo e felicidade de fãs como sinais de uma suposta “patologia” também ignora o facto de que a música é algo cuja poderosa capacidade de emocionar e cativar tem vindo a ser estudada, nomeadamente de uma perspetiva neurológica, e que têm vindo a ser proporcionadas respostas que não apontam para uma explicação patológica. O neurocientista Dr. Stefan Koelsch explica, no documentário “One Direction: This Is Us”, que quando “as Diretioners ouvem música e acham a música agradável, o que acontece no cérebro é que um neuroquímico chamado “dopamina” é libertado e proporciona sensações de alegria e felicidade, arrepios, pele de galinha, forte prazer. As raparigas não estão loucas, as raparigas estão apenas entusiasmadas” (Spurlock, 2013).

Relativamente às groupies, Coates refere o seguinte:

“(…) groupies, que podem ser caracterizadas, até certo ponto, como teenyboppers adultas e hipersexuais. O desejo sexual maduro das groupies femininas pelas estrelas de rock foi tão desprezado na e pela cultura rock como o desejo virginal das teenyboppers” (Coates, 2003, p. 77).

Lyons aborda também a questão do desprezo pela sexualidade feminina:

“(…) as fãs e as artistas eram vistas como objetos sexuais para consumo masculino e vilipendiadas por expressarem quaisquer dos seus próprios desejos sexuais. Assim, quando se trata de considerar a designação quintessencial “sexo, drogas e rock and roll” da época, “sexo” pode ser entendido como referindo-se à sexualidade masculina e à masculinidade. A sexualidade feminina - e, por conseguinte, as experiências que acompanham as fãs femininas - são deixadas de fora da equação” (Lyons, 2020, p. 47).

Estamos, portanto, perante a já referida questão da “tendência histórica para definir uma fã feminina com base na sexualidade - ou na falta dela” (Lyons, 2020, p. 45), e perante o facto dos dois estereótipos em questão terem a si associados uma perceção e conotação pejorativas – na base destas ideias estão conceções sexistas sobre como uma mulher “deveria” ou “não deveria” expressar a sua sexualidade.

Coates refere que “O artigo de capa da *Rolling Stone* sobre groupies, publicado na edição de 15 de fevereiro de 1969 da revista, foi durante muito tempo a declaração definitiva sobre a relação das mulheres com o rock e com as estrelas do rock. Essa relação, é claro, era sexual e socialmente subserviente” (Coates, 2003, p. 82), notando que a revista “negligenciou considerar os aspetos verdadeiramente transgressivos da “groupiedom”, ou que a sexualidade agressiva das groupies poderia ser declarações subversivas sobre os papéis de género no rock, assim como na cultura mainstream” (Coates, 2003, p. 82).

Coates prossegue com a análise deste artigo, e um dos temas que aborda é a questão da autenticidade relativamente ao estereótipo de groupie, referindo que estas fãs são percecionadas como não tendo interesse na música rock, mas sim em envolver-se sexualmente com os músicos (Coates, 2003). – “A sua relação com a música rock é artificial e forçada, logo, sem valor” (Coates, 2003, p. 84). No entanto, é relevante considerar também que, embora “groupie” se tenha tornado num termo com carácter depreciativo, era “algo de que o rock “autêntico” precisava para ter sucesso como espaço de masculinidade heterossexual hiperbólica” (Coates, 2003, p. 82). A preservação deste espaço, e a manutenção dos papéis de género a ele associados, implicava estabelecer uma imagem pejorativa das groupies.

“Alguns dos músicos entrevistados pareciam ressentir-se de serem usados como objetos, ao mesmo tempo ignorando que estavam a fazer o mesmo às groupies e a outras mulheres sob o pretexto de aliviar a tensão quando estavam na estrada, ou de se servirem do banquete que lhes era oferecido, tal como as carnes frias oferecidas nos bastidores antes de um espetáculo. O facto de este papel poder ser invertido era demasiado ameaçador para os discursos que conferiam um estatuto icónico às estrelas e músicos de rock” (Coates, 2003, p. 86).

Esta “ameaça” às narrativas em questão levou, então, a que fosse vista como “necessária” a reposição das hierarquias a elas associadas.

“Por isso, para voltar a pôr em ordem a hierarquia de género do rock e manter os seus mistérios masculinos intactos, foi necessário realizar operações de abjeção deslocada, discursivamente construindo groupies como objetos de pena e escárnio que, ao mesmo tempo, significavam e reforçavam o rock como uma forma cultural masculina heterossexual. As possibilidades de imaginar a “groupiedom” como uma posição empoderadora para as mulheres (e para os homens) na cultura rock, ou de imaginar a sexualidade na cultura rock fora das normas de género heterossexuais performativas, foram assim excluídas” (Coates, 2003, pp. 86-87).

Alguns dos pontos referidos a respeito das teenyboppers são também relevantes de mencionar no contexto das groupies, nomeadamente, a questão de que, em ambos os casos, as raparigas ou mulheres não são percecionadas como verdadeiras apreciadoras da música e da performance, mas sim como apenas interessadas em ter alguma relação com os integrantes da banda – no caso das teenyboppers, estas são percecionadas como superficiais, apenas interessadas no facto dos membros das bandas serem atraentes; no caso das groupies, estas são retratadas como tendo apenas interesse em envolver-se sexualmente com os integrantes da banda.

“Ambos os estereótipos envolvem a procura de uma banda devido ao quão atraentes eles são e expressar um desejo de estar numa relação pessoal com o membro da banda (mesmo que o desejo seja explicitamente uma fantasia). A groupie segue uma banda não porque é uma fã dedicada, mas simplesmente porque quer dormir com eles. Ela é inautêntica. A teenybopper acha que os membros da banda são giros e é suficientemente irracional para consumir qualquer entretenimento que é produzido para ela. Ela tem mau gosto” (Lyons, 2020, p. 48).

Considerar que uma rapariga ou mulher apenas poderia ser fã de uma banda devido a razões superficiais (nomeadamente, o facto de considerar que os seus integrantes são atraentes), é desde logo uma demonstração de que se está a colocar em causa a capacidade destas consumidoras culturais conseguirem apreciar e avaliar música (ou, num sentido mais amplo, toda a performance ou produto cultural produzido pela banda). Assumir que se uma rapariga ou mulher gosta de uma banda a razão terá de ser ela percecionar os seus membros como atraentes, é afirmar que estas consumidoras culturais não têm capacidade de avaliar toda uma série de fatores presentes nos diversos produtos culturais, focando-se apenas em questões superficiais – o que não passa de uma abordagem misógina. Reduzir o interesse das raparigas e mulheres em boy bands a uma suposta explicação de que estas “apenas conseguem apreciar fatores superficiais” ou de que “são manipuladas” para gostar destes grupos é invalidar as opiniões e capacidade crítica destas fãs e ignorar a complexidade associada à abordagem deste tema (que, ao ser analisado segundo premissas como “as raparigas e mulheres têm interesses superficiais”, está a permitir a manutenção de estereótipos sexistas).

É relevante ter ainda em conta o facto de que considerar os integrantes de uma banda atraentes não é algo incompatível com apreciar a sua música e performance, e que considerar que fãs percecionarem estes artistas como atraentes desvaloriza o seu interesse na música representa uma análise bastante questionável, visto que estes pontos não são mutuamente exclusivos.

O facto da atração aos membros das boy bands sentida pelas fãs ser tão intensamente utilizada como fator de crítica merece a nossa atenção. Sentir atração por uma celebridade não é algo incomum ou novo, contudo, a atração sentida pelas raparigas e mulheres parece ser particularmente invalidada ou ridicularizada – possivelmente, devido à expressão desta atração não se enquadrar na expectativa misógina (referida anteriormente) de que as raparigas e mulheres devem ter um comportamento “puro”, “sem exageros” e “não impulsivo” (neste sentido, criticar a sua atração a celebridades e a expressão da mesma poderia ser interpretado como uma tentativa de estabelecer que a postura destas fãs é “incorreta”, “imprópria”, e que estas deveriam ter um comportamento “contido”, o que incluía não serem vocais sobre as suas atrações). “Embora as coisas tenham mudado desde o início da Beatlemania, é inegável que ainda é mais tabu para as mulheres jovens explorarem a sua sexualidade, comparativamente a homens jovens” (Lyons, 2020, p. 49). Ridicularizar as fãs de boy bands que experienciam atração por estas celebridades permite perpetuar as ideias misóginas de que estas deviam comportar-se de forma “pura”, “contida” e não partilhar sobre as suas atrações.

Outra possibilidade (compatível de existir simultaneamente com a primeira) é que quem tece estas críticas considera que esta atração é “imatura” e “irrealista” (e, por isso, supostamente de menor valor), pelo facto de não ser, plausivelmente, concretizável através do estabelecimento de uma relação com o membro da banda – isto inclui assumir que todas as fãs que sentem atração por um músico desejam, realmente, estabelecer uma relação com ele, o que não é verdade. “Parte do atrativo da estrela masculina - quer fosse James Dean, Elvis Presley ou Paul McCartney - era o facto de que *nunca* ias casar com ele; o romance nunca terminaria no tédio do casamento” (Ehrenreich, Hess e Jacobs, 1992, p. 96), e é também relevante considerar que expressar esta atração e amor publicamente “era protestar contra a repressão sexual calculada e pragmática da vida adolescente.” (Ehrenreich, Hess e Jacobs, 1992, p. 97). É crucial ter em conta que:

“o fandom de boy bands proporciona oportunidades para as raparigas adolescentes explorarem a sua sexualidade em segurança, contra noções de feminilidade sistematicamente perpetuadas e repressivas. No entanto, o facto da cultura dominante da música rock reconhecer estes aspetos positivos da sexualidade de boy bands prejudicaria a ênfase da cultura na sexualidade masculina” (Lyons, 2020, p. 50).

Duffet, no seguimento de uma referência a como “Catharine Lumby<sup>22</sup> utilizou uma combinação de material de entrevistas e autoanálise para sugerir que os membros individuais do público musical feminino jovem são ativos no seu desejo sexual, experienciam um elevado grau de autonomia, e não se sentem fora de controlo ou à mercê de performers divinos” (Duffet, 2013), refere que “Ao contestar suposições generalizadas, estes relatos começaram a desconstruir o retrato do fandom feminino, ao mostrar que as fãs podem ser vistas como empoderadas e escolhendo ativamente os seus interesses textuais<sup>23</sup>” (Duffet, 2013, p. 194).

É fundamental considerar também que embora várias fãs de boy bands possam sentir atração pelos integrantes do grupo e até gostar de fantasiar sobre uma possível conexão romântica (o que não significa obrigatoriamente que estas desejem, realmente, estabelecer uma relação com os integrantes da banda), isto não é o caso para todas as fãs, pelo que a tendência desta perceção ser a que é constantemente referida pode significar que não está a ser atribuída igual atenção a considerar também outras. De facto, as perceções das fãs relativamente a estes artistas aparentam ser diversas. Considerar que todas as fãs têm a mesma perceção destes músicos não constitui uma análise correta, existindo uma multiplicidade de perspetivas a considerar. Nomeadamente, vejamos o caso das fãs que desejam ser como estes artistas. Em “Beatlemania: Girls Just Want To Have Fun” (Ehrenreich, Hess e Jacobs, 1992) estão presentes relatos que referem que:

“Não me parecia sexual, como eu definiria agora. Parecia mais sobre desejar liberdade. Eu não queria crescer e ser uma esposa e pareceu-me que os Beatles tinham o tipo de liberdade que eu queria (...) Eu não queria dormir com o Paul McCartney, era demasiado nova. Mas eu queria ser como eles, algo maior do que a vida” (Ehrenreich, Hess e Jacobs, 1992, p. 103).

“Agora que pensei nisso, acho que me identificava com eles, em vez de como um objeto deles. Quero dizer, eu gostava da sua independência e sexualidade e queria essas coisas para mim... As raparigas não podiam ser assim quando eu era adolescente – podíamos ser o objeto frouxo e passivo do interesse sexual fugaz de um tipo qualquer (...)” (Ehrenreich, Hess e Jacobs, 1992, p. 103).

Nestes casos, as fãs revelam querer ser como os membros da banda, nomeadamente, ter a sua liberdade e independência – “Se as raparigas não podiam ser, ou alguma vez esperar ser,

---

<sup>22</sup> Lumby, C. 2007. ‘Doing it for Themselves? Teenage Girls, Sexuality and Fame’. In *Stardom and Celebrity*, ed. Sean Redmond and Su Holmes, 341-52. London: Sage. <https://dx.doi.org/10.4135/9781446269534.n31>

<sup>23</sup> Sendo que “interesses textuais” foi traduzido do inglês “textual interests”.

superestrelas e aventureiras loucas, podiam pelo menos idolatrar os homens que o eram” (Ehrenreich, Hess e Jacobs, 1992, p. 103). Atualmente, a ideia de uma mulher ser uma superestrela já é algo com que estamos bastante familiarizados, mas claro que isso não significa que as fãs de boy bands não possam ver os integrantes destes grupos como exemplos a seguir ou pessoas que ambicionam ser como (assim como podem, claro, perceber desta forma tanto os membros das boy bands como superestrelas femininas) – quer seja por desejarem ter as suas capacidades artísticas, o seu carisma, a sua carreira, entre outros.

Outra perspetiva a considerar é a das fãs que veem as boy bands e a sua música como um refúgio e uma fonte de conforto – isto, claro, também pode ser sentido pelas fãs que gostam de fantasiar sobre uma possível conexão romântica, ou pelas fãs que ambicionam ser como os membros do grupo, mas faz sentido considerar também que haverá fãs que não se identificam com nenhuma destas duas experiências, e apenas com a de ver a banda como uma fonte de conforto. Encontrar refúgio em música é algo com que muitas pessoas poderão, certamente, identificar-se (por exemplo, podendo perceber os artistas de que gostam como fonte de apoio e/ou encontrar compreensão ou motivação nas suas canções) – contudo, e como já tivemos a oportunidade de analisar, a música produzida pelas boy bands é desvalorizada.

Existirão, com certeza, outras formas de perceber as boy bands, pelo que estes exemplos de percepções de fãs são, precisamente, exemplos, e não uma tentativa de listar todas as experiências possíveis. O meu objetivo ao abordar estes exemplos é demonstrar que as percepções que as fãs têm das boy bands e da sua música são mais diversas e complexas do que algumas abordagens transmitem, quando constantemente recorrem ao argumento de que as fãs apenas estão interessadas no facto dos artistas serem atraentes. Isto não só representa um descartar do facto de que as fãs são consumidoras culturais com capacidade de selecionar que música apreciam (tratando-as como detentoras de “mau gosto” e apenas focadas em questões supérfluas), como revela uma compreensão limitada da sua percepção dos seus ídolos, pois reduz a mesma a uma experiência única: a de que, supostamente, as fãs apenas querem estabelecer uma relação romântica com os artistas.

A presente secção, assim como a anterior, não constitui uma análise musical nem qualquer tentativa de definir o que é “bom gosto”, pelo que nenhuma das duas tem como objetivo analisar a qualidade da música produzida por boy bands, por exemplo, comparativamente a outros grupos. Reconhecendo que os gostos e interesses estéticos são algo subjetivo e que diferem bastante de pessoa para pessoa, o meu objetivo não é “provar que certos consumidores culturais têm melhor gosto que outros”, mas sim analisar a “persistente desconfiança de raparigas jovens e da sua capacidade de tomar decisões informadas sobre a música de que gostam” (Jones, 2015,

p. 12). O foco destas secções foi identificar e desconstruir as críticas apontadas às boy bands e às suas fãs, revelando a origem misógina das mesmas.

Não pode ainda deixar de ser referido que a desvalorização e ridicularização das fãs de boy bands pode ser acompanhada também da desvalorização e ridicularização dos fandoms das bandas. Embora o tema dos fandoms já tenha sido abordado previamente (e vá ser mais extensamente analisado na parte dedicada à análise de dados do trabalho de campo realizado), importa, no contexto desta secção, mencionar que estes são alvo de críticas, embora o apoio e comunidade por eles proporcionados tenham a si associados inúmeros pontos positivos. Estas comunidades são fóruns onde os fãs podem expressar-se artisticamente – por exemplo, através da produção de *fanart* – , desenvolver skills variadas – como a aprendizagem de línguas – , formar conexões e amizades, participar em ações de caridade – “ações de caridade vêm ganhando mais destaque dentro dos *fandoms*.” (Gaudie-Ley, 2022, p. 49) – , entre uma série de outras experiências e oportunidades que estão associadas à pertença a um fandom. Como referido, este tema será retomado mais à frente.

## 2.6. Fãs de Beatles e de One Direction como estudos de caso

Vária da literatura produzida sobre boy bands e estudos de fãs (neste caso, a que se foca nos fandoms da indústria da música) menciona os Beatles e os One Direction e os seus respetivos fandoms – o que faz todo o sentido, considerando que são alguns dos artistas mais bem sucedidos das suas respetivas décadas de atividade e que foram apoiados por fandoms que representaram impactantes fenómenos culturais. De facto, considero até que falar de boy bands e fandoms sem mencionar Beatles, One Direction e os seus fandoms poderá representar uma lacuna, tal é a marca que deixaram na história das boy bands e no que é a experiência de ser fã.

Estes grupos musicais e os seus fãs inspiraram análises comparativas de grande interesse e que merecem a nossa atenção, sendo ainda de referir que o foco das mesmas diverge – a título de exemplo, veja-se como Jones (2015) procede a uma análise musical comparativa, estando o foco na música produzida pelos grupos, enquanto que Prieto (2022) escolhe debruçar-se sobre a cobertura jornalística produzida sobre as bandas e os seus fãs, procedendo a uma análise comparativa da sua representação na revista Billboard. Consideremos também a abordagem de Lyons (2020), que se propõe a investigar como é que as boy bands e não-boy bands modernas são retratadas no jornalismo musical, para perceber até que ponto esta representação é diferente. Embora esta análise não constitua um estudo comparativo dos Beatles e dos One Direction e/ou dos seus fãs, como os previamente mencionados, esta não deixa de ser bastante relevante neste contexto, por nos permitir compreender como é que o jornalismo musical representa boy bands, e porque, mesmo não tendo os Beatles como foco central, refere questões como a discussão em torno de se estes são, ou não, considerados uma boy band.

A análise em paralelo destes dois grupos e dos seus respetivos fandoms é interessante por diversas razões, embora possa haver alguma resistência à ideia por parte de quem, eventualmente, possa até achar que não é sequer possível comparar fenómenos que considera tão distintos. Interessa então clarificar o porquê de considerar ser relevante fazer esta análise: os fandoms de Beatles e One Direction representam fenómenos associados a grupos musicais que começaram as suas carreiras no Reino Unido e que foram, inicialmente, maioritariamente protagonizados por raparigas jovens. As duas bandas em questão foram, no começo, recebidas pelos críticos com um certo ceticismo ou com posturas de desvalorização, e os seus fandoms foram retratados de forma pejorativa, quer através da sua desvalorização, ridicularização ou mesmo classificação das suas experiências de fãs como algo pertencente ao foro clínico (serão, de seguida, referidos alguns exemplos).

As fãs de Beatles e de One Direction marcaram o cenário da indústria da música das décadas de, respetivamente, 1960 e 2010, com a enorme admiração e dedicação que manifestaram pelos seus ídolos, inclusive numa fase das suas carreiras em que tantos pareciam duvidar das competências ou qualidade destes artistas. Isto leva-nos, inclusive, a questionarmo-nos sobre como teria sido a carreira destas bandas sem o apoio destes fervorosos fandoms, que viram potencial onde outros viram algo de pouca qualidade ou uma moda passageira – este ceticismo sentido por pessoas externas aos fandoms teria, por exemplo, permitido a internacionalização destes grupos? Ou foram estes poderosos fandoms um dos principais fatores-chave para o seu impulsionamento a patamares de sucesso global? Como Lyons refere, raparigas adolescentes investem “tempo, dinheiro e energia consideráveis para levar os artistas que defendem ao topo. Sem elas, as boy bands poderiam nem sequer existir” (Lyons, 2020, p. 81).

Considero que os fandoms de Beatles e One Direction são exemplos-chave de como as raparigas e mulheres são desvalorizadas como consumidoras e avaliadoras culturais, sendo menosprezadas, desrespeitadas ou até ridicularizadas durante um processo que constitui um momento em que estão a decidir e a moldar a cultura – as raparigas jovens identificam o que tem potencial, investem nisso, exprimem com entusiasmo a sua dedicação e vivem com intensidade as emoções associadas ao que é a experiência de ser fã, mas são constantemente desvalorizadas como consumidoras culturais.

Aquilo a que me proponho quando coloco neste contexto de análise comparativa os fenómenos culturais que foram o fandom de Beatles e o fandom de One Direction durante as décadas de 1960 e 2010, respetivamente, é analisar as suas características e impacto na indústria da música, e demonstrar que é possível desenhar vários paralelos entre os dois.

Com o intuito de ser ainda mais clara sobre os meus objetivos no contexto desta análise comparativa, esclareço desde já dois pontos sobre a mesma: 1) Aquilo a que me proponho não é uma comparação da qualidade musical dos grupos – o meu papel não é, de forma alguma, o de crítica musical (adicionalmente, considero importante referir que quando é mencionado, por exemplo, o êxito de uma banda, música ou álbum, essa menção é feita com base em dados relativos à receção crítica ou ao sucesso comercial registado); 2) Aquilo a que me proponho não é uma tentativa de argumentar que os fenómenos culturais que estes grupos musicais e os seus fandoms representam são paralelos perfeitos – de facto, não acredito que sejam (nomeadamente devido a terem ocorrido em momentos da História bastante diferentes e terem sido influenciados por uma série de circunstâncias distintas). Contudo, considero que não é necessário que dois fenómenos sejam exatamente iguais para merecerem ser analisados em paralelo (de facto, parte de uma análise comparativa é detetar e analisar parecenças, mas

também diferenças). Após estes esclarecimentos, passarei então a analisar estes fenómenos, contextualizando brevemente as bandas e os impactantes fandoms a elas associados.

Começando pelos Beatles, originários de Liverpool, fará sentido referir primeiramente os Quarrymen, a banda a que John Lennon pertencia em 1956 e que Paul McCartney viria a integrar também, adição à qual se seguiu ainda a de George Harrison. Em 1960, já sob o nome The Beatles, o grupo inicia um período de várias atuações em Hamburgo (O'Dell, 2017). No ano seguinte, regressam a Liverpool e, embora o seu sucesso na cidade fosse crescente e notório, não era ainda um fenómeno nacional. Nesta altura surge o Mersey Beat, criado por Bill Harry, escritor e amigo de Lennon, um jornal de música focado na realidade de Liverpool e que várias vezes incluía os Beatles nas suas publicações. Isto levou a um despertar de curiosidade por parte do empresário Brian Epstein, que conseguiu a oportunidade de ver uma atuação do grupo no Cavern Club através de Harry e, impressionado com a mesma, manifestou interesse em ser manager dos Beatles (O'Dell, 2017).

Outros músicos chegaram a integrar o grupo no seu período mais inicial, sendo que apenas em 1962 os Beatles assumiriam a sua formação final, com Ringo Starr a juntar-se à banda. A composição do grupo era, então, a seguinte: Lennon na guitarra de ritmos, McCartney no baixo, Harrison na guitarra principal e Starr na bateria.

Os visuais que hoje são comumente associados ao grupo – os fatos, as gravatas...<sup>24</sup> – foram uma das manifestações do papel de Epstein como manager – previamente a trabalhar com o empresário, a banda assumia um estilo e postura mais rebeldes. Epstein considerava que “Se os Beatles iam mudar o mundo, primeiro tinham de mudar o seu visual” (O'Dell, 2017), “E o avanço dos Beatles no início de 1963, confirmou que os instintos de Epstein estavam corretos. Ele introduziu com sucesso uma banda única de rebeldes no centro da corrente dominante.” (O'Dell, 2017). Contudo, refira-se também que Epstein teve uma postura diferente de outros managers da época – “ao contrário dos managers controladores que dominavam o mundo do espetáculo britânico, ele simplesmente os deixa à solta” (O'Dell, 2017).

Os Beatles apresentaram-se aos *media* com uma postura inovadora – eram descontraídos, divertidos e ousados, e a autenticidade que o público sentia neles contribuiu para o sucesso do grupo (O'Dell, 2017).

---

<sup>24</sup> Embora também outros se tenham tornado bastante icónicos, como os da capa do álbum “Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band”.

O sucesso dos *Fab Four*<sup>25</sup> ganha novas proporções em 1964, nomeadamente com a sua presença no The Ed Sullivan Show, um programa televisivo de variedades dos Estados Unidos, num episódio que foi visto por 73,9 milhões de espetadores, o que representou um recorde (Feldman-Barrett, 2022). O próprio momento da chegada dos Beatles ao aeroporto revelou desde logo o impacto do grupo e do seu fandom – “Pelo menos 4000 raparigas (algumas estimativas apontam para 10000) saudaram-nos no Kennedy Airport” (Ehrenreich, Hess e Jacobs, 1992, p. 86). A dedicação, entusiasmo e fervor que caracterizaram o fandom da banda, inicialmente composto maioritariamente por raparigas jovens, viria a dar origem ao termo “Beatlemania”.

Este fenómeno cultural de enorme impacto não foi recebido positivamente por todo o público, embora o respeito e reverência que hoje são amplamente associados à banda nos possam levar a esquecer que “Para os adultos, a Beatlemania era uma aflição, uma ‘epidemia’” (Ehrenreich, Hess e Jacobs, 1992, p. 87) e que os Beatles lidaram com um certo ceticismo numa fase inicial, sentimento que levou inclusive a momentos de entrevista em que receberam questões como “Pensam nos vossos discos como discos engraçados ou como música?” (O’Dell, 2017). Em 1964, um artigo de Paul Johnson referia: “Aqueles que se aglomeram em torno dos Beatles, que gritam até à histeria, são os menos afortunados da sua geração, os aborrecidos, os ociosos, os fracassados” (Johnson, 2022).

É também relevante mencionar que a cobertura dos Beatles e do fenómeno da Beatlemania contou, em várias instâncias, com a utilização de termos de cariz médico/clínico. Como Prieto (2022) menciona no seu estudo comparativo de como a revista Billboard cobriu os Beatles e os One Direction durante os seus respetivos anos de atividade, a revista em análise recorreu, para falar dos Beatles e da Beatlemania, a terminologia como “infeção”, “epidemia” e “contagioso” (Prieto, 2022). “Com a sua música posterior, os Beatles ganharam o respeito dos fãs casuais e músicos experientes, mas as pessoas têm demasiada vontade de esquecer a realidade da sua carreira inicial como uma das primeiras boy bands de verdadeiro sucesso” (Jones, 2015, p. 6). Considero que isto acontece em paralelo com uma tendência a não valorizar (pelo menos, não suficientemente) o papel que as raparigas jovens tiveram no sucesso da banda – “as fãs conheciam as origens humildes dos Beatles e sabiam que tinham ascendido da obscuridade da classe trabalhadora para a fama mundial graças ao poder acústico de milhares de fãs que gritavam” (Ehrenreich, Hess e Jacobs, 1992, p. 103).

Os Beatles tornaram-se um sucesso global que continua a ser aclamado décadas depois do fim do seu período de atividade, que se deu em 1970, e “O grupo registou um total de 64 canções

---

<sup>25</sup> Alcinha que lhes foi atribuída e que pode ser traduzida como “quatro fabulosos”.

no Hot 100 entre 1964 e 1970, das quais 20 atingiram o primeiro lugar - um recorde para o maior número de “leaders” que ainda se mantêm” (Zellner, 2023).

Passando agora para os One Direction, foi no concurso e programa televisivo britânico The X Factor, em 2010, que se deu a constituição do grupo musical anglo-irlandês. Durante um dos momentos da competição em que cabia ao júri selecionar quais dos participantes continuariam no concurso, os concorrentes Harry Styles, Liam Payne, Louis Tomlinson, Niall Horan e Zayn Malik foram informados de “que não iam continuar na competição como atuações a solo” (Jones, 2015, p. 2), mas como grupo (The X Factor UK, 2010). A decisão de agrupar na mesma banda Styles, Payne, Tomlinson, Horan e Malik – que no documentário “One Direction: This Is Us” (Spurlock, 2013) é referida pelo jurado Simon Cowell como sua, mas que, após filmagens publicadas em 2022, é possível saber que se deve também à jurada Nicole Scherzinger, que teve um importante papel neste processo (Iasimone, 2022) – permitiu aos One Direction alcançar o 3º lugar no concurso, mas o facto de não terem sido os vencedores não os impediu de alcançar enorme sucesso na sua carreira pós-The X Factor. Como Jones (2015) menciona, o imenso apoio dos fãs do grupo fazia-se sentir ainda antes do lançamento do primeiro *single*, apoio este que permitiu que os One Direction se tornassem no primeiro grupo britânico a estreiar-se no nº 1 nas tabelas dos Estados Unidos com um primeiro álbum, tendo esta estreia sido com o álbum *Up All Night*. Viriam ainda a tornar-se, em 2014, no primeiro grupo da História a ter tido os seus quatro primeiros álbuns a estreiar em nº 1 (McIntyre, 2024). Ao longo dos seus anos de atividade, os One Direction conquistaram audiências e alcançaram enorme sucesso com canções cativantes, performances dinâmicas e personalidades divertidas e carismáticas, tendo sido acompanhados e imensamente apoiados por um fandom bastante dedicado, nomeadamente através de uma impactante presença online. Tiffany refere que “Na altura em que os One Direction chegaram aos Estados Unidos, eram a maior subcultura no Tumblr (...) Cada membro da banda tinha mais de um milhão de seguidores no Twitter” (Tiffany, 2022) e que:

“Para as fãs dos One Direction, o Twitter era fácil de transformar num álbum de recortes constantemente atualizado, e era fácil começar a ver o sucesso comercial da banda como resultado deste trabalho. Em 2014, o Twitter permitiu pela primeira vez que os utilizadores adicionassem GIFs aos seus tweets - a tour *Where We Are* dos One Direction foi documentada dessa forma, quase segundo a segundo, por fãs que faziam upload a partir de cidades de todo o mundo. Com uma receita de mais de 290 milhões de dólares, foi a digressão de maior bilheteira do ano, bem como a digressão de maior bilheteira de sempre de um grupo vocal.” (Tiffany, 2022).

Este fandom, maioritariamente composto por raparigas jovens, marcou a indústria da música e a Internet com a sua dedicação e euforia – contudo, tanto as *directioners* (nome atribuído aos integrantes do fandom de One Direction) como os One Direction foram alvo de várias críticas. A cobertura mediática da banda apresentou, em diversos momentos, posturas de desvalorização ou cinismo – “visto de fora, o seu sucesso parece um pouco confuso: porque é que, de entre as fileiras de bonitões britânicos fabricados, os EUA escolheram abraçar Harry Styles, de rosto atrevido, ao seu peito? Se não for uma rapariga de 11 anos ou o pai ou mãe sofredores de uma, a sua obra continuará a ser um mistério.” (Petridis, 2012) –, e foram criadas páginas de ódio (“hate pages”) no Facebook dedicadas aos One Direction (Duffet, 2013).

As fãs foram representadas pelos *media* de forma pejorativa, inclusive através de descrições que tratavam comportamentos adequados e expectáveis nas circunstâncias em questão como se fossem exagerados, escandalosos ou inapropriados – a título de exemplo, atentemos no que Lyons refere: “Fãs a gritar num concerto dos One Direction não foram descritas como exibindo um comportamento de concerto perfeitamente normal, mas sim como “um guincho carnívoro ... o grito de guerra da “hive-mind” de raparigas adolescentes a cheirar carne de rapaz (Empire, 2012, para. 1)”<sup>26</sup> (Lyons, 2020, pp. 73-74).

O documentário “Crazy About One Direction” (Asquit, 2013) é outro exemplo a considerar. Neste, “acompanhamos a vida de fangirls que em sua grande maioria, apresentam falas agressivas e comportamento tóxico direcionados aos artistas do grupo. Houve um grande movimento dentro do fandom, alegando que essa pequena parcela de meninas do documentário não representam as verdadeiras *directioners*, que não pregam ódio e violência” (Gaudie-Ley, 2022, p. 44). Ewens (2019) entrevistou Hayley, uma fã que, assim como as suas amigas, foi filmada no contexto deste documentário, mas nenhuma delas apareceu no filme. Ewens partilha: “Quando lhe pergunto porque é que ela acha que ela e as suas amigas não entraram no filme, ela diz, ‘Não éramos suficientemente loucas’” (Ewens, 2019). Hayley conta que:

“Inicialmente, pensámos que tinha sido por haver demasiadas raparigas, mas depois de o ver percebemos que não éramos escandalosas. Perguntaram-nos: “Qual foi a coisa mais extrema que fizeram para ver os rapazes?” e eu falei da primeira digressão dos rapazes e de como acampeei para comprar os bilhetes com a minha mãe. Eles insistiram, dizendo coisas como: “É só isso? Que mais?”” (Ewens, 2019).

---

<sup>26</sup> O artigo citado por Lyons está disponível em: <https://www.theguardian.com/music/2012/jan/08/one-direction-x-factor-live>

Hayley refere que perceberam o que é que eles estavam a tentar fazer, e apenas partilharam sobre coisas reais, como a ajuda proporcionada pela banda e a sua música em momentos difíceis, a amizade, o dinheiro que poupavam caso a banda fizesse uma digressão (Ewens, 2019). Ewens partilha o relato de Hayley sobre a sua reação após ver o filme: ““(…) pensámos: “É mesmo assim que as pessoas vêem as fãs dos One Direction?” Queriam que fôssemos animais loucos que são a razão pela qual os rapazes têm a segurança que têm (...)” (Ewens, 2019). Representações mediáticas equilibradas, representativas da realidade e justas não são plausíveis de alcançar quando o objetivo dos autores é reiterar uma ideia que já têm, sem procurar explorar para além dela.

Entre 2010 e 2016 os One Direction lançaram 5 álbuns e fizeram 4 tours mundiais, sendo que o último álbum foi lançado posteriormente à saída de Malik do grupo em 2015 – que iniciou depois uma carreira a solo –, contando apenas com a participação dos restantes 4 membros. Em 2016, a banda entrou num hiato e Styles, Payne, Tomlinson e Horan lançaram, desde o anúncio da pausa, projetos musicais a solo.

As duas bandas em análise “seguiram um caminho muito semelhante para o estrelato. A Beatlemania “tomou de assalto” a Grã-Bretanha e depois os Estados Unidos, e as imagens de raparigas a gritar nos concertos dos Beatles resumem bem a realidade da experiência da banda no início dos anos 60” (Jones, 2015, p. 7). Os One Direction registam “um nível de sucesso de fãs e comercial que rivaliza com o sucesso dos Beatles” (Jones, 2015, p. 8).

Uma questão abordada anteriormente e que considero importante recuperar no contexto desta secção é a da autenticidade – um dos argumentos que costuma ser apresentado para demarcar os Beatles do rótulo de boy band foca-se nisto. Jones refere que, num fórum onde se discute em torno da questão de se os Beatles podem ser comparados às boy bands da atualidade, nomeadamente, aos One Direction, é possível ler respostas que “citam a imagem manipulada das boy bands, alegando que a imagem dos Beatles não foi distorcida para apresentá-los ao seu público de uma determinada maneira.” (Jones, 2015, p. 20) – contudo, este argumento não corresponde a um retrato tão fiel da realidade como vários poderão pensar, e a autora pertinentemente refere a mudança de imagem pela qual os Beatles passaram, e que foi mencionada acima: – “No momento em que assinaram um contrato discográfico, tiveram de mudar os seus hábitos; a sua imagem de “bad boy” foi trocada por um visual mais formal e profissional, e os seus outros hábitos estavam fora de questão em palco.” (Jones, 2015, p. 20). Jones indica que:

“Embora seja bem possível que os Beatles tenham feito esta mudança por sua própria vontade, pelo menos em parte, também é inquestionável que, em algum nível, a mudança foi sobre comercializar uma certa imagem da banda. Este facto em particular também remete para a sugestão de que os Beatles não se direccionavam a um grupo demográfico específico: todos os indícios do início da sua carreira apontam para o contrário. A sua imagem não ameaçadora tornou-os galãs “aceitáveis”. Talvez o mais digno de nota seja o facto de cada membro dos Beatles se enquadrar num determinado estereótipo, resultando em quatro imagens únicas que permitiam aos fãs seleccionar o seu Beatle favorito e apelar ao maior número possível de fãs potenciais” (Jones, 2015, pp. 20-21).

Note-se também que “As primeiras letras de Lennon e McCartney eram fortemente direccionadas para o seu público maioritariamente feminino, e a sua música enquadrava-se bem no som pop firmemente estabelecido da época” (Jones, 2015, pp. 21-22). Como Jones refere na sua *Análise Musical Comparativa dos Beatles e dos One Direction*, “Ambas surgiram como bandas que estavam profundamente enraizadas na cultura musical pop do seu tempo, e os seus primeiros álbuns partilham um ponto em comum crucial: inspiram-se de forma crescente nos grandes artistas que vieram antes deles, enquanto simultaneamente incorporam o estilo pop dos seus contemporâneos” (Jones, 2015, p. 45).

Dito isto, não podemos, claro, ignorar que os Beatles se distinguem dos One Direction em questões como as suas amplamente reconhecidas e aclamadas capacidades de composição, assim como não podemos comparar estes grupos assumindo que foram influenciados pelas mesmas variáveis – os anos de atividade de cada banda estão separados por 5 décadas, o que representa desde logo todo um conjunto de fatores a considerar. Contudo, penso que vários destes fatores não representam, em absoluto, desafios maiores ou menores do que outros, apenas diferentes (estes fatores podem, inclusive, apresentar-se simultaneamente como fontes de oportunidades e de adversidades). As redes sociais apresentam-se como um bom exemplo disto, e Jones pertinentemente indica que:

“Uma refutação inicial comum a comparações entre as bandas é que a Beatlemania atingiu uma escala maciça *sem* a ajuda das redes sociais. Este raciocínio é incorreto em vários aspetos. Em primeiro lugar, porque o aumento da utilização das redes sociais resultou num maior volume de conteúdo que as pessoas têm de filtrar, criando um problema completamente diferente daquele que os Beatles encontraram” (Jones, 2015, p. 12).

## 2.7. Os Beatles são uma boy band?

Após a contextualização das secções previamente apresentadas, considero que estamos agora em condições de abordar a questão de se os Beatles são, ou não, uma boy band. Esta discussão não é, de forma alguma, nova. Contudo, poderá parecer estranho não me ter focado nela mais cedo na dissertação. Esta escolha recai no facto de considerar que este é um debate que requer o contexto previamente apresentado – a consideração de diferentes definições de boy band, um debruçar sobre os conceitos de “fandom” e “fangirl”, a análise de vocabulário como “histeria”, “mania” e “loucura”, e, claro, a breve apresentação dos Beatles e do seu fandom. Sem estes dados, penso que a discussão estaria a acontecer “num vácuo”, sem informação relevante para a formação de opiniões, e a ser tratada como algo que não precisa de ser contextualizado.

Falemos de conotação. Palavras e termos são mais do que o seu significado no dicionário, mais do que uma definição que, por ocupar apenas algumas linhas, tende a apresentar-se de forma relativamente clara e direta. Não devemos cometer o erro de assumir que todo o significado de uma palavra começa e termina na sua definição de dicionário – compreender o significado de um termo implica também perceber a sua conotação. Se em termos de denotação não parece propriamente inadequado atribuir aos Beatles o título de boy band, é na conotação desta palavra que parece estar a explicação para a resistência ou aversão a fazê-lo.

Lyons refere que “apesar de todas as características de boy band, um grande nível de debate em torno do status de boy band dos Beatles tem persistido durante décadas (Lynch & Unterberger, 2018).” (Lyons, 2020, p. 16), referenciando um artigo da Billboard que revisitarei mais à frente. Lyons continua indicando que:

“Por exemplo, um dos primeiros resultados da pesquisa no Google para a pergunta "Are the Beatles a boy band?"<sup>27</sup> revela um blogue Wordpress intitulado: "The Beatles Were Never a Boy Band, They Were Always A Great Rock, Pop Rock & Rock n Roll Band From The Start: Debunking The Sadly Very Common Inaccurate, Ignorant, Ludicrous Myth That The Beatles Were Ever A Boy Band"<sup>28</sup> (<https://thebeatleswereneveraboybandtheywerealwaysagreatrockpoprockrockn.wordpress.com/>, n.d.)” (Lyons, 2020, p. 16).

---

<sup>27</sup> Em português, “Os Beatles são uma boy band?”.

<sup>28</sup> Em português, “Os Beatles Nunca Foram uma Boy Band, Eles Sempre Foram Uma Grande Banda Rock, Pop Rock & Rock n Roll Desde O Início: Desmascarando O Mito Infelizmente Muito Comum, Impreciso, Ignorante e Ridículo De Que Os Beatles Alguma Vez Foram Uma Boy Band”.

Plataformas como o Reddit e o Quora, onde usuários podem fazer perguntas, responder a questões, debater temas e partilhar informação, são também espaços onde é possível ver que este debate continua. Embora não tenha tido como objetivo, neste contexto, conduzir uma análise aprofundada das opiniões partilhadas nestas plataformas (nomeadamente, uma análise quantitativa de quantos comentários defendem cada opinião ou perspetiva), foi-me possível perceber, com base na minha pesquisa, que este debate mantém-se bastante presente – por exemplo, num subreddit<sup>29</sup> dedicado aos Beatles, r/beatles (r/beatles, s.d.), é possível encontrar publicações como “Não posso acreditar que haja pessoas que pensam que os Beatles foram a primeira Boy Band, quando eles não se enquadram em nenhum dos critérios para Boy Bands.” (Next-Bar-1102, 2024), “Tenho 68 anos. Um amigo sugeriu que os Beatles foram uma das primeiras Boy Bands. Eram? Só estou a perguntar.” (International\_Peach6, 2021), e “The Backstreet Beatles”<sup>30</sup> (rollingstone1970, 2024). Na plataforma Quora, é possível encontrar perguntas como “Por que algumas pessoas não consideram os Beatles uma boyband?” (Erick Freitas, 2021), “Porque é que as pessoas acham que os Beatles foram a melhor banda de rock de todos os tempos, enquanto eu acho que foi uma boyband?” (Farid Lateef, 2019), e “Porque é que as pessoas agem como se os Beatles fossem uma "boy band"?” (J. Schultz, 2019). As respostas tendem a divergir entre comentários que defendem que os Beatles não podem, de maneira alguma, ser considerados uma boy band, uns que afirmam que a banda tem várias características associadas a boy bands e que podem ser considerados uma, outros que acabam por ficar num meio termo, nomeadamente afirmando que os Beatles tiveram um período da sua carreira, no início, em que foram uma boy band. Contudo, como previamente mencionado, o meu objetivo aqui não é o de conduzir uma análise destas publicações e dos comentários e debate em torno delas, mas sim o de confirmar que, realmente, este é um debate que persiste, como indicado por Lyons (2020).

Poder-se-ia avançar como hipótese que a razão desta persistência reside no que foi previamente discutido na secção “Boy band: Definição”, relativamente a este ser um termo sem uma definição consensual e com critérios ténues: afinal, se a definição não é 100% consensual, não será expectável um grande nível de debate em torno de que grupos se encaixam, ou não, neste termo? Embora este argumento possa fazer algum sentido, considero que a resposta para a aversão em dizer que os Beatles são uma boy band não se prende tanto com o debate em torno

---

<sup>29</sup> Nome atribuído às diferentes comunidades do Reddit.

<sup>30</sup> O título da publicação constitui um trocadilho com o nome da boy band Backstreet Boys, e na publicação é possível ler “Ultimamente tem-me irritado quando vejo pessoas a referirem-se aos primeiros anos dos Beatles como os seus anos de “boy band”. Acabou o desabafo, é só isso.” (rollingstone1970, 2024).

de quais são as características de uma boy band e se os Beatles as possuem ou não, mas mais com a conotação negativa do termo “boy band”. Passo, de seguida, a explorar este tema e a demonstrar porque penso isto.

Jones refere, com base em “excertos de críticas à música dos Beatles, todos do ano de 1964” (Jones, 2015, p. 7):

“Na altura, a sua reputação carecia de qualquer mínimo de respeito por aquilo que é agora considerado como as incríveis capacidades musicais e de escrita de canções dos Beatles. É claro que, em 1964, os dias de maior sucesso dos Beatles - musicalmente, se não comercialmente - ainda estavam por vir. Mas mesmo na sua música inicial, já existem clarões saudáveis do que está para vir, breves indicações das características da sua música pelas quais os Beatles são louvados quando trazem essas características para o primeiro plano em álbuns posteriores.

Então o que é que estes críticos não estavam a ver? A musicalidade estava lá o tempo todo, mas é algo que os críticos de música só parecem ter sido capazes de identificar após o facto. Será possível, talvez, que a sua rejeição esteja relacionada com uma desconfiança em relação ao que os jovens - nomeadamente, as raparigas adolescentes - gostam?” (Jones, 2015, pp. 7-8).

Lyons indica que a recusa em classificar os Beatles como uma boy band poderá ter a sua explicação no facto de este ser um termo com tons depreciativos:

“Alguns jornalistas musicais também apontam os Beatles como a “blueprint” original para uma boy band, enquanto outros se recusam a atribuir o rótulo aos Fab Four (Billboard, 2018). No entanto, isto também pode ser devido aos tons depreciativos que “boy band” tem no jornalismo musical dominante, em vez da banda simplesmente não ser vista como tendo qualidades de boy band na sua música” (Lyons, 2020, p. 9).

Considerar estas perspetivas é crucial para desconstruir a ideia de que o debate em torno de se os Beatles são, ou não, uma boy band, se resume única e exclusivamente a uma questão de se a banda tem, ou não, certas características. O que parece estar em causa não é (pelo menos, não exclusivamente) definir o que é uma boy band, para perceber que grupos se encaixam nessa definição, mas sim uma aversão à conotação pejorativa do termo, e, conseqüentemente, uma aversão a associar a este rótulo bandas consideradas como de qualidade artística e cultural.

Perceber o que está por detrás da conotação pejorativa do termo “boy band” implica ter presente como este está profundamente associado às raparigas jovens, as consumidoras culturais que, múltiplas vezes, foram responsáveis por elevar estes grupos a patamares de sucesso global.

Embora todo o interesse, dedicação e entrega destas jovens represente um enorme impacto na indústria da música e se apresente como um tema de grande interesse no que toca a estudos de fenómenos de fãs, a realidade é que estas fãs são várias vezes desvalorizadas ou ridicularizadas – “Não é apenas o julgamento pelo tipo de conteúdo que é consumido por mulheres, mas também como elas consomem e de que forma investem” (Gaudie-Ley, 2022, p. 52). A dedicação e entusiasmo das raparigas e mulheres relativamente a conteúdos/interesses é algo que foi várias vezes desvalorizado ou ridicularizado ao longo da História – o que pode traduzir-se em tentativas de patologizar as suas emoções e ações, de reduzir as suas experiências a algo de pouco valor ou relevância, de categorizar os seus interesses como “infantis”, entre outras posturas e reações. Estudos e investigações como a de Lyons permitem-nos constatar como a representação mediática das raparigas e mulheres como fãs é bastante pejorativa:

“O facto de se ter encontrado um resultado significativo para “tropes” de fãs negativas, mas não para as positivas, demonstra o retrato desequilibrado das jovens fãs de música. Em consonância com Proctor (2016)<sup>31</sup>, isto sugere que existe um problema contínuo com o jornalismo musical a retratar as fãs femininas como um monólito de comportamento extremo sem a necessária nuance de aspetos positivos da cultura de fãs” (Lyons, 2020, p. 74).

Como foi abordado previamente, as boy bands tendem a ser alvo de críticas que afirmam que estas são “inautênticas” e “sem talento”. Como também já tivemos a oportunidade de abordar, a audiência destes grupos tende a ser composta, maioritariamente, por raparigas jovens, e a representação mediática das fãs de música, nomeadamente através dos estereótipos de “teenybopper” e “groupie”, tende a focar-se em retratá-las como consumidoras culturais inautênticas, ingénuas, superficiais e com mau gosto. Tendo tudo isto em conta (juntamente com as questões que foram mais profundamente abordadas nas secções dedicadas a analisar as críticas que são comumente direcionadas às boy bands e às suas fãs), torna-se bastante mais claro o porquê das boy bands tenderem a ter a si associadas uma conotação pejorativa, e o porquê de ser crucial analisar esta questão à luz de uma lente feminista, consciente da misoginia presente no debate existente em torno deste tema. Concordo com a visão de Jones de que “na minha opinião, a discussão sobre as boy bands será sempre uma discussão feminista, mesmo que apenas subtextualmente” (Jones, 2015, p. 8).

Regressemos, então, à questão com que este capítulo foi iniciado: os Beatles são uma boy band?

---

<sup>31</sup> Proctor, W. (2016). A New Breed of Fan? Regimes of Truth, One Direction Fans, and Representations of Enfreakment. In L. Bennett & P. Booth (Eds.), *Seeing Fans: Representations of Fandom in Media and Popular Culture* (pp. 67±77). Bloomsbury Academic & Professional.

A banda preencheu vários dos critérios que tendem a ser incluídos na definição do termo “boy band”: eram um grupo de rapazes jovens, a sua discografia tem várias canções de amor – “e são frequentemente escritas na segunda pessoa, implicando uma relação com as suas fãs” (Jones, 2015, p. 6) –, o seu fandom dedicado, leal e entusiasmado era, maioritariamente, composto por raparigas jovens (pelo menos nos primeiros anos da sua carreira). Contudo, não são raras as instâncias em que parece que, numa tentativa de os afastar imediatamente deste rótulo, alguns prontamente recorrem a argumentos como o facto de que os *Fab Four* tocavam instrumentos, são um grupo constituído “organicamente”, não incluem coreografias nas suas performances...

Como já tivemos a oportunidade de analisar, o conceito de boy band está associado a um conjunto de características que tendem a ser ténues (Spanos *et al.*, 2020). Adicionalmente, é importante notar que as características muitas vezes associadas a este conceito nem sempre estão presentes, na sua totalidade, em grupos que tendem a ser classificados como tal – contudo, isto não tende a constituir um impedimento à atribuição desta classificação.

Atentemos nos seguintes exemplos: o grupo australiano 5 Seconds of Summer<sup>32</sup>, formado quando a banda começou a publicar covers no Youtube em 2011<sup>33</sup>, foi em vários momentos classificado como uma boy band. Contudo, este não preenche vários dos critérios que tendem a ser associados a boy bands (como vimos na secção 2.3., estas características não são consensuais entre todas as fontes, mas é possível identificar várias como comumente associadas a boy bands), como sejam: a banda formou-se “organicamente”, os seus membros tocam instrumentos, os integrantes estão envolvidos no processo de composição das canções, as suas performances não incluem momentos de dança coreografada, várias das suas inspirações musicais são bandas de rock, punk-rock e pop-punk (como Blink-182 e All Time Low). Isto pareceria indicar-nos, então, que os 5 Seconds of Summer não poderiam ser considerados uma boy band, mas a resposta não se tem revelado tão direta quanto isso. Num artigo de 2018 da Billboard em que dois membros da equipa da revista analisam alguns casos de grupos que tendem a ter a si associados o debate de se são ou não uma boy band, os 5 Seconds of Summer são classificados como uma. Andrew Unterberger, revela não concordar com o argumento de que, se tocam instrumentos, então não podem ser uma boyband, referindo depois que:

“É verdade que a certa altura, uma banda só de rapazes se torna uma banda, mas quando são um bando de adolescentes extremamente bem sucedidos e bem-parecidos a tocarem jams de power-pop - quando inspiram mania suficiente para que até o raio do baixista se torne

---

<sup>32</sup> <https://5sos.com/>

<sup>33</sup> <https://www.youtube.com/5sos>

brevemente uma celebridade - continuam a fazer parte da categoria de boy band para mim” (Unterberger & Lynch, 2018).

O outro autor do artigo, Joe Lynch, comenta que:

“a sua popularidade é atribuível pelo menos tanto à estética como ao som; a forma como o seu fandom os aborda está mais próxima da forma como os Directioners olhavam para os 1D do que da forma como os frequentadores do Hot Topic consideravam os Blink-182. Claro que os 5SOS citam estes últimos como uma influência, mas andaram em digressão com os primeiros. Não é como se os fãs de pop-punk tenham tornado os 5SOS grandes - foram os Directioners que amadureceram e procuravam algo mais perigoso” (Unterberger & Lynch, 2018).

Parece plausível afirmar que, neste artigo, os aspetos que poderiam, porventura, afastar os 5 Seconds of Summer do rótulo de boy band, foram colocadas de lado em prol de sublinhar as qualidades da banda que os autores consideram características de boy bands. Note-se que, neste mesmo artigo, os Beatles são classificados como boy band, mas apenas na sua fase inicial.

O exemplo dos 5 Seconds of Summer não é único. Os Jonas Brothers<sup>34</sup>, grupo musical formado em 2005 por três irmãos, também foram várias vezes classificados como uma boy band – note-se como são referidos em três artigos sobre boy bands previamente mencionados: Spanos *et al.*, 2020; Bowenbank, 2022; Nast, 2016. Contudo, tal como os 5 Seconds of Summer, os Jonas Brothers não preenchem vários critérios que tendemos a ver associados a boy bands: o grupo formou-se “organicamente”, os membros estão envolvidos no processo de composição, tocam instrumentos e o seu género musical tende a ser descrito como pop rock, pop punk, power pop e rock.

Na sua análise que pretende “investigar até que ponto as boy bands modernas são retratadas de forma diferente das não-boy bands no jornalismo musical” (Lyons, 2020, p. 2), Lyons inclui na sua amostra de boy bands os One Direction, os 5 Seconds of Summer e os Jonas Brothers.

Não tenho, no contexto desta dissertação, interesse em debater se os 5 Seconds of Summer e os Jonas Brothers são, ou não, boy bands – contudo, interessa-me averiguar as razões por detrás da atribuição do rótulo a estes grupos, por parte de quem o considera adequado para os descrever<sup>35</sup>. Simplificando, a questão que coloco é a seguinte: aqueles que convicta e

---

<sup>34</sup> <https://jonasbrothers.com/>

<sup>35</sup> Apresento os 5 Seconds of Summer e os Jonas Brothers a título de exemplo, reconhecendo que outras bandas que são por vários consideradas boy bands poderiam ser exemplos igualmente interessantes de considerar no contexto deste debate.

assertivamente defendem que os Beatles não são uma boy band por não se enquadrarem nalgumas das características mencionadas em certas definições do termo (como o facto de tocarem instrumentos e de não dançarem), assumem a mesma posição quando é outra a banda que está em análise?

Quem define quantas das características ou quais das características são, realmente, cruciais para considerar que um grupo é uma boy band? Há, sequer, um conjunto de características que sejam “cruciais”? Ou será que isto não é um debate sobre definição, mas sim um em torno de como são percecionados os gostos e interesses das raparigas e mulheres, e sobre como há quem não esteja confortável em ver uma banda que idolatra a ser agrupada como algo associado ao consumo artístico e cultural de raparigas e mulheres?

“Para aqueles que tentam reivindicar os Beatles como os artistas de rock-and-roll por excelência, deve ser certamente bastante difícil conciliar as semelhanças entre as massas de raparigas aos gritos mostradas ao longo de *A Hard Day's Night* e a histeria exibida pelas fãs em *One Direction: This Is Us*, quando Horan, Malik, Payne, Styles e Tomlinson seguem o mesmo caminho da obscuridade para a fama<sup>36</sup>” (Jones, 2015, p. 7).

Considero que a ideia socialmente construída de que o consumo cultural de raparigas e mulheres é de menor valor levou a que haja uma aversão por parte de vários em associar a estas consumidoras culturais artistas que considerem como de qualidade, com receio que isto represente que, na verdade, não o são. Raparigas e mulheres são percecionadas como consumidoras culturais cujas opiniões representam menos valor, e a sua forma de fazer este consumo é em diversos momentos ridicularizada ou tratada como uma patologia. Na sequência desta desvalorização e desrespeito, parece surgir uma aversão a gostar (ou mesmo respeitar) conteúdo artístico e cultural que tende a estar associado a raparigas e mulheres.

O que considero estar em causa é um raciocínio com premissas profundamente erradas e sexistas, em que a perpetuação da ideia misógina de que raparigas e mulheres não têm gostos e interesses com qualidade artística e cultural levou à conclusão igualmente misógina de que, então, gostos e interesses com qualidade artística e cultural não podem estar associados a raparigas e mulheres. Seguindo esta lógica, grupos globalmente reconhecidos como tendo um grande impacto cultural e qualidade artística não poderiam ser colocados sob a classificação de “boy band”, que está tão profundamente associada à audiência feminina, pois isso significaria

---

<sup>36</sup> Jones indica como referência para esta afirmação o documentário “One Direction: This Is Us” (Spurlock, 2013).

estar a negar a sua qualidade artística e cultural. Alia-se a isto, como abordámos anteriormente, o facto de que as boy bands estão associadas a uma expressão de masculinidade que desafia conceções tradicionais, demarcando-se daquilo que os ideais patriarcais defendem que deve ser a masculinidade e incorporando elementos ou características que são, tradicionalmente, considerados femininos. Reputo que pelo menos uma grande parte da aversão a classificar os Beatles como uma boy band tem origem nestas questões. O conceito de “boy band” não é tratado apenas como uma classificação para um tipo de grupo, mas também como um termo que carrega conotação pejorativa devido à sua associação ao público feminino, que é visto como menos capaz de proceder à avaliação de produtos artísticos e culturais, e ao feminino em geral, que, numa sociedade marcada por valores patriarcais, carrega conotação pejorativa.

Não parece haver uma enorme preocupação em “utilizar regra e esquadro” no momento de definir se um novo grupo que chega à cena musical é, ou não, uma boy band. Não parece haver, por parte do público geral e dos *media*, um “combate” tão intenso na tentativa de afastar, por exemplo, os 5 Seconds of Summer e os Jonas Brothers do rótulo de “boy band”, embora não se encaixem em todas as características que, em várias instâncias, tendem a ser associadas a estes grupos. Porque é que, então, o debate parece ser tão intenso com os Beatles, em comparação com outras bandas? Claro que é crucial ter em conta que estamos a falar de uma banda que teve uma enorme influência musical, cultural, social e política, e que haverá sempre mais opiniões e conteúdo em circulação sobre grupos mais influentes e impactantes. Contudo, a questão previamente colocada mantém a mesma relevância. Aqueles que convicta e assertivamente defendem que os Beatles não são uma boy band por não preencherem certos critérios, assumem a mesma posição quando é outra a banda que está em análise? Ou esta postura é algo reservado aos Beatles, uma banda tão influente a tantos níveis que, aos olhos de certos fãs, tem de ser veemente “protegida” de um rótulo que o associe às raparigas e mulheres? Responder a isto careceria de um trabalho de investigação que não cabe no âmbito desta dissertação, mas considero que averiguar a existência de inconsistências relativamente a esta questão constituiria trabalho futuro de interesse. Neste contexto, contudo, o meu objetivo é demonstrar de forma clara que o debate em torno do status dos Beatles como boy band continua vivo e que a conotação deste termo influencia as conversas à volta desta questão (originando perspetivas que revelam dificuldade em analisar os Beatles de forma objetiva). A desvalorização, desrespeito e aversão demonstrada relativamente a interesses, temas e elementos associados ao feminino leva a que “boy band” não seja apenas uma palavra para classificar um tipo de grupo musical, mas um termo com conotação pejorativa e que é por vários recusado como rótulo para bandas que consideram ter qualidade artística e cultural.

### **3. Trabalho de Campo**

Após a contextualização teórica, passou-se a um trabalho de campo com o objetivo de compreender mais a fundo as perspetivas e experiências das raparigas jovens enquanto consumidoras culturais. Deste modo, propus-me à dinamização de entrevistas com mulheres que foram fãs dos Beatles durante as décadas de 1960 e/ou 1970 e de focus groups com mulheres que foram fãs dos One Direction durante a década de 2010. As dinâmicas conduzidas tiveram como foco as vivências e memórias associadas à experiência de ser fã destes grupos musicais e representam uma abordagem que convida as participantes a fazer uma partilha com base na retrospeção.

### 3.1. Entrevistas e Focus Groups – Metodologia

As dinâmicas consistiram na realização de 4 entrevistas com mulheres que foram fãs dos Beatles durante a década de 1960 e/ou 1970 (realizadas com 1 participante de cada vez) e 2 focus groups com mulheres que foram fãs dos One Direction durante a década de 2010 (um deles com 6 participantes, e outro com 4) – optou-se por um número reduzido de participantes em cada dinâmica devido ao “pequeno número que caracteriza a investigação qualitativa” (Creswell, 2014, p. 113).

“Nas entrevistas qualitativas, o investigador realiza entrevistas presenciais com os participantes, entrevistas telefónicas, ou participa em entrevistas focus group com seis a oito entrevistados em cada grupo. Estas entrevistas envolvem perguntas não estruturadas e geralmente abertas, que são em número reduzido e destinadas a obter pontos de vista e opiniões dos participantes.” (Creswell, 2014, pp. 239-240).

As entrevistas com fãs de Beatles realizaram-se nas casas das entrevistadas, nos casos das entrevistas 1, 2 e 4, e via videochamada, no caso da entrevista 3. Os focus groups com fãs de One Direction realizaram-se na Sala EA –102 da Universidade Católica Portuguesa no Porto.



Figura 1 – Sala onde foram realizados os Focus Groups

A decisão de utilizar duas estratégias diferentes para os dois grupos de fãs, dinamizando entrevistas com as fãs de Beatles e focus groups com as fãs de One Direction, deveu-se à dinâmica de entrevista parecer a mais apropriada e relevante para o grupo demográfico das fãs

de Beatles, enquanto que a de focus group pareceu a que tinha mais potencial e interesse para o grupo demográfico das fãs de One Direction – isto devido a ter-se previsto que as fãs de One Direction teriam vivido a experiência de fã em grupo e, por isso, sentiriam um maior conforto num contexto de focus group, e que, comparativamente, as fãs de Beatles não teriam experienciado tanto este tipo de interação/dinâmica (esta diferença relativamente às experiências de fãs vividas em grupo foi comprovada, como será abordado na próxima secção). Outra razão para a escolha de estratégias diferenciadas prendeu-se com o facto de se ter previsto que seria mais difícil encontrar fãs de Beatles interessadas e disponíveis para participar na investigação (dificuldade que foi posteriormente confirmada), e que, portanto, seria ainda mais difícil encontrar um dia e hora em que as fãs que manifestassem interesse em colaborar pudessem todas participar. Relativamente às fãs de One Direction, previu-se uma maior facilidade em encontrar pessoas interessadas e disponíveis para participar na investigação (isto foi posteriormente confirmado), pelo que foi possível encontrar duas datas e horários em que várias das pessoas interessadas em colaborar pudessem participar em focus groups.

Previamente à realização destas dinâmicas, foi conduzido um focus group piloto e uma entrevista piloto com o objetivo de averiguar possíveis aprimoramentos que pudessem ser feitos às dinâmicas que estavam a ser concebidas para as fãs de Beatles e de One Direction. A entrevista piloto teve como principal objetivo averiguar o tempo alocado a cada questão, enquanto que o focus group piloto foi conduzido não só com este intuito, mas também com o de analisar o funcionamento das duas atividades a realizar (que serão apresentadas no fim desta secção) e o de testar a qualidade de captação de áudio. O focus group piloto permitiu averiguar que a atividade “Idea Board” seria mais dinâmica se o quadro de cortiça estivesse numa superfície mais alta e se as participantes estivessem mais próximas dele, o que levou à decisão de colocar o quadro numa mesa e pedir às participantes que se sentassem em torno dela.

As entrevistas e focus groups foram gravados, apenas em formato de áudio, e no Apêndice E e Apêndice G é possível encontrar as transcrições dos mesmos (nestas, os nomes das participantes foram substituídos por nomes fictícios, assim como os de pessoas por elas mencionadas e que pertencem à sua esfera pessoal). Estas transcrições não incluem alguns breves à partes, assim como comentários pertencentes a curtas conversas paralelas que foram surgindo nalguns momentos, quer por razões de clareza na apresentação dos dados na transcrição, quer por dificuldades relacionadas com, no áudio captado, não ser sempre possível escutar com clareza todas as intervenções que por vezes aconteciam em simultâneo, quer por certas informações não apresentarem qualquer relevância para o estudo em questão. Assim, as transcrições

apresentadas, apesar de serem, quase na sua totalidade, uma cópia do que foi dito, procuram ser uma versão inteligível das conversas, que não desvirtue o conteúdo das mensagens.

O recrutamento para as entrevistas foi feito através de contacto direto com pessoas que pudessem participar e/ou indicar outras que pudessem, passando-me então o contacto delas, assim como de uma publicação partilhada na rede social Facebook<sup>37</sup> pela Professora Doutora Cristina Sá, orientadora da presente Dissertação, onde se lia: “Uma aluna de mestrado está a fazer uma dissertação sobre fãs de música, em particular raparigas fãs de boysbands. O estudo começa com as fãs dos Beatles na sua época. Alguma parente/amiga vossa era fã dos Beatles enquanto rapariga? Será que se dispunha a responder a algumas perguntas da minha mestranda? Obrigada. Podem contactar por MP, claro”. O recrutamento para os focus groups foi feito através de redes sociais (nomeadamente Instagram<sup>38</sup>) – tanto através das minhas contas como das de amigos, familiares, colegas e outros contactos que partilharam também a informação relativa ao recrutamento – e de contacto direto com pessoas que pudessem participar e/ou indicar outras que pudessem, passando-me então o contacto delas. Na mensagem por mim partilhada via story, no Instagram, lia-se “Hello pessoal! Estou neste momento a desenvolver a minha dissertação, que é sobre cultura de fãs/fandoms, misoginia e boybands. No contexto da dissertação, estou a considerar a possibilidade de fazer algumas dinâmicas como focus groups/workshops/conversas informais com mulheres que tenham estado no fandom de One Direction durante a década de 2010. Caso estiverem interessadas em participar ou conheçam pessoas que estariam, por favor enviem-me DM! Se tiverem alguma questão é só dizerem! Agradeço muito o apoio e interesse”. Esta informação foi partilhada, possivelmente, por outras pessoas que o fizeram também através de outras redes sociais ou do envio por mensagem privada aos seus contactos. Devido a ser possível alguém demonstrar interesse em participar na dinâmica e ainda indicar outra(s) pessoa(s) que também pudesse(m) ter interesse em participar, deu-se o caso de certas participantes já se conhecerem previamente à realização da dinâmica. Reconhece-se também que esta forma de recrutamento, tanto para as entrevistas como para os focus groups, acaba por levar a que eu esteja dependente dos meus contactos (e dos contactos dos meus contactos) e da disponibilidade das pessoas.

Não foram feitas praticamente nenhuma pergunta relacionadas com identificação de grupos demográficos às participantes da amostra (à exceção da idade, às participantes dos focus groups), decisão que se prendeu com o facto de se reconhecer que um questionário deste tipo

---

<sup>37</sup> <https://www.facebook.com/>

<sup>38</sup> <https://www.instagram.com/>

poderia ser desmotivador ou até inibidor, afetando o seu interesse, conforto e participação. Na sua investigação sobre “como os fãs de séries televisivas contemporâneas de drama adolescente utilizam as redes sociais para se envolverem em fandoms” (Gerrard, 2021, p. 1046), Gerrard refere: “não pedi aos participantes que me dessem os seus "verdadeiros" marcadores de identidade, como a sua idade ou género, e em vez disso deixei-os emergir através das nossas conversas, se é que chegaram a emergir. Durante o meu trabalho de campo, criei uma tabela com os dados demográficos dos participantes, mas havia vários campos em branco porque não queria assumir quaisquer marcadores de identidade” (Gerrard, 2021, p. 1046). Baseada nesta metodologia, optei por perguntar apenas a idade das participantes dos focus groups, e aguardar que qualquer outra informação relativa a marcadores de identidade fosse revelada pelas participantes, ao longo das dinâmicas, se assim o desejassem. Note-se ainda que, como estavam a ser recrutadas mulheres que foram fãs dos Beatles durante as décadas de 1960 e/ou 1970 e mulheres que foram fãs dos One Direction durante a década de 2010, o dado relativo a que todas as participantes se identificam como mulheres é outro marcador de identidade que é possível saber sobre esta amostra.

Embora 1 participante das entrevistas e 1 participante dos focus groups não tenham mencionado as suas idades, é possível afirmar que as faixas etárias são entre 62 e 86 anos para as entrevistas, e entre 22 e 28 anos para os focus groups<sup>39</sup>. Apesar das participantes das dinâmicas não terem sido questionadas sobre outros dados demográficos, a informação que partilharam durante as conversas permite tirar algumas conclusões. Relativamente à zona de residência, fará sentido assumir, devido ao carácter presencial dos focus groups, que há uma grande probabilidade da maioria das participantes residir na zona Norte de Portugal. Contudo, devido à informação que certas participantes optaram por fornecer, sabe-se que este não é o caso para todas elas. No caso das 3 entrevistas presenciais, foi possível constatar que estas participantes residem no Norte de Portugal. Note-se ainda que 2 das participantes das entrevistas viveram a experiência de fã, nas décadas de 1960 e/ou 1970, em Angola (entrevista 3) e Moçambique e África do Sul (entrevista 4). As restantes entrevistadas viveram a experiência de fã em Portugal. No caso dos focus groups, todas as participantes revelaram ter vivido a experiência de fã em Portugal.

As dinâmicas foram orientadas por guiões de entrevista semiestruturada, de forma a permitir flexibilidade e dinamismo (os guiões encontram-se no Apêndice A e no Apêndice B – não obstante, devido ao carácter semiestruturado das dinâmicas, estas não incluíram apenas estas questões, ou mesmo uma formulação das mesmas exatamente igual àquela que está presente

---

<sup>39</sup> Como referido, no caso das entrevistas as participantes não foram questionadas sobre isto, e portanto apenas é possível saber a sua faixa etária com base em informação que partilharam espontaneamente.

nos guiões). Os guiões das entrevistas e dos focus groups foram diferentes, embora certas questões/temáticas estejam presentes em ambos. Estas diferenças deveram-se, nomeadamente, ao facto de ser possível prever que, provavelmente, certas vivências apenas teriam sido experienciadas por uma das demografias em análise – por exemplo, no caso da experiência de aguardar na fila de um concerto, apenas as fãs de One Direction foram questionadas sobre este tema, pois os Beatles nunca atuaram em nenhum dos países nos quais as entrevistadas viveram a experiência de fã e, portanto, haveria uma menor probabilidade de que estas tivessem tido oportunidade de os ver em concerto. Outra diferença entre as entrevistas e os focus groups está presente num dos critérios para participação: enquanto que as participantes dos focus groups tinham de ser mulheres que foram fãs dos One Direction durante a década de 2010, o que corresponde ao período de atividade da banda (entre 2010 e 2016), as participantes das entrevistas podiam ser mulheres que foram fãs dos Beatles na década de 1960 e/ou 1970, embora o período de atividade do grupo tenha sido entre 1960 e 1970. A razão para esta escolha deveu-se à diferença na quantidade de informação disponível e na velocidade da sua circulação entre países, entre o século passado e o século atual. Enquanto que as fãs de One Direction em Portugal na década de 2010 viveram várias experiências de fã praticamente em paralelo com as fãs do Reino Unido (nomeadamente, graças à Internet), fará sentido ter em conta que a realidade das fãs de Beatles foi diferente: as fãs da banda nas décadas de 1960 e/ou 1970 que viviam fora do Reino Unido (nomeadamente, nos países em que as entrevistadas viveram a experiência de fã) terão tido experiências sem coincidência temporal exata com as fãs do Reino Unido.

As minhas intervenções ao longo das dinâmicas, para além das que constituem a realização de perguntas e proposta de temas para discussão, foram breves e tiveram como objetivo manter a conversa entre as participantes a fluir, garantir que todas as pessoas que desejavam intervir sobre um determinado tópico tinham oportunidade de o fazer, controlar o tempo alocado a cada questão e recentrar as participantes no tema em questão, quando o foco se afastava demasiado do âmbito deste trabalho. A postura adotada foi relativamente informal e descontraída, incentivando as participantes a realizar uma partilha também informal e descontraída.

Relativamente aos temas que pretendiam ser explorados nas entrevistas, destacam-se os seguintes: a) o gosto das fãs pelos Beatles (nomeadamente, o que despertou o seu interesse neles); b) a perceção que as fãs tinham do grupo (nomeadamente, que tipo de relação é que sentem/percecionam – Veem-nos como exemplos a seguir? Veem-nos como pessoas que gostavam de conhecer?); c) a informação a que as fãs tinham acesso sobre o grupo e através de que plataformas; d) a experiência de fã como uma vivência coletiva – o interesse pelo grupo foi algo partilhado com outras fãs? Levou à formação de conexões/amizades?; e) o impacto político

e social dos Beatles; f) a forma como o entusiasmo e emoção das fãs de Beatles foram, em vários momentos, tratados como se fossem praticamente sinais de uma patologia; g) a possível correlação entre as críticas feitas aos Beatles, numa fase inicial, e o seu público ser maioritariamente raparigas jovens. No caso dos temas a abordar nos focus groups, destacam-se os seguintes: a) o gosto das fãs pelos One Direction (nomeadamente, o que despertou o seu interesse neles); b) a perceção que as fãs tinham do grupo (nomeadamente, que tipo de relação é que sentem/percecionam – Veem-nos como exemplos a seguir? Veem-nos como pessoas que gostavam de conhecer?); c) a experiência de ir a um concerto dos One Direction e de aguardar na fila; d) a experiência de fã como uma vivência coletiva – o interesse pelo grupo foi algo partilhado com outras fãs? Levou à formação de conexões/amizades?; e) a capacidade de mobilização e consciencialização dos fandoms; f) a forma como as fãs de One Direction foram, em vários momentos, associadas a palavras como “loucura”; g) a possibilidade da forma como são tratados interesses como seja o gosto por boy bands ser fruto de misoginia.

No caso dos focus groups, para além destes contarem com um guião de perguntas e temas que orientou a dinâmica, também incluíram a realização de duas atividades:

**Atividade 1 – *Show and Tell*:** Previamente ao dia do focus group, é requisitado a cada participante que traga para a dinâmica 1 objeto/item físico que associe a uma memória/história/interação/experiência relacionada com a sua integração do *fandom* de One Direction (durante os anos de atividade do grupo). Este item não tem de ser, obrigatoriamente, merchandising do grupo e/ou algo que qualquer pessoa possa automaticamente associar ao grupo, apenas tem de estar associado a uma memória/história/interação/experiência da pessoa que traz o objeto. Num momento designado do focus group, cada participante, à vez, apresenta às outras o objeto que trouxe e partilha qual é a memória que lhe tem associada (previu-se que esta breve apresentação e partilha deveria durar, aproximadamente, 2 minutos por participante). Esta primeira atividade tem como objetivo funcionar como um quebra-gelo, pelo que se realizou perto do início do focus group<sup>40</sup>.

---

<sup>40</sup> Refira-se ainda que, por dificuldades (nomeadamente logísticas) em ter o objeto desejado fisicamente presente no focus group, duas participantes apresentaram uma fotografia do mesmo nos seus telemóveis.



**Figura 2** – 2 relógios dos One Direction (Bruna, Focus Group 1)



**Figura 5** – Primeiro álbum dos One Direction (Raquel, Focus Group 1)



**Figuras 3** (esquerda) e **4** (direita) – Sweat estampada (frente e costas) (Gabriela, Focus Group 1)



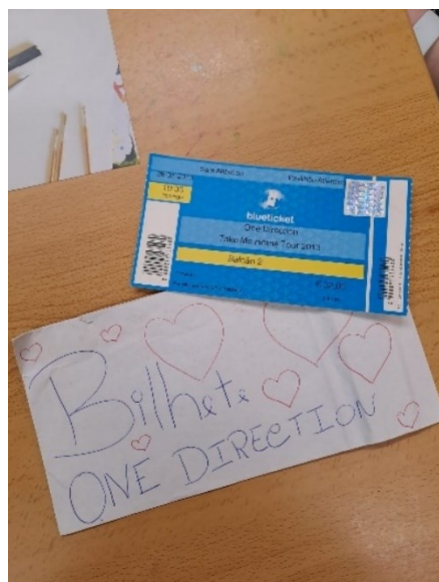
**Figura 6** – Camisola estampada (fotografia)  
(Nádia, Focus Group 1)



**Figura 7** – Joelheira  
(Teresa, Focus Group 1)



**Figura 8** – Emblema de One Direction (na capa académica) (fotografia)  
(Beatriz, Focus Group 1)



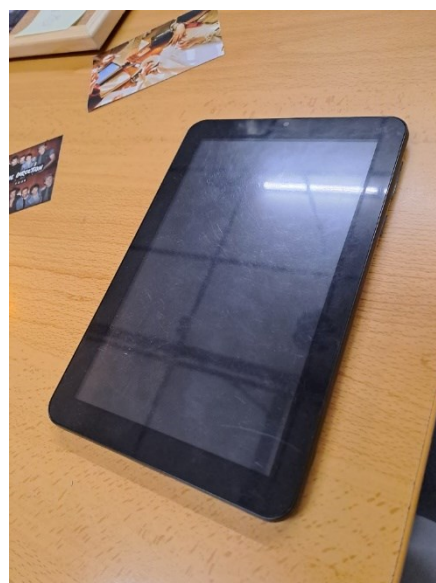
**Figura 9** – Bilhete do concerto dos One Direction (Catarina, Focus Group 2)



**Figura 10** – Camisola dos One Direction (Laura, Focus Group 2)



**Figura 11** – Pulseiras com os nomes dos One Direction (Joana, Focus Group 2)



**Figura 12** – Tablet (Helena, Focus Group 2)

**Atividade 2 – *Idea Board*:** Durante os Focus Groups, um quadro de cortiça está presente no centro da mesa, juntamente com pioneses, fio/cordão, uma tesoura, post-its, canetas e 29 fotografias (estas incluem fotos diretamente relacionadas com os One Direction mas também fotos que retratam temáticas variadas, com o objetivo de estimular a memória e averiguar que possíveis associações cada participante poderá fazer a cada uma delas, com base nas suas vivências). Ao longo do Focus Group, as participantes podem ir preenchendo o quadro à medida que vão partilhando histórias, fazendo conexões entre ideias e recordando memórias marcantes associadas à experiência de ser fã. As adições ao quadro podem ser feitas através de afixação das fotografias, escrita ou desenho nos post-its e afixação dos mesmos, e conexão de ideias/imagens/palavras com o fio/cordão. As participantes são incentivadas a preencher o quadro da forma que fizer sentido para elas, sendo que não há uma única forma correta de realizar a atividade.



**Figura 13** – “Idea Board” do Focus Group 1

Nos post-its lê-se: “Descobrir o pico de felicidade”, “Trauma e felicidade”, “VAS HAPPENING”, “Extraordinharry Amazayn Phenomeniall Fabulouis Brilliam” (com um coração desenhado), “LET’S SPIN THE HARRY”, “Wattpad” (com um emoji de olhos a olhar para o lado desenhado), “THEY RAISED ME!” (com um coração desenhado), “Perfumes”, “Change my mind – Lisboa 2013”, “4 abril 2012 | 26 maio 2013 | 13 julho 2014 | 26 outubro 2015” (com corações desenhados), “Top 3 melhor dia da minha vida! 13.07.2014” (com um coração desenhado), “Ficar acordada até tarde para ver se eles iam ganhar os prémios!!!”



**Figura 14** – “Idea Board” do Focus Group 2

Nos post-its lê-se: “Sentimentos inexplicáveis!”, “ID Diaries”, “#NoControlDay”, “THE WANTED | LOUIS & ZAYN WEED DRAMA”, “Larry Stylinson” (com um coração partido e uma cara triste desenhados), “Wattpad”, “Porque gostas? Porque SIM” (estando o “SIM” sublinhado).

### 3.2. Entrevistas e Focus Groups – Análise de Dados

A análise da informação recolhida nas entrevistas e focus groups será analisada em 3 partes: I) A perceção da banda, a experiência pessoal e identidade; II) A experiência coletiva de ser fã e o fenómeno de fandom; III) As perspetivas de não-fãs e dos *media*. Embora, dentro destas categorias, alguns temas sejam apenas referidos pelas fãs de uma das bandas, a análise das entrevistas e dos focus groups será feita em paralelo, comparando, nas instâncias em que se revelar pertinente, a informação obtida.

Antes de iniciar, deixo ainda uma nota relativamente ao facto de que, como a metodologia adotada incluiu a criação de um ambiente de partilha relativamente descontraído e de conversa orgânica no qual as participantes podiam intervir quando preferissem, podendo optar por elaborar mais ou menos sobre um certo tema, as respostas obtidas a certas questões nem sempre foram diretas. Não obstante, foi possível tirar várias conclusões que podem ser traduzidas em dados quantitativos (para além, claro, de várias conclusões de carácter qualitativo).

#### I) A perceção da banda, a experiência pessoal e identidade

Nesta parte, iremos focar-nos na experiência e perceção pessoal das fãs das bandas, analisando o papel que estas têm nas suas vidas e a relação entre os seus ídolos e questões de identidade.

As fãs de One Direction partilharam como a proximidade sentida com a banda foi um fator importante no despertar de interesse pelo grupo, referindo inclusive os X Factor Diaries, vídeos gravados quando a banda estava a participar no The X Factor e nos quais os membros interagiam entre si e se dirigiam aos fãs de forma descontraída e divertida, respondendo a questões por eles enviadas, partilhando sobre como estava a ser a sua experiência no concurso e dando a conhecer mais sobre as suas personalidades. As participantes falaram sobre como percecionavam os membros da banda e sobre a ligação criada entre eles e a audiência ao longo das suas carreiras, nomeadamente através da sua partilha, postura e interações descontraídas:

Teresa – E os vídeos diários deles eram bué engraçados.

Eu – Os vídeos diários faziam-vos sentir maior proximidade com eles?

Várias – Sim.

Gabriela – Mas acho que, de facto, eles serem assim genuínos naquela fase inicial foi o que também trouxe as pessoas...

Bruna – Eu também sinto que, falo dos traços de personalidade, eles todos têm, tipo, como banda, genuinamente se completavam muito. Tipo eu acho que cada fraqueza de um, era tipo...

Raquel – A força do outro.

Joana – E acho que também foi a ligação tão próxima que eles tinham com os fãs. Não só, tipo, no Twitter, que... Não sei, havia ali uma interação tão forte entre eles. (...)

Laura – Faziam sessões de seguir pessoas...

Catarina – (...) os 1D Diaries. Eu lembro-me perfeitamente que era tipo, aquele momento em que nós, parecia que eles estavam literalmente a falar connosco, e estávamos tipo, em amigos, numas escadas a conversar, tipo... (...)

Joana – [as outras boy bands] Eram assim tipo, super sérias e estavam sempre vestidos de preto e “Oh meu Deus nós somos boyband, somos rapazes, temos que ser levados a sério, masculinidade e não sei quê...”, enquanto que eles eram mais tipo... Criavam memes (...) E também, eu acho que os memes também serviram para, tipo, criar assim uma personalidade sólida neles... Que, não sei, foi muito querido. E chamou-nos muito, acho eu.

Catarina – (...) Mas eles faziam questão de mostrar sempre a personalidade deles, quer nos discursos, quer nas atuações, que acho que nós fãs víamos com outros olhos, que é tipo... Eles estão ali, não é? Sérios, não é, vestidos todos direitinhos e tudo mais, tinha que ser, que era uma gala, mas ao mesmo tempo nunca se esquecem daquilo que está por trás, e acho que isso...

A proximidade estabelecida com a audiência (nomeadamente, através da forma bem-humorada, descontraída e engraçada de interagir com ela) terá contribuído para que as fãs encontrassem nos One Direction apoio e conforto, tendo as participantes partilhado sobre como a banda as acompanhou e “esteve lá para elas”. O espaço seguro criado pelo grupo ajudou as fãs a navegar situações difíceis nas suas vidas, lidar com inseguranças e ter uma fonte de felicidade e apoio que, possivelmente, nem sempre tinham noutras pessoas (como nos colegas da escola).

Bruna – (...) Eu ouvia as músicas deles, e era o chegar a casa, e era tão reconfortante estar a ver vídeos, eu sentia que fazia parte do dia-a-dia deles. Eles faziam-me sentir bem (...) e também a escola onde eu andava, que sentia muita pressão, tipo... Estava a crescer, digamos, é também a

pré-adolescência, que é uma fase um bocado complicada e eu sentia que, de certa forma, tinha uma base neles (...) acho que foi mesmo um pico de felicidade que descobri, e tudo o que também já foi enumerado, as amizades que fiz e etc... Mas eu acho que era mesmo eu estar sozinha e sentir-me bem sozinha porque sentia que estava acompanhada com eles.

Raquel – Eu não tinha pessoas assim na minha escola. E não estou a falar de beleza, estou a falar de... o objetivo deles não era gozar contigo, não era fazer-te sentir inferior, não era... Era tudo do bom, então era do género, aquilo era um refúgio precisamente porque “Epá existem rapazes que tu neste momento gostas e é tipo, pá, são decentes. Gosto de ver estas pessoas, afinal tipo, não é isto que eu tenho na minha escola que é o normal”.

Joana – (...) nas próprias músicas, eles parece que estavam a falar assim muito, tipo, a alguém que seria mais inseguro, e então, óbvio, para adolescentes, isso é música para os nossos ouvidos, literalmente. E estarem ali a dizer, tipo “You’re perfect to me” e não sei quê... “Posso não ser perfeita para não sei quê não sei que mais, mas eu sou para o Niall”.

Catarina – (...) música preferida... (...) a primeira que me veio à cabeça quando perguntaste foi “If I Could Fly” (...) continua a ser ainda a música que eu sinto que eles estão lá para mim (...)

Teresa – (...) lembro-me de estar num intervalo antes de um teste, e a única rapariga da minha turma que também era Directioner, ela estava bué nervosa, e do nada ela pôs um vídeo no YouTube deles e nós sabíamos, tipo, a coreografia. (...) E lembro-me de nós estarmos no meio do recreio, que ela estava bué nervosa, e a pôr a música, e começámos só a dançar a coreografia e a rir. E toda a gente a olhar para nós, a julgar-nos... Que se lixe!

Bruna – Aquela rapariga do filme que diz “I know they don’t know me, but I know they still love me”.

Uma das participantes partilhou, inclusive, que a banda a ajudou a “sair do armário” – “(...) o processo de uma pessoa assumir publicamente a sua identidade/ identificação não heterocisnormativa (...)” (Teixeira, Grave, Aires & Pereira, 2021, p. 83).

Joana – A mim, eles ajudaram-me a ser assim mais... (...) A não ter medo da opinião das outras pessoas (...) mais tarde, ajudaram a que eu também saísse do armário, *you see?* E ficasse mesmo tipo “Eu estou de bem comigo própria, e se as pessoas não estiverem, azar o delas. (...) Isto é a minha vida, não é a vida deles, eu vou vivê-la até ao fim.

A partilha das fãs de Beatles sobre como percecionavam a banda (e também sobre o que despertou o seu interesse e as fez tornar-se fãs) incidiu em temas como o facto do grupo ser diferente, revolucionário, representar algo novo (tema referido pelas 4 participantes), e o facto da música ser alegre (tema referido por 2 das 4 participantes).

Luz – (...) fiquei a conhecer os Beatles porque eu gosto de música alegre (...) para mim, era o mais alegre e suave, que ao mesmo tempo, era uma música que me encantava. (...) Eram bons, distinguíam-se por... A maneira deles se exibirem era, além de ser uma música diferente (...)

Emília – (...) a característica era ser um grupo normal. Nós achávamos que eles eram normais, quer na sua forma de vestir, quer na sua forma de estar (...) tocavam bastante bem (...) E realmente eles levavam-nos... À normalidade, era o gosto pela normalidade (...).

Emília – Eu nunca conheci nada igual, assim num conjunto de união, realmente união do que nos representava, a Humanidade. (...)

Vitória – Naturalmente, nestas questões, eu costumo considerar que há sempre uma catarse coletiva, não é? (...) mas, naturalmente, foi o estilo de música, que na altura eu até me lembro que havia uma expressão, (...) que era: os Beatles tinham sido os iniciadores de um novo estilo de música e de dança, que é o “Ié-ié”. Eu penso que o “Ié-ié” vem de alguns refrões das músicas deles. Portanto, foi basicamente com o estilo de música, que era muito diferente (...)

Margarida – (...) o ritmo alegre, a maneira que eles impunham para a gente também poder dançar aquele estilo sul-africano, não é? E é música alegre, realmente dava-nos, assim, um entusiasmo para nós podermos aguentar aquela semana toda de... Aturar as freiras, não é? (risos)

Outro tema presente nas conversas das fãs de One Direction foi o facto dos integrantes do grupo serem figuras que estas viam como referências, exemplos, e que tiveram um papel formador na sua adolescência, referindo as fãs como os ensinamentos da banda as marcaram e como o facto do grupo ser vocal relativamente a certas causas sociais as impactou – nomeadamente, para uma das participantes, ver os One Direction a trabalhar com a organização de caridade Comic Relief foi o que a inspirou a começar a fazer voluntariado.

Gabriela – (...) a questão de eles serem vocais em relação a certas causas que defendem, se calhar nós hoje em dia também somos vocais em relação a certas causas que defendemos porque

eles nos moldaram a ser assim. Portanto, eu acho que, sobretudo na fase de vida em que estas pessoas se inseriram na nossa vida, também tiveram um papel formador.

Raquel – Estas pessoas...

Gabriela – Educaram-te! They raised me, são a minha adolescência total.

Laura – (...) é como se fosse a imagem da minha adolescência (...) as experiências de vida deles, aquilo que eles ensinam, aquilo que eles cantam, eu levo mesmo para a minha vida, para tudo, e se puder passar a imagem de amor e amizade que eles passaram também enquanto estiveram juntos, para mim já é missão cumprida.

Catarina – (...) olhando para trás (...) tenho muito orgulho neste caminho e nesta história que eu também criei com eles, e na importância que eles tiveram na minha adolescência, que é a fase mais complicada de uma pessoa... A tentar-me descobrir quem eu sou, a forma como eu gosto de estar, o que é que eu gosto de ouvir, a forma como eu quero tratar as pessoas... (...) o fandom, e os One Direction acima de tudo, tiveram um papel muito importante na mulher que eu também sou hoje (...)

Laura – (...) uma das coisas que mais me marcou deles foi quando eles foram a África conhecer crianças subnutridas, com doenças, pronto, que eram claramente desfavorecidas para com o resto do mundo. E aí despertou um bocadinho o meu amor pelo voluntariado, e eu comecei a fazer voluntariado depois disso. (...)

Bruna – (...) ver aqueles vídeos deles lá no Gana, aquilo mexeu de uma maneira comigo, de tipo, pá... E em certa forma deram-me força. “(...) Eu estou aqui a chorar por causa disto, tipo, há pessoas que literalmente não têm o que comer”.

Raquel – Eu acho que nós só na altura, a única coisa é, tu não percebias a importância das causas que eles estavam a apoiar. Mas era só, do género...

(...)

Raquel – E depois à medida que também o tempo ia passando é que iam começando a perceber a importância que as causas tinham...

Nas entrevistas, foi perguntado às participantes se consideravam que se sentiu o impacto político e social dos Beatles nos países em que viveram a experiência de fã, as 4 entrevistadas referiram que não.

Luz – Não. Eu acho que eles fizeram o trabalho deles sem ser incomodados e... Toda a gente gostava da música, e como não conseguiam traduzir nem nada, como eu, toda a gente cantava essa música.

Vitória – Eu penso que isso talvez, Inês, tenha sido sentido de forma mais profunda aqui, na metrópole, admito isso. (...) O ambiente era mais fechado, as pessoas não tinham tanto acesso à informação, e toda a informação que chegaria seria... Nova, era uma informação proibida. Nas colónias não se... Não houve tanto essa percepção da mensagem que eles pudessem ter, eventualmente, para... No contexto político. (...)

Contudo, foram feitas várias referências a como os Beatles eram inovadores, impactantes e associados a liberdade e mudanças de mentalidade, pelo que fará sentido concluir que, embora as entrevistadas consideram que não se sentiu um impacto político direto, 3 das 4 participantes veem a banda como tendo tido uma grande influência social e cultural.

Emília – (...) A liberdade porque o pessoal, ali, estava ali, esquecia tudo, estava... Sentia... Que podia fazer o queria, claro que tinha que ter respeito pelos outros, mas tinha um comportamento espontâneo, sabes o que é, é espontaneidade! A pessoa poder fazer o que lhe apetece e no fim ficar feliz, porque fez as coisas com gosto (...)

Vitória – (...) O que me lembro perfeitamente de estar associado aos Beatles é os comportamentos, portanto, contracorrente dos jovens, o corte de cabelo (...) era “corte de cabelo à Beatle”, era qualquer coisa que até era pejorativo, “Estás a cortar o cabelo à Beatle” (...) Havia estas coisas, porque (...) era muito mais a imagem externa (...) Não se usava cabelo comprido como hoje, os rapazes não estavam autorizados a usar cabelo como hoje. Quando usavam cabelo comprido, “Ah, tem cabelo à Beatle”, quando eles nem tinham o cabelo comprido, tinham o cabelo muito cortadinho (...) Portanto, isto sim, isto era marcante. Portanto, foi mais do ponto de vista social, em termos de diferenciação na apresentação física, de vestir e do corte de cabelo, etc, que destoava, eram diferentes, e portanto quem se apresentava como eles era diferente, na realidade, mais do que até qualquer mensagem política que eles pudessem ter passado.

Vitória - (...) no caso de Angola não se notava assim muito, mas mesmo assim, os Beatles estão, para a minha geração, e um bocadinho mais velha (...) ligados a um estilo de música rebelde. Ouvir aquilo era ir contra as convenções (...) Já nem estou a falar sequer do histerismo, das manifestações, etc, não, era mesmo... Eles eram contracorrente (...) Pronto, os pais toleravam que a gente ouvisse, etc, ouvíamos em festas particulares e não sei quê, mas, pronto, era sempre algo que estava contra a corrente deles, não é?

As fãs de One Direction partilharam sobre se viam os integrantes da banda como exemplos/pessoas que ambicionavam ser como e/ou se idealizavam pertencer à sua esfera pessoal (e sobre como era o tipo de pertença idealizada). A heterogeneidade de perspetivas no que diz respeito a este tema corroborou o que foi referido no capítulo teórico desta dissertação relativamente a como a narrativa de que “as fãs de boy bands apenas veem os seus integrantes como pessoas atraentes com quem desejam estabelecer uma relação romântica” traduz uma compreensão limitada das perceções das fãs. É também relevante ter em conta que “percecionar um artista como atraente” e “fantasiar sobre uma relação romântica com um artista” são premissas que não têm obrigatoriamente de estar presentes em simultâneo. Uma das participantes, Bruna, partilhou que via os membros da banda como atraentes mas que não idealizava uma relação romântica, mas sim uma amizade. Outra participante, Gabriela, referiu, no seguimento de uma participante ter mencionado ouvir muitas vezes o argumento de que a banda só teve sucesso porque os integrantes eram bonitos, que, na altura da sua participação no The X Factor, não percecionava todos como bonitos.

7 das 10 participantes revelaram que idealizavam pertencer à esfera pessoal dos integrantes da banda, enquanto 3 demonstraram uma preferência por manter alguma distância entre fã e artista (quer isto se traduzisse em preferir não conhecer a banda, querer conhecê-la mas não desejar estabelecer uma relação pessoal, ou gostar de fantasiar sobre a conhecer mas desejar que isto se mantivesse como fantasia).

Joana – (...) Eu não sei se gostaria de os conhecer, tipo, gostaria de estar em todos os concertos que eles tivessem obviamente, mas conhecê-los em pessoa não... Acho que não, porque sinto que é demasiado próximo (...)

Laura – (...) acho que não gostava de os conhecer tipo, partilhar grandes momentos com eles. Gostava de... Tipo, eu sempre quis conhecê-los e dizer-lhes tipo “Olha, obrigada...”...

(...)

Laura – ...“Tipo, mudaram a minha vida para sempre e... Não é tipo, *being cheesy*, é mesmo... Guiaram o meu caminho até agora, mas nada mais do que isso, porque lá está, eu... Na minha cabeça eles são aquilo, e até me darem razões em contrário, coisas muito graves, eu vou manter essa ideia comigo.

Helena – (...) Gostava muito de imaginar se os conhecesse e essas cenas, e lia muitas fics, e... Lá está, numa fanfiction cada fã tem a sua interpretação também dos membros, como é que eles são. (...) Mas eu acho que tinha aquela perceção de... Gostava mais de imaginar como é que

era se os conhecesse, do que propriamente chegar ao momento de os conhecer, porque eu acho que ia ter muito medo, ia fugir a sete pés... Porque eu também tinha muito aquele receio de “E se estragar a ilusão?”. Portanto às vezes ficava-me pelo imaginário e preferia ficar por aí.

A partilha das participantes incidiu sobre as suas perspetivas e experiências passadas, mas também sobre a forma como, atualmente, as interpretam. O facto de se ter tido acesso a estes dois tipos de informação foi uma oportunidade bastante interessante, mas esta análise terá o cuidado de os manter separados quando assim fizer sentido – por exemplo, ao considerar experiências como a relatada por Catarina, que idealizava conhecer o grupo e pertencer à sua esfera pessoal na época sobre a qual está a ser feita a retrospeção, mas que indica que, atualmente, não sabe se quereria conhecê-los pessoalmente.

Catarina – Então eu sempre tive muita vontade de os conhecer e de saber como é que eles eram na vida real, mas agora que penso com 24 anos, olho para trás e digo assim “Eu não sei se queria destruir a imagem que eu tenho deles”, porque quando se conhece um artista... É muita pressão e... E eles podem não estar nos seus dias, como nós temos os nossos, tipo, *bad days*, não é, e... Eu acho que não sei se quero, e neste momento não quero, de todo, destruir a minha... O que eu fantasiei, o que eu idealizei deles. (...)

Algumas participantes comentaram sobre como a idealização de pertencer à esfera pessoal dos membros da banda parece ter tido origem no facto destes começarem no The X Factor, sendo por elas percecionados como “pessoais normais”, “pessoas como elas”, referindo as fãs também que, previamente à sua carreira como artistas, Harry Styles trabalhava numa padaria e Louis Tomlinson numa “Toys “R” Us”. Este tema de perceção de normalidade foi também referido por uma das fãs de Beatles, Emília: “Talvez nós gostássemos daqueles rapazes que nos pareciam normais, não é, não associávamos a... Não nos eram estranhos, mas eram diferentes”.

Relativamente a qual era o tipo de relação idealizada pelas 7 fãs que desejavam pertencer à esfera pessoal dos membros dos One Direction, 5 idealizaram uma relação romântica.

Raquel – No início, era casar.

Nádia – Eu acho que, primeiro, por exemplo, inicialmente foi romanticamente, inicialmente, mas tipo obviamente que eu sabia que não ia acontecer, mas pronto é aquela coisa...

Teresa – (...) mas em relação ao Harry era bué tipo “ya”, ainda por cima ele é bué próximo da minha idade. Os outros era mais tipo amizade.

[no seguimento de ter referido que escrevia histórias para o Wattpad] Beatriz – (...) e então íamos lendo os capítulos umas das outras e não sei quê... E era muito aquela sensação que “(...) okay, eu vou ter que ser a gaja mais gira do concerto porque naquela história do Wattpad que eu, ele via-a e ela destacava-se de todas as outras e apaixonava-se”. Ou então “Eu vou-me cruzar com ele numa loja qualquer (...) vamos cruzar olhares e vamo-nos apaixonar automaticamente”.

Catarina – Eu acho que, pronto, eu sempre os vi como uma referência ao longo do meu crescimento (...) e sempre os vi como uma referência e como se eles fossem meus amigos, meus namorados também, pronto... (...)

É importante notar também casos em que há um *overlap* de perceções, como quando Teresa menciona que idealizou uma relação romântica com um dos membros do grupo e uma amizade com os outros, ou quando Catarina refere que viu os membros da banda como referências, idealizou amizades e idealizou relações românticas. Para além destes casos de *overlap*, 1 participante referiu idealizar estabelecer amizades e outra, embora mais ambígua nas intervenções sobre este tema, transpareceu que também era este o tipo de relação que idealizava.

Bruna – (...) e, oh pá, adorava estar no círculo de besties deles, por amor de Deus!

Gabriela – (...) eu acho que, mais do que tu queres ser próxima a eles, tipo, próxima de personalidade, tu não queres ser como eles. Tu gostas da forma que tu és e gostas da forma que eles são. Tu queres pertencer ao círculo deles, ou seja, como amiga, como... Depois havia, não é, dentro dessas fics do Wattpad, casavas com não sei quem...

Outras perspetivas e perceções partilhadas incluem a de Laura, que via o grupo “como irmãos mais velhos, ou amigos muito próximos”, e a de Joana, que ambicionava ser como um dos membros da banda.

Laura – (...) eu nunca os vi como, tipo, alguém que eu gostasse de namorar, e isso era das coisas que as pessoas mais acusavam, era “Ah, tu só querias casar com eles” (...) e eu nunca senti essa vontade. Eu via-os mesmo como irmãos mais velhos, ou amigos muito próximos, por isso eu tomava um bocadinho as ações (...) e as atitudes que eles tinham como um conselho de uma pessoa que fosse relativamente da minha idade, e que gosto... Mas, lá está, nem tudo o que eles

faziam era certo e eu passava sempre o pano por cima, até crescer e entender que algumas das coisas que eles faziam não eram propriamente as corretas.

Joana – Eu queria ser como o Louis.

(risos)

Joana – Ele era assim uma presença super forte, era super engraçado, era... Sim, ele podia não cantar muito lá no início (...) mas ele era... Toda a gente conhecia... (...)

Relativamente a se as fãs de Beatles os percecionavam como exemplos, se idealizavam conhecê-los, se desejavam pertencer à sua esfera pessoal, se queriam ser como eles, ou se tinham outro tipo de perceções e idealizações, as respostas das entrevistadas revelaram heterogeneidade: uma das participantes, Emília, partilhou que os via “à distância” e que não pensava sobre apaixonar-se por nenhum dos integrantes; outra participante, Vitória, referiu: “(...) tendo em conta que eu tinha 10 anos, provavelmente eu não teria tanto essa... Não iria tanto nesse sentido, mas, é assim, eu também já não me lembro completamente, mas imagino que quisesse conhecê-los e estar com eles, da mesma forma que me apaixonava facilmente por alguns artistas de cinema. E então tinha paixões assolapadas, não é, como qualquer... Portanto, naturalmente devo ter... (...)”; Margarida partilhou sobre como gostava de adotar a estética do grupo: “(...) houve uma fase que eles se vestiam todos de preto, e eu então resolvi também vestir-me à Beatle, e cortar o cabelo também assim um bocado à Beatle, (...)”. Tal como no caso das fãs de One Direction, é possível observar que as respostas obtidas reforçam a ideia de que afirmar que “as fãs de boy bands apenas consideram estes artistas atraentes e desejam uma relação romântica com eles” representa uma perspetiva bastante redutora deste fenómeno.

Algumas participantes dos focus groups referiram que, embora valorizassem o facto da banda ter uma postura descontraída e genuína, detetaram a determinada altura que passou a haver um maior controlo relativamente ao que os membros dos One Direction diziam. Considero isto importante de salientar, considerando que, como vimos em secções anteriores, as fãs de boy bands tendem a ser, injustamente, retratadas como consumidoras culturais “manipuladas”, “seduzidas” e “com menos faculdades críticas”. A partilha proporcionada pelas participantes permitiu pintar uma imagem com mais nuances, revelando como as fãs reconheceram que estava presente um certo controlo por detrás dos seus ídolos e detetaram mudanças no mesmo, e que simultaneamente fazem retrospeções sobre como é possível que certas coisas que percecionaram relativamente à banda tenham sido fruto de uma “manipulação” – estas questões não são mutuamente exclusivas, é realista considerar que as jovens fãs estão conscientes da

existência de manipulação na forma como as celebridades são apresentadas à sua audiência (e que têm a perspicácia de detetar mudanças na mesma) e que, simultaneamente, podem não identificar todas as instâncias em que algo está a ser manipulado (considero, contudo, importante referir que isto será, muito provavelmente, algo que se aplica à esmagadora maioria das audiências de celebridades – é plausível afirmar que audiências que não são constituídas por raparigas jovens são capazes de identificar sempre e com exatidão todas as instâncias em que as celebridades que idolatram são mais ou menos manipuladas? Não considero que seja).

Raquel – Mas uma coisa que eu gostava muito neles é que eles eram muito eles próprios. Não era essa, imagens...

Bruna – Até certo ponto, até certo ponto...

Raquel – Nesta altura.

Gabriela – Mas acho que, de facto, eles serem assim genuínos naquela fase inicial foi o que também trouxe as pessoas...

Bruna – Sim, sim! (...) tipo, a partir do “Four”, tu notas aquilo a descambar a 100%.

Raquel – Tudo completamente controlado, o que eles diziam...

Raquel – (...) Ver alguma coisa e pensar “Esta pessoa ia gostar de ver isto”, ou “Ia gostar daquilo”. O facto de tu sentires que conheces aquelas pessoas. (...)

Bruna – Ya! Okay, também percebo, percebo o que estás a dizer.

Nádia – “Ia gostar de ver isto”...

Gabriela – Mesmo que isso não fosse necessariamente verdade. Se calhar muito disso foi-me manipulado, mas na altura, para ti era tipo, ya.

(...)

Bruna – Eu acho que o “Midnight Memories” foi tipo...

Raquel – A viragem.

Bruna – A viragem, e a partir daí foi tipo... Ehh...

Raquel – Começaram a ser controlados.

Helena – (...) E aquilo que nós percebemos não é tecnicamente a realidade, lá está, nós pensávamos que eles se davam todos muito bem mas afinal, dentro do próprio grupo, havia discordâncias, que nós não nos apercebíamos. (...)

É também relevante mencionar que de uma forma geral as participantes falaram da banda com um grande apreço e carinho, revelando o quanto estes artistas marcaram a sua adolescência e como valorizavam a proximidade sentida entre eles e a sua audiência. Na seguinte passagem, algumas das participantes partilham sobre o desejo de conviver com a banda, inclusive referindo dois videoclipes que parecem “convidar” a que os espetadores se imaginem nessa posição, o primeiro de forma mais direta que o segundo, devido à forma como foi gravado – “Night Changes”, que segue os acontecimentos de cinco encontros românticos, cada um com um dos integrantes da banda, e que é gravado em plano subjetivo, sendo o ponto de vista proporcionado ao espetador o do par de cada um dos membros; e “Live While We’re Young”, que mostra os One Direction num ambiente de animação e diversão, com diversas atividades ao ar livre, sendo que nalguns momentos estão também acompanhados de outros jovens.

Bruna – Esta fase é tão, tipo... Dá-me vontade de chegar aqui tipo “Olha, podemos ir tomar um café juntos? Tipo, vocês têm bué dinheiro, paguem”...

Nádia – Eu adorava ir sair à noite com o Louis!

Bruna – O videoclipe do “Night Changes”, aquilo na altura encheu-me o coração de uma maneira louca!

Raquel – Éramos nós!

Bruna – Eu fiquei tipo “Oh my God, tipo, não quero que me beijem, tipo paguem-me e façam-me rir!”.

(...)

Beatriz – Há o videoclipe do “Live While We’re Young”, tipo eles estão lá todos...

Nádia – Ya, só te apetece estar lá, tipo...

As 4 fãs de Beatles também partilharam sobre como estes artistas as marcaram, e revelaram um grande carinho pelas memórias associadas à banda, cujas canções ainda gostam de ouvir (uma das participantes, Margarida, refere inclusive que também ouve as novas músicas que Paul McCartney lança).

Luz – (...) Gosto na mesma. (...) se eu estivesse com o aparelho [de LP] direito, eu ouvia os Beatles encantada na mesma, como anos atrás.

Emília – (...) nunca me esqueci deles. Portanto, acho que segundo me diz a minha professora de Cérebro e Memória, nós temos Memória Afetiva e Memória Racional, e Memória Afetiva

nós nunca a perdemos, tenhamos a idade que tenhamos (...) eu nunca me esqueço disto, para mim foi um nome que ficou sempre, e que nunca esqueci. (...)

Emília – (risos) Isto despertou-me, quando me apareceram “É para falar dos Beatles”, aí isso é que eu gosto! (risos) Era um tema... É um tema que me caiu em cheio...

Vitória – (...) Sobre o impacto que eles tiveram em mim, obviamente são uma banda que eu diria fundadora dos meus gostos musicais, não é? (...) Como há outras, mas os Beatles muito especialmente. Eu ainda hoje regularmente oiço músicas dos Beatles. E não é por saudosismo, é mesmo porque gosto e porque me tocam, portanto, interiormente, não é? (...)

Margarida – Olha, tenho pena de não ter outra vez 13 e 14 anos para viver essa vida boa (...) A vida vai-nos mudando, vai-nos transformando, não é? Não quer dizer que eu hoje, se não ouvir uma canção dos Beatles... Pronto eu fico assim meia... Meia maluca, meia maluca, não é? Porque realmente gosto imenso de os ouvir. (...) Foi esta semana que nós estivemos a pôr o disco, nós começámos logo ali a dançar, tanto eu como o meu marido, não é? (risos). (...)

## **II) A experiência coletiva de ser fã e o fenómeno de fandom**

Nesta parte, será explorado o fenómeno de fandom, o que incluirá abordar a experiência de ser fã em comunidade e a participação em atividades de fã (que podem, ou não, ser realizadas coletivamente).

Um tema que marcou as conversas das fãs de One Direction foi o das amizades, conexões, apoio e a compreensão proporcionados pelo fandom. Momentos como a espera na fila de um concerto proporcionaram a criação de amizades, as redes sociais (nomeadamente o Twitter) potenciaram a conexão entre Directioners, e os meetings e flash mobs organizados pelas fãs representavam oportunidades de convívio. É também interessante notar como algumas fãs podem optar por participar da experiência de ficar na fila de um concerto não por necessidade de garantir que conseguem ficar num lugar específico durante o espetáculo, mas pelo convívio associado ao momento de espera – Gabriela partilhou que: “(...) fui para ambos com alguma antecedência, e sem necessidade, porque eram lugares sentados..”, “Não tinha essa necessidade mas fui exatamente pelo convívio! Porque havia pessoas que eu andei o ano inteiro a falar e queria estar com elas naquele dia. E pronto, e algumas dessas amizades mantêm-se até hoje (...)”; e Teresa referiu que: “Eu tinha lugar sentado, mas como queria ir com pessoas que não tinham, eu fui mais cedo.”. Em “Fangirls: scenes from modern music culture” (2019), Ewens analisa os

momentos de espera em filas de concertos por parte de fãs e refere que “ao fazerem fila, estão a transformar a espera que poderia irritar ou ser ignorada por ti ou por mim numa pequena pausa da realidade.” (Ewens, 2019), e que ““Fan-made time” é um conceito académico na teoria de fãs, que descreve a forma como os fãs criaram todo um método para desfrutar de algo. Refere-se à espera entre o presente e o evento antecipado (a data de lançamento de um álbum, a noite de um concerto), que os fãs transformaram numa experiência especial que é tão divertida, muitas vezes, como a própria coisa” (Ewens, 2019).

A pertença ao fandom é algo que as participantes dos focus groups veem como positivo, valorizando o apoio que sentiam por parte desta comunidade e as amizades criadas (algumas, inclusive, acompanharam-nas até à vida adulta). A empatia, compreensão, apoio, pertença e amizades proporcionadas pelo fandom foram um tema referido por 7 das 10 participantes.

Bruna – (...) e é isso que foi super importante para mim porque eu fui acampar uma semana antes para o concerto e tipo, eu fiz amizades com mesmo muita gente (...) eu tinha cerca de 13 anos, e toda a gente à minha volta tinha tipo 19, 18, 17 (...) E estava lá também um bocado com a minha mãe. E no dia do concerto eu não sabia que havia VIPs, então estava tipo plena confiança que ia ser a primeira a entrar, porque eu era a 1 (...) Mas turns out que eu fiz amizades com as pessoas do VIP, e pá elas viram que eu estava lá imenso tempo e deixaram-me entrar com elas. (...) os VIP entraram primeiro e elas guardaram-me lugar, eu fiquei tipo na primeira fila, e deram-me um bocado do merch, e foi tipo super importante porque tipo, consegui perceber que também há pessoas boas no fandom e, pronto, também fiz amizades a partir daí.

Teresa - E foi incrível porque eu não conhecia ninguém (...) tive de comprar para a zona sentada porque eu não podia estar de pé, por causa do joelho, e as raparigas que estavam na fila, que não me conheciam de lado nenhum, tipo, foram incríveis, passaram o dia todo comigo, fizemos grande amizade, e depois na altura em que abriram as portas estava toda a gente a correr feita louca, eles fizeram tipo uma cena à minha volta para ninguém me empurrar por causa do joelho, e marcou-me imenso.

Gabriela – (...) eu acho que isso é mesmo, para mim, aquilo que eu mais associo aos One Direction é aquilo que eu recebi, muito mais do que aquilo que eu dei. E não foi só a música deles (...) foi as amizades que eu criei. (...) eles [One Direction] entretanto seguiram as suas carreiras a solo como nós sabemos, e, sei lá, eu há menos de 1 ano atrás passei uma semana tipo quase a pão e água com estas 2 pessoas, que não as conhecia de lado nenhum, e hoje em dia são das minhas melhores amigas porque isto aconteceu há 10 anos atrás na minha vida (...) e ainda agora, com 24, continua a nascer este espírito de entreaajuda e de amizade que fica (...)

Joana – (...) eu tenho depressão e costumava... Cortar-me. E as pulseiras serviam para tapar essas coisas e também para prevenir, e era uma forma de... As pessoas faziam-me bullying, diziam mal (...) e isto servia para ficar tipo “Não, tens aqui uma comunidade que gosta de ti, (...) que está contigo, e tu não és doida nem nada por gostar deles, por isso, *it's okay*”.

Catarina – (...) E isto do fandom e tudo mais, nós poderemos relacionar-nos com pessoas e ver essas pessoas nos concertos é... “(...) Gostamos as duas, então é tipo, vamos fazer tudo o que nós quisermos, que não há julgamentos, posso dançar, posso levantar os braços, posso...”...

Joana – Chorar.

Catarina – Chorar imenso, que ninguém vai dizer “Olha para ela, está ali toda a chorar, a berrar...”, não, deixem-me estar...

Laura – (...) acho que na adolescência é sempre difícil encontrar pessoas que realmente são tuas amigas e querem o teu bem, e para mim concertos e artistas eram a melhor maneira de encontrar as minhas pessoas. E encontrei e ainda fazem parte da minha vida e eu adoro isso, porque tenho sempre pessoas com quem berrar quando eles lançam coisas novas, e não seria a mesma coisa se fizesse isso sozinha, portanto, sim, ajudou não só a eu conhecer as pessoas, mas a fortalecer e a entender o que é que realmente é ter um amigo... Porque, lá está, não havia julgamentos, não havia bocas (...)

Bruna – Eu fui a imensos [meetings] do Dragão. (...) Mesmo tipo a 1D World, quando veio cá e o caraças, tipo, nós não tínhamos isso<sup>41</sup>, então tipo... Para nós, os meetings era tipo, a maior proximidade que nós íamos ter, não digo com um concerto, mas tipo, com... Então, quando o “This Is Us”, na altura...

Gabriela – Convive-se fora do concerto.

Bruna – Ya, é isso, então eu sinto que o Twitter (...) Proporcionou, realmente, ser amiga de muita gente, não é? E a acessibilidade à informação deles, da pouca que se tinha na altura. Mas maioritariamente, tipo, a organização de algo para a gente estar junta.

Raquel – (...) eu via no Twitter, do género “Olha, a 1D World vai ao Colombo, quem é que é de Lisboa, tipo, que possa comprar x?”, depois... Tu nem querias saber, tu deste a morada a alguém que conheceste tipo há 2 semanas atrás porque essa pessoa vai ao 1D World e tipo vai-te mandar...

---

<sup>41</sup> A participante refere-se a como as fãs que viviam longe de Lisboa não tinham acesso à loja pop-up 1D World, que apenas esteve na capital.

Gabriela – Isto, hoje em dia, eu acho que continua a prevalecer (...) Ou seja, esta entreajuda, que já na altura tu vias pelo Twitter (...) Há uma solidariedade associada aos fandoms (...)

Raquel – Porque tu percebes!

Teresa – Tu percebes o que é que a outra pessoa está a sentir.

Mesmo posteriormente aos anos de atividade da banda, ser fã de One Direction (e das carreiras a solo dos integrantes da banda) continua a proporcionar oportunidades de criação de amizades, referindo algumas das participantes que estabeleceram relações devido a este interesse comum, já nos anos posteriores à banda anunciar o hiato.

Nádia – (...) há um rapaz da minha turma (...) a namorada dele também é mesmo fã dos One Direction e do Harry, e ele ficou tipo "A Cristiana também... Pá, tens que falar com ela porque ela adora-os também, quer bué ir ao concerto...", e começámos a falar por isso.

Beatriz – (...) basicamente a maior parte das minhas afilhadas de faculdade são minhas afilhadas porque viam o emblema e foi do género... "Directioner". E uma das minhas afilhadas escreveu mesmo uma carta a pedir para eu ser madrinha mesmo com referências aos One Direction (...)

Também houve casos de participantes que falaram sobre viver a experiência de ser fã de One Direction com pessoas que já conheciam anteriormente, como a partilha de Helena sobre como não fez amizades diretamente através do fandom, mas que a sua melhor amiga também gostava da banda e, atualmente, por vezes ainda conversam sobre ela.

É importante notar ainda que o facto das participantes reconhecerem que o fandom lhes proporcionou experiências bastante positivas não impediu a adoção de uma postura crítica relativamente a certas ações e atitudes de alguns fãs com as quais não concordam (como pressionar os membros da banda relativamente a conspirações e especulações de uma suposta relação romântica entre eles, e hostilizar as mulheres que tinham proximidade ao grupo).

Outro tema abordado nos focus groups foi o impacto e poder dos fandoms e das fangirls, tendo as participantes falado sobre como a dedicação das fãs teve um papel importante para os One Direction conseguirem alcançar o nível de sucesso a que chegaram. O impacto dos fandoms e das fangirls na indústria da música é notório, e as participantes partilharam sobre o esforço e dedicação por elas direcionados à banda.

Gabriela – (...) mas acho que os One Direction só chegaram onde estão, e esses recordes todos (...) só aconteceram porque existia um fandom mesmo muito grande que de facto tinha uma dedicação acima da média. Eles têm quase todos os prémios que foram nomeados... Não é quase, é todos! Todos os prémios que foram nomeados por popularidade, se era número de tweets, se era número de visualizações (...) nós éramos capazes de deixar os computadores ligados a noite inteira...

(...)

Raquel – No YouTube 24h, em loop.

Gabriela – Exatamente. Ou seja, havia aqui uma dedicação...

Bruna – Faltar às aulas para ouvires tipo, o videoclipe na hora que saísse! (...)

Raquel – Eu pedi à minha professora de Inglês para sair porque “Vai sair o videoclipe dos One Direction”. Era o “One Thing”, na altura. E saí, fui ver para a biblioteca, e voltei.

Bruna – (...) eles nem sabem quem é que eu sou, mas eu tenho plena noção que eles estão gratos pelo que nós fizemos, e eu estou muito grata porque... Sinto que era tipo um trabalho mútuo (...)

[após serem referidas as entregas de prémios] Laura – Ya, relacionado com isso, mostrou principalmente que um grupo enorme de raparigas de 13 e 14 anos com o poder da Internet conseguiam fazer o que nós queríamos. Para lhes dar, para aumentar o reconhecimento deles, e aí eu percebi, tipo, realmente, se nos juntarmos podemos levá-los onde eles quiserem. (...)

Joana – (...) o No Control Day (...) Eu gostei tanto desse dia, porque era tipo, parece que nos estávamos a juntar a um membro do grupo que estava assim menos visto e não sei quê, então começamos a ligar a rádios e a todo o lado, e virou notícia... Era tipo “Neste dia, todas as rádios têm que passar o “No Control”, passem, passem, passem!”, e eu estava sempre a mandar tweets à RFM, à Comercial (...)

Catarina – (...) e acho que o “This Is Us” foi muito importante também para isso, para nós percebermos que somos muito importantes na vida deles, sim, também, e fomos nós que os colocámos onde eles estão agora (...)

A dedicação e capacidade de organização e mobilização do fandom vê-se também em histórias como a que Beatriz partilhou, na qual um grupo de fãs conseguiu a mudança de local de um evento de âmbito nacional:

Beatriz – (...) no concerto do Porto quem foi comprar o bilhete foi a minha mãe, eu tinha treino de patinagem nesse dia (...) depois coincidentemente calhou nesse mesmo fim-de-semana o campeonato nacional de patinagem artística (...) e foi um descalabro porque como é que eu vou às duas coisas no mesmo dia ao mesmo tempo? (...) havia muita gente na patinagem que também ia ao concerto e ficaram todas indignadas (...)

(...)

Beatriz – Nós organizámos, recolhemos imensas assinaturas para mandar para a Federação para eles mudarem o campeonato de sítio para o Porto, para conseguirmos ir ao concerto. (...)

Quando questionadas sobre se o interesse pelos Beatles foi algo vivido em grupo (se os fãs se juntavam para ouvir a música da banda e falar sobre ela, por exemplo), as fãs da banda partilharam diferentes perspetivas: 1 participante, Margarida, partilhou que o gosto pelos Beatles a levou a conhecer outras fãs com que teve a oportunidade de partilhar este interesse. 2 participantes, Emília e Vitória, disseram que o gosto pelos Beatles foi algo que viveram em grupo, mas não com pessoas que conheceram através do interesse pela banda – experienciaram-no com amigos que já conheciam antes. 1 participante, Luz, referiu que viveu o interesse pelos Beatles em grupo, nomeadamente devido ao facto da sua casa ter sido um sítio onde amigos se reuniam para ouvir música.

Margarida – (...) andava no Colégio de Freiras na África do Sul, e depois tínhamos os fins-de-semana que a malta... Levava-se discos, e então a gente dançava ao som dos Beatles e era uma festa completa não é? E pronto, começámos por aí, depois foi aquela Beatlemania (...) Estávamos sempre mortinhas que chegasse sábado e domingo, que não tínhamos aulas, para realmente, podíamos ouvir os Beatles (...) era o nosso espetáculo, era ouvir a música deles.

Margarida – (...) Onde eu me apanhava com as asas um bocadinho mais libertas era quando andava realmente no colégio, então aí a gente libertava-se um bocado, e formávamos assim um grupo tipo Beatles e cantávamos e dançávamos e... Já estávamos fora... Fora dos pais, não é? (risos)

Eu – O gosto pelos Beatles foi algo que viveu em grupo?

Emília – Ah, sim, sim! Sim, porque nós andávamos na faculdade, nesses anos eu andava a estudar, e portanto falávamos muito nisso, não é?

(...)

Eu – E o interesse pelos Beatles levou-a a conhecer outras fãs, a começar amizades?

Emília – Isso não. As minhas amigas eram as mesmas.

Eu – E o gosto pelos Beatles foi algo que viveu em grupo? Ou seja, os grupos de amigos juntavam-se para ouvir, para falar da banda?

Vitória – Sim, sim, sim, sim, sim, sem dúvida. E nas festas. Era, portanto, era, no fundo, eram ídolos que a gente adorava em conjunto, em festas que faziam nas casas uns dos outros.

Eu – E este interesse pelos Beatles levou-a também a conhecer outras fãs, a começar amizades? Houve novas relações que começaram por causa do gosto pela banda?

Vitória – Não, não necessariamente, acho que não. No meu caso, era ouvido entre as pessoas, portanto... Grupos de que já éramos amigos.

Eu – E o interesse pelos Beatles levou-a a conhecer outros fãs e a conhecer outras pessoas?

Luz – Sim. Tudo o que era novidade nessa época eu, como lhe disse, a Vadecca encarregava-se de me dizer e mandava (...) os discos, para ver se eu... (...) era pelo meu marido que mandava, e eu geralmente comprava tudo (risos).

Luz – (...) Era uma época que não se convivia assim como se convive agora.

Eu – Não havia se calhar a partilha à volta dos grupos, se calhar.

Luz – Não, não. Aqui a minha casa é, desde que mandámos construir esta casa, é que começou a juventude vinha de ali, vinham daqui, vinham de acolá, porque era a única casa que, onde se sabia que se distraíam ouvindo música (...)

Fará sentido concluir que o advento das redes sociais foi um dos principais impulsionadores para que a experiência de fã permitisse estabelecer tantas conexões através de interesses comuns – claro que, previamente a isto, ser fã já potenciava conhecer novas pessoas e criar amizades, mas as redes sociais revolucionaram o funcionamento dos fandoms, permitindo um nível de comunicação e conexão completamente diferente. A Internet e as redes sociais permitiram, inclusive, que a experiência de fã pudesse ser vivida com uma maior sensação de proximidade e pertença por parte dos fãs que não vivem no mesmo país que a banda (neste caso, Reino Unido), que tendia a ser onde havia mais concertos, discos, grupos/clubes de fãs, entre outras oportunidades de interagir com o fandom. Este contraste de experiências ficou claro ao analisar, em paralelo, os relatos das fãs de Beatles e de One Direction.

Diversas atividades de fã foram referidas durante as dinâmicas. Nos focus groups com fãs de One Direction, mencionou-se, nomeadamente, conversar com outras fãs, ouvir as canções, ir a

concertos, ir a meetings, participar em flash mobs, comprar/coleccionar merchandising (como pulseiras, colares e perfumes), decorar o quarto com fotos/papel de parede da banda, escrever e/ou ler fanfictions e estampar peças de roupa que vestiram nos concertos. Nas entrevistas com fãs de Beatles, referiram atividades de fã como comprar/coleccionar discos, ouvir as músicas, escrever as letras das canções e aprendê-las, conversar com outras fãs, cantar e dançar em grupo e ter fotografias da banda no quarto.

Uma questão de relevo no contexto da análise de fandoms e fangirls é a consideração do potencial que as fangirls têm como especialistas em diversas áreas da indústria da música, nomeadamente devido ao seu conhecimento, dedicação e experiência. Como referido previamente, a perspetiva de Hopper é uma que considero da maior pertinência: “Substitui a palavra 'fangirl' por 'expert' e vê o que acontece.” (Hopper, 2021). A dedicação e entusiasmo das fãs de boy bands traduz-se várias vezes na obtenção de um grande conhecimento sobre artistas, música, marketing, organização de concertos, redes sociais e cibercultura, e sobre o funcionamento da indústria da música em geral. Este conhecimento pode ser adquirido, nomeadamente através das suas vivências pessoais – por experienciarem diretamente e com grande envolvimento o que é ser fã (o que pode incluir acompanhar o processo de lançamento de um álbum, aguardar em filas de concertos, trocar ideias com outras fãs, seguir cobertura mediática dos seus ídolos, entre outras experiências), as fangirls têm o potencial de oferecer uma perspetiva particularmente interessante nas Indústrias Criativas. As seguintes transcrições dos focus groups são bastante interessantes de considerar no contexto deste tema, ilustrando como as fangirls estão dotadas de conhecimento sobre os seus ídolos e a sua indústria, assumem uma posição crítica relativamente a métodos e sistemas de organização que revelam não ser os que permitem as melhores experiências nos concertos, e têm o dinamismo e proatividade para se organizar de formas que se apresentam como mais benéficas para a audiência:

Laura – (...) tanto no Dragão como agora no concerto do Harry, eu acampeei para ambos os eventos (...) simplesmente porque eu sabia que num concerto (...) De uma dimensão tão grande, eles nunca estudam a população que vai atender esse concerto, eles generalizam uma ideia de “O concerto é às 19h, as pessoas vão começar a aparecer às 17h, e é a partir daí que se forma a fila”, e toda a gente que suporta estes artistas sabe que não vai acontecer isso.

Eu – Ah, então é a empresa em si de organização que não percebe?

Laura – Exatamente, eles não entendem que certo tipo de artista vai trazer pessoas diferentes que não estão habituadas àquele tipo... Porque não é isso que nós vemos nos concertos nos outros países. Eles generalizam essa ideia, portanto eu acampeei sempre com um sentido de “Eu

vou começar a fila, eu e as minhas amigas, e depois, tipo, vai seguir de uma forma mais organizada, só porque nós já sabemos o que é que é esperado das pessoas que vão atender o evento, e estamos quase a precaver aquilo que vai acontecer, e foi exatamente isso que aconteceu agora num concerto do Harry, até que a organização acabou a seguir o nosso sistema porque era o que ia resultar para a segurança de toda a gente. (...) a partir desse momento [concerto no Estádio do Dragão] acho que foi quando as pessoas começaram a incutir um bocadinho mais o *camping culture* (...) acho que foi aí que as pessoas começaram a levar mais a ideia de, tipo, “Vamos organizar-nos ao máximo para as pessoas de direito verem o quão organizado pode ser, que as pessoas não têm que estar a desmaiar, a ir para o hospital, a sentirem-se mal (...) queremos todos ver o evento, portanto, tipo, vamos fazer o que é possível para fazer isso acontecer.

Catarina – (...) “Okay, tu queres ser o número 1, tudo bem, então vamos funcionar desta forma”. Não é “Os próximos que vierem, começa-se a formar fila então...”. E acaba por ser uma coisa muito mais tranquila, e acho que mesmo as próprias entidades promotoras dos concertos criam estas quezílias, é assim “Eu não te vou dar informação nenhuma”, ou...

Laura – “Não é permitido”, e depois acabam a seguir as tuas...

As raparigas jovens fãs de boy bands detêm conhecimentos, skills, dedicação e experiência que as podem tornar nas artistas, críticas musicais, organizadoras culturais, jornalistas musicais, académicas e investigadoras nas áreas de estudos de fãs e cultura pop, e managers do futuro – a sua experiência como fangirls é uma mais-valia.

Quer as skills desenvolvidas no contexto dos fandoms sejam utilizadas para desempenhar uma atividade profissional (nomeadamente, nas Indústrias Criativas) ou não (sendo também válido se uma fã preferir, por exemplo, direcioná-las a hobbies), não deixa de ser relevante sublinhar que os fandoms têm um grande potencial como comunidades de aprendizagem e desenvolvimento de variadas skills. – cantar, tocar um instrumento, dançar, coreografar, desenhar, editar vídeos, aprender línguas, organizar projetos colaborativos (como flash mobs), entre outras. Beatriz, fã de One Direction, e Margarida, fã de Beatles, referiram como ser fã destas bandas lhes permitiu desenvolver os seus conhecimentos de Inglês:

Beatriz – Academicamente, eles sempre me ajudaram muito, porque na altura, antes de começar a ouvir One Direction, eu não era assim tão boa a Inglês. Mas depois comecei a ouvir One Direction e, quando era mais velha, eu trabalhei em restaurantes e atendia pessoas mesmo britânicas, “Ah quantos anos é que estiveste em Inglaterra? Trabalhaste lá?”, e não sei quê, e eu “Nunca estive lá”, “Mas o teu inglês é fluente, é perfeito” (...)

Margarida – (...) Foi no colégio que realmente, pronto, com um grupo de colegas, porque era um colégio Inglês, não se podia falar Português, e a gente tinha que aprender nem que não quisesse, portanto a gente juntava-se, o grupo das portuguesas, não é, para começarmos a cantar tudo em Inglês, que era para a gente realmente engatar no Inglês ainda mais facilmente (risos).

### III) As perspetivas de não-fãs e dos *media*

Nesta parte, irão ser explorados os relatos das opiniões e vivências das participantes relativas a perspetivas e opiniões de não-fãs, assim como dos *media*. Abordar-se-á também a forma como as fãs veem e/ou respondem a estas perspetivas.

A partilha das participantes dos focus groups relativamente às opiniões e comentários de pessoas externas ao fandom inclui vários relatos de situações em que, por serem fãs de One Direction, foram julgadas ou alvo de gozo. Também houve referências a como este interesse era tratado como uma fase, algo passageiro, e de que as fãs iam mais tarde envergonhar-se. As 10 participantes referiram o julgamento direcionado às fãs de One Direction, que podia materializar-se em gozo, desvalorização, desrespeito, ou ódio, e acontecer pessoalmente ou através de redes sociais.

Teresa – Eu fui muito, muito julgada.

Bruna – Eu fui, mas tipo, felizmente, tenho um traço de personalidade de não querer saber.

Teresa – (...) O que me magoava mais nem era ser julgada por pessoas que não me conhecem. Mas era tipo, amigos e família tipo “Ai, pronto, agora vai ser pita histórica, vai lá ver os One Direction”, e não sei quê...

Laura – (...) Eu acho que todas sofremos um bocadinho disso na escola, quem gostasse de qualquer artista, principalmente os One Direction, era... Sofria daquelas piadas secas, “Como é que gostas deles? Eles não cantam nada”, blá blá blá, blá blá blá, que diziam sempre. (...)

Beatriz – Eu acho que a gente também sentiu tipo... Gozavam connosco mas nós sentíamos uma relação tão próxima com eles [os One Direction], que era do género...

Helena – (...) lá está, a maldade dos comportamentos tóxicos que se via para mim era através da Internet, e isso fomentava que as pessoas depois também comessem a criar grupos nas redes sociais de hate contra os One Direction, de hate contra a Directioners, e isso havia muita discussão contra uma coisa que não tinha mal nenhum.

Nádia – (...) ver um final da Champions, já é normal, mas eu pagar para ir aos One Direction...

Joana – (...) elas estavam sempre a dizer que eu tinha extremo mau gosto (...) e... Eu acho que elas tinham um bocadinho de ciúmes também, porque queriam aprender música (...) queriam aprender a tocar as cenas dos Pearl Jam, dos... Sei lá, Arctic Monkeys (...) E eu sabia tocar isso e tocar One Direction, e então era tipo “Ah, então porque é que estás a gastar o teu tempo com os One Direction?”. Porque gosto! Qual é o problema de eu gostar de alguma coisa? (...)

Catarina – (...) em família, eu e a minha prima não é, éramos duas, ainda por cima, e era um bocado tipo “Isto é uma fase, elas neste momento estão um bocadinho...”, não tão família próxima, mas era nesse sentido, tipo “É uma fase, isto vai passar, elas só estão aqui um bocado com as hormonas aos saltos”, e... (...) depois teciam comentários como “Ah, vocês vão lá para os concertos gritar, ou vão para as reuniões...”, tipo, flashmobs e assim, tipo, “... todas juntas e gritar, e vocês vão para lá só gritar...”, e eu... “Gente, não é assim...”.

Teresa – Eu sinto que as... Fora do fandom, a opinião da maior parte das pessoas era “Elas são loucas, são histéricas”...

Raquel – Que “Vai passar”.

Teresa – Que “Vai passar, elas vão crescer e vão olhar para trás e vão-se arrepender...”.

Raquel – Ya, “Vão ter vergonha”.

Gabriela – “Vais ter vergonha de ter feito aquela coisa!”.

Nádia – “Vais-te arrepender daquelas figuras!”.

Teresa – “Nem sequer vais querer dizer que alguma vez foste fã deles, por teres feito estas figuras todas...”.

Após esta última intervenção referida (que se deu no 1º focus group), questionei as participantes sobre se alguma delas se arrependia, e a resposta do grupo foi um claro “não”.

As participantes também falaram sobre como a representação mediática das fãs de One Direction era pejorativa e as ridicularizava, e como havia um grande recurso a palavras como “extremismo”, “fanatismo”, “loucura” e “histerismo”.

Beatriz – (...) nos noticiários a headline era sempre “Loucura! One Direction vem a Portugal!”.

Bruna – Ya...

Teresa – Ou “fanatismo”.

Gabriela – O “histerismo”.

Várias – O “histerismo”!

Gabriela – O “extremismo”.

Raquel – E as pessoas que eles escolhiam para entrevistar...

Bruna – Mas é isso!

Gabriela – É isso, hoje em dia tu consegues perceber perfeitamente porque é que eram aquelas pessoas que iam falar.

(...)

Gabriela – (...) Eles escolhiam aquelas pessoas que notavam que eram menos articuladas, então por exemplo, faziam uma pergunta do género “E porque é que tu gostas deles?”, e elas diziam “Porque ele é muito lindo!”. Elas iam buscar as miúdas que davam um berro, e que choravam, não sei quê... Ou seja, parecia que eles próprios...

Nádia – Querem criar o estereótipo.

Gabriela – Eles queriam diabolizar e estigmatizar aquilo...

Teresa – Sim, sim, sim...

Gabriela - ... Para o seu próprio benefício! Porque o clickbait já começava a existir naquela altura.

Joana – (...) quando nos conseguem filmar, é em alturas em que há concertos ou o filme (...) é alturas em que nós todas estamos ali mais entusiasmadas! Por causa disso, as pessoas pensam “Ah, elas são assim todos os dias”. Eu não ando de manhã à noite, tipo acordo “Yes, Louis!”.

Catarina – (...) quando passa na televisão (...) temos o jornal, que são assim... (...) Pessoas, pronto, portuguesas, vá, que veem... A imagem é sempre essa, é assim: “Então nós estamos aqui rodeados de pessoas, muito... Vêm ver? Então, é fã? E agora, vamos cantar uma música?”. Sempre que há algum concerto, em qualquer fandom, eles fazem isto.

Joana – Ya.

Catarina – Sempre. E não perguntam tipo “Olha, e então, o que é que significam para ti? Porque é que estás aqui? O que é que achas que o concerto vai-te trazer de bom?”... Sei lá, tantas perguntas e tanta coisa que se pode aí explorar, eu acho que eles focam muito no “São miúdas”, que nós já não somos miúdas, senhor... O da entrevista, não é? E... E é sempre “E estão aqui, muito entusiasmadas, é muito barulho, e...”... É o ambiente...

Joana – (...) Estávamos no Estádio do Dragão já estava aquilo tudo cheio, e era de manhã. (...) Havia lá alguns, e eu acho que nós sabemos disso, havia tipo, jornalistas e não sei quê que estavam ali a falar, meio que estavam a gozar connosco (...)

Nas entrevistas com fãs de Beatles, foi pedido às participantes que partilhassem o que pensam sobre a audiência da banda (que, no início, era composta maioritariamente por raparigas jovens) ter visto várias vezes o seu entusiasmo e emoções serem tratados como sinais de uma patologia, inclusive com recurso a palavras como “histeria”.

Luz – Quer dizer, eu não concordo que fossem histéricas ou... Não. Era uma coisa nova, era uma coisa alegre, era uma coisa que elas gostavam, e que eu gostava (...) E dava aulas e comunicava com as crianças mas ninguém falava em música. É o que eu digo, nós estávamos... Não era aberto como é agora, era... Um povo submisso, vamos assim dizer, era...

Emília – Isso, penso que era um erro. Um erro muito grande. Mas isso dizia-se, realmente, até “Olha, aquela namora...”, e eu namorava com um rapaz que tinha o cabelo à Beatle (risos)... Mas isso era um bocado fora do contexto, era, era... Havia muitíssimos preconceitos! Muitíssimos preconceitos, até no comprimento das nossas saias, ou dos decotes, ou não sei quê... Eu não tinha nada, deixavam-me pôr os decotes que eu quisesse (risos).

(...)

Emília – (...) acho que foi um fenómeno de liberdade, isso foi, que levaram a liberdade... Porque as pessoas ali tinham as reações que queriam, e havia uma unidade, e uma grande interação entre eles e o público.

Vitória – (...) lembro-me perfeitamente que isso era verdade. (...) Penso que isso era considerado uma patologia por ser extremamente diferente de tudo aquilo que alguma vez alguma banda tivesse provocado (...) eram, também, provocavam muita atração entre os homens, mas como eram sobretudo raparigas que se, no fundo, apaixonavam por eles e os seguiam e... E tendo em conta que mesmo no Reino Unido as mulheres não podiam exteriorizar assim facilmente os seus comportamentos, aquilo ainda se tornava mais... Mais desviante, no fundo, portanto, então é... “O que é que estão aqui estas raparigas a... O que é que estes tipos têm de tão especial, que elas não se manifestam assim, por exemplo, com outras músicas, mas com a música deles?”. Portanto, eu suponho que era sobretudo ser muito contrastante, muito desviante daquilo que era a norma, e por estar centrado, sobretudo, por ser... Por ser emanado por mulheres, que estavam muito reprimidas, mesmo no Reino Unido.

Eu – (...) como as mulheres que eram fãs dos Beatles no início foram retratadas, que usava-se muito palavras como “histeria” para descrever o fenómeno de, como disse há bocado até, a Beatlemania. E era para ver se teria algo a dizer sobre o assunto, o que é que considera sobre...

Margarida – Não, acho que não, acho que não havia nada disso (...) Falava-se dos Beatles realmente com entusiasmo e com alegria... (...) Isto no meu tempo, mas... Quer dizer, se houve aí alguma coisa por fora, eu também, lá está, também não convivía assim muito, porque depois entrei na empresa, comecei a trabalhar muito cedo, com 17 anos. (...) Mas de resto, acho que não, acho que continuava-se a ouvir Beatles muitíssimo bem e era sempre uma alegria.

Os focus groups com fãs de One Direction também permitiram perceber como é que participantes reagem aos comentários e representação mediática pejorativos – algumas revelaram não ficar particularmente afetadas, nomeadamente porque sentiam proximidade e compreensão da banda e de outras fãs, enquanto que outras intervenções apontaram para como que se sentia um certo receio de gostar do grupo ou de partilhar sobre este interesse, devido à perceção negativa que existia das fãs (a experiência de não querer gostar do grupo devido à perceção dos não fãs e dos *media* será abordada mais à frente).

Beatriz – Eu acho que a gente também sentiu tipo... Gozavam connosco mas nós sentíamos uma relação tão próxima com eles, que era do género...

Bruna – E com pessoas que te compreendiam, podiam não estar ali, mas compreendiam!

Beatriz – ... Eles não querem saber se, tipo, se tu me estás a julgar, porque eles gostam de mim.

Catarina – (...) porque foi como nós dissemos, tipo, havia uma certa vergonha ou um certo medo de dizer “Não, eu gosto deles, eu quero ir com eles para todo o lado”, e neste sítio era tipo aquele safe space, não é? (...)

A reportagem emitida pela TVI a 26 de maio de 2013 relativa ao primeiro concerto dos One Direction em Portugal refere “uma multidão de fãs em delírio” (1DirectionersPT, 2013), e é perguntado a um pai que acompanhava a filha ao concerto: “Isto não é loucura a mais?” (1DirectionersPT, 2013). Recuperando a perspetiva de Lyons (2020) que citei na parte final da secção “Fandom e Fangirls”, realmente, penso que o problema está, mais do que na utilização de palavras deste tipo (“histeria”, “loucura”...) por um escritor individual – embora, como Lyons (2020), considere que poderiam não ser a minha escolha, devido às conotações negativas –, no facto de estes serem os termos e narrativas que vemos constantemente presentes na representação mediática das fãs de boy bands (e de One Direction em particular). Ao repetir

constantemente o mesmo conjunto de termos e ideias estereotipadas sobre estes fandoms, os *media* colaboram, consciente ou inconscientemente (pois é plausível considerar que muitos autores e jornalistas não o façam com esta intenção), na manutenção da ideia de que é aceitável ridicularizar e desvalorizar estas fãs, perspectivas que Lyons (2020) também aborda.

A forma, tom, intenção e contexto associado a como estas palavras são utilizadas também importa. Ao longo dos focus groups, algumas das participantes descreveram partes da experiência de fã recorrendo a palavras como “loucura”, mas a forma, tom, intenção e contexto foram marcadamente diferentes daqueles que é possível observar em várias representações mediáticas ou nos comentários de outras pessoas externas ao fandom. As fãs parecem recorrer a estes termos como forma de descrever hiperbolicamente as suas emoções e experiências, procurando transmitir a sua intensidade, e não com o objetivo de as invalidar ou apresentá-las como absurdas. Ao dizer que “Ficaram histéricas ao ouvir a sua música preferida ao vivo” ou que “Foi uma loucura quando um álbum foi lançado”, as fãs estão a expressar o quão entusiasmantes, intensas e felizes foram as suas experiências (o mesmo não pode ser dito de comentários que estão claramente a pintar as fãs e as suas experiências de forma pejorativa).

Catarina – (...) eu trouxe o bilhete (...) eu acho que aqui foi o dia em que eu, ou um dos dias, que eu me senti mais feliz da minha vida, em geral. Muitas emoções, eu era muito novinha (...) tinha 13 anos, este foi... Foi a loucura total, eu... Não sei, nem sei explicar, tipo, eu sentia que eles estavam tão perto de mim, eu estava no Balcão 2, gente, Balcão 2... (risos) (...)

Nádia – (...) Sinto que é mesmo importante ter esta amizade, e eu gostava de ter mais porque eu consigo falar com elas, porque elas sabem que eu sou louca!

Teresa – (...) Cheguei cá tipo às 9h, passei o dia todo ao sol, mas foi muito... Para mim foi muito marcante, tipo conhecer e sentir que... Foi a primeira vez que eu senti que aquilo que eu gostava não era estúpido, e que havia mais gente que percebia... A doença...

(risos)

Laura – (...) acho que foi, se calhar, uma ideia que a sociedade construiu há muito tempo, com os Beatles e todas aquelas bandas que, naquela altura, não havia maneira de propagar a informação, e realmente quando eles iam a qualquer lado era...

Joana – Entusiasmante!

Laura – Era a loucura! Mas essa loucura também é boa, lá está, tipo, em certos momentos, é, tipo, é o teu momento favorito do mês, da semana, do ano, o que for... (...)

Laura – (...) Nós conhecemo-nos em 2013 e até agora somos amigas e vamos a concertos juntas, partilhámos da mesma maluquice (risos) (...)

Também algumas das fãs de Beatles recorreram a palavras como “loucura” para descrever as suas experiências e emoções, não com uma intenção de lhes atribuir uma conotação pejorativa, mas para transmitir a intensidade do entusiasmo sentido.

Margarida – (...) Não quer dizer que eu hoje, se não ouvir uma canção dos Beatles... Pronto eu fico assim meia... Meia maluca, meia maluca, não é? Porque realmente gosto imenso de os ouvir. (...)

Emília – (...) para nós aquilo era uma loucura, era uma loucura mesmo, que... Que invadiu o mundo inteiro... Que nascia deles para nós, vinha deles para nós.

Para além da questão dos termos utilizados, é importante prestar também atenção a outro ponto relativamente à representação mediática das fãs de boy bands: o facto de que, mesmo quando o que nos está a ser apresentado são, por exemplo, relatos de fãs, é importante questionarmo-nos sobre como é que estes foram recolhidos e seleccionados. Claro que uma suposta “amostra perfeita” não será algo concebível, e não é a isso que me refiro – refiro-me, sim, a questões como as que Joana e Gabriela mencionaram: “(...) quando nos conseguem filmar, é em alturas em que há concertos ou o filme (...) é alturas em que nós todas estamos ali mais entusiasmadas! Por causa disso, as pessoas pensam “Ah, elas são assim todos os dias”. (...)” (Joana); “(...) Eles escolhiam aquelas pessoas que notavam que eram menos articuladas (...) Elas iam buscar as miúdas que davam um berro, e que choravam, não sei quê... (...)” (Gabriela).

O facto de fãs ficarem bastante entusiasmadas e emocionadas em contextos como um concerto não é algo anormal, absurdo ou desadequado – são momentos de grande adrenalina e cheios de emoções, e é expectável que as fãs cantem, dancem, chorem, entre outras expressões daquilo que estão a experienciar. Se uma reportagem tiver como objetivo fazer um retrato fiel destas fãs e compreender a fundo o seu interesse pelos artistas que admiram, não fará sentido, por exemplo, optar por recolher todos os dados em momentos em que estas estão a gritar de entusiasmo prestes a entrar num concerto ou a chorar de emoção por ir ver os seus ídolos, e posteriormente afirmar que estas fãs “só gritam”, “só choram” ou “são histéricas”, entre outras possibilidades de conclusões simplistas e redutoras. Escolher apenas mostrar as fãs nestas instâncias e/ou decidir entrevistar apenas fãs que gritem ou chorem representa construir uma

amostra que apenas permite reiterar estereótipos. No contexto desta questão, lembremos o que foi previamente mencionado sobre o documentário “Crazy About One Direction” (Asquit, 2013), que parece constituir uma representação desequilibrada e não representativa do fandom. Pretendo agora debruçar-me sobre as intervenções que as participantes fizeram relativamente a como interesses tipicamente associados a um público feminino, como ser fã de boy bands, são percecionados e tratados de forma diferente de interesses tipicamente associados a um público masculino, tendo as 10 participantes falado sobre como os primeiros são desvalorizados e desrespeitados em comparação com os segundos – as fãs referiram como exemplos outros géneros musicais e artistas, mas também interesses pertencentes a outras áreas, como o futebol.

Gabriela – A credibilidade que este tipo de interesses tem é muito diferente de qualquer outro...

Nádia – Outro interesse, exato.

Gabriela – É isso. Lá está... Ah, eu gostar de hip-hop e eu ir a concertos de hip-hop, “Ah ya, não sei quê, grande cena para a Gabriela. Epá, mas foste não sei quanto tempo para Algés?”. Mas qual é a diferença? Se eu há uma semana fiz isto para o Kendrick e uma semana depois fiz para o Harry, porque é que isto...

Raquel – “Um é mais fixe que o outro”.

Joana – Tens bandas, tipo os Metallica, que a maior parte dos fãs são rapazes, então são mesmo bandas a sério (expressa ironia). (...)

Gabriela – (...) quando eu via famílias de amigas, ou malta que eu, por exemplo, conhecia do Twitter, era tipo “Ah, eu não vou poder ir ao concerto porque a minha mãe não me deixa” (...) “(...) não me deixa porque acha que isto não é bom para mim”. Eu dizia “Como é que alguém olha para uma coisa que transmite tanta felicidade futura ao teu filho e não permites?”. Quer dizer, não permites como? Se fosse só letras com palavrões, com...

Bruna – Eu sinto que olhavam para nós tipo como um extremismo...

Gabriela – Mas a falar de futebol... Já se legitima. Já se legitima!

Bruna – E também tem a ver com o facto de seres um homem.

Raquel – Isso já não é doença, isso já não é doença...

Bruna – Mas aí é uma questão de seres um homem ou uma mulher, porque tipo, um homem... Um pai levar um filho a um estádio de futebol tipo com 12 anos, é tipo...

(...)

Bruna – Isto... Isto é cultura. Mas tipo, um pai ou uma mãe acompanharem-te a um concerto é tipo “Ai, que histerismo, que pitalhada”. Isto é um bocado a ideologia enraizada que nós temos na nossa sociedade.

Bruna – (...) Ver um jogo de futebol é muito, tipo, eles berrarem e chorarem, ou tipo irem para a porta de um estádio porque um jogador decidiu sair de uma equipa é tipo super normal...

Nádia – O dinheiro que eles gastam nos bilhetes, a ir para a Super Bowl...

Beatriz – E a violência!

Catarina – (...) o futebol acaba por também ser um bocado um fandom, não é? Pronto, as equipas têm os seus fãs e que vão a todo o lado... Ninguém critica os fãs do Porto que vão a Milão, ou que vão a Londres, ou que vão a qualquer lado, ver o jogo.

Joana – Até dizem bem deles!

Catarina – E dizem “Ah, temos uma boa claque”.

Laura – (...) quando o artista é anunciado, os comentários são “Já vem este lixo outra vez, isto agora vai ser só miúdas a gritar”. Mas acho que vai ser sempre a ideia associada a raparigas entre, sei lá, os 12 e os 16 anos, vá, que gostam de uma coisa e por isso têm logo que ser rotuladas, quando, exatamente, no futebol, no desporto em geral, há pessoas muito mais excêntricas (...)

Teresa – Mas eu continuo a sentir ainda hoje bué julgamento. Se as pessoas tipo, sabem que eu sou Directioner, “Ai, a sério que tu eras dessas pitas?”. Eu digo logo “(...) eu nunca fiz mal a ninguém, estava só feliz no meu quarto a ouvir as músicas, não chateava ninguém, qual é que é o teu problema? Tu gostas de futebol, eu gosto dos One Direction, deixa-me em paz”.

Joana – (...) As pessoas que costumavam muito ter esse argumento que “São só raparigas com as hormonas aos saltos” eram os homens que eram adeptos de futebol.

(várias demonstram concordância)

Joana – E que, quando é para falar do clube deles também estão ali todos coiso, e quando...

Helena – Gritam para a televisão.

Joana – Gritam para a televisão, vão aos jogos e começam a bater uns nos outros... Nós não (risos). E nós é que somos as histéricas? Histerismo é doença, eu acho que isto não é doença.

Partindo do que Jones refere sobre como as capacidades musicais dos Beatles não receberam, inicialmente, o respeito que hoje lhes atribuímos e que “A musicalidade estava lá o tempo todo, mas é algo que os críticos de música só parecem ter sido capazes de identificar após o facto. Será possível, talvez, que a sua rejeição esteja relacionada com uma desconfiança em relação ao que os jovens - nomeadamente, as raparigas adolescentes - gostam?” (Jones, 2015, p. 8), perguntei às entrevistadas se consideravam que existe alguma correlação entre as críticas feitas aos Beatles no início da sua carreira, e o facto do seu público ser, nessa altura, maioritariamente raparigas jovens. As 4 participantes responderam negativamente, e 2 referiram como possível razão alternativa para as críticas o facto da banda ter sido muito inovadora e revolucionária.

Luz – Ah, não, não eram só raparigas. Eram raparigas e rapazes. (...)

Emília – Eu acho que não... Não sei, porque... Talvez nós gostássemos daqueles rapazes que nos pareciam normais, não é, não associávamos a... Não nos eram estranhos, mas eram diferentes. (...)

Vitória – Não me parece, não me parece... (...) A minha interpretação é que eles foram de tal forma inovadores para a época (...) que nem eles próprios, provavelmente, estariam à espera de ter este sucesso entre as raparigas, que depois, quer dizer, passar aquele primeiro pico inicial, eles deram-se conta, na realidade, de que poderiam de facto melhorar a sua, a sua... Evoluir se calhar para uma notação mais complexa das suas músicas... (...) Até admito que lhes tenha passado pela cabeça, se calhar, atingir outros públicos mais maduros, que não apenas as teenagers, não é? Porque eles não atingiam só teenagers (...)

Margarida – Não, sabe... Foi um primeiro grupo musical que apareceu assim com sucessos logo de início, e isso para muita gente foi assim um fenómeno, não é? Ninguém estava a contar que aparecesse. Havia grupos musicais portugueses e bons (...) Mas assim um grupo estrangeiro, acho que até foi o primeiro, se não me engano, acho que foi o primeiro que realmente revolucionou a música toda. Fez uma revolução total na música toda, quer portuguesa, quer estrangeira, não é? (...)

As participantes dos focus groups partilharam sobre como também as raparigas e mulheres que têm interesses que são tipicamente associados a um público masculino são vítimas de misoginia. Estas fãs são tratadas como consumidoras culturais de pouca credibilidade, sendo colocadas na posição de “provar que são verdadeiras fãs” destes conteúdos e/ou sendo acusadas de que apenas dizem interessar-se por estes para chamar a atenção ou impressionar rapazes. Estas

posturas refletem as ideias misóginas de que uma rapariga não poderia interessar-se realmente por conteúdos que são tipicamente associados a uma audiência masculina, ou que não seria realmente capaz de os compreender, não seria uma “verdadeira fã”, assim como a de que as raparigas e mulheres escolhem e/ou falam dos seus interesses com o objetivo de receber aprovação por parte de rapazes e homens. “Mesmo quando uma mulher “desvia” do gosto feminino e prefere itens relacionados à esfera masculina, seja por preferência ou por pressão social de não ser “igual as outras meninas”, ela é julgada.” (Gaudie-Ley, 2022, p. 41).

Gabriela – (...) Okay, eu sofro com essa misoginia e com esse machismo por gostar de One Direction, mas também sofro por gostar de hip-hop, porque “És miúda e gostas de hip-hop?”.

Bruna – Ya, percebo.

Gabriela – Ou seja, no fundo, o machismo e a misoginia está...

Bruna – Isso acontece também no futebol, que é tipo “*Oh my God*, gostas de futebol? O que é um fora de jogo?”.

(...)

Bruna – (...) Mas imagina, também sinto que às vezes há raparigas que fazem isso comigo.

Raquel – Ah, sim, tenho amigas minhas...

Gabriela – A misoginia e o machismo não é só por parte de homens.

(...)

Bruna – Eu sinto literalmente que é tipo “Eh pá, tipo, tu vais literalmente para um estádio, só queres chamar a atenção”. Não, meu amor, o meu clube está tipo em último lugar (...) Eu vou porque genuinamente gosto de estar lá e de apoiá-lo.

Beatriz – Eu vi um tiktok de uma rapariga que estava a falar, por ter gostos mais nerd, e ela estava numa conversa com um rapaz e ele perguntou-lhe qual é que era o filme preferido dela, e ela disse “Olha, gosto muito do universo de “*Lord Of The Rings*””, e ele “Só dizes isso para ter atenção dos rapazes, não é?”.

Joana – (...) Quando entras numa loja qualquer e vais à zona de rapaz e vês tipo nomes de bandas lá, “*Rolling Stones*” e não sei quê, essas são as bandas de meninos. E se tu usares uma dessas camisolas, vais ter que dizer no mínimo três músicas e três álbuns diferentes.

Beatriz – (...) Mas é bué aquela cena tipo, nós não podemos ter gostos, pronto, é aquela cena, tipo “a mulher foi criada para estar na cozinha”.

Nádia – A mulher só pode ter gostos específicos que a sociedade criou para ela.

Gabriela – “Queres é chamar a atenção”.

(ocorrem vários comentários simultâneos que não é possível distinguir com clareza)

Gabriela – E eu sou criticada por gostar de hip-hop, quando, oh pá, não...

Teresa – Mas depois também és criticada por gostares de One Direction. Tu não consegues gostar...

Gabriela – Tu não consegues vencer.

Beatriz – Até maquilhagem, roupa, que é uma coisa que as pessoas, é... “De gaja”... “Vais comprar mais uma mala?”, “Vais comprar mais um par de sapatos?”, “Essa maquilhagem toda é para quê?”.

Gabriela – “É para chamar a atenção de um gajo”.

Beatriz – Posso respirar?!

Teresa – Mas depois se gostas de uma coisa tipicamente de rapaz, “Estás a dizer isso porquê? Porque queres chamar a atenção de um gajo?”. Que chatos.

Gabriela – Não consegues vencer.

Beatriz – Não dá!

Nádia – “Estás a ser *“pick me girl”*”.

Bruna – Eu sinto muito isso com k-pop.

Beatriz – E as raparigas que jogam jogos, então...

Desabafos como “Posso respirar?” ou “Não consegues vencer” por parte das participantes ilustram de forma clara o escrutínio e “sufoco” por elas experienciado – o seu consumo cultural, quer corresponda a interesses tipicamente associados a uma audiência feminina ou masculina, é percecionado e retratado negativamente (o que pode acontecer sob a forma de desvalorização, ridicularização, pressão para “provar” que gostam realmente dos seus interesses, afirmação de que escolhem os seus gostos com o objetivo de impressionar rapazes e homens, entre outras).

O que foi referido pelas participantes sobre a misoginia poder ser perpetuada não só por homens, mas também por mulheres, é outra questão importante de considerar – “muitas meninas têm vergonha de admitir que gostam de certos elementos da cultura pop, justamente por terem receio de não serem respeitadas e levadas a sério, ou simplesmente porque depois de terem crescido em uma sociedade repleta de misoginia internalizada, consideram que tais elementos tenham pouco, ou nenhum, valor cultural” (Gaudie-Ley, 2022, p. 54). A misoginia

internalizada pode estar presente tanto em raparigas que têm interesse por gostos tipicamente associados a uma audiência feminina (se considerarem que estes não têm valor e sentirem vergonha do seu interesse neles), como em raparigas que não têm interesse por estes gostos (se acreditarem que isso significa que são consumidoras culturais que detêm mais valor do que as que têm interesses tipicamente associados a uma audiência feminina). Considero crucial promover a conversa sobre estas questões, de forma a identificarmos e compreendermos as variadas formas através das quais o sistema patriarcal nos afeta e, assim, ser possível desconstruir essas ideias e promover uma maior igualdade. Inculcar em jovens que os interesses tipicamente associados a um público feminino têm menor valor cultural pode promover um afastamento destes (sem criar um espaço em que os jovens têm a liberdade de explorar estes interesses perceber se gostam, ou não, deles) e o desenvolvimento de visões misóginas não só sobre o consumo de arte e cultura, mas sobre a organização da sociedade.

Nádia – (...) no início queria odiá-los, um bocadinho porque toda a gente também era, meio que se gostasses deles também eras uma pita excitada, meio que os rapazes não gostavam muito disso, então eu meio que sempre foi “Okay, não vou gostar deles, porque gostar deles não é bom”, mas depois (...) uma amiga minha começou a gostar (...) e eu comecei a ouvir com ela (...)

Helena – Eu arrependo-me muito, sinceramente, de no início, por medo também da opinião dos outros, ter entrado na onda de criticar... (...) Lá está, eu, enquanto mulher também participei um bocado na misoginia, exatamente por também, por muito receio da parte masculina. Mas agora se pudesse, lá está, tal como vocês eu tinha ido “Olha, eu gosto. E? Qual é o problema?”. Não temos todos que gostar da mesma coisa, mas temos que saber respeitar. (...) Portanto sim, se eu pudesse voltar atrás, mudava a maneira como eu também pensava na altura.

Também foi possível observar o grande valor que é dado pelas fãs às pessoas da sua vida que apoiaram (e apoiam) o seu interesse pela banda, mesmo não sendo fãs – por exemplo, Bruna partilhou como o pai lhe ofereceu um relógio da banda e como isso a impactou: “marcou-me muito porque, tipo, o meu pai começou realmente a perceber eu gostava muito de uma coisa”<sup>42</sup>; e Gabriela e Nádia e Catarina relataram que as suas famílias as levaram a concertos fora das suas cidades de residência: “pegaram em mim e na minha prima (...) e disseram “Okay, vamos com vocês 1 dia antes (...) vamos com vocês para a fila”” (Gabriela); “foi na altura em que os

---

<sup>42</sup> Optou-se por manter a transcrição original, mesmo em casos em que a linguagem é menos formal ou correta, de forma a preservar o aspeto vívido da comunicação oral.

meus pais perceberam “Okay, ela quer muito isto”, então fizeram um esforço e trouxeram-me aqui.” (Nádia); “Foi mesmo difícil também, e toda a logística de ser em Lisboa, não podia ir sozinha porque era muito pequena, e ter que levar pais atrás, e depois ficar numa fila em que eles não conheciam ninguém...” (Catarina). Também houve referências ao apoio proporcionado pelos namorados, atualmente – por exemplo, Gabriela referiu o apoio do namorado durante o concerto de Styles em Portugal: “estive lá tipo todos os dias, nem que fosse, por exemplo, da meia noite às 3h, para garantir que toda a gente estava nos carros segura a dormir”.

Numa nota conclusiva sobre a análise de dados, não posso deixar de referir que uma coisa que marcou uma parte significativa destas conversas e interações – e que será, porventura, a mais desafiante de transmitir através de transcrições –, foi o ambiente de alegria, emoção e nostalgia. A conexão emocional das fãs com estas experiências e memórias é clara, e é muito interessante observar como, simultaneamente, existe uma diversidade de perceções, interpretações e vivências, podendo a banda e o seu fandom significar coisas diferentes para cada pessoa.

Considero importante salientar como os focus group contaram com momentos de grande animação, de piadas e riso, e de várias vozes a fazerem-se ouvir em simultâneo, revelando o investimento e entusiasmo das fãs no seu interesse, assim como o gosto por partilhar tudo isto com outras fãs – contando histórias, trocando opiniões e relembrando momentos da memória coletiva do fandom. Contudo, também conversas mais sérias relacionadas com a integração do fandom tiveram lugar, tendo as participantes partilhado sobre experiências e emoções negativas que experienciaram, o que incluiu relatos sobre como a misoginia as impactou como jovens e continua a impactar como mulheres. As histórias e emoções relatadas foram diversas e possibilitaram uma compreensão complexa de como é integrar o fandom, e de como é a experiência de ser consumidora cultural quando se é rapariga/mulher.

Parece-me apropriado encerrar esta secção com a seguinte citação de uma das participantes, Catarina: “(...) estarmos aqui a partilhar e é tão bom saber que... Eu sabia que não estava sozinha nisto, não é, mas é tão bom ver adultas que somos, passámos por imensa coisa, e mesmo esta parte da misoginia que estávamos a falar, e mesmo assim conseguimos olhar para isto tudo e eu só vejo aqui coisas positivas.”.

## 4. Conclusão e Trabalho Futuro

Nesta dissertação, propus-me a analisar a descrédibilização das raparigas jovens enquanto consumidoras culturais, e como isto representa uma manifestação de misoginia. A decisão de analisar o caso das boy bands deveu-se a este se apresentar como um exemplo pertinente de como estas consumidoras culturais têm um impactante papel na indústria da música mas, simultaneamente, são desvalorizadas e ridicularizadas no contexto deste consumo.

Recorrer aos Beatles e aos One Direction como estudos de caso revelou-se particularmente relevante no contexto desta análise, uma vez que o debate de se os Beatles são ou não uma boy band aparenta em vários momentos prender-se com questões de conotação e não de denotação, algo que é pertinente de analisar sob uma lente feminista – o debate não parece focar-se única e exclusivamente em se o grupo tem, ou não, características de boy band, mas parece sim ser bastante influenciado pelo facto deste rótulo ter uma conotação pejorativa. A associação das boy bands às raparigas/mulheres e ao feminino parece ter um peso considerável na justificação da aversão em classificar os Beatles como boy band.

A contextualização teórica realizada revelou-se de grande importância para a realização do trabalho de campo, tendo permitido enquadrar vários conceitos e ideias e perceber que tipo de perguntas e temas seriam relevantes de incluir nas dinâmicas.

O trabalho de campo realizado permitiu concluir que a experiência de ser fã é algo bastante valorizado pelas participantes, estando associado a vivências que as impactaram a diversos níveis. No caso das fãs de One Direction, foi possível constatar que viver a experiência de fã em grupo foi algo particularmente importante, enquanto que as fãs de Beatles não revelaram um foco tão grande nesta questão (várias das vivências de grupo relatadas pelas fãs de One Direction estiveram associadas a concertos e à utilização da Internet, o que indica que estes são fatores que potenciam a possibilidade de viver a experiência de ser fã em grupo).

Também foi possível constatar que as fãs de One Direction experienciaram, em diferentes momentos e de diversas formas, ser desvalorizadas como consumidoras culturais. A misoginia subjacente a esta mesma desvalorização revelou-se clara aos olhos das fãs, que identificaram diversas instâncias em que foram desrespeitadas e/ou ridicularizadas com base em ideias misóginas.

Quando me propus à realização desta dissertação, comecei por dedicar algum tempo a investigar mais a fundo sobre os Beatles, os One Direction e os seus fandoms, através dos olhos das fãs (mais especificamente, das que integraram os fandoms durante as décadas em que cada grupo esteve em atividade). Neste processo, acabei por consumir muito conteúdo produzido por fãs,

principalmente pelas de One Direction, que, devido à sua grande presença online, possibilitaram que fosse relativamente acessível começar a ficar familiarizada, por exemplo, com as *private jokes* do fandom e os momentos do percurso da banda que mais as impactaram. Entre vídeos que resumem a história da banda, tiktoks nostálgicos, memes e *fanart*, foi impossível não começar a sorrir *com as fãs* – os seus relatos divertidos, capacidade de análise, memórias emotivas, humor inteligente e criatividade são cativantes, e representam algumas razões pelas quais considero que é tão interessante e importante estudar fandoms (em particular, as raparigas e mulheres enquanto integrantes de fandoms).

Um dos principais desafios encontrados durante esta investigação esteve relacionado com o trabalho de campo, mais especificamente, com o recrutamento para as entrevistas – não foi possível conduzir tantas como o desejado devido a não terem sido identificadas mais participantes disponíveis. Um mínimo de 6 entrevistas era o cenário desejado aquando do momento em que se iniciou o processo de recrutamento.

Partindo do que referi no final da secção dedicada ao debate de se os Beatles são, ou não, uma boy band, reitero que considero que uma perspetiva de trabalho futuro interessante seria averiguar a existência de inconsistências na forma como, por exemplo, críticos musicais, classificam um grupo como boy band ou não-boy band. Isto poderia permitir responder à questão que coloco nessa secção: aqueles que convicta e assertivamente defendem que os Beatles não são uma boy band por não se enquadrarem nalgumas das características mencionadas em certas definições do termo (como o facto de tocarem instrumentos e de não dançarem), assumem a mesma posição quando é outra a banda que está em análise?

Outra possibilidade de trabalho futuro relaciona-se com o trabalho de campo. Os focus groups realizados com fãs de One Direction, incluindo as 2 atividades neles integradas, apresentaram-se como dinâmicas bastante interessantes e que permitiram ganhar um *insight* das experiências de fã que, possivelmente, teria sido mais reduzido se se tivesse optado por entrevistas individuais. A comunicação entre as fãs e todo o dinamismo criado permitiu tirar conclusões bastante relevantes. Considerando isto, poderia ser pertinente conduzir (num futuro um pouco mais distante) focus groups com mulheres que tenham sido fãs de uma boy band que esteja a ter um sucesso impactante na década de 2020 – isto poderia, nomeadamente, permitir conduzir uma análise que procurasse identificar e explicar as semelhanças e diferenças entre as retrospectivas de mulheres que foram fãs de boy bands durante a década de 2010 e as de mulheres que foram fãs de boy bands durante a década de 2020.

Por fim, sublinho que é fulcral identificar as narrativas misóginas que estão presentes na indústria musical, no jornalismo cultural e na forma como falamos de culturas de fãs, de forma


a desconstruí-las para permitir que as conversas em torno das raparigas jovens como consumidoras culturais passem a atribuir-lhes o respeito e crédito que merecem. A promoção de uma maior igualdade de género no setor cultural passa, entre variadas outras coisas, por garantir que as perspetivas femininas nos diferentes ramos deste setor são respeitadas e valorizadas. Estas perspetivas são absolutamente cruciais para a prosperidade e riqueza do setor cultural, que beneficia da diversidade de visões e abordagens, e não do ecoar de ideias patriarcais que valorizam sistemática e exclusivamente perspetivas masculinas e desvalorizam e ridicularizam as visões e vozes femininas.

## 5. Bibliografia

- 1DirectionersPT. (2013, 23 de maio). *[One Direction em Portugal | Reportagem TVI [26 de Maio 2013]]* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=Ef73dCc9kxo> [consultado a 4 de setembro de 2024]
- Asquit, D. (Director). (2013, August 15). *Crazy About One Direction* [Documentário]. Channel 4.
- Associação ILGA Portugal – Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo. (2021, Julho 14). *Dia Internacional do Orgulho Não-Binária*. <https://www.ilga-portugal.pt/dia-internacional-do-orgulho-nao-binarie/>
- Bowenbank, S. (2022, Fevereiro 9). Billboard Explains: The Magic of Boy Bands. Billboard. <https://www.billboard.com/music/music-news/billboard-explains-boy-bands-1235029089/>
- Braggs, T. (2019). "The Impact of the 90's-2000's Boy Bands". *Advanced Writing: Pop Culture Intersections*. 39. [https://scholarcommons.scu.edu/engl\\_176/39](https://scholarcommons.scu.edu/engl_176/39)
- Cambridge Dictionary. (s.d.). Boy band. Em [Dictionary.cambridge.org dictionary](https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/boy-band). <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/boy-band> [consultado a 4 de setembro de 2024]
- Coates, N. (2003). Teenyboppers, Groupies, and Other Grotesques: Girls and Women and Rock Culture in the 1960s and early 1970s. *Journal of Popular Music Studies*, 15(1), 65–94. <https://doi.org/10.1111/j.1533-1598.2003.tb00115.x>
- Cooper, D. (2015, Dezembro). Zayn Malik's Next Direction [Review of *Zayn Malik's Next Direction*]. *The FADER*, 101. <https://www.thefader.com/2015/11/17/zayn-malik-fader-cover-story-interview-solo-album-one-direction> [consultado a 4 de setembro de 2024]
- Chaudhury, S., Srivastava, K., Bhat, P., e Sahu, S. (2017). Misogyny, feminism, and sexual harassment. *Industrial Psychiatry Journal*, 26(2), 111–113. [https://doi.org/10.4103/ipj.ipj\\_32\\_18](https://doi.org/10.4103/ipj.ipj_32_18)
- Click, M. (2009). "'Rabid,' 'Obsessed,' and 'Frenzied': Understanding Twilight Fangirls

- and the Gendered Politics of Fandom." *Flow*. Disponível em: <https://www.flowjournal.org/2009/12/rabid-obsessed-and-frenzied-understanding-twilight-fangirls-and-the-gendered-politics-of-fandom-melissa-click-university-of-missouri/>
- Creswell, J. W. (2014). *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches* (4th ed.). Sage Publications Ltd.
- Duffett, M. (2013). Multiple damnations: deconstructing the critical response to boy band phenomena. *Popular Music History*, 7(2), 185-197. <https://doi.org/10.1558/pomh.v7i2.185>
- Duffett, M. (2017). I Scream Therefore I Fan? : Music Audiences and Affective Citizenship. In J. Gray, C. Sandvoss, & C. L. Harrington (Eds.), *Fandom, Second Edition: Identities and Communities in a Mediated World* (pp. 143–156). New York University Press.
- Ehrenreich, B., Hess, E., & Jacobs, G. (1992). Beatlemania: Girls Just Want to Have Fun. In L. A. Lewis (Ed.), *The Adoring Audience: Fan Culture and Popular Media* (pp. 84–106). Routledge.
- Erick Freitas. (2021, Maio 22). Por que algumas pessoas não consideram os Beatles uma boyband?. Quora. <https://pt.quora.com/Por-que-algumas-pessoas-n%C3%A3o-consideram-os-Beatles-uma-boyband> [consultado a 4 de setembro de 2024].
- European Institute for Gender Equality. (s.d.). *sexism*. <https://eige.europa.eu/publications-resources/thesaurus/terms/1325>
- Ewens, H. (2019). *Fangirls : scenes from modern music culture*. Quadrille.
- Farid Lateef. (2019, Setembro 30). Why do people think the Beatles were the greatest rock band of all time while I think it was a boyband?. Quora. <https://www.quora.com/Why-do-people-think-The-Beatles-were-the-greatest-rock-band-of-all-time-while-I-think-it-was-a-boyband> [consultado a 4 de setembro de 2024].
- Feldman-Barrett, C. (2022, Novembro 19). *The Rise of Beatlemania - Museum of Youth Culture*. [Www.museumofyouthculture.com](http://www.museumofyouthculture.com). <https://www.museumofyouthculture.com/beatlemania/>
- Gerrard, Y. (2021). Groupies, Fangirls and Shippers: The Endurance of a Gender Stereotype. *American Behavioral Scientist*, 66(8), 000276422110422. <https://doi.org/10.1177/00027642211042284>

- Gaudie-Ley, L. S. (2022). Fangirls: os ecos da tradição misógina da arte ocidental na produção e consumo da cultura pop (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ed.) [Trabalho de conclusão de graduação Fangirls: os ecos da tradição misógina da arte ocidental na produção e consumo da cultura pop]. <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/16356/1/LSGaudie-ley.pdf>
- Gregory, G. (2019). *Boy bands and the performance of pop masculinity*. Routledge, Taylor & Francis Group.
- Huysen, A. (1986). Mass Culture as Woman: Modernism's Other. In *After the Great Divide: Modernism, Mass Culture, Postmodernism* (pp. 44–64). Indiana University Press.
- Iasimone, A. (2022, Julho 23). “The X Factor” Shows the Moment One Direction Was Formed. *Billboard*. <https://www.billboard.com/music/music-news/one-direction-formed-x-factor-video-1235117326/>
- ILGA-Europe. (s.d.). *Our Glossary*. <https://www.ilga-europe.org/about-us/who-we-are/glossary/>
- Javidan, P. (2021). Structural Sexism: Foundations, Reproduction, and Responses. In: Leal Filho, W., Azul, A.M., Brandli, L., Lange Salvia, A., Özuyar, P.G., Wall, T. (eds) *Reduced Inequalities. Encyclopedia of the UN Sustainable Development Goals*. Springer, Cham. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-71060-0\\_90-1](https://doi.org/10.1007/978-3-319-71060-0_90-1)
- International\_Peach6. (2021, Setembro 4). I'm 68. A friend suggested that the Beatles were one of the first Boy Bands. Were they? Just asking. *Reddit*. [https://www.reddit.com/r/beatles/comments/phjt11/im\\_68\\_a\\_friend\\_suggested\\_that\\_the\\_beatles\\_were/](https://www.reddit.com/r/beatles/comments/phjt11/im_68_a_friend_suggested_that_the_beatles_were/) [consultado a 4 de setembro de 2024].
- J. Schultz. (2019, Abril 22). Why do people act like The Beatles were a "boy band"?. *Quora*. <https://www.quora.com/Why-do-people-act-like-The-Beatles-were-a-boy-band> [consultado a 4 de setembro de 2024].
- Jenkins, H. (1992). *Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture*. Routledge.
- Jones, R. E. (2015). “I’m Happy Just to Dance to the Best Song Ever”: A Comparative Musical Analysis of The Beatles and One Direction [Article “I’m Happy Just to Dance to the Best Song Ever”: A Comparative Musical Analysis of The Beatles and One Direction]. <https://core.ac.uk/download/pdf/48614079.pdf>

- Johnson, P. (2022, Outubro 7). From the NS archive: The menace of Beatlism. New Statesman. <https://www.newstatesman.com/archive/2022/10/archive-menace-beatlism>
- Lyons, A. (2020). One Direction Infection: Media Representations of Boy Bands and their Fans [Thesis One Direction Infection: Media Representations of Boy Bands and their Fans]. <https://repositories.lib.utexas.edu/server/api/core/bitstreams/f613c40e-927b-438e-9ba2-4997f2686f4b/content>
- Malik, Z. [@zaynmalik]. (2015, Julho 29). I guess I never explained why I left , it was for this moment to be given the opportunity to show you who i really am! #realmusic #RCA !! [Tweet]. Twitter. <https://x.com/zaynmalik/status/626484859905658881>
- Hopper, J. [@jesshopp]. (2021, Junho 16). “Replace the word ‘fangirl’ with ‘expert’ and see what happens.”  [Tweet] Twitter. Recuperado de *archive.org*: <https://web.archive.org/web/20230523102430/https://twitter.com/jesshopp/status/1405250409749532673>
- Merriam-Webster. (s.d.) (a). Boy band. Em Merriam-Webster.com dictionary. <https://www.merriam-webster.com/dictionary/boy%20band> [consultado a 4 de setembro de 2024]
- Merriam-Webster. (s.d.) (b). Fandom. Em Merriam-Webster.com dictionary. <https://www.merriam-webster.com/dictionary/fandom> [consultado a 4 de setembro de 2024]
- Merriam-Webster (c). (s.d.). Fangirl. Em Merriam-Webster.com dictionary. <https://www.merriam-webster.com/dictionary/fangirl> [consultado a 4 de setembro de 2024]
- Moos, J. J. (2013). Boy Bands, Drag Kings, and the Performance of (Queer) Masculinities. *Transposition*, 3. <https://doi.org/10.4000/transposition.325>
- Morley, P. (2010, Novembro 26). The boybands are always back in town. *The Guardian*; *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/music/2010/nov/26/boybands-pop-paul-morley>
- McIntyre, H. (2024, Junho 10). One Direction Are Now The Only Group With Four Number One Album Debuts In History. *Forbes*. <https://www.forbes.com/sites/hughmcintyre/2014/11/26/one-direction-are-now-the-only-group-with-four-number-one-album-debuts-in-history/>
- Nast, C. (2016, Setembro 30). Our Favorite Boy Bands of All Time. *Teen Vogue*. <https://www.teenvogue.com/gallery/best-boy-bands>

Next-Bar-1102. (2024, Janeiro 13). I can't believe that there are people who think that the Beatles were the first Boy Band when they dont fit any of the criteria for Boy Bands. Reddit. [https://www.reddit.com/r/beatles/comments/195uvzc/i\\_cant\\_believe\\_that\\_there\\_are\\_people\\_who\\_think/](https://www.reddit.com/r/beatles/comments/195uvzc/i_cant_believe_that_there_are_people_who_think/) [consultado a 4 de setembro de 2024].

O'Dell, T. (Director). (2017). *How the Beatles Changed the World* [Documentary]. Vision Films.

Petridis, A. (2012, Novembro 8). One Direction: Take Me Home – review. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/music/2012/nov/08/one-direction-take-me-review>

Prieto, L. M. (2022). La representación de las boybands y sus fans en Billboard: el caso de los Beatles y One Direction [Treball de Fi de Grau La representación de las boybands y sus fans en Billboard: el caso de los Beatles y One Direction].

Priberam (a). (s.d.). Histeria. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. <https://dicionario.priberam.org/histeria> [consultado a 4 de setembro de 2024]

Priberam (b). (s.d.). Loucura. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. <https://dicionario.priberam.org/loucura> [consultado a 4 de setembro de 2024]

Priberam (c). (s.d.). Mania. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. <https://dicionario.priberam.org/mania> [consultado a 4 de setembro de 2024]

r/beatles. (s.d.). Reddit. <https://www.reddit.com/r/beatles/>

rollingstone1970. (2024, Janeiro 13). The Backstreet Beatles. Reddit. [https://www.reddit.com/r/beatles/comments/dpgl2w/the\\_backstreet\\_beatles/](https://www.reddit.com/r/beatles/comments/dpgl2w/the_backstreet_beatles/) [consultado a 4 de setembro de 2024].

Sanneh, K. (2004, Outubro 31). The Rap Against Rockism (Published 2004). *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2004/10/31/arts/music/the-rap-against-rockism.html>

Spanos, B. *et al.* (2020, Julho 24). Boy Bands: 75 Greatest Songs of All Time. *Rolling Stone*; *Rolling Stone*. <https://www.rollingstone.com/music/music-lists/boy-band-songs-greatest-1033317/east-17-house-of-love-1992-147527/>

Spurlock, M. (Director). (2013, Agosto 29). *One Direction: This Is Us* (G. Harding, W. Smith, & P. Takal, Eds.) [Documentary]. TriStar Pictures.

Teixeira, T., Grave, R., Aires, R., & Pereira, C. G. (2021). Isto não é um glossário: in/definições de géneros e sexualidades. <https://hdl.handle.net/10216/136001>

Tiffany, K. (2022). *Everything I Need I Get from You: How Fangirls Created the Internet as We Know It*. MCD x FSG Originals.

The X Factor UK. (2010). *The new groups - X Factor bootcamp (Full Version)*. <https://www.youtube.com/watch?v=1yaD40dK31g>

Unterberger, A. & Lynch, J. (2018, Abril 23). *Are They a Boy Band or Not? The Beatles, Brockhampton, 5 Seconds of Summer & More | Billboard*. Billboard; Billboard. <https://www.billboard.com/music/pop/boy-band-or-not-beatles-5-seconds-of-summer-debate-8371548/>

Wald, G. (2002). "I Want It That Way": Teenybopper Music and the Girling of Boy Bands. [https://www.academia.edu/654238/I\\_Want\\_It\\_That\\_Way\\_Teenybopper\\_Music\\_and\\_the\\_Girling\\_of\\_Boy\\_Bands](https://www.academia.edu/654238/I_Want_It_That_Way_Teenybopper_Music_and_the_Girling_of_Boy_Bands)

Williams, J. (2024). *Screaming, Crying, Writing Up: Literary Music Journalism Books as a Legitimization of Contemporary Fangirl Practices*. *Popular Music and Society*, 1–19. <https://doi.org/10.1080/03007766.2024.2320597>

Zellner, X. (2023, Novembro 14). *10 Chart Records The Beatles Still Hold on the Hot 100 or Billboard 200*. Billboard. <https://www.billboard.com/lists/the-beatles-chart-records-hot-100-billboard-200/most-no-1-songs-on-the-hot-100/>

## 6. APÊNDICE A

### Guião dos Focus Groups com fãs de One Direction

[Introdução e apresentação]

Queria propor-vos que, ao longo da nossa conversa neste Focus Group, fossemos colocando neste quadro de cortiça algumas das vossas ideias, memórias e experiências. À medida que forem conversando, lembrando-se de histórias, e partilhando, podem escrever uma memória ou uma ideia num post it e afixá-lo, podem afixar mais fotografias, podem afixar post-its junto de uma fotografia específica se acharem que faz sentido, podem desenhar nos post its, podem conectar duas coisas com o cordão se acharem que estão relacionadas, se alguém escrever algo e vocês acharem que tiveram uma experiência que se relaciona, podem escrever num post it e afixá-lo ao lado do da outra pessoa, etc... Mexam também nas fotos à vontade, o objetivo é ficarmos aqui com um quadro cheio de histórias, memórias e experiências do que foi a experiência de ser Directioner. Inclusive, se se lembrarem de algo que querem adicionar à conversa mas estiver alguém a falar nesse momento, ou se se lembrarem de algo que querem falar mais à frente, podem escrever nos post its para podermos falar disso depois.

Comecemos, então, pelas apresentações. Queria propor-vos que, à vez, cada uma dissesse o seu nome, idade e partilhásse quando e como se tornaram fãs dos One Direction. Se quiserem partilhar mais alguma coisa, como qual álbum, era, música ou videoclipe é o vosso favorito, também estão à vontade para o fazer.

Gostava agora que fizéssemos a atividade de Show and Tell. Pedi-vos que trouxessem 1 objeto/item físico que associassem a uma memória/história/interação/experiência relacionada com a vossa integração do fandom de One Direction para que o pudessem apresentar ao grupo e partilhar qual é a memória que lhe têm associada. Pedia então que, à vez, cada uma apresentasse o seu objeto/item em, mais ou menos, 2 minutos.

*(Atividade 1)*

Os One Direction tornaram-se num enorme êxito e quebraram diversos recordes: primeiro grupo a estreiar os 4 primeiros álbuns em nº1 nos EUA, maior número de seguidores no Twitter para um grupo musical, maior número de subscritores para uma banda no Youtube... Entre 2010 e 2016 lançaram 5 álbuns e fizeram 4 tours mundiais. A que acham que se deveu o enorme sucesso do grupo e os diferenciou de outros? O que é que vos despertou interesse nos One Direction e continuou a cativar ao longo do tempo em que continuaram a seguir a carreira deles?

Para além do conteúdo artístico que produziram (álbuns, concertos...), os One Direction também puderam conectar com o público através de livestreams, tweets e entrevistas. Algumas pessoas poderão dizer que, à perícia, talento e trabalho árduo dos músicos de sucesso, estão também aliados personalidade, carisma e uma grande capacidade de conectar com a audiência. Acham que isto se aplica ao caso dos One Direction? Qual era a perceção que tinham das personalidades deles? Essa perceção tornava o grupo mais interessante?

Há fãs que idealizam poder conhecer os seus músicos favoritos, ou ser parte da vida deles, ou até mesmo ser como eles. Estes ídolos conseguem por vezes ter uma aura muito atrativa e levar a que uma pessoa deseje conhecê-los pessoalmente e ser parte da sua esfera pessoal. Estas figuras também podem inspirar-nos e várias pessoas veem os seus ídolos como um exemplo a seguir. Como descreveriam que foi a vossa relação e perceção dos One Direction neste sentido? Eles eram pessoas com que vocês queriam estar, pessoas que vocês ambicionavam ser como, ou algo completamente diferente?

Os One Direction atuaram em Portugal em 2013 (MEO Arena/Altice Arena, Lisboa) e 2014 (Estádio do Dragão, Porto). As reportagens da altura revelam que milhares de fãs aguardaram pelos concertos, já nas localizações dos espetáculos, durante longos períodos de tempo – inclusive, algumas das fãs aguardaram lá durante vários dias. As entrevistas, fotos e vídeos mostram estas Directioners em grande animação, emoção e convívio. Foram a algum destes concertos? Se sim, optaram por ir para o local com antecedência? Como foram as vossas experiências enquanto aguardavam?

Sendo os fandoms fóruns de partilha e convívio, não é incomum que pessoas que os integram formem amizades com outros membros do fandom. Ser parte de um fandom pode proporcionar

a oportunidade de conhecer e conectar com pessoas com as quais temos algo em comum – e isto pode acontecer pessoalmente (por exemplo, em concertos) ou online (por exemplo, através das redes sociais). Fazer parte do fandom de One Direction levou-vos a conhecer pessoas com que viriam a formar amizades? Como descreveriam o convívio e conexões que vos foram proporcionados por ser Directioners?

Os fandoms podem ser fóruns muito dinâmicos e ter uma grande capacidade de mobilização e de consciencialização. Os membros dos One Direction apoiaram diversas organizações e instituições de caridade, nomeadamente a Comic Relief, a Alzheimer’s Association, a Eden Dora Trust, a Global Poverty Project e a Greenpeace. O seu apoio a estas organizações e instituições, aliado à enorme capacidade de mobilização do seu fandom, permitiu apoiar monetariamente várias causas (o “1D Fans Give” foi criado em 2013 por Directioners e angariou dinheiro para diversas instituições de caridade). Contudo, nem todos reconhecem este poder dos fandoms e a influência positiva que podem ter. O que acham disto?

Mesmo que a experiência de pertencer a um fandom tenha a si associadas tantas coisas positivas, isso não impede que sejam tecidas críticas. No caso das Directioners, é notório que foram várias vezes associadas a palavras como “loucura”. Representações deste tipo podem levar à propagação de estereótipos sobre grupos (neste caso, fandoms). Como foi a vossa experiência com pessoas externas ao fandom de One Direction, quando se falava deles e do fandom? Como é que essas pessoas e/ou os *media* que vocês viam percecionavam os One Direction e as Directioners?

A dissertação na qual este Focus Group está inserido é sobre misoginia, mais especificamente o desprezo e desvalorização das raparigas e mulheres enquanto consumidoras culturais. Sentem que a forma como são tratados interesses como sejam, por exemplo, o gosto por boybands, é fruto da misoginia? Ou seja, os gostos que estão tipicamente associados a um público feminino são geralmente tratados de forma diferente dos gostos que estão tipicamente associados a um público masculino? Qual é a vossa perceção e experiência com este tema?

[começar wrapping-up as ideias para terminar]

Queria agora saber se têm mais alguma coisa que gostassem de partilhar sobre as vossas experiências como Directioners – há alguma nota que queiram deixar de forma retrospectiva, olhando para trás e avaliando o impacto que os One Direction e as Directioners como fandom tiveram em vocês? Ou algo que gostassem de acrescentar ao que disseram no início sobre o objeto/item que trouxeram?

## 7. APÊNDICE B

### Guião das Entrevistas com fãs de Beatles

[Introdução e apresentação]

Podia começar por apresentar-se e partilhar como ficou a conhecer os Beatles?

O que despertou o seu interesse nos Beatles e a fez ficar fã da banda e da sua música?

Tinha ou tem uma música ou álbum favorito dos Beatles?

Há fãs que idealizam poder conhecer os seus músicos favoritos, ou ser parte da vida deles, ou até mesmo ser como eles. Estes ídolos conseguem por vezes ter uma aura muito atrativa e inspiradora e levar a que uma pessoa deseje conhecê-los pessoalmente e ser parte da sua esfera pessoal, e/ou a que os veja como um exemplo a seguir. Como descreveria que foi a sua relação e perceção dos Beatles neste sentido? Eles eram pessoas com que queria estar, pessoas que ambicionava ser como, ou algo completamente diferente?

A popularização dos Beatles deu-se numa época em que o acesso a informação sobre os nossos ídolos era mais limitada do que é hoje. Hoje em dia é bastante acessível ver entrevistas dos nossos músicos favoritos na internet, ver atualizações daquilo em que andam a trabalhar nas suas redes sociais, ou ir ao seu website comprar merchandising. Sendo os Beatles do Reino Unido, este distanciamento a informação sentia-se certamente ainda mais para quem vivia noutros países. Que informação e conteúdo dos Beatles chegava a Portugal, e através de que plataformas?

[nas entrevistas com fãs que viveram a experiência de fã noutros países, foram esses países a ser referidos nesta questão, ao invés de Portugal]

Havia grupos/clubes de fãs dos Beatles em Portugal? Lembra-se de haver grupos/clubes de fãs dos Beatles? De integrar algum?

[nas entrevistas com fãs que viveram a experiência de fã noutros países, foram esses países a ser referidos nesta questão, ao invés de Portugal]

O gosto pelos Beatles foi algo que viveu em grupo? Grupos de amigas juntavam-se para ouvir as músicas, falar da banda, etc?

O interesse pelos Beatles levou-a a conhecer outras fãs e a começar novas amizades?

Os Beatles foram figuras vocais sobre questões políticas e sociais – quer através de algumas das suas músicas, quer através de outras ações. A banda teve um grande impacto sociocultural nos jovens da época e ficou associada a mudança. Nesta época, Portugal vivia em ditadura salazarista, e ideias políticas e sociais contrárias e manifestações não eram, como sabemos, bem vistas aos olhos do Estado Novo. Considera que se sentiu o impacto político e social dos Beatles em Portugal? De que forma?

[nas entrevistas com fãs que viveram a experiência de fã noutros países, foram esses países a ser referidos no fim desta questão, ao invés de Portugal]

Os Beatles são hoje um reconhecido fenómeno global que apela a públicos diversos. Contudo, durante os seus primeiros anos de atividade, o seu público era maioritariamente raparigas jovens – e estas eram, pelo que é possível ver em reportagens da época, das mais entusiastas. Contudo, os *media* apelidaram as fãs de “histéricas” ou “loucas” e trataram o seu entusiasmo, emoções e energia praticamente como se fossem sinais de uma patologia. O que pensa sobre isto?

Os Beatles são considerados uma das bandas mais inovadoras da História recente da música, contudo, durante os seus primeiros anos de carreira, foram criticados por ter uma sonoridade considerada simplista. Realmente o seu pico de sucesso dar-se-ia depois, mas há quem diga que a música dos primeiros anos já tinha marcas dos atributos que viriam a ser aplaudidos nos seus álbuns futuros – mas estas características não foram detetadas por críticos musicais

inicialmente. Como mencionei ao bocado, inicialmente uma grande parte dos fãs dos Beatles eram raparigas jovens. Acha que há alguma correlação entre as críticas que são feitas e o tipo de público da banda?

Gostava de perguntar se tem mais alguma coisa que gostasse de partilhar sobre as suas experiências como fã dos Beatles na década de 1960 – há alguma nota que queiram deixar de forma retrospectiva, olhando para trás e avaliando o impacto que os Beatles e as suas fãs tiveram em si?

## **8. APÊNDICE C**

### **Consentimento Informado para as participantes dos Focus Groups**

#### **Consentimento Informado**

#### **Participação em Focus Group**

No âmbito do desenvolvimento da Dissertação de Mestrado sobre as raparigas enquanto consumidoras culturais na indústria da música e a misoginia presente na descredibilização deste seu papel, da autoria da estudante Inês Ferrão Guedes, sob a orientação da Professora Doutora Cristina Sá, é solicitada a sua colaboração através da participação num focus group.

Estes focus groups irão realizar-se na Universidade Católica Portuguesa no Porto (campus Foz) e as participantes desta dinâmica deverão ser mulheres que eram fãs do grupo musical One Direction na década de 2010, e as perguntas e atividades propostas no contexto dos focus groups terão como foco principal as experiências e memórias associadas à integração deste fandom.

A participação nesta dinâmica é totalmente voluntária e as participantes poderão desistir a qualquer momento da mesma, sem qualquer prejuízo para elas.

É requisitada a sua autorização para que o focus group seja gravado (apenas em formato de áudio), exclusivamente para efeitos de transcrição dos dados. Esta transcrição estará presente nos anexos da Dissertação de Mestrado e a confidencialidade e anonimato das participantes será salvaguardada, ao longo de todo o documento que constitui a Dissertação de Mestrado, através da substituição dos seus nomes por nomes falsos. É também requisitada a sua autorização para que, ao longo do focus group, sejam tiradas fotografias que serão incluídas na Dissertação de Mestrado, sendo que estas não revelarão a cara das participantes (as caras não serão fotografadas ou serão posteriormente editadas de forma a que fiquem anonimadas).

Não está previsto qualquer tipo de financiamento associado a estes focus groups, nomeadamente associado a despesas de transporte.

Os dados que de forma voluntária fornece no contexto deste focus group serão utilizados meramente para fins de investigação.

A Dissertação de Mestrado em questão será, posteriormente à sua finalização, partilhada com todas as participantes dos focus groups através do mesmo e-mail que forneceram para o envio do presente documento.

Qualquer dúvida relativamente à sua participação no focus group deverá ser esclarecida pela estudante responsável pelo desenvolvimento da Dissertação de Mestrado e dos focus groups, que poderá contactar através do e-mail [s-ifguedes@ucp.pt](mailto:s-ifguedes@ucp.pt).

A sua participação nestes focus groups representa uma colaboração na criação de conhecimento. Muito obrigada pelo seu contributo!

**A preencher pela participante:**

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que li este documento e compreendi o caráter da minha participação neste focus group. Considerei esclarecedoras e suficientes as informações que me foram dadas, via este documento ou verbalmente, pela estudante responsável pelo desenvolvimento da Dissertação de Mestrado e dos focus groups. Qualquer dúvida que me possa ter surgido relativamente à minha participação nesta dinâmica foi-me devidamente esclarecida. Assim, aceito participar neste focus group e permito que os dados que de forma voluntária forneço sejam utilizados para esta investigação, nas garantias de confidencialidade e anonimato que são descritas neste documento.

Assinatura:

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

## **9. APÊNDICE D**

### **Consentimento Informado para as participantes das Entrevistas**

#### **Consentimento Informado**

##### **Participação em Entrevista**

No âmbito do desenvolvimento da Dissertação de Mestrado sobre as raparigas enquanto consumidoras culturais na indústria da música e a misoginia presente na descredibilização deste seu papel, da autoria da estudante Inês Ferrão Guedes, sob a orientação da Professora Doutora Cristina Sá, é solicitada a sua colaboração através da participação numa entrevista.

Esta entrevista irá realizar-se num local previamente acordado entre a entrevistadora e a entrevistada. As entrevistadas deverão ser mulheres que eram fãs do grupo musical Beatles na década de 1960 e/ou de 1970, e as perguntas da entrevista terão como foco principal as vivências e memórias associadas a esta experiência.

A participação nestas entrevistas é totalmente voluntária e as participantes poderão desistir a qualquer momento das mesmas, sem qualquer prejuízo para elas.

É requisitada a sua autorização para que a entrevista seja gravada (apenas em formato de áudio), exclusivamente para efeitos de transcrição dos dados. Esta transcrição estará presente nos anexos da Dissertação de Mestrado e a confidencialidade e anonimato das participantes será salvaguardada, ao longo de todo o documento que constitui a Dissertação de Mestrado, através da substituição dos seus nomes por nomes falsos.

Não está previsto qualquer tipo de financiamento associado a estas entrevistas, nomeadamente associado a despesas de transporte.

Os dados que de forma voluntária fornece no contexto desta entrevista serão utilizados meramente para fins de investigação.

Caso deseje que alguma da informação que partilhou não seja utilizada para os efeitos deste trabalho, poderá nos momentos seguintes à entrevista pedir à entrevistadora que os corte da

transcrição final (e, conseqüentemente, que essa informação não seja utilizada na Dissertação de Mestrado).

A Dissertação de Mestrado em questão será, posteriormente à sua finalização, partilhada com todas as participantes das entrevistas através do mesmo e-mail que forneceram para o envio do presente documento.

Qualquer dúvida relativamente à sua participação na entrevista deverá ser esclarecida pela estudante responsável pelo desenvolvimento da Dissertação de Mestrado e das entrevistas, que poderá contactar através do e-mail [s-ifguedes@ucp.pt](mailto:s-ifguedes@ucp.pt).

A sua participação nesta entrevista representa uma colaboração na criação de conhecimento. Muito obrigada pelo seu contributo!

**A preencher pela participante:**

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que li este documento e compreendi o caráter da minha participação nesta entrevista. Considerei esclarecedoras e suficientes as informações que me foram dadas, via este documento ou verbalmente, pela estudante responsável pelo desenvolvimento da Dissertação de Mestrado e das entrevistas. Qualquer dúvida que me possa ter surgido relativamente à minha participação nesta dinâmica foi-me devidamente esclarecida. Assim, aceito participar nesta entrevista e permito que os dados que de forma voluntária forneço sejam utilizados para esta investigação, nas garantias de confidencialidade e anonimato que são descritas neste documento.

Assinatura:

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

## 10. APÊNDICE E

### Transcrições dos Focus Groups com fãs de One Direction

#### Focus Group 1

22 de março de 2024

Eu – Quero começar por vos agradecer por participarem no focus group, e hoje vou pedir que façam uma partilha das vossas experiências e memórias como Directioners durante a década de 2010. Queria propor-vos que longo da conversa que nós vamos ter e do tema que eu vos vou propondo para falar, que nós fôssemos colocando neste quadro de cortiça algumas das vossas ideias, das vossas memórias, das vossas experiências... Ou seja, à medida que forem conversando e se forem lembrando de histórias, de ideias, de uma private joke, de algo que foi importante para vocês, podem preencher – não há forma errada de preencher, não há uma forma certa específica, podem escrever uma memória ou uma ideia num post-it e afixá-lo, podem afixar fotografias, à beira até de post-its se acharem que faz sentido escrever algo relacionado, se alguém escrever alguma coisa e vocês tiverem uma memória que se relaciona podem afixar o post-it à beira, podem desenhar nos post-its se quiserem, podem conectar coisas com o cordão se acharem que faz sentido, têm aí a tesoura, podem conectar com... ou seja... se quiserem conectar ideias, de uma forma que faça sentido para vocês e que vos ajude a exprimir as experiências. Podem mexer nas fotos à vontade, trocar entre vocês, não é por pegarem que têm de afixar, estão à vontade para partilhar o que quiserem, estejam à vontade, também têm snacks se quiserem e, pronto...

Bruna – (come snacks)

Eu – Ainda bem que abrimos assim! Portanto, vamos a isto?

Bruna - Posso escrever o que me apetecer, certo?

Eu – O quê?

Bruna – É para escrever agora o que me apetecer?

Eu – Podem! Podem afixar coisas que se vão lembrando, que vão contando, estão à vontade. Vamos começar então pelas apresentações. Eu queria propor-vos que, à vez, cada uma de vocês dissesse o vosso nome, a vossa idade e partilhasse como e quando se tornaram fãs dos One

Direction. E também se quiserem acrescentar algum detalhe, tipo qual era vosso álbum favorito, ou a vossa era favorita, ou música, estão à vontade para o fazer também. Se calhar fazemos nesta direção, assim?

Beatriz – Só há uma direção.

(risos)

Beatriz – Okay, olá, sou a Beatriz, tenho 24 anos. Tornei-me Directioner porque queria odiá-los, na verdade, porque havia uma rapariga na minha turma que era a popularzinha e era Direcioner, e eu “okay como tu gostas dos One Direction eu vou ser fã dos...”, não lembro do nome.

Bruna – The Wanted.

Beatriz – Exato.

Bruna – Eu era a rapariga popular da minha turma.

(risos)

Beatriz – Pronto, e depois saiu a Live While We’re Young e eu foi tipo... They are good. So that’s all. That’s how I met your father.

(risos)

Teresa – Olá, eu sou Teresa, tenho 27 anos e fiquei fã na altura do X Factor, foi a minha melhor amiga mandou-me tipo vídeos deles “Ah, não sei quê, olha esta banda, acho que é engraçada”, e eu comecei a ver “Ah, pronto, lá vamos nós, mais um”, e depois, pronto.

Nádia – Okay, eu sou a Nádia, tenho 22, sou de Lisboa, caso não reparem pelo sotaque. Eu estou aqui a estudar no Porto no mesmo mestrado que a Inês, portanto conhecemo-nos aí. Ah... Quando é que eu me tornei Directioner? Já não me lembro bem, mas não foi no X Factor, foi também, eu também no início queria odiá-los, um bocadinho porque toda a gente também era, meio que se gostasses deles também eras uma pita excitada, meio que os rapazes não gostavam muito disso, então eu meio que sempre foi “Okay, não vou gostar deles, porque gostar deles não é bom”, mas depois, opá, entretanto uma amiga minha começou a gostar e ouviu músicas também, e eu comecei a ouvir com ela e depois, tipo, saiu o meu álbum preferido, “Midnight Memories”, e aí... E “Take Me Home”. Pronto, e então, e acho que foi isso... Já não lembro exatamente como é que foi a transição mas também comecei um bocadinho por querer odiá-los.

(risos)

Raquel – Sou eu. Olá, o meu nome é Raquel, tenho 27 anos e comecei a gostar dos One Direction na altura do X Factor porque o meu tio era muito fã do programa na altura, e ainda estavam na fase das audições individuais e ele disse-me, mandou-me uma mensagem no Facebook, a dizer assim: “Nesta edição do X Factor há uns rapazes muito giros”.

(risos)

Raquel – E então comecei a ver na altura e depois, pronto, é o que foi.

(risos)

Gabriela – O meu nome é Gabriela, eu comecei a gostar deles na altura do X Factor, eu tenho 24, portanto na altura tinha mais ou menos... 11, ya, e comecei a gostar porque na altura a minha melhor amiga, que também é minha prima, descobriu as audições e os video diaries no YouTube. Portanto eles andavam a decorrer galas, não naquela fase de audições, mas na altura das galas, e portanto nós começámos a descobrir aqueles sites manhosos para acompanhar...

(risos)

Gabriela – E, e pronto, e começou assim, de alguma forma, e pronto, e depois começaram a lançar álbuns e não sei quê, a coisa foi-se gerindo a partir daí, ou melhorando, neste caso.

Bruna – Olá, o meu nome é Bruna. Eu descobri os One Direction, ah... Eu acho que foi a minha avózinha na altura, que ela também era bué fã de X Factor. E estava em casa dela e por acaso estava a dar audições, e era a do Louis, imaginem.

(risos)

Bruna – E eu fiquei “Oh my God, I like it!”, imaginem... E depois a partir daí queria acompanhá-lo, tipo a ele, e entretanto juntaram-no a uma banda, e eu fiquei tipo “Oh my God, quem são estes?”, e a partir daí comecei também a acompanhar os vídeos, sites manhosos para acompanhar... E foi mesmo no X Factor, e depois pronto, a partir daí... (dirigida a mim) Também já acompanhaste um bocado desta doença...

(risos)

Bruna – ... E nunca, por acaso nunca, nunca foi porque tipo “ah toda a gente gosta”.

Gabriela – Ah, não, ya.

Bruna – Por acaso não.

Gabriela – Eu acho que comecei a gostar antes de toda a gente gostar.

Bruna – Ya, era assim que eu me sentia.

Gabriela – Aliás, eu irritava-me que as pessoas depois começassem a gostar.

Bruna – Ya! “Tu andavas a falar mal deles e agora gostas deles?”.

Raquel – Depois era... Havia o Justin Bieber. Na minha turma toda a gente gostava de Justin Bieber e depois era só eu e uma amiga minha que gostávamos de One Direction.

Bruna – Na minha turma havia um grupo que era 5SOS e The Wanted, e eu “pronto”, mas ainda bem.

Eu – Gostava agora que fizéssemos o “Show and Tell”, que eu vos disse que íamos fazer com o objeto que trouxessem. Pode ser fotografia, no problem. Eu pedia então que nós à vez apresentássemos o objeto e explicassem, assim, não tem de ser nada super longo, 2 minutos, explicar a memória que lhe têm associada. Se quiserem começamos em ordem inversa, se calhar, para não estarmos sempre a pôr os mesmos, não é?

Bruna – Okay, é assim, este tem bolor já, e este... Eu tenho 2 histórias diferentes e eu vou explicar as duas. Pronto, este foi a primeira prenda que o meu pai me deu relacionada a uma coisa que eu realmente, tipo, gostava, para além tipo de roupa ou algo do género. É um relógio, e tipo na altura um familiar meu foi a Londres e trouxe isto da 1D Store, então tipo isto para mim era sagrado, acho que se nota, tipo está todo lixado e, pronto, conservar. E tipo marcou-me muito porque, tipo, o meu pai começou realmente a perceber eu gostava muito de uma coisa e foi interessante tipo apoiar esse lado, os meus gostos. E este, isto não sei se vocês sabem mas isto era um dos merchs que davam no VIP do Dragão, tipo, quem tinha “early entry”. Mas eu não tinha, e é isso que foi super importante para mim porque eu fui acampar uma semana antes para o concerto e tipo, eu fiz amizades com mesmo muita gente e eu quero relembrar que no Dragão eu tinha cerca de 13 anos, e toda a gente à minha volta tinha tipo 19, 18, 17, tipo eu era a criança. E estava lá também um bocado com a minha mãe. E no dia do concerto eu não sabia que havia VIPs, então estava tipo plena confiança que ia ser a primeira a entrar, porque eu era a 1, estava tipo bué da contente. Mas turns out que eu fiz amizades com as pessoas do VIP, e pá elas viram que eu estava lá imenso tempo e deixaram-me entrar com elas. E a Rute, que é a amiga da Susana, a Rute, ela tipo gostou tanto de... Sei lá, tipo, ela não ia usar isto, e viu que eu era tipo uma criança ali no meio e ficou tão contente, ficou tipo “Okay tu vais entrar comigo”, tanto é que os VIP entraram primeiro e elas guardaram-me lugar, eu fiquei tipo na primeira fila, e deram-me um bocado do merch, e foi tipo super importante porque tipo, consegui perceber que também há pessoas boas no fandom e, pronto, também fiz amizades a partir daí. Portanto, pronto, é isso.

Gabriela – Okay, o meu, isto é bastante humilhante, mas...

(risos)

Gabriela – Eu estampeei uma sweat na altura do primeiro concerto porque o concerto era em Lisboa e os meus pais, como excelentes pais que são, pegaram em mim e na minha prima, que inicialmente me mostrou e que era igualmente fã como eu, e disseram “Okay, vamos com vocês 1 dia antes, passamos o fim-de-semana em Lisboa, vamos com vocês para a fila”, e eu pensei “Okay, eu vou ter que projetar aqui todo um outfit mas vai estar frio porque há uma zona que no MEO Arena faz imensa sombra”. E aquilo é uma zona ventosa por causa do rio...

Bruna – E estava calor.

Gabriela – Ya, por acaso calhou mal, mas... “Mãe, eu vou ter que estampar uma sweat, eu e a Catarina vamos querer fazer uma sweat, não sei quê não sei que mais...”, e ela “Okay, vamos lá estampar a sweat, o que é que tu queres fazer?”. E o que é que eu fiz? Pronto, claro, aqui é uma coisa bastante explícita, não é? Tem aqui o seu símbolo, gigantesco. E depois por trás decidi fazer estas porcariazinhas da treta, que era tipo os nomes deles com o verificado do Twitter, e claro eu tinha aqui a menção especial ao que eu tinha um carinho especial, porque era muito pejorativo na minha opinião dizer que era um favorito. E pronto, na altura a minha prima, o quem ela tinha um carinho especial era o Louis, então ela tinha tipo, sei lá, “Mrs. Carrot”, assim uma treta qualquer...

(risos)

Gabriela – ... E com o coração da cor preferida dela. O meu era amarelo, isto agora está um bocado podre, com o tempo. E pronto, eu quando olho para isto lembro-me não só, lá está, do facto de haver um que eu tinha um carinho especial e até hoje continua muito presente na minha vida e que já, entretanto, me deu mais amizades ainda, para lá daquilo que os One Direction em si me deram, e o esforço e a dedicação que eu punha neste grupo, entre ligações familiares e amizades e não sei quê, o que eu me dediquei em prol deles.

Raquel – Bem, o meu é pouco interessante, porque é o primeiro álbum dos One Direction. Eu quis trazê-lo porque isto tem uma história engraçada porque eu obriguei o meu pai a ir a Espanha comprá-lo, porque não existia nada dos One Direction em Portugal quando eles lançaram o álbum, ninguém cá sequer sabia o que é que era, e eu lembro-me do meu pai correr as FNACs todas e as Worten e eles dizerem que não tinham sequer previsão para chegar e isso nem sabem o que é que é. E eu disse-lhe “Olha, mete-te onde tu quiseses e vai-me buscar”, e ele deu-me isto no Natal, então eu fiquei muito contente. E depois isto, pronto, tem uma história engraçada porque isto foi também no mesmo mês em que eu decidi que os queria ir ver, porque eles não vinham cá, então eu com 14 anos decidi ir trabalhar para uma fábrica de uma empresa de um

amigo da minha mãe para, tipo, ganhar dinheiro para ir ver os One Direction a Londres. E foi o que eu fiz, trabalhei o verão inteiro para conseguir juntar dinheiro para conseguir ir, fui, e claramente quando eu já tinha tudo comprado para ir a Londres eles disseram que vinham cá.

(risos)

Raquel – Então tive de comprar para cá também, e pronto.

Nádia – Okay, pronto, eu sou de Lisboa, ou seja eu não tenho cá nada, no Porto, então eu arranjei uma fotografia de quando eu vim ao concerto do Porto, porque também a minha mãe também foi muito simpática e também pegou em mim e na melhor amiga dela, ela tem uma filha, a melhor amiga da minha mãe, que é da minha idade, também era grande fã, então fomos as quatro, viemos cá ao Porto. A minha mãe foi com a amiga beber um vinho do Porto e nós fomos ao concerto. E pronto, na altura, não sei se vocês se lembram de umas coisas que era “Keep Calm e...”...

Várias – Sim!

Nádia – Também estampeei uma camisola, só que era “Keep Calm and listen to One Direction”.

(risos)

Nádia – E pronto, não sei, isto... Eu não tinha muitas fotografias, eu tinha muitas coisas, tinha lençóis deles, tinha perfumes, tinha puzzles... Eu tinha tudo e mais alguma coisa.

Bruna – Fora de tangas, o perfume, tipo o primeiro, era bom.

Teresa - Era bom.

Raquel – Era incrível.

Gabriela – Ya, eu quero falar disso.

Teresa – Cheirava tão bem.

Bruna – O meu está amarelo, mas era tipo o melhor cheiro de sempre.

Nádia – Eu não consegui trazer, mas tinha isso tudo também, mas pronto, portanto, esta camisola também fui eu que fiz, e pronto e lembro-me tipo do único concerto que eu vi ao vivo deles, o do Porto, porque o de Lisboa na altura ainda não era assim uma grande fã. Então pronto, e lembro-me também que também foi na altura em que os meus pais perceberam “Okay, ela quer muito isto”, então fizeram um esforço e trouxeram-me aqui. Ainda tenho aquilo guardadinho.

(risos)

Nádia – Guardadinho no armário.

Teresa – Aquilo que eu trouxe é uma joelheira, isto tem uma história porque eu, no ano em que eles vieram cá ao Porto... Eu não consegui ir ao primeiro concerto, em Lisboa, porque quando eu ia para comprar disseram que os bilhetes estavam esgotados. E uma amiga minha foi, e depois, tipo no dia a seguir, ela virou-se “Olha, havia pessoas a venderem bilhetes à porta, tu podias ter ido”, e eu fiquei mesmo chateada.

Bruna – Se nós soubéssemos o que sabemos com a nossa idade na altura.

Teresa – E então quando eles vieram cá ao Porto eu decidi que ia, desse por onde desse tinha que vir ao concerto, só que nesse ano eu lesionei-me no joelho e tive que ser operada ao joelho, e eu vim para o concerto 2, 3 meses depois da operação ao joelho. E pronto tinha que usar uma joelheira. Eu vim para cá completamente sozinha. Uma amiga da minha mãe tinha 2 filhas que vinham também então vim de boleia, acordei tipo às 5 da manhã para estar cá às 8, 9 da manhã, à porta do Estádio. E foi incrível porque eu não conhecia ninguém, elas iam para uma zona completamente diferente, tive de comprar para a zona sentada porque eu não podia estar de pé, por causa do joelho, e as raparigas que estavam na fila, que não me conheciam de lado nenhum, tipo, foram incríveis, passaram o dia todo comigo, fizemos grande amizade, e depois na altura em que abriram as portas estava toda a gente a correr feita louca, eles fizeram tipo uma cena à minha volta para ninguém me empurrar por causa do joelho, e marcou-me imenso.

Raquel – Posso dizer porque é que eu achava que tinhas isso? Para ir para a mobilidade condicionada.

Bruna – Há pessoas que fazem isso.

Teresa – Isso é muito estranho.

Bruna – Ya.

Teresa – Mas marcou-me muito porque eu não conhecia ninguém. Aquelas, acho que eram 6, raparigas, eu conheci-as naquele dia de manhã e elas foram mesmo queridas e mostraram cuidado, mostrou-me que havia pessoas bué boas dentro do fandom.

Gabriela – Eu, aliás, antes, desculpa estar aqui a quebrar o ciclo, mas por exemplo, eu acho que isso é mesmo, para mim, aquilo que eu mais associo aos One Direction é aquilo que eu recebi, muito mais do que aquilo que eu dei. E não foi só a música deles, não foi nada disso, foi as amizades que eu criei. E portanto, sei lá, por exemplo, obviamente isto não é totalmente vocacionado para os One Direction, mas eles entretanto seguiram as suas carreiras a solo como nós sabemos, e, sei lá, eu há menos de 1 ano atrás passei uma semana tipo quase a pão e água

com estas 2 pessoas, que não as conhecia de lado nenhum, e hoje em dia são das minhas melhores amigas porque isto aconteceu há 10 anos atrás na minha vida, ou há 13, 14 anos atrás na minha vida, e ainda agora, com 24, continua a nascer este espírito de entreajuda e de amizade que fica, portanto eu acho que essa sensação que tens eu partilho, apesar do meu item não estar dentro...

(risos)

Bruna – O teu é icónico, não te preocupes.

(risos)

Beatriz – Então, o meu é um bocadinho diferente, não tem uma história engraçada, mas também tem uma história engraçada se quiserem ouvir. Isto é basicamente, é a minha capa académica...

Várias – Ooooh!

Bruna – Eu também tenho!

Beatriz – A minha mãe encontrou este emblema e era o último na loja.

Bruna – Eu mandei fazer, foi tipo 10€.

Beatriz – Eu não me lembro quanto é que este foi, mas já foi fora de época de hype, então não foi assim tão caro, mas basicamente a maior parte das minhas afilhadas de faculdade são minhas afilhadas porque viam o emblema e foi do género... “Directioner”. E uma das minhas afilhadas escreveu mesmo uma carta a pedir para eu ser madrinha mesmo com referências aos One Direction e não sei quê... Mas pronto, a história engraçada foi, no concerto do Porto quem foi comprar o bilhete foi a minha mãe, eu tinha treino de patinagem nesse dia, e eu fui do género “Vais tu para a fila e desenmerda-te, eu tenho que ir”. Pronto, e ela conseguiu bilhete e não sei quê, e depois coincidentemente calhou nesse mesmo fim-de-semana o campeonato nacional de patinagem artística, e havia uma colega minha da patinagem que também ia ao concerto e foi um descalabro porque como é que eu vou às duas coisas no mesmo dia ao mesmo tempo? Então basicamente havia muita gente na patinagem que também ia ao concerto e ficaram todas indignadas, então nós reunimos todas a escrever uma carta para a Delegação de Patinagem para mudarem o campeonato...

Gabriela – A nossa força, não é?

Beatriz – Também estavas?

Gabriela – Não, não, não, mas é a força, tipo, deste fandom!

Beatriz – Nós organizámos, recolhemos imensas assinaturas para mandar para a Federação para eles mudarem o campeonato de sítio para o Porto, para conseguirmos ir ao concerto. Então nós saímos, aquilo foi ao sábado, salvo erro. Estava tudo nós a ver na televisão que estavam pessoas a desmaiar e não sei quê na fila...

Bruna – Foi horrível.

Gabriela – Foi um domingo.

Bruna – Eu estava lá há uma semana, eu acho que perdi a noção do tempo.

(risos)

Beatriz – E eu lá tipo em pânico, do género “Não vou chegar a tempo” e não sei quê... Porque ela ia competir tipo às 17:30h, as portas abriam tipo às 18h, ela tinha que esperar pela avaliação, etc, por aí fora... Então ela basicamente saiu do esquema, foi para o balneário, foi-se vestir, fomo-nos enfiar no carro, a minha mãe parou no meio da autoestrada ao pé da polícia, do género “Olhe, elas vão para o Dragão, posso parar aqui para elas darem uma corridinha para ali?”, e ele “Pode”. Então a gente, tipo, corre, não estava ninguém nas filas, nós bué preocupadas, tipo tínhamos de ser vistas pela segurança, ninguém nos viu malas, ninguém nos viu nada. Entrámos lá, começámos a ouvir 5SOS e nós tipo “Espera, mas não era 5SOS, vinham os D.A.M.A., o que é que se passa?”. Corremos ainda mais depressa porque queríamos ir ver os 5SOS, chegámos lá, tipo ainda era as músicas que estavam a dar antes dos D.A.M.A. e nós, tipo...

Bruna – Eu adormeci nos D.A.M.A..

Raquel – Uff...

Bruna – Lembro-me que tinha uma rapariga ao meu lado que tinha comprado bilhete para ver os 5SOS, tipo eu lembro-me mesmo bem, tipo... Ela estava a acampar comigo, tipo ela estava lá desde segunda-feira, eles anunciaram tipo na quinta-feira que eram os D.A.M.A.... Epá, vocês não estão a entender como é que a miúda ficou...

Gabriela – Isso é horrível.

Raquel – Mas eles também já não foram ao de Lisboa!

Gabriela – Mas o de Lisboa...

Bruna – Mas o de Lisboa foi uma gaja cantar...

Gabriela – Neste ainda não eram.

Raquel – Estavam, porque eu vi-os em Londres.

Gabriela – Não, mas eles só fizeram Londres, na altura, e depois só começaram a fazer o resto dos sítios na turné...

Raquel – Quem esteve no de Lisboa?

Bruna – Foi uma gaja, uma miúda, tipo, ela cantou...

Gabriela – Era da Sony.

Bruna – Ya, ela cantou também, na altura, tipo, músicas das Little Mix e assim, tipo, fez covers e assim.

Eu – Sem vos querer interromper, nós vamos ter tempo para falar dos concertos a seguir...

(risos)

Eu – Eu quero especificamente que vocês me contem sobre os concertos a seguir! Agora, com o “Show and Tell” terminado, e by the way podem continuar obviamente, ao longo do tempo, a organizar as ideias, podem pôr as fotos se quiserem, à vontade...

Bruna – Eh pá, eu já escrevi um bué deep.

Gabriela – Eu se calhar posso contar esta história que escrevi aqui, que é associada aos perfumes, porque... Elas as duas já sabem desta história, mas o meu irmão foi estudar para Inglaterra pouco depois do primeiro concerto cá em Portugal, ou seja, terá sido em 2013, acho eu? Sei que ainda não tinha acontecido o segundo. E eu fui com ele, na altura, porque ele fez a mudança para Inglaterra e não sei o quê, e já tinha saído o “Our Moment” lá, mas não tinha saído cá. “Isto tem que acontecer, eu vou ter que levar estes perfumes”, e levei, completamente selado, e no aeroporto não queriam deixar aquilo passar na caixa e com o invólucro. Disse “Não!”, com o meu parco inglês, com 12 anos, “Por favor, não, não, não me rasgue o plástico porque isso tem um autocolantezinho que tem o símbolo deles” e a senhora tipo “Pronto menina okay, olhe, sabe que mais? Se isso a faz assim tão feliz eu passo isto aqui à parte e leva assim”. E na altura trouxe o perfume também para esta pessoa com quem eu estampeei a sweat, que vem amanhã, ou seja é engraçado se eventualmente amanhã houver cruzamento destas histórias. E eu na altura liguei-lhe em vídeo chamada porque o tester das perfumarias em Londres tinha uma florzinha associada ao perfume, e eu borrifei dezenas daquilo, que era para lhe dar a ela, então em vídeo chamada disse-lhe “Ah, eu depois levo-te uma florzinha para tu sentires o cheiro”, e não sei quê, mas sem dizer que ia levar o perfume. E quando no sábado a seguir ela vem ter comigo, nós íamos a um flash mob na altura, no Dragão...

Eu – Flash mob relacionado com o concerto?

Bruna – Sim.

Gabriela – E na altura nós íamos a esse flash mob e eu tinha chegado tipo numa sexta-feira, sábado ela foi lá ter a casa porque nós depois íamos para o flash mob. E eu disse-lhe “Olha, eu tenho é uma surpresa para ti”. Pá, mostrei-lhe o meu e não sei quê, e ela já estava com as lágrimas nos olhos, e disse-lhe “Mas espera aí que eu tenho uma surpresa para ti, tens é de fechar os olhos e pôr assim as mãos, estendidas no colo”, e ela estava assim. E, pronto elas conhecem-na, amanhã também vais conhecer, ela é muito branquinha, tipo estava super vermelha, super stressada. Eu e a minha mãe metemos-lhe a caixa no colo e dissemos “Podes abrir”. Quando ela abriu, ela só começou a chorar, ela não conseguia articular. Dizia “Isto era a melhor coisa que me podias ter feito”, uma coisa de todo o tamanho. E na altura, como o meu perfume estava aberto, eu fui para o flash mob já com o perfume, porque eu já o usava. E as pessoas começaram tipo a abordar-me, porque duas amigas minhas na altura também estavam e souberam que eu tinha o perfume e não sei quê, então começaram tipo a gabar-se disso, como “Ah, a Gabriela tem o perfume!”, e apareceram lá umas miúdas, que ainda hoje em dia são bastante odiadas, tipo “Como é que tens o perfume se não há em Portugal?”, e eu tipo “Porque eu vim de Inglaterra”. E começaram a dizer “Então podemos-te cheirar?” e eu “Podes”. Começaram 20 miúdas a cheirar-me o pescoço e os braços e não sei quê, eu estava tipo...

(risos)

Gabriela – “Okay, então eu faço isto, tipo, eu levo o tiro pelo grupo”.

Bruna – E é bué engraçado estares a contar esta história, nós estávamos a acampar, e eu era das miúdas que estavam lá no acampamento e fiquei tipo “Porque é que toda a gente está a cheirar aquela rapariga?”. Porque eu estava lá, só que...

Gabriela – E não me foste cheirar, graças a Deus.

Bruna – Não, não, não fui, amiga.

Eu – Eu agora queria pedir para fazer assim um setback, para voltar a falar deles e a seguir vamos voltar às experiências. Então, os One Direction tornaram-se num êxito que quebrou muitos recordes, não é, não tenho nada a ensinar-vos sobre isso...

(risos)

Eu – Foram o primeiro grupo a estrear os 4 primeiros álbuns em número 1 nos Estados Unidos, o maior número de seguidores no Twitter para um grupo musical, o maior número de subscritores para uma banda no YouTube... Entre 2010 e 2016 lançaram 5 álbuns e fizeram 4 tours mundiais. O que é que acham, na vossa opinião, a que é que se deveu o enorme sucesso

do grupo e o que é que os diferenciou de outros grupos que havia? O que é que vos despertou o interesse nos One Direction e o que é que vos continuou a despertar para continuarem a seguir a carreira deles?

Bruna – Eu acho que era a nossa relação para com eles.

Gabriela – E a relação deles também para connosco.

Bruna – Eu sinto que descobri o meu pico de felicidade.

(várias expressam concordância)

Eu – Queres desenvolver a ideia?

Bruna – Imagina, temos todas idades diferentes, mas eu sinto que quando comecei... Primeiro, o inglês, que na altura não havia metade das acessibilidades, entre aspas, tipo a letras, hoje em dia ouço músicas deles e fico tipo “Que é isto?”.

(risos)

Bruna – E sinto que foi... Eu ouvia as músicas deles, e era o chegar a casa, e era tão reconfortante estar a ver vídeos, eu sentia que fazia parte do dia-a-dia deles. Eles faziam-me sentir bem, e isso era uma coisa que, sei lá, nós quando estamos a passar por uma fase do ensino, eu falo por mim, no básico, e também a escola onde eu andava, que sentia muita pressão, tipo... Estava a crescer, digamos, é também a pré-adolescência, que é uma fase um bocado complicada e eu sentia que, de certa forma, tinha uma base neles, neles 5. E pronto, sinto que acho que foi mesmo um pico de felicidade que descobri, e tudo o que também já foi enumerado, as amizades que fiz e etc... Mas eu acho que era mesmo eu estar sozinha e sentir-me bem sozinha porque sentia que estava acompanhada com eles.

Gabriela – Uma sensação de...

Bruna – Reconforto, ya.

Teresa – Eu acho que aqueles vídeos que eles faziam na altura do X Factor ajudaram nisso.

Bruna – Ya!

Teresa – E o facto deles serem, pelo menos, eles eram... O Harry era 3 anos mais velho que eu, é bué próximo.

Bruna – (em tom de piada) Tem calma, tem calma, tipo, contigo...

(risos)

Teresa – Não, mas ele...

Raquel – Era isso.

Teresa – Era da...

Raquel – Primeiro, sentias que era possível.

Teresa – ... Mais ou menos da nossa idade. Exato...

Bruna – Eu nunca senti isso.

Teresa – Como a idade deles era mais próxima da minha, era tipo, “Okay”.

Bruna – Okay, okay, percebo.

Teresa – E os vídeos diários deles eram bué engraçados.

Eu – Os vídeos diários faziam-vos sentir maior proximidade com eles?

Várias – Sim.

Bruna – E não há metade da acessibilidade que agora há, porque tipo, hoje em dia tens tipo 1000... Por exemplo, virando para o mundo do k-pop, há uma forma de interagires com eles muito diferente.

Teresa – Acho que foi a primeira vez que uma banda decidiu interagir assim mais com o...

Bruna – E dar-se a. E dar-se a.

Teresa – Acho que foi a primeira banda em que isso aconteceu.

Bruna – Ya.

Gabriela – Eu acho que as outras boys bands, se calhar, pronto, eu acho que os One Direction tiveram uma bênção, digamos assim, também para a sua carreira, que foi: estavam a surgir no boom do YouTube, no boom da Internet, e portanto a popularidade que eles atingiram também tem muito a ver com... Portanto, esta popularidade que eles tiveram também tem a ver com isso, mas acho que os One Direction só chegaram onde estão, e esses recordes todos que enumeraste, só aconteceram, a Raquel disse e eu concordo, só aconteceram porque existia um fandom mesmo muito grande que de facto tinha uma dedicação acima da média. Eles têm quase todos os prémios que foram nomeados... Não é quase, é todos! Todos os prémios que foram nomeados por popularidade, se era número de tweets, se era número de visualizações, se não sei quê, nós éramos capazes de deixar os computadores ligados a noite inteira...

Bruna – Ya, só para...

Gabriela – Para tentar bater esses recordes e conseguir esses prémios.

Raquel – No YouTube 24h, em loop.

Gabriela – Exatamente. Ou seja, havia aqui uma dedicação...

Bruna – Faltar às aulas para ouvires tipo, o videoclipe na hora que saísse! Isso aconteceu comigo!

Raquel – Eu pedi à minha professora de Inglês para sair porque “Vai sair o videoclipe dos One Direction”. Era o “One Thing”, na altura. E saí, fui ver para a biblioteca, e voltei.

Bruna – Eu quero dizer, é do género... Hoje em dia temos uma acessibilidade, tipo, mesmo com os iPhones...

Gabriela – O telemóvel! As nossas fotos das experiências são de péssima qualidade.

(várias expressam concordância)

Bruna – É verdade, é verdade... Eu acho que também na altura era bom porque nós aproveitávamos de outra maneira, em certa parte.

Gabriela – Havia ali uma ingenuidade.

Bruna – Ya. Eu gostava de ter mais memórias dos concertos, mas eu não tenho... Tipo, tenho fotos do telemóvel da minha mãe, que era tipo um Nokia, entre aspas, e eu gostava de, tipo, às vezes recordar certos momentos e o máximo que tenho é tipo, por exemplo, o bilhete do concerto ou um vídeo, tipo todo desfocado com...

Nádia – Com os graves...

(imitação do som dos graves e risos)

Bruna – Tipo os graves da coluna. Tipo, é o máximo que eu tenho, e às vezes gostava de poder, mas por um lado ainda bem, porque... É o que eu digo, eu sinto que senti felicidade pela primeira vez, e aquela felicidade era tão pura, que eu não me importava... Eu sentia-me tipo uma guerreira, tipo literalmente, “Eu estou aqui tipo, para lutar, e se tiver de lutar por eles eu vou lutar”, e são pessoas que nem sabem o meu nome.

Teresa – Eu acho que todas sentíamos isso na altura.

Bruna – Aquela rapariga do filme que diz “I know they don’t know me, but I know they still love me”.

Teresa – Sim.

Bruna – Tipo eu acho que ela falou por toda a gente naquela altura, porque eles nem sabem quem é que eu sou, mas eu tenho plena noção que eles estão gratos pelo que nós fizemos, e eu

estou muito grata porque... Sinto que era tipo um trabalho mútuo, estão a entender? Tipo eles também passaram por fases horríveis e nós agora temos capacidade para perceber o que eles passaram quando tinham a idade que tinham, e nós na altura... Eu sinto que não tinha, e agora tenho, mas nós também passámos, à nossa maneira, por coisas que eles nem sequer fazem ideia. Tipo, eu acampeei, para Lisboa estava há 3 dias lá a dormir, vejo o Zayn a fumar um cigarro e a mandar-me calar, e eu fiquei tipo “Oh, manda-me calar na mesma outra vez”, tipo eu ficava louca, e agora ponho-me tipo “Porque é que ele me mandou calar?”, e tu vais a ver um feedback que eles tiveram durante aquela fase toda e foi realmente tremendo, não é? Tipo eles não dormiam, eles só respiravam e cantavam, ponto.

Raquel – Eles gravavam o outro álbum...

Bruna – Enquanto estavam em tour.

Raquel – Nem dormiam.

Bruna – Eu acho que era mesmo, tipo, trabalho mútuo. Eu percebo que nós realmente éramos 100% dedicadas, mas acho que era mesmo, tipo, também...

Raquel – Mas uma coisa que eu gostava muito neles é que eles eram muito eles próprios. Não era essa, imagens...

Bruna – Até certo ponto, até certo ponto...

Raquel – Nesta altura.

Gabriela – Mas acho que, de facto, eles serem assim genuínos naquela fase inicial foi o que também trouxe as pessoas...

Bruna – Sim, sim! Tu a partir do momento em que tiveste, tipo, a partir do “Four”, tu notas aquilo a descambar a 100%.

Raquel – Tudo completamente controlado, o que eles diziam...

Gabriela – Até mesmo na do “Midnight Memories” isso já se...

Bruna – Já estava um bocado tenso, já estava um bocado tenso... Eu notei isso no Dragão, também.

Eu – Eu queria precisamente perguntar-vos sobre essa questão, que era que, além... Vocês tinham acesso não só ao produto cultural que eles produziam, que era música, os concertos, tudo mais, mas vocês também tinham muito acesso, embora menos do que o que se tem hoje, às live streams, aos tweets, numa altura em que se calhar realmente era tudo muito mais orgânico do que vemos hoje. E eu ia perguntar-vos a questão de que realmente algumas pessoas

poderão dizer que à perícia e a todo o trabalho árduo e talento dos grandes músicos de sucesso também estão associados personalidade, carisma, uma grande capacidade de conectar com o público... E eu queria perguntar se vocês acham que isto se aplica ao caso dos One Direction. Ou seja, qual era a percepção que vocês tinham das personalidades deles, e se isso até ampliava o “appeal” para vocês.

Raquel – Eu não tinha pessoas assim na minha escola. E não estou a falar de beleza, estou a falar de... o objetivo deles não era gozar contigo, não era fazer-te sentir inferior, não era... Era tudo do bom, então era do género, aquilo era um refúgio precisamente porque “Epá existem rapazes que tu neste momento gostas e é tipo, pá, são decentes. Gosto de ver estas pessoas, afinal tipo, não é isto que eu tenho na minha escola que é o normal”.

Gabriela – E mesmo em relação às amigadas. Desculpa, eu estou sempre a remeter a isto, mas é uma coisa que eu e ela já conversámos mais do que uma vez em privado. Na altura do básico, eu senti que não tinha amigos, tipo as pessoas eram todas tão parvas, as raparigas, os rapazes, não sei... E eu sentia, por exemplo, as amigadas que eu criei, ou pelo Twitter, ou por outra razão qualquer associada à banda, epá eu lembro-me de achar que aquilo eram pessoas que gostavam de mim, e... Eles eram rapazes que existiam e eu gostava, eles eram rapazes de quem eu gostava e que um dia eu podia chegar, e as amigadas que eu tinha ali existiam também, ou seja, existiam boas amigadas, aquilo que estavas a falar de pessoas que nem te conheciam e que te ajudaram naquele momento, é tipo... Pá, se calhar, ao fim do dia, estas pessoas até existem, mesmo que eu hoje em dia na escola não os veja.

Raquel – No nosso caso, estavam ali.

Gabriela – E no nosso caso estavam ali, exatamente.

Bruna – É assim, eu por acaso, essa cena da amizade, tipo... Mas ya, tinha os One Direction, é a realidade e fiz muitas amigadas. Mas eu também sinto que isto foi muito... Eu tive que crescer um bocado rápido, e... Porquê? Porque toda a gente à minha volta não tinha a mesma idade que... Imagina, as pessoas que eu me identificava não, tipo... As pessoas da minha idade, eu não me identificava com elas porque elas viam isto de uma forma diferente que eu via. E as pessoas que eu me identificava, tipo, eu não me dava com elas ou eram mais velhas, então eu sinto que tive de ter uma espécie de, sei lá, avanço social, porque eu queria bué dar-me com pessoas...

Gabriela – Fazer parte de um grupo onde te integrasses.

Bruna – Ya, e eu senti que... E eles ajudaram-me, em certa parte, tipo... Pá, isto é bué ridículo, o que eu vou dizer, mas eu tenho um traço de personalidade graças ao que eles me deram.

Gabriela – Completamente.

Raquel – O meu traço de personalidade era Directioner.

(risos)

Raquel – Traço de personalidade mais forte: neste momento, Harry Styles.

Bruna – Ya.

Gabriela – E não tens problemas de o usar!

Bruna – Não!

Gabriela – Quando alguém me ataca com isso, tipo, do género “Ah, tu fazes disso um traço de personalidade”. O que é que queres que eu te faça? É o que é!

Beatriz – Não estamos a chatear ninguém!

Gabriela – É isso! Eu acho que as maneiras de estar deles, aí nesse aspeto, é uma coisa que até hoje se perpetua muito, por exemplo, a questão de eles serem vocais em relação a certas causas que defendem, se calhar nós hoje em dia também somos vocais em relação a certas causas que defendemos porque eles nos moldaram a ser assim. Portanto, eu acho que, sobretudo na fase de vida em que estas pessoas se inseriram na nossa vida, também tiveram um papel formador.

Bruna – Tu tens tipo, os teus pais, e os professores, e os One Direction.

Gabriela – Sim, completamente.

Raquel – Estas pessoas...

Gabriela – Educaram-te! They raised me, são a minha adolescência total.

Bruna – Total! 100%!

Raquel – E o facto da idade ser muito próxima era uma coisa que também me fazia mais próxima deles, porque, por exemplo, eu sempre adorei mais bandas do que artistas individuais, e eu lembro-me que eu adorava os McFly, antes dos One Direction. E eu lembro-me que, por exemplo, a distância era muito maior e eu via-os mais como ídolos, e não como meus amigos, porque eu na altura tinha... Quê, 12 anos? E o meu crush dos McFly tinha 26.

Bruna – Eu com os One Direction.

Raquel – Claramente nunca ia dar nada. E eu lembro-me depois quando estes apareceram, foi do género “Oh meu Deus, pessoas da minha idade”.

Bruna – Eu também sinto que, falo dos traços de personalidade, eles todos têm, tipo, como banda, genuinamente se completavam muito. Tipo eu acho que cada fraqueza de um, era tipo...

Raquel – A força do outro.

Bruna – Ya, sentia muito isso. E, oh pá, não vou estar aqui a falar individualmente de cada um, porque acho que podemos ter opiniões completamente diferentes, mas podemos concordar com isto. E eu sinto que muitas das vezes tenho certas atitudes tipo “Isto é bué Louis”, “Okay, isto é bué Niall”, tipo “OMG, parecia o Harry”. Eu lembro-me de estar tipo na minha escola, no básico, e ficar tipo “Oh my God, quem me dera que o Harry visse isto, porque tipo, eu fui bué Harry!”.

(risos)

Bruna – Eu sentia-me bué assim, porque tipo, kinda que sentia que o meu traço de personalidade foi moldado à volta deles os cinco.

Raquel – Eu não era tanto isso, eu era mais um... Ver alguma coisa e pensar “Esta pessoa ia gostar de ver isto”, ou “Ia gostar daquilo”. O facto de tu sentires que conheces aquelas pessoas. Fosse um filme, fosse o quer que seja...

Bruna – Ya! Okay, também percebo, percebo o que estás a dizer.

Nádia – “Ia gostar de ver isto”...

Gabriela – Mesmo que isso não fosse necessariamente verdade. Se calhar muito disso foi-me manipulado, mas na altura, para ti era tipo, ya.

Raquel – Eu por acaso senti que na altura...

Teresa – No início...

Raquel – Ah, sim, ya, isso no X Factor, eu acho...

Bruna – Até o “Take Me Home”.

Raquel – Sim, também.

Bruna – Eu acho que o “Midnight Memories” foi tipo...

Raquel – A viragem.

Bruna – A viragem, e a partir daí foi tipo... Ehh...

Raquel – Começaram a ser controlados.

Bruna – Ya.

Eu – Eu ia perguntar se também aqui deste lado têm alguma coisa a acrescentar sobre isto?

Beatriz – Academicamente, eles sempre me ajudaram muito, porque na altura, antes de começar a ouvir One Direction, eu não era assim tão boa a Inglês. Mas depois comecei a ouvir One Direction e, quando era mais velha, eu trabalhei em restaurantes e atendia pessoas mesmo britânicas, “Ah quantos anos é que estiveste em Inglaterra? Trabalhaste lá?”, e não sei quê, e eu “Nunca estive lá”, “Mas o teu inglês é fluente, é perfeito”, e eu “Humm humm...”.

(risos)

Várias – They raised me, they raised me! (risos)

Beatriz – A minha professora de Inglês, “Nunca pensaste ser professora de Inglês?”, e eu “Não”.

(risos)

Teresa – Lembrei-me agora de repente, eu lembro-me de estar num intervalo antes de um teste, e a única rapariga da minha turma que também era Directioner, ela estava bué nervosa, e do nada ela pôs um vídeo no YouTube deles e nós sabíamos, tipo, a coreografia. Não era só a música, nós sabíamos a coreografia, conseguíamos ouvir e saber quem é que estava a cantar só pela voz... E lembro-me de nós estarmos no meio do recreio, que ela estava bué nervosa, e a pôr a música, e começámos só a dançar a coreografia e a rir. E toda a gente a olhar para nós, a julgar-nos... Que se lixe!

Bruna – I’m so glad que nunca passei por isso, tipo, ter medo de ser julgada... Ainda bem!

Teresa – Eu fui muito, muito julgada.

Bruna – Eu fui, mas tipo, felizmente, tenho um traço de personalidade de não querer saber.

Teresa – Eu acho que nem era pelas pessoas... O que me magoava mais nem era ser julgada por pessoas que não me conhecem. Mas era tipo, amigos e família tipo “Ai, pronto, agora vai ser pita histórica, vai lá ver os One Direction”, e não sei quê...

Bruna – Okay, família sim, mas a família tipo, eu sinto que com a família tu não podes simplesmente dizer “Okay, vou cortar”.

Teresa – Pois, exato.

Bruna – Eu sentia isso, mas é mesmo engraçado perceber que tipo, eu tenho meu avô, que acompanhou isso, e agora “Vai lá ver os One Direction”. Já passou tipo 12 anos e o meu avô

ainda sabe quem é que eles são, sabe que eu vou a concertos deles a solo, e sabe que eu ainda continuo a acompanhar.

Gabriela – Mas uma coisa que a mim me custa, também essa questão do julgamento, é por exemplo, eu acho que a minha família nesse aspeto, pelo contrário, sempre promoveu muito isso e achou que tudo isto era muito saudável. Mas, por exemplo, a mim custa-me a ver famílias que, tipo, não autorizavam os filhos a ir aos concertos. Eu pergunto-me assim, imagina, se era uma coisa que lhes fazia bem...

Bruna - Hoje em dia temos o contrário, e és ameaçada pelos pais, e falam-te mal...

Gabriela – E vão-te ameaçar para a polícia.

Bruna – Exatamente.

Gabriela – Mas, é isso, é do género, na altura quando eu via famílias de amigas, ou malta que eu, por exemplo, conhecia do Twitter, era tipo “Ah, eu não vou poder ir ao concerto porque a minha mãe não me deixa”, e eu dizia “Mas porquê? Tipo, achas o bilhete caro?”, “Não, eu tenho dinheiro para pagar, mas...”, malta mesmo cá do norte, por exemplo, que podia ir ao Dragão, e vocês sabem, o Dragão não esgotou como o MEO Arena, são 5 vezes mais lugares. “Não foi que não conseguisse o bilhete, mas a minha mãe não me deixa ir”, “Mas porquê? Tu já tens tipo...”, até as mais velhas, “... Já tens tipo 15”, “Ah, mas ela não me deixa porque acha que isto não é bom para mim”. Eu dizia “Como é que alguém olha para uma coisa que transmite tanta felicidade futura ao teu filho e não permites?”. Quer dizer, não permites como? Se fosse só letras com palavrões, com...

Bruna – Eu sinto que olhavam para nós tipo como um extremismo...

Gabriela – Mas a falar de futebol... Já se legitima. Já se legitima!

Bruna – E também tem a ver com o facto de seres um homem.

Raquel – Isso já não é doença, isso já não é doença...

Bruna – Mas aí é uma questão de seres um homem ou uma mulher, porque tipo, um homem... Um pai levar um filho a um estádio de futebol tipo com 12 anos, é tipo...

Beatriz – É incrível.

Raquel – União.

Bruna – Isto... Isto é cultura. Mas tipo, um pai ou uma mãe acompanharem-te a um concerto é tipo “Ai, que histerismo, que pitalhada”. Isto é um bocado a ideologia enraizada que nós temos na nossa sociedade. E eu sinto que hoje em dia, tipo acontece isso, tipo tenho uma prima mais

nova que é obcecada pela Taylor Swift, e vão os 2 pais com ela porque eu estive 1 mês a dizer “Vocês não têm noção quão feliz ela ia ficar se os pais pudessem ir com ela”, porque tipo eu não tive... Imagina, os pais sempre me disseram “Vai”, mas nunca foi tipo “Olha, vamos contigo”, é tipo “Vai, desenrasca-te”. Ainda bem, porque, oh pá...

Raquel – Eu por acaso nunca senti que gostasse de ir com eles. Era uma cena minha.

Bruna – Eu também não, mas a miúda...

Raquel – Eu acho que não és tão tu se os teus pais estiverem ali a ver-te.

Bruna – A diferença é que, imagina, a miúda ou ia com os pais, ou não ia.

Raquel – Isso é diferente.

Bruna – Então tipo, vão! A rapariga tem 16 anos, é um bocado mais velha do que eu era, e quando teve os bilhetes na mão chorou baba e ranho. Eu fiquei tipo “Eu sei o que estás a sentir”, e quando tiver os meus filhos espero que eles também, oh pá... Se eles me chegarem a casa a ser gamers eu tenho um colapso...

(risos)

Gabriela – Ou stoners.

Bruna – Ou stoners, ya, também tens essa... Mas tipo, se o meu filho, ou a minha filha, whatever, chegarem a casa tipo “Olha, quero ir a um concerto”, eu acho que vou ser aquela pessoa que vai estar a noite anterior...

Raquel – “Precisas de ajuda para acampar?”.

Bruna – É isso! Tipo, na noite anterior a ver tipo... Mas é que eu... Epá, eu não vou estar a pedir à minha mãe ou ao meu pai para serem como eu. Também aprendes com isso, entendes?

Raquel – Queres ser, do género... É ao contrário. Como eles foram tão liberais contigo, tu quando tiveres filhos também queres dar isso aos teus filhos.

Bruna – É isso!

Raquel – É uma experiência que tu tiveste.

Bruna – Ya, ya, e se calhar tipo, quero um bocado acompanhar, porque vou querer tipo relembrar o que eu era. Acho que é um bocado por aí, tipo eu já sinto isto agora...

Gabriela – A nostalgia.

Bruna – Eu compro os bilhetes para o meu irmão, para ir a concertos, e fico tipo “Eu nem gosto do que tu vais ouvir, mas tipo, estar aqui na Ticketmaster é tipo uau!”.

(risos)

Teresa – Mas eu continuo a sentir ainda hoje bué julgamento. Se as pessoas tipo, sabem que eu sou Directioner, “Ai, a sério que tu eras dessas pitas?”. Eu digo logo “Olha, vai, vai só, vai embora, deixa-me em paz, tipo, eu nunca fiz mal a ninguém, estava só feliz no meu quarto a ouvir as músicas, não chateava ninguém, qual é que é o teu problema? Tu gostas de futebol, eu gosto dos One Direction, deixa-me em paz”.

Bruna – Pá, e eu gosto dos dois!

Gabriela – Um julgamento que eu sinto que é muito engraçado é: eu, para além desta vertente mais pop, os One Direction em específico, eu sou mesmo muito fã de hip-hop, e é tipo, uma cultura de “hustle”, tipo extrema oposta do que, por exemplo, é o Harry. E aconteceu uma situação engraçada neste verão quando eu fui ao concerto dele e, front row e não sei o quê, em que as pessoas ficavam tipo... Sei lá, por exemplo, no mês antes tinham-me visto a ir ver Kendrick. Quando me viram na “barricade” do Harry ficaram do género “Ah, mas como é que tu, tipo, ouves Harry e és bué do hip hop?”, eu tipo... A minha vida é um diagrama de Venn, há coisas que se cruzam!

(risos)

Bruna – Ya, percebo. Mas esse julgamento eu acho que, infelizmente, todas nós já passámos...

Nádia – Eu acho que cresceu mais por causa das redes sociais.

Raquel – Ainda hoje ouvimos comentários...

Bruna – Dos polícias! Oh pá, o hate que nós levamos!

Raquel – O meu pai agora já diz tipo “Olha, já chega”.

Teresa – Ah, sim, sim. “Se já têm 16 anos...”

Gabriela – “É ter juízo, pá!”.

Teresa – Para o concerto do Harry eu ia-me passando, eu fui para comprar o bilhete, eu quase que acampeei à porta da Worten. Depois olhei para trás, preferia ter ficado na internet.

Bruna – Pá, dou um conselho: não vale a pena, e se calhar vou-me prejudicar, mas tipo, não vão para as lojas.

Gabriela – Mentira, eu dormi lá e consegui “Jonny’s Place”.

Teresa – Eu queria “Jonny’s Place”, fiquei no “Hollywood”. E dizem tipo “Olha, mas tu já tens idade para não ficares assim, pita histérica, vais começar com isso outra vez? E para que é que continuas a ouvir as músicas deles se eles já acabaram?”

Bruna – Olha, é assim...

Teresa – Eles não acabaram, eles estão numa pausa prolongada!

Beatriz – Period!

Bruna – Sabem qual é o meu receio? Isto é verídico... Se eles voltam...

Raquel – Ai, esquece...

Bruna – Com a acessibilidade que nós temos as cenas agora...

Raquel – Eu nem quero pensar...

Bruna – Não vai acontecer, eles vão ter que...

Raquel – Nem quero pensar nas crianças de 12 anos a conseguir bilhete e nós não...

Teresa – Exato.

Eu – Permitem-me só fazer agora um callback, para voltarmos, por favor? Eu ainda queria falar mais um bocadinho sobre a vossa experiência como fãs e a relação que tinham com os artistas, neste caso, com os One Direction, e queria perguntar-vos sobre uma questão que é que, há muitos casos em que os fãs idealizam poder conhecer os seus ídolos, ou ser parte da vida deles, ou ser como eles, ou seja, há perceções diferentes. Claramente, por causa da aura atrativa que estas pessoas têm, seja conhecer, seja fazer parte da esfera pessoal, são pessoas muito magnéticas. E eu queria perguntar como é que vocês descreveriam que foi a vossa relação e perceção dos One Direction neste sentido. Eles eram pessoas com que vocês queriam estar, pessoas que vocês ambicionavam ser como, ou algo completamente diferente? Como é que vocês descreveriam isto?

Gabriela – Era uma doença.

Raquel – No início, era casar.

Bruna – “Take me Home” foi a única fase que eu disse, tipo... Harry com uma jersey e com um cap? Tipo, por amor de Deus...

Gabriela – Frat Boy Harry.

Bruna – Tenho amigas minhas que responderam-me há pouco tempo a uma história a dizer assim, tipo “Eu não percebo essa tua obsessão com o Harry”, fiquei tipo...

(risos)

Bruna – Eu só disse assim: “Isto já vem de 2010, e vou-te contextualizar”, e tipo, era só Frat Boy Harry. Mas é que imagina, todos, eu falo do Harry porque, pronto...

Raquel – É o teu preferido. Desculpem interromper, os preferidos, por favor?

(todas dizem que é o Harry)

Bruna – Okay, tá-se bem, fixe, perfeito.

Eu – Mas para responder à questão, conseguem explicar como é que era para vocês, ou seja, como é que era a perceção que vocês tinham, qual era a relação que estabeleciam, como é que vocês viam aquela pessoa?

Beatriz – É assim, eu pus um post-it sobre o Wattpad e eu acho que posso falar...

Nádia – Ai, não...

Bruna – Não...

Raquel – Não entres aí...

Beatriz – Tinha de ser, o Wattpad foi criado para isso, basicamente.

Bruna – Eu nunca li nada no Wattpad.

(é referida a fanfiction “After”)

Bruna – Nunca li nada no Wattpad.

Beatriz – Eu li no Wattpad, eu nem dormia!

Bruna – Não lia porque me fazia bué confusão, do género, “Porque é que vocês estão a falar do meu amigo dessa forma?”. Tipo, fazia-me confusão.

Eu – Okay, então vamos por partes. Temos aqui a dizer que há uma parte de pessoas que tinham uma perceção diferente de outras. Como é que era a tua, podes continuar a explicar?

Beatriz – Eu basicamente, eu era uma das que escrevia para o Wattpad...

Várias – Ahh!

Beatriz – Eu passava, tipo, as aulas de Geografia e o caraças, tipo, eu e as minhas amigas tipo a escrever bué e os professores “Ei, acho que estão a tirar bué notas”. E nós tipo...

Bruna – E ela tipo “E o Harry Styles agora vira-me ao contrário”.

(risos)

Beatriz – “Queres ler esta parte que já escrevi?”, e então íamos lendo os capítulos umas das outras e não sei quê... E era muito aquela sensação que “Okay, havia um concerto, okay, eu vou ter que ser a gaja mais gira do concerto porque naquela história do Wattpad que eu, ele via-a e ela destacava-se de todas as outras e apaixonava-se”. Ou então “Eu vou-me cruzar com ele numa loja qualquer, e ele vai estar ali, e eu vou estar aqui, vamos cruzar olhares e vamo-nos apaixonar automaticamente”.

(risos)

Beatriz – E era assim uma coisa descabida da realidade, que eu...

Teresa – Eu concordo contigo.

Beatriz – Era 100% o que ia acontecer!

Gabriela – Eu concordo, eu acho que, mais do que tu querereres ser próxima a eles, tipo, próxima de personalidade, tu não queres ser como eles. Tu gostas da forma que tu és e gostas da forma que eles são. Tu queres pertencer ao círculo deles, ou seja, como amiga, como... Depois havia, não é, dentro dessas fics do Wattpad, casavas com não sei quem...

(ocorrem vários comentários simultâneos sobre fanfictions que não é possível distinguir com clareza)

Bruna – Todas as minhas amigas viam, com o Justin ou com os 5SOS. Eu não achava piada nenhuma, estava tipo “Vocês são grandes idiotas, tipo isto não vai acontecer!”. Mas era pior, eu tinha o meu quarto, já vos posso mostrar fotos, o meu quarto era tipo, forrado só com One Direction.

Gabriela – Eu tinha papel de parede deles.

Bruna – O meu papel de parede era de Londres, para ficar tipo um fundo, assim, “aesthetic”, e depois eu metia os One Direction. E eu achava que em cada poster eles viam.

Beatriz – Ai, que horror!

Bruna – Eu não trocava de roupa no quarto, que achava que eles podiam-me ver.

Raquel – Então eles viam-te e não trocavas de roupa?

(risos)

Bruna – Eu não me identifico, porque tipo... Eu percebo o que estás a dizer da cena de tipo, do imaginar e de querer, eu acho que, de forma generalizada, nós todas queríamos fazer parte do círculo, entendo, acho que de formas diferentes.

Teresa – Eu consigo perceber, mas em relação ao Harry era bué tipo “ya”, ainda por cima ele é bué próximo da minha idade. Os outros era mais tipo amizade.

Bruna – Nunca...

Teresa – Mas ao ponto, ao pertencer ao círculo de um...

Raquel – Exato.

Teresa – Mas eu sei que é completamente “delusional” e que nunca na vida ia acontecer. Mas ao ponto de quando eu fui a Londres pela primeira vez, estava no 1º ano de faculdade, eu estava a passear, eu passei a viagem toda...

Raquel – A olhar para ver se...

Teresa – “Vou passar por eles, e vou encontrá-los...” Claro que nunca aconteceu.

Raquel – Eu tenho uma mais assustadora: eu fui viver para Inglaterra por causa deles. Eu fui fazer a faculdade para lá de propósito.

Nádia – E encontraste-os?

Raquel – Não.

Bruna – Passou na casa do Harry.

Raquel – E ele estava na cozinha. Não toquei à campainha, porque eu não sou maluca.

(risos)

Eu – Ou seja, no geral, vocês queriam todas pertencer à esfera deles?

(dizem que sim)

Eu – Mas nem todas romanticamente.

Bruna – Não.

Raquel – Eu sim.

Nádia – Eu acho que, primeiro, por exemplo, inicialmente foi romanticamente, inicialmente, mas tipo obviamente que eu sabia que não ia acontecer, mas pronto é aquela coisa...

Raquel – Eu nem tentava pensar nisso, senão ficava bué triste.

Nádia – Tipo aquela réstia de “Um dia vai acontecer, quando eu for mais velha, sei lá, a trabalhar, ou num café...”, aquelas coisas...

Teresa – Esta parte “delusional” de fazermos parte da vida deles acho que também começou porque eles partiram do X Factor.

Bruna – É isso!

Teresa – O Harry trabalhava numa padaria, era uma pessoa normal, como nós!

Bruna – O Louis trabalhava numa “Toys “R” Us”!

Raquel – Também outra coisa era o facto de nós os vermos a ser como eles eram, nos diaries e não sei quê, era muito fácil tu...

Bruna – Sentias-te acolhida.

Raquel – Pá, se tu na escola vias um no corredor e dizias “Eu gosto daquele”, porque é que tu não haverias de dizer “Eu gosto daquele”, que tu literalmente vês mesmo como é que a pessoa é? Eu acho que é normal tu desenvolveres sentimentos por aquela pessoa se conseguias desenvolver por um da escola com quem falaste nunca na vida.

Bruna – Isso aconteceu-me mais tarde, mas eu acho que tem a ver com a idade. Mas já namoro há algum tempo e...

Gabriela – (a citar, em tom de piada) “Eu tenho namorado, eu cresci, mas eu não quero que ele esteja com ninguém!”.

(risos)

Beatriz – Eu também estou noiva, se me aparecer o Harry Styles e disser “Casa comigo”, eu olha, “Tchau, Duarte”.

(risos)

Beatriz – Eu já lhe disse, ele tem consciência, e ele aceita.

Bruna – O Miguel sabe com quem eu falo. Do Harry ficou tipo “Ah, mas isso nunca vai acontecer”, e eu tipo...

Gabriela – We’ll see! (risos).

Bruna – Eu acho mesmo que os One Direction foi tipo... Oh pá, eu olho para esta foto (indica a foto dos One Direction – Comic Relief) e fico tipo, é impossível não sorrir.

(Várias concordam)

Bruna – Esta fase é tão, tipo... Dá-me vontade de chegar aqui tipo “Olha, podemos ir tomar um café juntos? Tipo, vocês têm bué dinheiro, paguem”...

Nádia – Eu adorava ir sair à noite com o Louis!

Bruna – O videoclipe do “Night Changes”, aquilo na altura encheu-me o coração de uma maneira louca!

Raquel – Éramos nós!

Bruna – Eu fiquei tipo “Oh my God, tipo, não quero que me beijem, tipo paguem-me e façam-me rir!”.

Raquel – Sim!

Bruna – É só isso.

Beatriz – Há o videoclipe do “Live While We’re Young”, tipo eles estão lá todos...

Nádia – Ya, só te apetece estar lá, tipo...

Bruna – E agora ouves a letra, ficas tipo “Como assim?”.

Raquel – Com o “Rock Me”, quando eu comecei a compreender...

(risos)

Gabriela – A cena que eu acho que também acontece hoje em dia é que, por exemplo, as entrevistas que eles dão são muito mais intimistas e pessoais, então acabo por, se calhar, tipo, querer, lá está, ser amiga, mais do que qualquer outra coisa. Por exemplo, lá está, as entrevistas que... Por exemplo, o documentário do Louis. Aquilo corta o coração, é tipo, “Se eu pudesse estar ali com ele, e quebrar alguns desses estigmas ou desses pensamentos que ele tem, eu gostava mesmo de me dar contigo...”...

Bruna – Sim, sim, sim.

Raquel – Como é que tu estavas tão feliz, e eles não estavam...

(várias concordam)

Bruna – Eu também sinto isso tipo, eu acho que senti um bocado isso com todos, tipo... Também principalmente com o ... Eu sou um bocado protetora do Liam. Atenção, eu sei perfeitamente reconhecer que ele fez muita cagada.

Gabriela – Claro.

Bruna – Mas eu acho que é uma hipocrisia tremenda estas, tipo... Como é que se chama? “Solo stans”. Que tipo, algumas até acompanharam e tornaram-se só “haters” para enaltecer o favorito delas, tipo eu não consigo fazer isso. Eu não consigo entender a comparação que fazem, por exemplo, tipo, o Zayn lançou agora o single, e ficar tipo “Ah eu não consigo perceber como é

que este não é o que tem mais fama”, e depois vão tipo “Ah mas ele é o que tem mais seguidores”, tipo, parem de comparar coisas que não são comparáveis, porque tipo, cada um é bom à sua maneira.

Gabriela – Claro.

Bruna – E o que me revolta muito é que tipo, acho que as pessoas às vezes se esquecem o quanto o Liam fez pela banda, tipo no geral, tipo naquela fase o Liam também fez muito pela banda. E epá, é uma hipocrisia tremenda agora vir para aqui, tipo, dizer que ele fez aquilo, e depois fez... Tipo, o que o Zayn fez pós-banda, e o Zayn também é dos que eu mais gosto, pá aquilo na altura, tipo, afetou-me de uma maneira... Tu tiveste 6 anos, ou o que fosse, com eles, e agora vens-me para aqui dizer que nem sequer eras amigo do Harry? Quem é que tu pensas que és?

Nádia – Ainda me lembro quando ele disse isso pela primeira vez.

Bruna – A “Walking in the Wind” é para o Zayn! Ele escreve-te aquela música e tu vais dizer que não conheces aquele gajo de lado nenhum? E epá, ainda ontem à noite estava na cama a ver o “Hot Ones” do Zayn, a dizer que gosta de erva, tipo olha é o que é...

(risos)

Bruna – Porque é isso, oh pá, eles também...

Gabriela – They raised me.

Bruna – Ya. Eu nem vou falar da droga porque... A stora de Alemão cancelou um teste por minha causa. Eu comecei a chorar baba e ranho a dizer que eles iam acabar quando saiu o vídeo do Louis e do Zayn a fumar droga, eu tive um ataque na aula! E a professora ficou tipo “A Bruna não está capacitada, vamos adiar o teste para a semana”.

Raquel – E toda a gente bué feliz (sons de celebração).

Bruna – Toda a gente “Viva o Zayn, viva o Louis”. Pronto... Mas o que eu quero dizer é, eles eram miúdos, nós éramos miúdas, e como eles cresceram, nós também crescemos, e eu sinto que tipo... Agora, tipo, não há como julgar, é tipo só aceitar que todos... Oh pá, os prints do Zayn? Vergonha! E eu só aceitei, tipo, pá, eu não quero estar com isto...

Raquel – Dá contexto, só para...

Bruna – Os prints do Zayn, basicamente saíram prints dele com uma mulher, e tipo trata a mulher de uma forma...

Raquel – Nojenta.

Bruna – Nojenta. Pronto, e... Tinder, tipo, mas ele está lá por causa... Só queria ter um contexto, que é único. Ainda por cima sendo o Zayn...

Raquel – Eu estava a ver aquilo, eu assim “Eia, cala-te!”.

Várias – Ya.

Bruna – Mas tipo, vais-me dizer assim “Não amas o Zayn?”, amo, e tipo, pago para ver aquele homem.

Gabriela – Mas outra coisa que eu acho que nós também agora, hoje em dia, com esta idade, já conseguimos discernir, é que nós amávamos a imagem que tínhamos deles e o que eles nos faziam sentir.

Bruna – Ya.

Gabriela – Aquilo ao início era genuíno e eles eram aquelas pessoas, mas eles desenvolveram-se para coisas completamente diferentes, seja uma pessoa transfóbica, seja uma pessoa que trata mal uma mulher no Tinder de famosos. Eles cresceram para coisas que podemos nós, hoje em dia, já não nos identificar tanto.

Bruna – E ironicamente foram eles que também nos fizeram, tipo, acabar com este ideal.

Gabriela – Sem dúvida.

Bruna – E é interessante como é que às vezes fico, oh pá, again, eu também mudo e eles também mudaram e... Isto para concluir que eu acho mesmo que... Traço de personalidade e, oh pá, adorava estar no círculo de besties deles, por amor de Deus!

Beatriz – Isso também influenciou bué que nós conhecíamos tipo, quem era a cabeleireira deles e que ela tinha uma filha, que era a afilhada do Harry, conhecíamos a Gemma, e não sei quê... Nós conhecíamos o círculo do círculo, do género, “Eu um dia...”, é aquela lei de “alguém conhece alguém que conhece alguém que conhece...”

Nádia – Só estou à distância de 1 pessoa! (risos)

Beatriz – Exato!

Gabriela – Exato. Uma das melhores amigas do meu irmão, por exemplo, que também é muito próxima a mim, conhece a Gigi, e eu pensei “Estou a 1 pessoa do Zayn, what the fuck?”. É tipo... Surreal. E é tipo, não... Estás a demasiados quilómetros...

(risos)

Eu – Os One Direction estiveram em Portugal em 2013 e em 2014, e nas reportagens que nós temos da altura podemos ver que milhares de fãs aguardaram pelos concertos já na localização dos espetáculos durante longos períodos de tempo, inclusive tivemos fãs que chegaram a aguardar lá durante vários dias. As entrevistas, fotos e vídeos que temos das reportagens portuguesas mostram estas Directioners em grande animação, emoção e convívio. Vocês foram a algum destes concertos e, se sim, optaram por ir para o local com antecedência? E como é que foi esta experiência enquanto aguardavam?

Gabriela – Fui aos 2, fui para ambos com alguma antecedência, e sem necessidade, porque eram lugares sentados.

(risos)

Gabriela – Não tinha essa necessidade mas fui exatamente pelo convívio! Porque havia pessoas que eu andei o ano inteiro a falar e queria estar com elas naquele dia. E pronto, e algumas dessas amigadas mantêm-se até hoje, portanto, para mim, acho que a experiência de ir antes ou não ir antes, na altura com os One Direction foi um bocado “pointless”, mas ao mesmo tempo não, porque convivi com pessoas de quem gostava.

Bruna – Eu acho que isso também fica ao critério a cada um, não é?

Gabriela – Hoje em dia, por exemplo, não, se... Hoje em dia se calhar se for uma semana antes é com propriedade, é porque, à partida, vou querer um lugar na frente. É porque é um lugar de pé, vá.

Bruna – Eu para os One Direction, também, o primeiro, fiquei no Balcão... Balcão 0, setor 15, não sei de cor... Mas fui para lá, tipo, rigorosamente como tu disseste. Tipo, vamos com amigas minhas, um casal, não sei quê, fui com amigas minhas e com a minha mãe. E fomos. No dia anterior passámos lá, estava imensa gente a acampar, e eu a ficar tipo “Oh my God vou ficar sem lugar”, e realmente ficámos, na altura, porque as minhas duas amigas tinham Balcão 2, então tipo, eu fiquei a passar a noite com elas e a minha mãe ficou connosco, porque tinha lugares marcados, mas elas não. E depois...

Gabriela – Assim, tu vês sempre bem de qualquer lado, é daquelas inocências.

Bruna – Mas é isso, tipo, era aquela coisa, tipo, tu tens 12 anos, chegas ali tens tipo, uma fila gigante, tu comes logo a... Pronto... E depois no Dragão, pronto, fui a primeira a chegar. Eu não me orgulho disso, é uma vergonha...

(risos)

Beatriz – Não, és resiliente!

Bruna – Passei fome, passei muito frio, fiquei muito doente, mesmo muito doente, tipo, porque durante o dia eram...

Raquel – 30 graus?

Bruna – Ya, e à noite estavam tipo 12 graus, e era mesmo muito frio. Fiquei doente, fui para o concerto, tipo eu nem sei como é que não apanhei uma insolação, honestamente. Tipo, durante o dia do concerto estava... Imagina, eles meteram-nos, os VIP, e a mim e a Laura também, meteram-nos antes, e tipo nós estivemos dentro do Dragão, sem exagero, o concerto era tipo às 21h, nós entrámos tipo às 14h, então... Horrível. Acampeei, valeu a pena, conheci pessoas excelentes... Infelizmente, que é uma coisa que eu trago para a minha vida, tive que fazer um corte muito grande numa amizade que durou 15 anos, porque comecei-me a aperceber que a amizade me fazia mal, e foi através dos One Direction, e tipo, tive de tirar essa pessoa da minha vida e magoou-me muito... Porém, contudo, tirei essa pessoa da minha vida, conheci pessoas novas e... Por acaso também tinham essa pessoa em comum e também aconteceu isso, e isso também foi bom. E é assim, não estou a dizer que associo concertos e experiências a essa pessoa, mas é inevitável não associar, porque essa pessoa também me acompanhou, e é um ponto mau mas tipo, há sempre um lado positivo. Acampeei, se tiver de repetir acampava mais que uma semana. Se tivesse de ser um mês, acampava por eles.

(risos)

Bruna – E pronto, foi muito produtivo.

Eu – Relacionam-se? Tiveram experiências em que foram para lá mais cedo?

Teresa – Sim, no do Porto eu vim. É que foi, tipo... Esse ano foi o pior ano da minha vida até hoje, por várias cenas pessoais que aconteceram, e aquele dia continua a ser o top 3 da minha vida. Foi, tipo, incrível. Foi a única coisa positiva naquele ano, foi o dia do concerto.

Bruna – Sabes... Eu não sei se isso aconteceu com alguma de vocês, mas tipo, eu tive um descargo de energia tão grande, que eu tenho mesmo vagas memórias do concerto. Tipo um “shutdown”. Eu lembro-me do de Lisboa, o primeiro, tipo eu lembro-me que foi a primeira vez que eu tipo... Eu via filmes e não percebia porque é que elas choravam, tipo pessoas chorarem de felicidade, “Porque é que estas pessoas estão a chorar de felicidade? Chorar é triste!”. Eu lembro-me, tipo, quando eu... Quando eles entram... Eles a cantarem a “Still The One”, eu a chorar baba e ranho...

Gabriela – Sim, sim, sim...

Bruna – O que é que há para chorar naquilo? Tipo, eu lembro-me que foi a primeira vez que eu chorei tipo... Estou-me a arrepiar a pensar nisto, porque foi uma sensação incrível. Mas eu, no Dragão, eu estava... Foi aquela semana tão cansativa para mim, que eu tenho mesmo, tipo, apagão. Eu lembro-me, tipo, de eles estarem no palco secundário, lembro-me do Harry passar à minha frente, lembro-me que ele apanhou a minha bandeira, foi mesmo trauma para mim, e desde aí nunca mais atiro bandeiras para o palco, porque ele apanhou a minha bandeira e depois deu a bandeira a outra rapariga e a rapariga depois meteu no Instagram e a bandeira tem lá o meu user, [user ocultado para proteger o anonimato da participante; o user inclui o apelido de um dos membros dos One Direction, “Styles”], que vergonha, e a partir daí nunca mais levo bandeiras, mas eu lembro-me também de sentir a necessidade de, tipo, chegar a casa, adormeci, foi a primeira vez que acordei tipo à 1 da tarde, isso nunca me tinha acontecido, porque eu tive mesmo “shutdown”, do concerto. Não sei porque é que isso aconteceu, não é?

Teresa – Mas é normal.

Raquel – Até este verão te aconteceu.

Gabriela – É isso.

Bruna – Eh pá, do concerto eu lembro-me, das coisas.

Gabriela – Mas há muita coisa da semana que não.

Bruna – Ah, da semana, esquece.

Gabriela – Porquê? Porque houve coisas que o teu cérebro acaba por, seletivamente, descartar, por causa do cansaço, por causa de fome, por causa do calor...

Eu – Eu queria saber sobre isso. Realmente, fazer esta espera não é só o ato de fazer uma espera. Há condições climatéricas, vocês estão desprovidas de muita coisa... Mas, ao mesmo tempo, estão acompanhadas com mais pessoas, e eu queria saber como é que é essa experiência.

Bruna – É fantástica!

Raquel – Eu não consigo dar a minha opinião em relação aos One Direction porque eu nunca acampeei para os One Direction.

Gabriela – Eu também não.

Raquel – One Direction, tive sempre lugar sentado. Como eu já disse, a minha primeira vez a ver os One Direction não foi em Portugal, portanto a minha experiência a vê-los cá a primeira vez não foi tão impactante como lá, porque lá foi do género, mesmo, “Eles existem, vocês são mesmo reais”. Eu lembro-me perfeitamente, ainda há bocado estava a contar à Gabriela, de

estarmos a caminho da fila, estávamos na sexta fila, do palco, e lembro-me de chegar lá e tipo, quando eu percebi onde é que eles iam estar, eu tipo, comecei a chorar compulsivamente... E existe uma foto. E lembro-me perfeitamente que eles tinham exatamente igual ao de Lisboa, portanto, eles tinham assim uns ecrãs, eles estavam atrás dos ecrãs, eu lembro-me perfeitamente de ver o Zayn fazer assim, vi-o mover o braço, e chorei, chorei, chorei... Do género “Ele está mesmo ali, tipo, eles existem mesmo”... Portanto, a experiência do segundo concerto não foi tão “Wow”, foi tipo... Também, pronto, 20 dias de diferença, portanto, não foi... Não foi “blow my mind”.

Eu – Se quiserem pôr, por exemplo, um post-it ao lado a descrever a associação que fazem, ou como é que foi o momento para vocês, estão à vontade.

Raquel – Pronto, em relação ao Dragão, também não fui mais cedo, porque tinha “Early Entry”, e eu na altura, coitada, não fazia ideia que... Ou seja, eu tinha “Early Entry” mas isto não significava que, a partir do momento que eles deixassem as outras pessoas entrar, que eu tinha que ficar à frente dessas pessoas. Mas eu achava que sim. E eu lembro-me que já estava toda a gente lá dentro, já não havia filas nenhuma cá fora, lembro-me que uma pessoa da Produção é que nos levou, para buscar os brindes, já não havia fila...

Bruna – Estavas do lado de lá?

Raquel – O palco estava aqui, à minha frente, eu estava... O palco estava à minha esquerda, a barreira. Pronto, e eu lembro-me de chegarmos lá e um da Produção ter-nos levado a ir buscar os brindes, porque tipo, já tinham fechado as cenas todas. E depois tive sorte, porque nos levaram tipo por dentro e meteram-nos, tipo, na primeira fila e as miúdas começaram todas a reclamar e não sei quê, mas tipo... Portanto nunca tive essa cena de ter que acampar para os One Direction. Depois a última vez que vi os One Direction já não havia Zayn, foi muito triste...

Bruna – Epá, para...

Beatriz – Isso não aconteceu.

Raquel – Também tinha lugar sentado, portanto para os One Direction nunca precisei de fazer nada disso.

Teresa – Mas eu acho que a espera vale a pena, pelo ambiente que se cria.

Raquel – Ah, só uma coisa: eu sempre fui sozinha aos concertos dos One Direction.

Teresa – Pois, eu também.

Bruna – Ah, eu também. Mas eu acho que isso é muito fixe, porque...

Raquel – Ya, então eu ia o mais tarde possível, que é do género, tipo, “Vou sozinha, vou para o meu lugar”...

Bruna – Eu por acaso não, porque...

Nádia – Por acaso eu gosto de...

Bruna – É assim, agora com o Harry...

Gabriela – Queres que falemos da experiência sobre as esperas e os acampamentos, mesmo que não seja diretamente relacionados com eles?

Bruna – Epá nós temos do Harry, é só isso...

Eu – Preferia que fosse da altura em que estavam mesmo no fandom de One Direction. Não têm assim mais nenhuma história relacionada com isso?

Nádia – Eu não tenho, porque eu vim de Lisboa e foi a minha mãe que comprou os bilhetes e foi lugar sentado, foi tipo surpresa, então... E como eu tinha, na altura acho que tinha tipo 13, porque foi o do Dragão, ou seja 2014, devia ter 13, 14, já não me lembro bem... Foi em junho?

Bruna – Julho de 2013.

Gabriela – 13 de julho de 2013.

Bruna – Eh pá, nós...

(risos)

Beatriz – Isso foi há 10 anos atrás!

Bruna – 25 de abril e 13 de julho de 2013.

(risos)

Nádia – Então eu vim com a minha mãe, as portas também já tinham aberto, ou seja, não obtive propriamente... Eu queria ter vindo mais cedo, mas a minha mãe “Tens tipo um lugar sentado, para que é que queres ir mais cedo?”.

Teresa – Eu tinha lugar sentado, mas como queria ir com pessoas que não tinham, eu fui mais cedo. Depois, foi a experiência que eu abordei logo no início. Para mim foi uma cena que me marcou mesmo imenso, porque eu vim sozinha, outra cidade, sem... Cheguei cá tipo às 9h, passei o dia todo ao sol, mas foi muito... Para mim foi muito marcante, tipo conhecer e sentir que... Foi a primeira vez que eu senti que aquilo que eu gostava não era estúpido, e que havia mais gente que percebia... A doença...

(risos)

Teresa – Porque... Ya, pronto, foi a história. Ainda não sei bem o que é que deu na cabeça da minha mãe para me deixar vir para outra cidade 2 meses depois de ser operada ao joelho, mas pronto.

Várias – Mas ainda bem que deixou!

Beatriz – Eu, ao primeiro, a minha mãe não me deixou ir. Fomos fazer uma “sleepover” a casa da popular.

Bruna – Mas eu acho que o primeiro é aquela cena, tipo, “Let’s see”, e o segundo é tipo, “Okay”...

Beatriz – Também, mas sabes... Há bocado estavas a falar de, não percebias porque é que os pais não deixavam os miúdos ir, eu acho que também tem muito a ver com a própria experiência dos pais enquanto crianças e o que é que lhes foi dado...

Bruna – Sim, sim.

Beatriz – E a geolocalização, porque imagina, eu sou de uma terrinha tipo a 100 km de Lisboa. E tipo, a minha mãe tinha muito medo de “Okay, tu vais-te meter no meio de sabe-se lá quantas pessoas, como é que vais para Lisboa? Como é que vens? Eu também não conduzo em Lisboa”... Então era toda uma logística. A minha mãe também sofre muito de ansiedade, só não sabe. Ah... Era toda uma logística que nunca... Na cabeça dela fazia curto-circuito, então não me deixou ir. Então fomos todas, o grupo de amigas, para casa da popularzinha. E tínhamos lá uma amiga que a gente... Uma amiga... A gente cascou-lhe nas costas, mas pronto... Porque ela foi, e era a pessoa que começou a gostar deles há menos tempo, então estava-nos a ligar, e nós tipo a chorar baba e ranho porque ela estava lá e nós não estávamos, e tipo, no computador a tentar encontrar um site manhoso que estivesse a fazer livestream e não sei quê...

Bruna – E hoje em dia é tipo...

Nádia – Hoje em dia é tão fácil.

(risos)

Beatriz – Hoje em dia toda a gente está a fazer live stream. Mas nessa noite, depois ficámos acordadas até bué tarde, também a ver os The Vamps, e não sei quê... Foi uma noite divertida na mesma.

(risos)

Eu – Então ainda na linha da experiência de Directioners e da conexão... Como os fandoms são, como vocês já mostraram aqui, estes espaços de partilha, de convívio, não é incomum que

as pessoas que os integrem acabem por formar amizades entre elas. Ser parte de um fandom proporciona a oportunidade de conhecer e conectar com pessoas com as quais já se tem algo em comum, e isto pode acontecer pessoalmente, como vimos, em concertos, mas também, por exemplo, através de redes sociais, e vi que vocês já puseram aí afixado o Twitter. Eu queria perguntar-vos como é que vocês descreveriam o convívio e as conexões que vos foram proporcionadas especificamente por serem Directioners. As conexões que vocês conheceram, as amizades que ficaram...

Bruna – Era fixe porque nós tínhamos os meetings.

Beatriz – Nunca fui.

Nádia – Também não.

Bruna – Eu fui a imensos do Dragão. Porque imagina, eu sei que vocês são lá de baixo, e all the respect, mas eu sinto que muitas vezes nós tipo, era aquela cena de nós não temos tanta acessibilidade às... Mesmo tipo a 1D World, quando veio cá e o caraças, tipo, nós não tínhamos isso, então tipo... Para nós, os meetings era tipo, a maior proximidade que nós íamos ter, não digo com um concerto, mas tipo, com... Então, quando o “This Is Us”, na altura...

Gabriela – Convive-se fora do concerto.

Bruna – Ya, é isso, então eu sinto que o Twitter foi realmente muito... Proporcionou, realmente, ser amiga de muita gente, não é? E a acessibilidade à informação deles, da pouca que se tinha na altura. Mas maioritariamente, tipo, a organização de algo para a gente estar junta.

Raquel – E mesmo, não só, por exemplo, havia pessoas, eu via no Twitter, do género “Olha, a 1D World vai ao Colombo, quem é que é de Lisboa, tipo, que possa comprar x?”, depois... Tu nem querias saber, tu deste a morada a alguém que conhecestes tipo há 2 semanas atrás porque essa pessoa vai ao 1D World e tipo vai-te mandar...

Gabriela – Isto, hoje em dia, eu acho que continua a prevalecer, porque, por exemplo... Vou ter que remeter ao concerto do Harry. Na altura em que o Harry veio a Lisboa este ano, em julho, nós, por causa da logística da fila e dos banhos, eu não consegui ir à merch. E na altura fiquei com um bocado de pena, mas nem partilhei, foi só, do género, “Ah, que pena, olha acabei por não conseguir ir...”. E, pá, uma semana depois ou quê, comentei com ela, do género “Ah, e depois nem cheguei a ir...”, e ela, por exemplo, foi a Itália e disse “Então, mas dizes-me o que é que queres e eu vou a Itália e compro-te lá”. Ou seja, esta entreatajuda, que já na altura tu vias pelo Twitter e que hoje em dia continua a acontecer, é tipo... Há uma solidariedade associada aos fandoms quase de...

Raquel – Porque tu percebes!

Teresa – Tu percebes o que é que a outra pessoa está a sentir.

Raquel – Estás na situação da pessoa, tu sabes.

Bruna – O problema é que eu também acho que muita gente também se aproveita disso para o mal.

Raquel – Achas?

Bruna – Sim, tipo...

Teresa – Eu nunca tive uma experiência má.

Beatriz – Também não.

Nádia – Também não.

Raquel – E depois mesmo nas coisas da vida, eu sinto que não há tanto essa simpatia...

Bruna – Sim!

Raquel – ... Porque tu na realidade nunca sabes o que é que a outra pessoa está a passar, mas neste caso...

Bruna – Eu estou a falar dos bilhetes, estás a ver?

Raquel – Sim, sim.

Bruna – Tipo, scam.

Nádia – Ah, bilhetes sim.

Gabriela – Mas isso não são fãs.

Bruna – Isso é uma coisa maldosa.

Gabriela – Não são fãs.

Raquel – São homens à toa que...

Bruna – Mentira, tens a prova viva, que venderam um bilhete falso ao teu irmão.

Raquel – Sim, sim.

Nádia – Sim, isso acontece.

Raquel – Mas também aquela pessoa...

Bruna – É o que eu estou a dizer, e onde é que ela estava? Ao meu lado, na primeira fila do concerto.

Raquel – Isso a mim faz-me confusão, estás a ver? Uma pessoa que defende o “Treat People With Kindness” e depois vai vender bilhetes falsos a outra pessoa.

Bruna – Mas isso acontece. Isso é triste! Mas eu acho que isso é de forma generalizada, mas... Há maldade em todo o lado, mas de forma generalizada, sim, o fandom nesse aspeto, e o Twitter impulsionou muito isso, de forma alguma...

Raquel – Mas eu acho que o bem ainda há mais! Como eles agora estão sozinhos, parece que... Há mais dinheiro, estás mais crescida, há mais rivalidade para conseguir...

Bruna – Epá, que estupidez, mas isso faz bué sentido.

(risos)

Nádia – Eu, por acaso, eu nunca tive... Eu sempre fui muito tímida e introvertida a crescer, então conhecer pessoas novas, como eu sempre estive no mesmo colégio em Lisboa, ou seja os meus amigos sempre foram os mesmos, ou seja, nunca conheci ninguém por ser Directioner, por exemplo, na internet, nunca conheci novas amizades, também só fui a um concerto e fui com, tipo, com uma amiga minha de infância, ou seja, não tive aquela... Não é bem necessidade, porque eu gostava, tipo, eu agora olho para trás tipo, gostava bué de ter uma amizade com pessoas que têm o mesmo interesse, a mesma paixão que eu em coisas que eu gosto muito, tipo, muito fortemente e que são importantes para mim, para a minha felicidade. Mas, pronto, nunca tive. Na altura não senti que, se calhar... Que não sabia bem como conseguir, tipo ia para o Twitter falar com pessoas, estranhos que eu não conhecia, tinha um pouco de medo também.

Bruna – Eu acho que isso vem de muitos pontos, tipo, um bocado de traço de personalidade...

Gabriela – Também tem a ver um bocado com a idade.

Bruna – Mas eu não era assim, e tenho a idade dela. Eu acho que tem mesmo a ver com traço de personalidade...

Nádia – Eu acho que tem mesmo a ver com traço de...

Bruna – Ya, eu sinto que sou uma pessoa extremamente extrovertida e tem a ver também com o facto de, pá, o início, que foi o que nós um bocado o que nós acompanhámos das redes sociais era aquele sempre receio de tipo “E se aquela pessoa me fizer mal?”.

Nádia – Pois, ya.

Bruna – Porque é tipo, na internet e não sei quê...

Nádia – Sim, e os meus pais sempre foram bué... Bué cuidado na internet...

Bruna – A mim, o Twitter foi bom porque, imagina, via um tweet a dizer “Meet não sei quê”, e bué reações, e eu ia, e depois quando chegava a casa tinha, tipo, mais 30 seguidores de pessoas que eu fiz amizade naquele dia. Muitas vezes não chegava aos 30, não é?

(risos)

Bruna – Mas tipo, mais pessoas a seguir-me e eu a elas e tipo, criava-se todo ali um enredo à volta de “porque fomos a um meeting de One Direction”. Senão isso não era possível.

Nádia – Eu gostava, mas eu sinto que, por exemplo, ser Directioner e, agora vou também ter que remeter por exemplo ao Harry, eu sinto que, por exemplo, cara a cara, eu ser fã deles e fã dele ajudou-me a criar novas amizades.

Bruna – Ah, 100%.

Nádia – Eu estava na universidade...

Eu – Especificamente do Harry?

Nádia – Já foi agora, vou dar um exemplo, se for na boa, do Harry mesmo específico, só porque, mas pronto, e... Eu estava na universidade, era ainda naquela altura... Havia COVID, mas já não havia bem, ou seja tinham aulas que era uma semana iam uns, outra semana iam outros, era assim uma coisa um bocadinho estranha. E era o segundo ano e havia uma rapariga nova, e eu lembro-me que ela não conhecia ninguém, e ela sentou-se ao meu lado porque viu no meu computador um sticker do Harry, e começou a meter conversa comigo por causa do meu sticker do meu computador, e agora tipo, nós somos melhores amigas. Eu sinto bué que é mesmo, por exemplo, cara a cara e, por exemplo, também há um rapaz da minha turma que nós nos começámos a dar, a namorada dele também é mesmo fã dos One Direction e do Harry, e ele ficou tipo "A Cristiana também... Pá, tens que falar com ela porque ela adora-os também, quer bué ir ao concerto...", e começámos a falar por isso.

Bruna – Eu sinto que o meu namorado também tem esse traço de personalidade, que é tipo “Olha, a minha namorada vai a bué concertos e ela também gosta bué do Harry”, e aí começa todo um enredo. Ya, eu percebo!

Nádia – Ya, e é bué uma amizade e... Sinto que é mesmo importante ter esta amizade, e eu gostava de ter mais porque eu consigo falar com elas, porque elas sabem que eu sou louca!

Gabriela – Não tens medo de ser julgada!

Várias – Ya.

Bruna – Mas é agradável, eu falo por mim, tipo, ter um namorado ou assim que também dá kinda, support e hype nisso.

Gabriela – O meu não podia ser meu namorado se me julgasse.

Bruna – Ya!

Nádia – Eu não tenho, mas ele não vai poder julgar, “estás-me a julgar...”...

Bruna – Eu não estou a dizer que tipo... Mas imagina, era uma coisa de... Pá, nunca houve sequer um comentário de “Não achas que estás a exagerar?”, ou tipo, “Não achas que vais abusar?”, ou...

Gabriela – Aliás, vocês sabem, no concerto em Lisboa, por exemplo, agora este verão, o meu namorado tinha exames, estava em Lisboa, e mesmo assim...

Bruna – Ele fazia anos.

Gabriela – Fez anos, e estive lá tipo todos os dias, nem que fosse, por exemplo, da meia noite às 3h, para garantir que toda a gente estava nos carros segura a dormir, e não sei o quê... Ou seja, no fundo... Pronto, e mesmo, por exemplo, lá está, uma pessoa que vem amanhã, provavelmente também é um traço que pode mencionar: o namorado dela estive lá todos os dias, 24 horas por dia connosco, a falar com polícias, não sei o quê...

Bruna – E... queres saber uma coisa? Quando era ele a falar havia credibilidade com os polícias, quando éramos nós não havia.

Gabriela – E onde é que eu quero chegar com isto? Acho mesmo, sinceramente, que isto é de tal forma um traço de personalidade na minha vida, que jamais eu ia admitir que um namorado meu julgasse ou fizesse um comentário slightly duvidoso em relação a isto.

Nádia – Já em amizade já é um bocadinho...

Gabriela – Já em amizade já é borderline...

Bruna – Imagina, tipo, ainda há homens em condições, é nesse sentido, tipo ainda há homens em condições, tipo... Eu não...

Nádia – Não são só eles os 5.

Bruna – Muito pelo contrário, tipo, eu sinto que até dá -me um certo apoio, do tipo... Oh pá, mas, do género, tipo, se ele conhecer alguém diz “A minha namorada...”, não é... Há pessoas, tipo, que preferem nem sequer dizer nada...

Gabriela - Sabes por quê? Porque ele associa isso a felicidade.

Bruna – Pois, ya.

Raquel – O meu namorado, não é não apoiar, é tipo, só não...

Gabriela – Aceita.

Bruna – Só aceita.

Raquel – Ele já não...

Bruna – Ele nem opina.

Raquel – Ele não diz nada.

(risos)

Bruna – Mas oh Raquel, tu já namoras tipo há 10 anos, já namoram há imenso tempo, tipo, vamos só realçar isso e...

Gabriela – A credibilidade que este tipo de interesses tem é muito diferente de qualquer outro...

Nádia – Outro interesse, exato.

Gabriela – É isso. Lá está... Ah, eu gostar de hip-hop e eu ir a concertos de hip-hop, “Ah ya, não sei quê, grande cena para a Gabriela. Epá, mas foste não sei quanto tempo para Algés?”. Mas qual é a diferença? Se eu há uma semana fiz isto para o Kendrick e uma semana depois fiz para o Harry, porque é que isto...

Raquel – “Um é mais fixe que o outro”.

Gabriela – Porque é que o Kendrick é mais fixe que o Harry? Tipo, exatamente...

Várias – Ya.

Eu – Eu queria pegar, aliás, numa coisa que vocês já mencionaram, acho que em 2 momentos diferentes, que era quando estávamos a falar da capacidade de mobilização de um fandom, e de como é que estes artistas acabam por vos moldar e por vos ensinar, e vocês estavam há bocado a mencionar coisas que vocês ainda hoje são, provavelmente, e aprenderam nesses momentos. Porque os fandoms realmente têm esta capacidade de mobilização e de consciencialização para algumas coisas, e os membros dos One Direction, nomeadamente, apoiaram diversas organizações e instituições de caridade. E tivemos também a “1D Fans Give”, que foi criada em 2013 e que também tinha objetivos de caridade. Temos o caso da Comic Relief... Contudo, nem toda a gente reconhece o poder dos fandoms e a influência positiva que podem ter, e a grande capacidade de mobilização que um fandom tem para fazer este tipo de coisas num nível tão macro. O que é que vocês acham disto?

Bruna – Epá, menos.

(risos)

Gabriela – Por exemplo, a questão... O Harry, não é, tem aquele lema do “Treat People With Kindness”, e eu quero acreditar que se os fãs e as fãs dele levarem isso mesmo à letra o mundo é um lugar melhor.

Bruna - Mas não levam.

Gabriela – Okay, não levam, mas se levassem, o mundo seria um lugar melhor, e portanto eu acho que o impacto que estas pessoas têm na capacidade de influenciar a formação de uma pessoa é...

Bruna – Vocês não se lembram, na altura, ver aquele filme, aqueles vídeos, quando eles na altura foram ao Gana?

Várias – Sim.

Beatriz – O videoclipe do “One Way Or Another”?

Bruna – Sim, mas saiu na altura actually diaries deles lá.

Raquel – Sim, ya.

Bruna – Epá, aquilo na altura mexeu comigo de uma maneira, ver o Harry ali, tipo, destruído. O Zayn, o Zayn a chorar! Tipo, o Zayn a chorar é como... Eu fiquei tipo “Como assim? Tipo...”.

Gabriela – Exato, e de certa forma vias aquilo e pensavas “Eu também um dia, se tiver esta possibilidade...”.

Bruna – “Vou”.

Gabriela – “... quero fazer uma coisa assim por alguém”.

Bruna – Ya, ya, ya, é isso! Não... Imagina, não daquela forma, mas se calhar à minha forma, então também eu acho que é por isso que eu... Eu às vezes, tipo, tenho esse traço de personalidade de querer sempre ajudar as pessoas, e às vezes esqueço-me um bocado do “eu”, mesmo por causa do que fui ensinada de tal forma... Tipo, eu não estou a dizer que eles não se esqueciam do “eu”, não tem nada a ver com isso, é... Também foi um traço de personalidade que eu criei. Mas ver aqueles vídeos deles lá no Gana, aquilo mexeu de uma maneira comigo, de tipo, pá... E em certa forma deram-me força. “Há pessoas que... Eu estou aqui a chorar por causa disto, tipo, há pessoas que literalmente não têm o que comer”.

Raquel – Eu acho que nós só na altura, a única coisa é, tu não percebias a importância das causas que eles estavam a apoiar. Mas era só, do género...

Bruna – Mas apoiávamos.

Raquel – “Vocês apoiam, nós estamos aqui a apoiar também”.

Bruna – Ya, é isso.

Raquel – E depois à medida que também o tempo ia passando é que ias começando a perceber a importância que as causas tinham...

Bruna – Eles ainda estiveram lá, para aí, quê, uma semana e tal?

Raquel – Estiveram bastante tempo.

Eu – Querem acrescentar mais alguma coisa sobre isto?

(não há intervenções, indicando que podemos prosseguir para a próxima questão)

Eu – Mesmo que a experiência de pertencer a um fandom, como estamos aqui a falar, tenha associadas tantas coisas positivas e tantas coisas que deixam memórias tão bonitas e tão importantes, isto não impede que sejam tecidas críticas, e no caso das Directioners, é notório que foram várias vezes associadas a palavras como “loucura”, e outras que tais. Representações deste tipo podem levar à propagação de estereótipos sobre grupos, neste caso, os fandoms, e eu queria saber como é que foi a vossa experiência com pessoas externas ao fandom de One Direction quando se falava dos One Direction e das Directioners. Ou seja, como é que estas pessoas, ou os *media* que vocês viam na altura, qualquer headline ou assim, como é que eram percecionados os One Direction e as Directioners?

Beatriz – É assim, nos noticiários a headline era sempre “Loucura! One Direction vem a Portugal!”.

Bruna – Ya...

Teresa – Ou “fanatismo”.

Gabriela – O “histerismo”.

Várias – O “histerismo”!

Gabriela – O “extremismo”.

Raquel – E as pessoas que eles escolhiam para entrevistar...

Bruna – Mas é isso!

Gabriela – É isso, hoje em dia tu consegues perceber perfeitamente porque é que eram aquelas pessoas que iam falar.

Bruna – Não, eu, honestamente, é assim, também se calhar se me dessem o micro... Eu na altura entrevistada para o Porto Canal e... (risos) Ele a perguntar-me “Estás aqui há quanto tempo?”, e eu “Há uma semana”, e ele “Mas porquê?”, e eu “Porque eu gosto muito deles”. Tipo, ninguém diz isto, mas tipo, eu tinha 13 anos, eu sei claramente...

Gabriela – Mas é que até nem acho que seja isso, é por exemplo, quando... Eles escolhiam aquelas pessoas que notavam que eram menos articuladas, então por exemplo, faziam uma pergunta do género “E porque é que tu gostas deles?”, e elas diziam “Porque ele é muito lindo!”. Elas iam buscar as miúdas que davam um berro, e que choravam, não sei quê... Ou seja, parecia que eles próprios...

Nádia – Querem criar o estereótipo.

Gabriela – Eles queriam diabolizar e estigmatizar aquilo...

Teresa – Sim, sim, sim...

Gabriela - ... Para o seu próprio benefício! Porque o clickbait já começava a existir naquela altura.

Bruna – Nós há bocado falámos sobre isso, do facto, tipo, de sermos, entre aspas, julgadas por. Eu acho que isso é um bocadinho, tipo, traço de... Mais uma vez, tipo, depende de como cada um quer lidar. Imagina, eu lembro-me, na altura, tipo, ter sido das primeiras pessoas e das únicas pessoas, eu fui muito gozada por. Mas tipo, honestamente, nunca quis saber, tipo... Chegou a um ponto em que estou tipo “Eu não tenho de te dar justificações, tipo, tu ouves... Kevinho”.

Beatriz – Eu acho que a gente também sentiu tipo... Gozavam connosco mas nós sentíamos uma relação tão próxima com eles, que era do género...

Bruna – E com pessoas que te compreendiam, podiam não estar ali, mas compreendiam!

Beatriz – ... Eles não querem saber se, tipo, se tu me estás a julgar, porque eles gostam de mim.

Bruna – Eu sentia-me muito “Debby Ryan”, like, “I’m not like the others”.

(risos)

Bruna – Eu sentia-me mesmo muito essa pessoa, na altura, mas tipo, não queria saber.

Raquel – Mas eu lembro-me de ver essas coisas quando vinham cá entrevistar, tipo, “Eia, bem, o que é isto?”.

Gabriela – Nem nós, se calhar...

Nádia – Aquelas imagens...

Raquel – Como aquela icónica, que não tem nada a ver com os One Direction, dos Tokio Hotel.

Gabriela – Que não lavava o braço.

Raquel – Que nunca mais vai lavar o braço, e tipo...

Nádia – Ai, sim.

Bruna – “Nunca, nunca”, “Nunca mais?”.

(risos)

Raquel – Tipo, é mesmo para pintar...

Gabriela – E se calhar já tentaram espelhar isso para os One Direction, que é tipo, “E aquela miúda dos Tokio Hotel?”, e tu ficas tipo, “Ela era doente, sim. Eu consigo reconhecer que aquilo não é okay”.

Bruna – Oh amiga, a do Justin Bieber, vocês não se lembram na altura...

Raquel – Ya.

Gabriela – Não.

Bruna – Viraram-se para ele, tipo, ela tatuou “Justin Bieber”, tipo, com aquelas letras tipo...

Raquel – Gordas, ya.

Gabriela – Até hoje continua com a tatuagem?

Bruna – Sim. E é mãe, tem um filho chamado Paulo. Oh pá, a sério.

Nádia – Como é que tu sabes isso?

Bruna – Eu vou ver se encontro. Porque eu na altura...

Raquel – A Marta foi entrevistada na do Justin, foi uma vergonha...

(risos)

Teresa – Eu sinto que as... Fora do fandom, a opinião da maior parte das pessoas era “Elas são loucas, são histéricas”...

Raquel – Que “Vai passar”.

Teresa – Que “Vai passar, elas vão crescer e vão olhar para trás e vão-se arrepender...”.

Raquel – Ya, “Vão ter vergonha”.

Gabriela – “Vais ter vergonha de ter feito aquela coisa!”.

Nádia – “Vais-te arrepender daquelas figuras!”.

Teresa – “Nem sequer vais querer dizer que alguma vez foste fã deles, por teres feito estas figuras todas...”.

Eu – E posso perguntar aqui, alguém se arrepende?

Várias – Não.

Gabriela – Zero, zero.

Raquel – Zero.

Bruna – Não, não, não.

Beatriz – Estamos aqui!

Nádia – Ainda agora eu oiço e ainda...

Raquel – Deixa eles voltarem, aí é que vão ver o que é que...

Nádia – Mas eu acho que isso é, isso é que é ser hipócrita, e que irrita, que é, as pessoas julgam-te, mas agora se eles voltassem compravam uns bilhetes para irem ver.

Raquel – As pessoas julgam, mas do nada gostam do Harry.

Nádia – Exato! Isso irrita-me!

Bruna – Nós fomos à nossa escola básica e eu perguntei-lhes “O que é que vocês ouvem?” e houve uma miúda que disse “Harry Styles”, eu fiquei tipo “Oh my God, a sério?”, e depois eu perguntei “Ninguém ouve One Direction?”, e tipo, toda a gente ficou, tipo, “O que é isso?”.

Teresa – Também ouvi muitas vezes, tipo, “Ah, eles só tiveram o sucesso que têm porque eram uma boy band de rapazes bonitos”.

Bruna – Não mentiram, não mentiram.

(ocorrem vários comentários simultâneos que não é possível distinguir com clareza)

Gabriela – Oh pá, imaginem... Quem diz isso...

Teresa – E dizerem que eles não tinham talento nenhum...

Beatriz – Exato.

Gabriela – ... Desculpem dizer isto desta forma tão fria, mas por exemplo, se fôssemos só pela beleza, tipo, vamos remeter aqui a esta fase...

Bruna – Eh pá, menos!

(risos)

Gabriela – Não era toda a gente bonita.

Teresa – Exato.

Gabriela – E na altura do X Factor tu olhavas para eles e dizias assim “Eh pá, se calhar há aqui 1 ou 2 que são giros...”.

Bruna – Obrigada Simon, tipo ele reconheceu coisas que eu provavelmente não reconhecia.

Raquel – Estavam na adolescência, também calma... O Harry tinha barriguinha, usava lenços...

Bruna – Ele era lindo, maravilhoso.

Gabriela – Por exemplo, o Niall tinha um sorrisinho, tipo, muito estranho, tipo, sei lá...

Bruna – Pá, o Louis continua com o mesmo penteado desde 2010, mas é “tá-se bem”.

(risos)

Nádia – Acho que a beleza foi um fator importante, mas depois as fãs...

Gabriela – Sim, claro, mas acho que foi mesmo o crescimento. Eles foram melhorando. Agora, naquele início, acho que...

Nádia – Acho que foi quando eles começaram a lançar os videoclipes e isso tudo, já tinham uma certa...

Gabriela – Eu acho que é isso.

Nádia – Acho que foi por aí.

Gabriela – Eu acho é que, na altura, eles foram postos juntos, não era porque tinham os 5 excelentes vozes, é porque cada um trazia uma característica diferente.

Raquel – Eles sabiam que iam ser star quality, tipo, iam atrair... Eles não ganharam.

Bruna – Eu lembro-me, na altura no Dragão, com o Zayn... Eu fiquei chocada.

Teresa – Exato.

Bruna – Eu fiquei mesmo, caiu-me, eu fiquei tipo, “Que é isto?”. E tipo, o Zayn nunca foi o homem que eu era... Ficar tipo “Oh my God, Zayn”, ele era bué homem, isto está a soar um bocado mal, mas...

(risos)

Bruna – Mas tipo, eu quando vi o Zayn no Dragão, eu fiquei tipo “Meu Deus”.

Raquel – Muito lindo.

Bruna – Eu fiquei... Oh amiga, eu fiquei tipo “Não, menos, sai!”.

Raquel – Esse é dos que é mais bonito ao vivo do que na...

Bruna – É chocante, chocante! Mas pronto...

Teresa – Mas faz-me muita confusão que ainda hoje é tipo, “Ah, mas eles só tiveram... Só bateram os recordes todos porque eram giros...”...

Bruna – Não, menos!

Gabriela – Isso é que não.

Teresa – “... e vocês eram umas pitas históricas atrás, havia zero talento, eles não cantam nada de jeito”.

Gabriela – Eu acho que isso ainda é assim. Até hoje em dia, tu ouves músicas deles e não ouves só pela nostalgia. Há músicas que têm, na minha opinião...

Bruna – Vocês ouvem o primeiro álbum, a evolução de álbuns! Tipo, mesmo a escrita, tipo, tu ouves o “Up All Night”, tipo, tens quê, tipo 1 música escrita por eles? Agora, tipo, tu depois de veres a evolução deles...

Nádia – Sim, vais ver os...

Bruna – E é chocante, tipo, o Harry escreveu o “Walking In The Wind”...

Gabriela – Sim, mas epá... Sim, mas eu também não oiço One Direction propriamente pelo lirismo.

(ocorrem vários comentários simultâneos que não é possível distinguir com clareza)

Gabriela – Eu não oiço o “Up All Night” pelo lirismo.

Bruna – Ya.

Nádia – (a cantar) “Na na na...”.

Raquel – Claro que não.

Bruna – Como é que se chama aquela péssima? “Stole My Heart”, carrinhos de choque.

Gabriela – (a cantar) “And you stole my heart...”.

Bruna – Não é carrinhos de choque essa música? Tipo Senhor de Matosinhos? Vai mais uma voltinha? 100%...

Gabriela – Não, não sei se digo essa...

Nádia – Aquela “If you feel sad, just don’t”.

Bruna – Ya.

Gabriela – “If you ever feel alone...”.

Várias – “Don’t”.

(risos)

Gabriela – Não é propriamente... A genialidade lírica.

Bruna – Mas nós... Houve uma evolução, tipo... Imagina, epá, o Harry tinha tipo 16, 17, 18 anos, e tipo, tu agora ouves músicas do Harry... Tipo, eu ouço uma “Fine Line” e não há um momento em que eu não deite uma pinga, por exemplo. Houve literalmente uma evolução, tipo, acho que de parte de todos, na escrita e vocal, muito grande. Imagina, eu quando estou a ouvir o “Up All Night”... Certas músicas do “Take Me Home” eu fico tipo “Porque é que eu estou a ouvir isto?”. O Ed Sheeran quase ficava sem carreira, não é? Porque metade das músicas que foram dadas...

Raquel – Também, se não tivesse havido a evolução era estranho.

Bruna – Ya, mas tipo, eu quando ouço o “Made In The A.M.”, tu consegues perceber que, se eles agora pegassem, ia ser um álbum, tipo, excelente!

Gabriela – Da pop, ya.

Bruna – Eu a ouvir aquele álbum ia ficar tipo “Estou... Na... Caca”.

Nádia – Acho que ia ser engraçado porque agora têm estilos diferentes, portanto ia ser engraçado ver o que saía dali...

Bruna – Não, mas tipo, era... Eles chegaram a um consenso...

Gabriela – As interpretações de cada música...

Bruna – Ya.

Raquel – Os meus grandes medos deles acabarem é “E se eu não gosto das músicas novas a solo?”.

Gabriela – Foi o que me aconteceu quando saiu o “Strip That Down”.

Teresa – Ya.

Raquel – Exato.

Gabriela – “O que é que eu faço agora?”

Raquel – Tentar apoiar, não é...

Várias – Ya.

Bruna – Mas eu gosto da “Polaroid”, do Liam.

Gabriela – Sim, mas eu disse a “Strip That Down”.

Bruna – Não, isso não aconteceu, isso é...

Raquel – A dança, a dança... Calças justas...

Bruna – Eu falo por mim, eu acontece-me isso com o Louis.

Raquel – Ah, okay.

Beatriz – Ah, eu gosto.

Eu – Desculpem ter de voltar a focar...

(risos)

Eu – No fim podem falar à vontade, mas tinha mais uma questão, num tom de já “wrapping up”, para a qual queria ouvir a vossa opinião, que era: como vocês sabem, a dissertação que eu estou a fazer, e em que este focus group está inserido, é sobre misoginia, e mais especificamente, o desprezo e a desvalorização das raparigas e mulheres enquanto consumidores culturais.

Gabriela – Slay.

Eu – Sentem que a forma como são tratados os interesses, como sejam, o interesse por boy bands, o gosto por boy bands, é fruto de misoginia? Ou seja, os gostos que estão, e isto, pronto, geral, mas aqui um específico é as boy bands, sentem que os gostos que estão tipicamente associados a um público feminino são geralmente tratados de forma diferente dos gostos que estão tipicamente associados ao público masculino?

Bruna – 100%.

Gabriela – Claro.

Beatriz – Sim.

Raquel – Claro.

Eu – E qual é a vossa experiência com este tema, se alguém quiser partilhar?

Bruna – Oh pá, acho que... Razões que já enumerámos aqui, não é? Ver um jogo de futebol é muito, tipo, eles berrarem e chorarem, ou tipo irem para a porta de um estádio porque um jogador decidiu sair de uma equipa é tipo super normal...

Nádia – O dinheiro que eles gastam nos bilhetes, a ir para a Super Bowl...

Beatriz – E a violência!

Nádia – ... Ou irem ver um final da Champions, já é normal, mas eu pagar para ir aos One Direction...

Bruna – Mas imagina, eu não vou estar a criticar nem um nem outro, porque o meu irmão se quer ver o City x Arsenal...

Nádia – Claro!

Teresa – Sim, sim.

Raquel – Mas sentes isso?

Bruna – Por acaso, em mim, eu sinto que, familiarmente, e amigos, nunca ninguém me fez isso, mas sinto do Twitter.

Nádia – Sim, sim.

Gabriela – Concordo.

Bruna – Tipo, eu na altura...

Gabriela – A sociedade em geral, ou seja, não é o teu círculo, mas para fora, há esse julgamento.

Nádia – É a sociedade, exato.

Bruna – Quando o Messi saiu do Barça? Pá, um homem à porta do...

Raquel – Homens a chorar.

Bruna – Amiga não, a mulher estava com os filhos, e estava o homem no chão à porta do estádio a chorar baba e ranho. Eu fiquei tipo...

Nádia – Mas se fosses tu, já eras...

Gabriela – Eu tenho aqui um paralelismo que eu acho que é muito pertinente: nós fazermos fila para comprar um bilhete é uma loucura, mas fazerem fila para comprar um iPhone...

Beatriz – Sim.

Raquel – Ya.

Gabriela – ... Já é normal. É tipo, calma, uma coisa é um investimento...

Bruna – Mas isso também chama-se Capitalismo dos Estados Unidos da América.

(risos)

Gabriela – Com certeza, mas estás a perceber?

Bruna – Ya, eu percebo.

Gabriela – É tipo, pá, desculpem lá, porque é que o meu é assim tão menos válido?

Raquel – “És histérica”.

Nádia – “Porque tu és histérica”.

Raquel – As filas para entrar no Starbucks...

Gabriela – As filas para entrar... Sabes aqueles copos plásticos que fazem que têm umas palhinhas?

Raquel – Uma edição especial do Starbucks e tudo rosa, eles param para ir comprar...

Nádia – Era uma loucura... Literalmente tudo a correr...

Gabriela – Depois era assim “Só podes comprar 2 copos por pessoa”, tipo, nós só podemos comprar 2 bilhetes por pessoa. Estás a ver?

Bruna – Ya, okay...

Gabriela – Tipo, o quê?

Bruna – Ya. Mas sinto... Eu pego sempre no futebol porque tipo, realmente, o desporto, e é um desporto...

Raquel – É a melhor comparação...

Gabriela – Mas se quiseres falar de música, eu acho que esta misoginia está tão enraizada, porque é isso, é tipo... Okay, eu sofro com essa misoginia e com esse machismo por gostar de One Direction, mas também sofro por gostar de hip-hop, porque “És miúda e gostas de hip-hop?”.

Bruna – Ya, percebo.

Gabriela – Ou seja, no fundo, o machismo e a misoginia está...

Bruna – Isso acontece também no futebol, que é tipo “Oh my God, gostas de futebol? O que é um fora de jogo?”.

Gabriela – Com certeza!

Raquel – Sim.

Bruna – Oh gente... Ya, fora de jogo é a bola fora do campo, oh pá, não me chateiem a cabeça... Eu percebo... Mas imagina, também sinto que às vezes há raparigas que fazem isso comigo.

Raquel – Ah, sim, tenho amigas minhas...

Gabriela – A misoginia e o machismo não é só por parte de homens.

Bruna – Ya.

Raquel – Sim, sim, sim.

Bruna – Eu sinto literalmente que é tipo “Eh pá, tipo, tu vais literalmente para um estádio, só queres chamar a atenção”. Não, meu amor, o meu clube está tipo em último lugar quase, na tabela... Porque gosto de ser humilhada... Eu vou porque genuinamente gosto de estar lá e de apoiá-lo.

Beatriz – Eu vi um tiktok de uma rapariga que estava a falar, por ter gostos mais nerd, e ela estava numa conversa com um rapaz e ele perguntou-lhe qual é que era o filme preferido dela, e ela disse “Olha, gosto muito do universo de “Lord Of The Rings””, e ele “Só dizes isso para ter atenção dos rapazes, não é?”.

Bruna – Olha, o meu namorado metia like no vídeo, porque ele gosta de Lord Of The Rings.

(risos)

Beatriz – O meu noivo foi do género “Estamos noivos, só casamos depois de veres Lord Of The Rings”.

Bruna – Oh meu amor, então olha, prepara uma semana, que eu adormeci tipo 3 vezes...

Beatriz – Já estamos a ver, já vou para o terceiro.

Bruna – “Hobbit” é melhor.

Beatriz – E já vi “The Rings of Power”. Ah... Mas é bué aquela cena tipo, nós não podemos ter gostos, pronto, é aquela cena, tipo “a mulher foi criada para estar na cozinha”.

Nádia – A mulher só pode ter gostos específicos que a sociedade criou para ela.

Gabriela – “Queres é chamar a atenção”.

(ocorrem vários comentários simultâneos que não é possível distinguir com clareza)

Gabriela – E eu sou criticada por gostar de hip-hop, quando, oh pá, não...

Teresa – Mas depois também és criticada por gostares de One Direction. Tu não consegues gostar...

Gabriela – Tu não consegues vencer.

Beatriz – Até maquilhagem, roupa, que é uma coisa que as pessoas, é... “De gaja”... “Vais comprar mais uma mala?”, “Vais comprar mais um par de sapatos?”, “Essa maquilhagem toda é para quê?”.

Gabriela – “É para chamar a atenção de um gajo”.

Beatriz – Posso respirar?!

Teresa – Mas depois se gostas de uma coisa tipicamente de rapaz, “Estás a dizer isso porquê? Porque queres chamar a atenção de um gajo?”. Que chatos.

Gabriela – Não consegues vencer.

Beatriz – Não dá!

Nádia – “Estás a ser “pick me girl””.

Bruna – Eu sinto muito isso com k-pop.

Beatriz – E as raparigas que jogam jogos, então...

Teresa – Sim.

Bruna – Eu disse ao bocado aquela cena de gamers porque tipo, eu literalmente eu acho que atrofiava mesmo se tivesse um namorado gamer, porque eu precisava de atenção e ele não me ia dar, é só por causa disso.

(risos)

Bruna – Não julgo nada quem joga, simplesmente eu queria atenção e o meu namorado tipo, a jogar... Pronto, anyways... Eu sinto isso com k-pop, porque tipo, eu comecei a gostar de k-pop em 2014, 2013, e a onda de k-pop veio aqui para a Europa em 2019, 2020. Mas eu só comecei, tipo, a ouvir mesmo k-pop para aí em 2018, 2017. E tipo, foi quase 2 anos antes de vir para cá. Oh pá, e do nada eu tinha raparigas tipo do 7º, 6º ano, a ouvir aquilo, e estava eu tipo no

secundário a ouvir aquilo. Tudo bem, cada um ouve o que quer, mas eu não me identifico com muito... Estávamos a falar disso ao bocado, eu não me identifico com metade das atitudes que elas têm tipo em meetings e etc, porque...

Raquel – O fandom, sim.

Bruna – Oh pá, imagina...

Teresa – Tem a ver com a idade.

Bruna – É isso, é isso, mas tipo, eu não vou estar a julgar, eu fiquei tipo “Eu com 13 anos se calhar também fazia...”.

Nádia – Sim, fazias o mesmo.

Bruna – Pá, ou pior, não sei, mas é... “Ouves k-pop?”, “Pá, ouço, mas tipo abres a minha playlist e também tenho ali um Matuê”.

Beatriz – Sim, é isso.

Bruna – Estás a entender? Que não tem nada a ver, mas eu sinto mesmo que... E oh pá, sou influenciada pelo meu namorado a ouvir porque... Ele também, de repente, pá, o meu namorado adora a música “Up All Night”, tipo, estamos no carro e ele “Mete aí a “Up All Night””, assim como eu também estou deprimida e meto aí uma música de hip-hop dele e ouço. Mas eu acho que tem mesmo a ver com o facto das pessoas que tu escolhes ter à tua volta. E tipo, quando eras miúda acho que não tinhas essa opção, porque tu aceitavas simplesmente quem tinhas, agora, tipo, cresces e pode seleccionar o que é que tu queres ou não ouvir. Mas acho que todas nós chegámos à conclusão que já ouvimos um...

Nádia – Eu acho que, infelizmente, essa misoginia e isso tudo está a crescer muito mais com as redes sociais. Acho que devia ser ao contrário, devia haver tipo, uma maior abertura e as pessoas ensinarem-se umas às outras, mas, não sei porquê, está a ser um processo, acho que, contrário. Acho que as redes sociais estão a fomentar e a...

Gabriela – A promover mais esse...

Nádia – A promover mais isto, do ódio, e... Gozar com as mulheres...

Bruna – Isso depois gera outra coisa, que é tipo “Credo, hoje em dia não se pode dar opinião de nada”.

Nádia – Pois, também, mas...

Bruna – Tu podes dar a tua opinião, mas...

Nádia – Mas de forma respeitosa, não é?

Bruna – Não, se alguém ta pedir! Porque tipo, se eu estou na minha paz do Senhor, tu não tens de vir aqui dizer que tipo “És mulher, não podes ver futebol”.

Nádia – “Porque é que estás aí a gritar por futebol” ou “Porque é que estás aí, tipo, num concerto”...

Bruna – É isso, eu acho que a opinião é dada quando ta pedem. Uma coisa é, pá, um Twitter, que... Eu falo por mim, eu tipo, removi metade dos seguidores que tinha porque eu queria ir para lá desabafar e reclamar sozinha.

Nádia – E as pessoas tiram tudo fora do contexto...

Bruna – Estás no teu direito, agora, tipo, tu vais literalmente para um Instagram ou para um Tiktok dizeres uma cena, well... Dizeres uma cena que não tem nada a ver e achas que sabes o assunto...

Raquel – Não tem contexto.

Bruna – Que não tem contexto. Claramente que é pedir hate.

Raquel – Criticar só por...

Bruna – Mas sim, vamos todas responder à tua pergunta: sim.

(risos)

Eu – Não vos quero tirar muito mais tempo, porque, pronto, já passou um bocado do tempo que vos disse e não quero tirar-vos mais tempo. Quero agradecer-vos muito e perguntar se têm mais alguma coisa a acrescentar.

Bruna – Vais precisar das fotos?

(risos)

Beatriz – Ela quer levar.

Eu – Quero agradecer-vos muito por me terem ajudado com isto!

## Focus Group 2

23 de março de 2024

Eu – Eu queria propor-vos que, ao longo da conversa que nós vamos ter hoje com o focus group, nós fossemos criando aqui nesta board de cortiça uma compilação das vossas memórias, das vossas experiências, das vossas ideias... Ou seja, à medida que forem partilhando, que forem lembrando-se de experiências, ou coisas que estão a dizer ou coisas que estão a pensar enquanto outra pessoa fala, podem acrescentá-las à vontade, isso é um board coletivo para no fim ficarmos com uma coletânea da experiência do que foi ser Directioner durante esta época, e do que é que foi para vocês. Se alguém escrever alguma coisa que vocês que vocês ficam tipo “Ah, eu tenho algo que se relaciona!”, podem pôr um post-it ao lado com isso. Os post-its são para desenhar, escrever o que vos apetecer, podem pô-los juntos de fotos, podem pôr post-its com algo escrito a explicar uma foto ou o que significa para vocês, porque não há um significado específico para cada foto, é o que vocês quiserem... E pronto, acima de tudo vamos criar aqui uma board das vossas experiências. Inclusive, se se lembrarem de algo que querem acrescentar e não querem interromper outra pessoa, podem escrever para depois se falar. Estão à vontade, não há uma única forma certa de fazer isto. Vamos então, se calhar, começar pelas apresentações? E queria propor-vos que, à vez, cada uma dissesse o nome, idade e partilhasse como e quando se tornou Directioner, e se quiserem também podem partilhar outra informação, tipo qual era o vosso álbum favorito, a vossa música favorita, alguma coisa que queiram dizer... Se calhar, por exemplo, começamos assim, ponteiros do relógio?

Helena – Queres que diga o nome completo, ou só...

Eu – Podem só dizer o primeiro nome, não se preocupem.

Helena – Helena, tenho 24 anos, ah... Sinceramente é difícil dizer quando é que me tornei Directioner, mas acho que foi para aí em 2013, portanto já foi late to the game. O meu álbum favorito é o “Midnight Memories”, é difícil escolher uma música...

Joana – Eu sou a Joana, tenho 28 anos e conheci os One Direction tipo, acho que foi no final de 2010, início de 2011, graças ao Tumblr (risos). O meu álbum preferido acho que é o “Midnight Memories”, também, e música... “Irresistible”.

Laura – Olá, eu sou a Laura, tenho 25 anos. A minha aventura com eles começou também em 2010 porque eu via o X Factor. A partir daí foi sempre seguir e estar à espera daquilo que eles iam lançando, acompanhei também a “Up All Night Tour”, obviamente não presencialmente,

mas pela Internet. O meu álbum favorito é possivelmente o “Made In The A.M.”, mas também nenhuma música em específico que eu goste mais do que outra.

Catarina – E o meu nome é Catarina, tenho 24 anos, eu tornei-me Directioner por volta de 2012, acho eu. Lembro-me perfeitamente que foi no Facebook que vi uma publicação do vídeo do “What Makes You Beautiful”, e eu fiquei tipo “Humm... Que é isto? Calma, eu nunca tinha visto rapazes tão giros assim nunca”.

(risos)

Catarina – Então foi um bocadinho tipo, explorar, e eu tenho, pronto, a minha prima Gabriela, foi tipo “... vamos a isto”. Desde então tem sido, e continua a ser, uma caminhada incrível. Penso que foi nessa altura que saiu o “What Makes You Beautiful” e... O meu álbum preferido é o “Midnight Memories”, também, música preferida... É difícil, mas assim a primeira que me veio à cabeça quando perguntaste foi “If I Could Fly” porque acho que... Não sei, tipo, continua a ser ainda a música que eu sinto que eles estão lá para mim, por isso, acho que sim.

Eu – Obrigada. Eu gostava agora que fizessemos o “Show and Tell” de que eu vos falei, queria que... Pronto, pedi para vocês trazerem um objeto que associassem a uma memória, uma experiência, relacionada à vossa integração do fandom das Directioners, e que pudessem apresentar ao grupo e partilhar qual é a memória que lhe têm associada. Então pedia que, assim à vez, cada uma fizesse... Se calhar começamos no sentido contrário agora?

Catarina – Okay. Pronto (risos). Eu tinha pensado em várias coisas, no entanto, eu quando estava a remexer nas minhas memórias, esta, tipo, bateu-me de forma diferente, pronto, que é um bilhete dos One Direction, este é do primeiro, okay? Pronto, podem ver, não é, porque está completamente... Coitadinho... E eu trouxe o bilhete, que pode significar muitas coisas para várias pessoas diferentes, mas eu acho que aqui foi o dia em que eu, ou um dos dias, que eu me senti mais feliz da minha vida, em geral. Muitas emoções, eu era muito novinha, tipo, 2013, tinha 13 anos, este foi... Foi a loucura total, eu... Não sei, nem sei explicar, tipo, eu sentia que eles estavam tão perto de mim, eu estava no Balcão 2, gente, Balcão 2... (risos) Eu senti que eles estavam tão perto de mim que acho que é algo que eu nunca vou esquecer, por isso... A forma como as fãs interagiram umas com as outras, tipo, nós éramos miúdas de 13 anos, eu sei que tinha uma menina à minha frente de 17 e... Foi tudo tão natural...

Joana – Confortável.

Catarina – Exato, é confortável, e éramos pequenas, os nossos pais eram tipo “Ai, vais para o meio de toda a gente assim...”, mas foi muito fixe e foi uma experiência única e acho que foi

mesmo a altura que eu disse “Não, eu pertenço a este fandom, a sério, não há cá vergonhas nem nada. É tipo, vamos nisso”.

Laura – Pronto, o que eu trouxe foi esta camisola, que eu tenho há muitos, muitos, muitos anos...

(risos)

Laura – Eu, lá está, também podia ter trazido os bilhetes, porque eu também guardei tudo, pulseiras, colares, perfumes, eu guardei absolutamente tudo porque aos bocadinhos conseguia comprar tudo, porque era a única coisa que eu queria de presente sempre, independente da ocasião. Mas trouxe a camisola porquê? Eu acho que todas sofremos um bocadinho disso na escola, quem gostasse de qualquer artista, principalmente os One Direction, era... Sofria daquelas piadas secas, “Como é que gostas deles? Eles não cantam nada”, blá blá blá, blá blá blá, que diziam sempre. Mas eu dizia “Não, eu gosto deles, eles não me fazem mal nenhum, aliás, fazem-me muito feliz, fazem-me sentir unida e conectada com pessoas de todo o mundo”. Portanto, eu usava esta camisola com muito orgulho, e se for preciso ainda hoje a uso. E é como se fosse a imagem da minha adolescência, tipo, todas estas pessoas tiveram um papel fundamental naquela altura e anos, até agora, até, porque as experiências de vida deles, aquilo que eles ensinam, aquilo que eles cantam, eu levo mesmo para a minha vida, para tudo, e se puder passar a imagem de amor e amizade que eles passaram também enquanto estiveram juntos, para mim já é missão cumprida.

Joana – Okay, o objeto que eu queria trazer, eu não encontrei, só encontrei em fotografia, por isso, vem o plano B... São estas pulseiras (risos), que têm o nome deles todos, exceto... Uma pulseira do Louis, porque houve uma altura que eu só usava cenas do Louis, só queria saber do Louis, e perdi essa pulseira e fiquei tão triste... Enfim, estas pulseiras, ah... TMI<sup>43</sup>, eu tenho depressão e costumava... Cortar-me. E as pulseiras serviam para tapar essas coisas e também para prevenir, e era uma forma de... As pessoas faziam-me bullying, diziam mal, lá está, tinham sempre os mesmos cinco argumentos, e isto servia para ficar tipo “Não, tens aqui uma comunidade que gosta de ti, uma comunidade que está contigo, e tu não és doida nem nada por gostar deles, por isso, it’s okay”.

Helena – Eu trouxe um tablet. Eu não tenho praticamente nada dos One Direction, a única coisa que eu tinha era os posters, que devem estar nuns arrumos em que eu nunca mais os vi. Porquê o tablet? Porque a minha introdução aos One Direction, já tinha ouvido algumas músicas na rádio, tudo bem, mas a minha introdução em que eu comecei a ficar um bocadinho obcecada com eles foi através de fanfictions. Li imensas fanfictions, no wattpad, deles, principalmente

---

<sup>43</sup> Abreviatura de “Too Much Information” (em português, “Demasiada Informação”).

do Zayn, tanto que, disto tudo, eu agora comecei outra vez a lê-las... E algumas delas eu fico “Como é que eu lia isto?”, outras eu fico “Uau, isto é mesmo muito bom”. Há outras coisas em que eu fico “Eu não tinha idade para ler isto”, porque eu tinha 13 anos.

Joana – O “Dark”...

Helena – Lá está, a minha introdução foi um bocadinho mais tarde aos One Direction, apesar de já ter ouvido algumas músicas deles, porque eu não tinha assim grande acesso à Internet. Só quando recebi um tablet é que eu comecei a ver mais, então aí começou a crescer. Mas, como vocês já disseram... Na escola havia muito aquela coisa de “Ah, tu gostas deles...”, e tudo mais, então como eu via isso às outras raparigas, eu dizia que eu não gostava deles, e juntava-me aos rapazes e dizia que não gostava deles. No entanto, consegui que o meu melhor amigo começasse a ficar obcecado também por fanfictions dos One Direction comigo (risos). Mas ya, depois entretanto fui para o secundário e, basicamente, “saí do armário” de que gostava dos One Direction.

Eu – Obrigada pelo vosso “Show and Tell”. Vou agora continuar com algumas questões, uns temas para conversarmos, estão à vontade para ir acrescentando ideias aí sobre isso. Os One Direction tornaram-se um enorme êxito e quebraram diversos recordes: foram o primeiro grupo a estrear os 4 primeiros álbuns em número 1 nos Estados Unidos, tem o maior número de seguidores no Twitter para um grupo musical, maior número de subscritores para uma banda no YouTube. Entre 2010 e 2016 lançaram 5 álbuns e fizeram 4 tours mundiais. A que é que acham que se deveu este enorme êxito do grupo e o que é que os diferenciou dos outros? O que é que, para vocês, vos despertou o interesse nos One Direction e vos cativou a, ao longo do tempo, continuar a seguir a carreira deles? Não têm de responder por nenhuma ordem específica, estão à vontade.

Laura – Eu ia dizer que eu acho que o facto de como eles foram juntos como uma banda despertou também a curiosidade das pessoas, no sentido de “Eu posso conhecer alguém, num dia qualquer, numa hora qualquer, e essa pessoa pode vir a acompanhar-me para o resto da vida”. Pelo menos isso foi uma das coisas que eu mais gostei, o facto de eles não se conhecerem, não terem relação nenhuma prévia, e, naquele momento, criaram o que ainda há hoje. Portanto, é um bocadinho de ir com a mente aberta, e eles foram, e conseguiram juntar milhões de pessoas, e que essas pessoas acompanhassem a vida e a carreira deles.

Joana – E acho que também foi a ligação tão próxima que eles tinham com os fãs. Não só, tipo, no Twitter, que... Não sei, havia ali uma interação tão forte entre eles. Estavam sempre, tipo, nas hashtags do Twitter e tudo, sempre lá em cima...

Laura – Faziam sessões de seguir pessoas...

Joana – Sim! Eu ficava tão ciumenta quando as pessoas conseguiam, e ficava tipo “Oh meu Deus, o Louis está a seguir-vos”.

(risos)

Joana – “Também quero o Louis a seguir-me! Eu quero estar na timeline do Louis”. Ah... E também, tipo, nas próprias músicas, eles parece que estavam a falar assim muito, tipo, a alguém que seria mais inseguro, e então, óbvio, para adolescentes, isso é música para os nossos ouvidos, literalmente. E estarem ali a dizer, tipo “You’re perfect to me” e não sei quê... “Posso não ser perfeita para não sei quê não sei que mais, mas eu sou para o Niall”.

(risos)

Catarina – E eu acho que também, pronto, eu só comecei a segui-los mais assim em 2012, quando já tinha saído o primeiro single. No entanto, claro, explorar um bocadinho o que era para trás, no X Factor, portanto, os 1D Diaries. Eu lembro-me perfeitamente que era tipo, aquele momento em que nós, parecia que eles estavam literalmente a falar connosco, e estávamos tipo, em amigos, numas escadas a conversar, tipo... E o facto de eles exporem esse lado, que, ao longo do crescimento deles, nós fomos vendo um afastamento, que é normal... Que depois, não é, levou ao hiatus. Hiatus, ainda.

(risos)

Catarina – Mas que... Acho que essa parte deles também levou muita gente, porque foi como nós dissemos, tipo, havia uma certa vergonha ou um certo medo de dizer “Não, eu gosto deles, eu quero ir com eles para todo o lado”, e neste sítio era tipo aquele safe space, não é? Nós estávamos ali com eles, estava tudo bem, e... E era incrível, tipo, às vezes só estamos em casa a ver os 1D Diaries todos, e a repetir, repetir sempre, e isso acho que também fez com que criássemos uma comunidade tão bonita, porque viemos de um espaço que era muito seguro e íntegro e bonito e... Era só diversão e lá estão boas mensagens, pessoas que queriam o melhor de nós, e acho que isso faz toda a diferença. Pronto, eu escrevi aqui “1D Diaries” mas eu não me lembro se era com “y” ou com “ie”, alguém me ajuda, por favor?

Joana – É com “ie”.

Catarina – Okay, está certo então (risos). Posso pôr ali?

Eu – À vontade! Mais alguma coisa que gostassem de acrescentar sobre isto?

Laura – É assim, a falar dos 1D Diaries, falamos do lendário 1D Day... Em que eu passei, do início ao fim, colada ao computador...

Catarina – Foi tão bom.

Laura – Ninguém precisava de comer, dormir, respirar...

(risos)

Laura – O importante era acompanhar tudo e não perder nada, porque eu não sabia se ia ficar disponível para ver depois ou não, portanto não podia perder. Portanto, é das minhas memórias favoritas de sempre, ah... Queria tanto voltar a esse dia, muitas vezes (risos)... Só queria que eles fizessem mais.

Catarina – Mas foi mesmo divertido, e depois vemos pessoas de outras partes do mundo a viver o mesmo que nós, porque tipo, em Portugal nós íamos, lá está, através do Twitter, íamos conversando com algumas pessoas, mas saber, ver caras de pessoas, de outra parte do mundo, tipo...

Laura – É, fazia-nos sentir lá, também.

Joana – Por causa disso... Uma das minhas memórias preferidas estava ligada ao objeto que eu queria trazer... É o No Control Day, que também... Está assim, mais ou menos ligado ao 1D Day. Eu gostei tanto desse dia, porque era tipo, parece que nos estávamos a juntar a um membro do grupo que estava assim menos visto e não sei quê, então começamos a ligar a rádios e a todo o lado, e virou notícia... Era tipo “Neste dia, todas as rádios têm que passar o “No Control”, passem, passem, passem!”, e eu estava sempre a mandar tweets à RFM, à Comercial, a dizer tipo “Passem a música do Louis!”. E por causa disso, no meio de um dos retweets, eu fiz retweet a uma cena que era um giveaway... E ganhei.

(risos)

Joana – Então tenho um colar a dizer “No Control”, e é das minhas músicas preferidas só por causa disto, tipo, a interação com os fãs era tão boa e tão genuíno, e é daquelas cenas que... Podíamos estar na escola, ou onde quer que fosse, mas estávamos tipo (a sussurrar) “No Control, No Control, No Control...”, mas... Era tão bom! E o 1D Day foi mesmo incrível. Aquela cena... Qualquer coisa que eles faziam era engraçada, e nós estávamos sempre de bom humor, e era tipo “Sim, nós estamos aqui a morrer de sono, eles também” (risos).

Eu – Eu ia precisamente agora perguntar-vos sobre essa faceta. Eu ia realmente mencionar-vos isso, que era que, para além do conteúdo artístico que eles produziram, os álbuns, os concertos, tudo mais, os One Direction também puderam conectar com o público através de live streams,

tweets, entrevistas, e algumas pessoas poderão dizer que, à perícia, e ao talento, e a todo o trabalho dos grandes músicos de sucesso também estão aliados personalidade, carisma, uma grande capacidade de conectar com o público... Achem que isto se aplica ao caso dos One Direction? Ou seja, qual era a percepção que vocês tinham das personalidades deles? E essa percepção tornava o grupo mais interessante para vocês?

Laura – Sem dúvida.

(risos)

Laura – Tínhamos um bocadinho de tudo neles. Tínhamos o Zayn, que era super envergonhado, ficava sempre na linha de trás embora tivesse voz e presença para ocupar o palco sozinho, mas ele preferia sempre ficar...

Joana – Na dele.

Laura – Na dele, exatamente. E os outros conseguiram um bocadinho ajudá-lo a sair dessa cápsula em que ele se metia, e ajudaram-no a... Ou seja, ocupavam o espaço que ele não conseguia, pelas razões dele, que são as dele e ninguém tem que questionar isso. Mas por exemplo, o Niall sempre...

(risos)

Laura – Sempre a tentar o seu melhor, mas às vezes não conseguia... (risos) O Louis, que estava sempre... Só queria brincadeira, barulho, confusão, e eu acho que ele puxou também um bocadinho o lado do Liam para isso também, porque eu não vejo... Vejo o Liam como uma pessoa um bocadinho tensa e fechada dentro dele, mas eu acho que ele a conhecer o Louis tirou essa personalidade dentro dele. E o Harry também um bocadinho envergonhado, mas quando começou a sentir-se confortável conseguiu... Eu acho que ele criou a personalidade dele aí, posso ser suspeita mas agora acho que ele tem uma personalidade e uma presença de palco incrível, e eu acho que começou totalmente ali, porque os vídeos dele antes de ele ir ao X Factor, ele era um menino no meio do palco, só ali, e agora faz o que quer do palco, e eu acho que foi tudo... Foi tudo ali.

Catarina – Eu também, se calhar, gostava de acrescentar que, por exemplo, nesta altura, mais do X Factor, nós vemos claramente que só o Harry, o Liam e o Zayn acabavam por cantar, não é? Eu acho que o Louis e o Niall arranjam um bocadinho o espaço deles através da personalidade, da brincadeira e tudo mais, para conseguir ganhar, também, os fãs, e eu acho que isso é que ainda os tornou mais unidos, porque havia diferenças, claramente que sim, ao longo do tempo, felizmente, fomos vendo que isso foi acabando, e agora um é um artista a solo,

não é, todos eles são artistas a solo, e é lindíssimo ver isso. Mas ao mesmo tempo, é bom ver como, apesar dos artistas que eles são, não é, cantores, a parte da personalidade deles, eles conseguiram... “Não, eu também tenho isto para vos dar, não sou só uma pessoa que faz uns back vocals”, e acho que, se calhar, por exemplo, nem toda a gente era... No início, lembro-me que era tipo os 3 principais, era aquela coisa... Mas eles conseguiram, através das personalidades diferentes, os 5 são principais, tipo, era uma banda de 5, eu acho que isso é que também os diferenciou no meio das... Ou nas outras bandas que existiam, sobretudo boys band.

Laura – Sim, porque muitas só tinham um a cantar e os outros tocavam instrumentos, e aqui praticamente só o Niall é que tocava e eles todos precisavam de se meter para criar aquilo.

Joana – Eu acho que a personalidade deles de ser assim mais tipo, brincalhões e tudo, também foi um bocado o que trouxe o bullying às fãs, porque as outras boybands eram assim mais, tipo, sérias e “Vamos aqui...”...

Laura – Rotinas de dança.

Joana – Sim.

Catarina – Ai, o Zayn a dançar...

(risos)

Joana – Eram assim tipo, super sérias e estavam sempre vestidos de preto e “Oh meu Deus nós somos boyband, somos rapazes, temos que ser levados a sério, masculinidade e não sei quê...”, enquanto que eles eram mais tipo... Criavam memes, assim, brincavam com a... A cena do Kevin, isso é bué engraçado, tipo... Pegam num pombo e chamam-lhe Kevin e vira meme. E também, eu acho que os memes também serviram para, tipo, criar assim uma personalidade sólida neles... Que, não sei, foi muito querido. E chamou-nos muito, acho eu.

Helena – Mesmo o próprio vídeo do “Best Song Ever”, em que literalmente põem o Zayn vestido de mulher, o Harry a fazer de secretário, o Liam com...

Joana – O Liam fazia de...

Helena – Ya, ele fazia de coreógrafo. Oh pá e, lá está, mostravam o lado mais brincalhão deles também. É uma coisa séria, porque é um vídeo para a música deles, mas ainda assim mostrava um bocado também a personalidade deles, de como eles eram assim brincalhões. E a forma como o “eles”, verdadeiros, estavam a interagir com o “eles”, personagens, também mostrava muito a faceta deles.

Catarina – Acho que também relacionado com isto, estamos a falar um bocadinho das personalidades e de serem levados a sério, e eles também... Eu acho que a parte das entregas de prémios foi muito importante também para isso, porque era um momento em que eles conseguiam mostrar que eram artistas, não é, assim para o público em geral, mas ao mesmo tempo acho que nas suas atuações e nos discursos deles, tipo, era tão bom vê-los a agradecer a nós, não é, no fundo... E apesar de ser uma coisa muito séria e é ótimo eles ganharem prémios e visibilidade, e as pessoas diziam tipo “Humm, afinal estes rapazes se calhar até são bons”, não é? Aquele “se calhar”... Mas eles faziam questão de mostrar sempre a personalidade deles, quer nos discursos, quer nas atuações, que acho que nós fãs víamos com outros olhos, que é tipo... Eles estão ali, não é? Sérios, não é, vestidos todos direitinhos e tudo mais, tinha que ser, que era uma gala, mas ao mesmo tempo nunca se esquecem daquilo que está por trás, e acho que isso...

Laura – Ya, relacionado com isso, mostrou principalmente que um grupo enorme de raparigas de 13 e 14 anos com o poder da Internet conseguiam fazer o que nós queríamos. Para lhes dar, para aumentar o reconhecimento deles, e aí eu percebi, tipo, realmente, se nos juntarmos podemos levá-los onde eles quiserem. Portanto, eu fazia parte deste grupo que votava até não poder mais, e se for preciso criava contas secundárias...

(risos)

Laura – E era o meu part-time (risos) nesta altura.

Eu - Ainda sobre esta relação que eles tinham com o fandom e o fandom tinha com eles, há fãs que idealizam poder conhecer os seus ídolos, ou ser parte da vida deles, ou ser como eles... Estes ídolos têm por vezes uma aura muito atrativa e podem levar a que uma pessoa deseje conhecê-los pessoalmente, ser parte da sua esfera pessoal, são pessoas que nos inspiram, às vezes vê-se como um exemplo a seguir... E eu queria saber como é que vocês descreveriam que foi a vossa relação e perceção dos One Direction neste sentido. Eles eram pessoas com que vocês queriam estar, pessoas que vocês ambicionavam ser como, eram exemplos, ou era algo completamente diferente?

Joana – Eu queria ser como o Louis.

(risos)

Joana – Ele era assim uma presença super forte, era super engraçado, era... Sim, ele podia não cantar muito lá no início, até tipo dois terços da carreira deles, mas ele era... Toda a gente conhecia... Não sei, era... Eu não sei se gostaria de os conhecer, tipo, gostaria de estar em todos

os concertos que eles tivessem obviamente, mas conhecê-los em pessoa não... Acho que não, porque sinto que é demasiado próximo, e eu quero manter aquela distanciazinha de segurança, também porque havia algumas fãs que, cada vez que uma rapariga se dava com um deles, elas ficavam furiosas... Eu estava tipo “Eu quero ser como eles, mas não estar com eles” (risos).

Catarina – Eu acho que, pronto, eu sempre os vi como uma referência ao longo do meu crescimento, isto foi... Dos 12, até agora, até aos 24, por isso, foi a minha vida basicamente toda, e sempre os vi como uma referência e como se eles fossem meus amigos, meus namorados também, pronto... Eu tinha um namorado, que era o Louis, não é? Era o meu namorado...

Joana – Não, não era, era o meu...

(risos)

Joana – Ele era... Omnipresente...

(risos)

Catarina – Então eu sempre tive muita vontade de os conhecer e de saber como é que eles eram na vida real, mas agora que penso com 24 anos, olho para trás e digo assim “Eu não sei se queria destruir a imagem que eu tenho deles”, porque quando se conhece um artista... É muita pressão e... E eles podem não estar nos seus dias, como nós temos os nossos, tipo, bad days, não é, e... Eu acho que não sei se quero, e neste momento não quero, de todo, destruir a minha... O que eu fantasiei, o que eu idealizei deles. Foram eles que acabaram por fazer com que eu crescesse e ver aquilo que eles são, ou seja, eu acabei por construir a minha imagem do que é que eles são, claro que há muita parte verdadeira mas eu acho que... Não sei, às vezes até falamos em tom de brincadeira tipo, “Pronto, se calhar até era arrogante, mas eu não quero saber, tipo, eu não quero pensar nesse lado”, tipo, para mim eles são o que são, e acabam por ser até uma imagem um bocadinho...

Joana – Irrealista.

Catarina – Sim, irrealista e intocável, sabes? Quando diziam tipo “Ah, mas se calhar ele... Olha, parecia muito mal disposto...”, eu dizia “E então? Qual é o teu problema? Também nunca tiveste dias maus?”. (risos) Estão a ver, aquele tipo... “Não podes atacar”. Ah, por isso... Mas claro, se os conhecesse ia ser uma loucura.

Joana – E nós também reparamos, eu acho, que, no final, tipo, quando o Zayn saiu, foi aquele choquezinho, tipo “Eh pá, ele afinal não estava bem com o resto do pessoal?”, e começaram assim a sair aqueles dramas e tudo... E esse choque é a razão pela qual eu não queria conhecê-los, porque isso significa que nós poderíamos saber de antemão o que é que eles iriam fazer, e

ver tipo, as tensões todas... E isso lembra-me outra coisa, que é o Larry Stylinson... Que no início, estava toda a gente a conspirar e a dizer “Ah, sim, eles são assim, assado, não sei...”, e depois vai-se a ver e eles começaram-se a dar cada vez pior por causa disso...

Laura – Sim.

Catarina – E esse afastamento foi tão frio...

Joana – Ya.

Helena – Mas eu acho que isso também foi um bocado também culpa das fãs, parece que estavam ali muito a pressionar para que fosse uma realidade. Oh pá, eu não digo que eu não shippava, porque, não é? Também havia muitas fanfics exatamente também disso, mas é aquela cena, não é estar a pressionar para isso acontecer, muito menos depois quando arranjavam uma namorada, estar a atacar a pessoa, porque acho que isso é um bocado um comportamento tóxico também da parte das fãs, porque, lá porque são famosos, não deixam de ter a própria vida. E aquilo que nós percebemos não é tecnicamente a realidade, lá está, nós pensávamos que eles se davam todos muito bem mas afinal, dentro do próprio grupo, havia discordâncias, que nós não nos apercebíamos. E isso, o Larry, também os... De certa forma, impulsionou para acabarem depois com o grupo, depois do Zayn sair. Porque mesmo tendo o Zayn saído, se não tivesse, se calhar, sido isso, eles podiam ter continuado durante mais tempo.

Laura – É assim, eu, pessoalmente, eu não sei se é por ser filha única, eu nunca os vi como, tipo, alguém que eu gostasse de namorar, e isso era das coisas que as pessoas mais acusavam, era “Ah, tu só querias casar com eles”, e coisas do género, e eu nunca senti essa vontade. Eu via-os mesmo como irmãos mais velhos, ou amigos muito próximos, por isso eu tomava um bocadinho as ações que eles tinham e as atitudes que eles tinham como um conselho de uma pessoa que fosse relativamente da minha idade, e que gosto... Mas, lá está, nem tudo o que eles faziam era certo e eu passava sempre o pano por cima, até crescer e entender que algumas das coisas que eles faziam não eram propriamente as corretas. Mas, lá está, todas as influências que as fãs tentaram ter neles só acabou por piorar a relação deles, e acredito que foi das coisas que chegou a um ponto que já não dava para... Pronto, não dava para continuar a fingir que...

Joana – E era tanta gente...

Laura – É verdade.

Joana – Tanta gente ali a pressioná-los... Eu fiquei cheia de pena da Eleanor. Que... A Eleanor, a Taylor Swift, qualquer mulher que se dava com eles, parecia que era assim uma luta, era “nós vs. them”, e... As raparigas não se podiam dar com os One Direction porque eles eram nossos,

e... Até tipo, nos próprios grupos de amigos, que quando alguém dizia tipo “Ah, qual é o teu preferido?”, “É o Harry”, “Mas eu gosto mais do Harry do que tu!”, isto não é uma competição (risos). Ele é uma figura virtual, eles são uma figura virtual para todos nós. Tipo, a probabilidade de os conhecer é um bocadinho reduzida...

Catarina – One in a million.

(risos)

Laura – É, eu também acho que não gostava de os conhecer tipo, partilhar grandes momentos com eles. Gostava de... Tipo, eu sempre quis conhecê-los e dizer-lhes tipo “Olha, obrigada...”...

Catarina – Sim.

Laura – ...“Tipo, mudaram a minha vida para sempre e... Não é tipo, being cheesy, é mesmo... Guiaram o meu caminho até agora, mas nada mais do que isso, porque lá está, eu... Na minha cabeça eles são aquilo, e até me darem razões em contrário, coisas muito graves, eu vou manter essa ideia comigo.

Helena – Lá está, já referi algumas vezes aqui, fanfictions, no Wattpad. Ah, eu, lá está, eu tinha muito... Gostava muito de imaginar se os conhecesse e essas cenas, e lia muitas fics, e... Lá está, numa fanfiction cada fã tem a sua interpretação também dos membros, como é que eles são. A maior parte das pessoas punha o Zayn como um bad boy... Faziam imensas, lá está, fics também de Larry... Mas eu acho que tinha aquela perceção de... Gostava mais de imaginar como é que era se os conhecesse, do que propriamente chegar ao momento de os conhecer, porque eu acho que ia ter muito medo, ia fugir a sete pés... Porque eu também tinha muito aquele receio de “E se estragar a ilusão?”. Portanto às vezes ficava-me pelo imaginário e preferia ficar por aí.

Joana – Escrevi aqui umas coisas (risos). Os “The Wanted” (risos)...

Catarina – Os The Wanted...

Joana – E aquela cena do Louis e do Zayn quando começaram a fumar erva.

Laura – Ya.

Catarina – Sim.

Joana – (risos) Que todas as pessoas estavam tipo “Não, isso não é verdade! Isso não é assim! Eles são santos e não sei quê, eles não fazem nada disso!”, e depois sai o vídeo deles a fumar, e é tipo...

Helena – “Ups”.

Joana – “Ah... Okay, afinal eles não são perfeitos... E agora?”.

Catarina – Eu acho que, alusivo a isso, o “This Is Us” foi uma... Acho que foi uma parte fundamental para eles, enquanto artistas, também nos mostrarem outro lado, de... Não tanto para, mas também para fãs, por exemplo... Às vezes eu vi, quando eu vi, e já revi várias vezes, eu olho e digo assim “Não devia ser nada fácil”, porque eles também começaram muita transparência nesta fase, eles já estavam assim meios distantes uns dos outros... Mesmo aquela, quando eles vão a uma loja, acho eu, e porque eles têm que fechar a loja, eles não podem sair da loja, está um mar de fãs, tipo, vocês não saem daqui... Isto acaba também por ser um bocadinho tóxico. Eu, se calhar, se eu lá estivesse, se calhar ia fazer o mesmo com a excitação e com toda a loucura, e, lá está, éramos miúdas, tipo, não éramos adultos, ou havia... Tínhamos algumas adultas no fandom, mas raríssimas, o resto era tudo entre...

Helena – 13, 14, 12...

Catarina – Toda a gente, e acaba por ser, também... Eu olho para trás e eu penso quão duro é que deve ter sido para eles lidar com isto tudo, lidar com eles mesmos, com o crescimento deles mesmos...

Laura – E as vidas pessoais.

Catarina – Vidas pessoais... E mesmo assim, tipo, continuam... Estamos aqui... Continuam a ser tipo, uma imagem tão especial para nós, e acho que o “This Is Us” foi muito importante também para isso, para nós percebermos que somos muito importantes na vida deles, sim, também, e fomos nós que os colocámos onde eles estão agora, mas ao mesmo tempo, há muito mais, corre muito mais coisas que nós nem fazemos a mínima ideia, e... E acho que também é importante agora, com a idade que temos, refletir sobre isso...

Eu – Queria falar sobre as vossas experiências nos concertos. Os One Direction atuaram em Portugal em 2013 e em 2014, e as reportagens que temos da altura revelam que milhares de fãs aguardaram pelos concertos já na localização dos espetáculos durante longos períodos de tempo, inclusive tivemos fãs que ficaram lá durante vários dias. As entrevistas, fotos, vídeos que ficaram desta altura, feitos por jornais, por televisões, mostram as Directioners em grande animação, muita emoção, muito convívio... E eu queria saber se vocês foram a algum destes concertos, e, se sim, se optaram por ir para o local com antecedência, e como é que foram as vossas experiências enquanto aguardavam.

Joana – Eu fui ao do Estádio do Dragão e foi o melhor dia da minha vida. Eu fui para lá de manhãzinha, super cedo, fui de metro, o metro apinhado de Directioners... Estávamos no Estádio do Dragão já estava aquilo tudo cheio, e era de manhã. E depois começaram a chegar os bombeiros, a despejar-nos água em cima, as pessoas ali, tipo... Havia lá alguns, e eu acho que nós sabemos disso, havia tipo, jornalistas e não sei quê que estavam ali a falar, meio que estavam a gozar connosco, mas nós não queríamos saber, porque estamos ali em comunidade e é uma... É tão bom, porque eu nunca experienciei isso, tipo, experienciei nesse dia e nunca mais voltou a acontecer, de estar assim num grupo de pessoas que... Com quem eu não conhecia tão bem, e era tipo... Toda a gente sentia o mesmo, toda a gente gostava do mesmo, e ninguém gozava. Isso era o principal, porque não gozar connosco era... Estava toda a gente ali a dizer “Ah, o que é que achas que eles vão tocar?”, “O que é que achas...”... A ver os outfits uns dos outros, a ver as pulseiras, “Vamos trocar pulseiras”, e não sei quê... Foi tão fixe... Melhor dia de sempre.

(risos)

Joana – Foi há 10 anos!

Catarina – Verdade...

Laura – Eu fui aos 2 que houve em Portugal, no primeiro também fiquei no Balcão 2, e nesse eu só queria mesmo ir, foi muito, muito, muito complicado arranjar bilhetes, eu comprei tipo, dos últimos disponíveis no país inteiro... Portanto, eu quando fui, fui mesmo naquela de, tipo “Eu vou vê-los, eu não quero saber onde estou, nem que estivesse tipo... No telhado”, não me importava, queria mesmo ver, porque embora já tivesse sido fã de artistas internacionais, como o Justin Bieber, antes de eles chegarem, eu nunca senti que a fandom fosse propriamente... Eles não se davam muito bem, havia muita competição, e aqui, tipo, eu não senti nada disso, nós fomos com os nossos balões, com as nossas luzes, cheias de sonhos e desejos... Cantámos antes de eles virem, cantámos durante o concerto, cantámos depois, e foi tipo... Foi uma das melhores experiências da minha vida até ao dia de hoje também, porque foi a primeira vez que eu me senti, tipo, parte de alguma coisa, em relação ao concerto, e eu acho que foi aqui que o meu amor por concertos realmente se despertou, e até agora é em Portugal e onde tiver de ser, porque não acho que... Não há melhor experiência do que estar num sítio cheio de gente a ouvir a música que tu gostas e toda a gente percebe e entende aquilo que tu sentes pelo artista, e não há... Não é preciso ter vergonha, não é preciso ter medo, porque toda a gente te vai perceber, no seu sentido obviamente, um gosta mais, um gosta menos, mas o ideal está ali, portanto... Quantos mais houvesse, mais eu queria ir, mas pronto, dou-me por contente. E no do Dragão,

ah, eu acho que gostei mais do do MEO Arena, embora no Dragão tivesse sido na minha cidade e eu fiquei muito, muito, muito, muito feliz de eles virem aqui. Acho que aquele foi muito mais intimista, mas faz parte da carreira do artista crescer e ir para sítios maiores, foi um concerto muito lindo também, mas eu acho que o primeiro vai sempre ficar na minha memória.

Joana – Eu chorei tanto quando não consegui bilhete para esse...

Catarina – Foi mesmo difícil. Eu também, pronto, felizmente consegui ir aos 2 e tive essa sorte. E sinto-me privilegiada por isso. Foi mesmo difícil também, e toda a logística de ser em Lisboa, não podia ir sozinha porque era muito pequena, e ter que levar pais atrás, e depois ficar numa fila em que eles não conheciam ninguém... Foi toda uma experiência nova, foi o meu primeiro concerto sozinha. Já tinha ido a uns com os meus pais, mas nada a ver, um que eu quisesse mesmo ir e que eu peço “Não, mas eu quero, e vamos, e por favor e por favor...”, e foi um drama para arranjar os bilhetes. E eu acho que os concertos, pronto, em geral, despertam muitos sentimentos inexplicáveis, é um momento em que eu acho que é tão meu, e tão de cada pessoa, que cada um está na sua vibe. E a vibe de toda a gente, tipo, junta, é tipo... Estarmos ali todos, e acaba por ser... Partilha-se tanta coisa, e é algo que fica mesmo na memória para sempre. Eu também, o primeiro, foi... Foi muito diferente, foi mesmo um sonho, tipo, realizado, na altura, e eu lembro-me que eu estava completamente ridícula, cheia de tinta na cara, depois chorei-me toda, toda borrada...

(risos)

Catarina – E pronto, e assim mesmo... Mesmo pequenina. No segundo, já mais composta, já assim um bocadinho mais crescida, já sabia o que era... Mas o espetáculo foi incrível também, acho que o segundo foi um, em termos de show, foi dos melhores concertos que eu já vi. Mas acho que traz, em nós, tantos sentimentos, um turbilhão tão grande de sentimentos, que eu quando quero pôr por palavras, eu não consigo, mas ao mesmo tempo eu digo: eu adoro concertos, porque é o momento em que eu sinto que sou eu, só eu, ali, só eu, a música e o meu artista, o artista que eu gosto, tipo... E... Não sei, traz mesmo ao de cima o melhor das pessoas. E isto do fandom e tudo mais, nós podermos relacionar-nos com pessoas e ver essas pessoas nos concertos é... “Tu estás cá, porque eu também... Gostamos as duas, então é tipo, vamos fazer tudo o que nós quisermos, que não há julgamentos, posso dançar, posso levantar os braços, posso...”...

Joana – Chorar.

Catarina – Chorar imenso, que ninguém vai dizer “Olha para ela, está ali toda a chorar, a berrar...”, não, deixem-me estar...

(risos)

Helena – Berrar até perder a voz.

Catarina – Ya, tipo, sou eu, tipo, esta sou eu.

Joana – Se as pessoas estão lá e começam a gozar contigo porque estás a chorar... “Vai para o fundo da fila, meu caro, isto não é para ti” (risos).

Catarina – Eu acho que é um momento de tipo, auge de felicidade. Um auge, assim... Enorme. Por isso é que depois de um concerto a pessoa fica completamente desgastada, exausta, porque...

Joana – Mas feliz!

Catarina – Muito feliz.

Helena – Então, eu, lá está, não fui a nenhum dos concertos, porque a minha mãe alegava que eu era muito nova. E eu só dizia “Mas as minhas amigas também vão”, e a minha mãe, como de costume, para não variar, “Mas eu sou tua mãe, não das tuas amigas”. Ainda tentei convencê-la quando foi aqui no Dragão, aí com a minha melhor amiga, que ia com a mãe, porque eu tinha a certeza absoluta que eu nunca na vida ia conseguir arrastar a minha mãe para lá. Só que, mesmo assim, ela disse que não. O de Lisboa eu sabia que também estava completamente fora de questão, porque sendo em Lisboa, e... Ir para Lisboa, mais o bilhete, e tudo mais... Não acredito, nunca na vida, que a minha mãe, mesmo que eu tivesse pedido nessa altura, me deixasse ir. Mas lá está, fiquei muito triste de não ter ido ao do Dragão... A minha melhor amiga, pronto, lá filmou uns vídeos, lá me mostrou... E eu, no dia de concerto, a ver nas notícias, lá está, era fila à porta do Dragão, e os bombeiros a mandarem água para lá... E lá está, é aquela tristeza de ver tanta gente ali para ir ver o concerto, e eu sento-me ali em casa sem poder ir, a saber que as pessoas que eu conheço estão ali a divertir-se à grande, a ouvirem as músicas deles, a estarem o mais perto deles que alguma vez na vida estariam, e eu não podia estar lá.

Eu - Falaste sobre a tua amiga que foi e gravou vídeos para ti, e eu gostava precisamente de vos perguntar agora sobre como os fandoms são estes fóruns de partilha, de convívio, não é incomum que as pessoas que integram os fandoms formem amizades com outros membros do fandom, porque ser parte de um fandom, after all, está a proporcionar a oportunidade de conhecer, conectar com pessoas com as quais já se tem algo em comum, e isto pode acontecer pessoalmente, como em concertos, ou online, por exemplo através de redes sociais. E eu queria saber se fazer parte do fandom de One Direction vos levou a conhecer pessoas com que viriam

a formar amizades, e como é que descreveriam o convívio e as conexões que vos foram proporcionadas por serem Directioners.

Joana – Houve uma menina com quem eu me comecei a dar, que é australiana... Eu já não falo com ela, não aconteceu nada, foi só, pronto... Mas era daquelas coisas tipo “Estás do outro lado do mundo, mas gostamos da mesma coisa, com a mesma intensidade, estamos aqui pelos One Direction, e também pelos 5SOS” (risos). E ela foi tipo, das pessoas mais queridas que eu já conheci. E houve uma outra, que era da minha turma, que... Ela gostava imenso do Harry e do Zayn. Foi das minhas amigas mais próximas durante o secundário inteiro, que era assim um bocadinho... Porque a maior parte da fandom, lá está, eram mais novas, e sendo das pessoas mais velhas, ter alguém da minha idade a gostar disto com a mesma intensidade... E claro que as pessoas se viraram para nós e disseram que nós as duas éramos assim muito infantis, porque estávamos aqui a berrar por eles e não sei quê... E quê?

(risos)

Joana – Mas ao menos eu estou com ela.

Catarina – E não fazemos mal a ninguém, não é?

Joana – Exato, não fazemos mal a ninguém! Não estamos aqui a arranhar as pessoas, a bater nas pessoas...

Helena – Sinto que até ajuda às vezes na saúde mental.

Joana – (expressa concordância) É... Não sei, é assim um boost de serotonina! (risos)

Laura – Sim. Eu tenho o privilégio de as pessoas de eu ter conhecido pessoas que eu tenha conhecido naquela altura ainda fazerem parte da minha lista de amigas, um dos exemplos é a Bruna. Nós conhecemo-nos em 2013 e até agora somos amigas e vamos a concertos juntas, partilhámos da mesma maluquice (risos), e com isso fomos conhecendo amigas que ela conhecia, e ela depois conheceu pessoas que eu conhecia, acabámos por formar um grupo. Também fui a saber que a Catarina é minha prima distante, num concerto do Harry Styles.

(risos)

Laura – E é daquelas coisas que eu, sinceramente, acho que era difícil encontrar. E eu acho que na adolescência é sempre difícil encontrar pessoas que realmente são tuas amigas e querem o teu bem, e para mim concertos e artistas eram a melhor maneira de encontrar as minhas pessoas. E encontrei e ainda fazem parte da minha vida e eu adoro isso, porque tenho sempre pessoas com quem berrar quando eles lançam coisas novas, e não seria a mesma coisa se fizesse isso sozinha, portanto, sim, ajudou não só a eu conhecer as pessoas, mas a fortalecer e a entender o

que é que realmente é ter um amigo... Porque, lá está, não havia julgamentos, não havia bocas, não havia nada, gostávamos todas, cada uma da sua maneira, e conseguíamos dar-nos bem.

Catarina – Eu, por acaso, eu entrei nesta viagem, nesta montanha-russa, ao mesmo tempo com a minha prima, ela esteve cá ontem, a Gabriela. E, por acaso, nós tivemos a sorte (risos) de termos o mesmo gosto e começámos a partilhar o mesmo gosto. Ela é minha prima direta e nós somos muito, muito próximas, e foi ótimo porque tinha, para além de ser minha prima, minha melhor amiga, eu conseguia partilhar com ela, tipo, esta grande parte da nossa vida, e nós às vezes falamos e dizemos tipo “Realmente os One Direction foram a melhor coisa que nos aconteceu”, enquanto amigas, enquanto primas, enquanto fase adolescente e... Crescimento e vidas diferentes, e pronto, e tenho muita sorte nesse aspeto porque tive sempre uma compincha, e depois é tipo “Pais, somos duas... Por favor, vamos só ali comprar uma pulseira, ou fazer uma coleção de cromos...”, ou qualquer coisa, então era alguém próximo com quem eu podia trocar. Mas ao mesmo tempo o Twitter era muito importante para fortalecer estas relações e conhecermos pessoas diferentes, e acho que também as filas que se formavam nos concertos, acabava por ser ali um momento de grande partilha, eu fiz algumas amigas no primeiro concerto. De momento não falo com quase nenhuma, mas pronto, mas na altura, do fandom, quando existia os One Direction, foram minhas amigas, mesmo sendo de sítios diferentes de Portugal. E pronto, e é como a Laura estava a dizer, tive a sorte, não é, de conhecer pessoas, e foi no concerto do Harry e... De conhecer pessoas que consigo conviver com elas e conversar com elas e sei que as posso levar neste cantinho da minha vida.

Eu – Ou seja, já no concerto agora dele como... Carreira a solo.

Catarina – Já, sim, sim, como carreira a solo, mas todas éramos Directioners.

Laura – Lá está, amigas trouxeram amigas de amigas...

Catarina – Amigas de amigas... E então tipo, colmeias de pessoas que eram amigas durante os One Direction foram-se continuando a juntar e... Isso é incrível (risos).

Helena – Eu não fiz assim grandes amizades, lá está, não tinha assim grande acesso à Internet. Eu e a minha melhor amiga lá está, nós começámos a falar dos One Direction. Ela era obcecada pelo Liam, e houve uma altura em que nós as duas estávamos sentadas em Educação Física, porque estávamos as duas... Ela estava de muletas, tinha sido operada a um joelho, e eu tinha também partido um pé, então estávamos sentadas em Educação Física e foi aí que ela me mostrou a minha primeira fanfiction no Wattpad, que era exatamente sobre o Zayn como professor de Educação Física.

(risos)

Laura – Não consigo imaginar...

Joana – O Zayn e a “Your Name”?

(risos)

Helena – E, lá está, nós a partir desse momento começámos a falar muito de fanfictions e tudo mais. A certo ponto, pus um rapaz da minha turma, que também era meu amigo, nessa altura até me dava mais com os rapazes do que com as raparigas, quer dizer, dava-me com dois rapazes na minha turma, ah... E oh pá, eu sofria imenso bullying da minha turma então eu tipo, dava-me bem com duas outras pessoas da minha turma, ah... E houve um rapaz com quem eu me dava e que, por acaso, pu-lo a ele também a ler fanfictions dos One Direction. E ele também ficou obcecado com fanfictions do Zayn, porque ele adorava a irmã mais nova do Zayn, que agora esqueci o nome...

Joana – Na altura a gente sabia o nome deles todos...

Catarina – Ya.

Joana – Quando eles todos faziam anos...

Laura – A que horas nasceram...

(risos)

Joana – Nós sabíamos fazer o mapa astral de cada um deles, incluindo membros da família.

Helena – Mas ya, eu também, lá está, sofria muito, ah... Há a parte dos rapazes, que, lá está, viravam-se para as raparigas e “Ah, eles são um monte de paneleiros, porque é que vocês gostam deles? Eles têm ar de que são todos gays” e assim, porque naquela altura, sim, “ser gay era uma grande ofensa”, quando nós ainda não tínhamos bem perceção do que é que isso sequer significava, tínhamos para aí 12 anos, todas nós, para nós, ser gay, o que é que isso era? Ah... E as raparigas, eu, lá está, também não me dava muito bem com elas, portanto a maior parte das vezes eu também alinhava um bocado com os rapazes, porque tinha medo de gostar do mesmo que elas, porque como elas não gostavam de mim, eu não queria gostar do mesmo que elas. Era um bocado conflituosa eu... Por isso é que eu só depois mais tarde, quando mudei de escola, é que “saí do armário” de One Direction... Mas ya, a minha melhor amiga ainda continua na minha vida, nós, de vez em quando, ainda falamos de cenas dos One Direction... Mas não fiz amigos diretamente por causa do fandom.

Joana – Eu, na minha turma, havia três pessoas (risos) que eram especialmente vocais acerca de detestar os One Direction. Um deles foi a única pessoa, e ele começou a namorar com uma rapariga que também era Directioner, e ele na altura, antes de namorar com ela, estava sempre a gozar comigo, a dizer “Ah, mas porque é que os ouves? Eles são...”, sempre não sei quê não sei que mais... Pronto. São, lá está, “Os paneiros, são assim todos gayzolas”, e não sei quê, como se “gay” fosse um insulto. E depois, quando ele começou a namorar com ela, ela deve ter feito ali um, tipo, “Olha, mas porque é que tu estás a ser assim tão inseguro acerca de moços que nem sequer conheces?”. E então ele, houve uma vez um dia na escola, em frente a toda a gente, toda a gente, pronto, estávamos em aula, pediu-me desculpa. Eu fiquei tipo “Uau... O quê?” (risos). Houve outras, que eram as gémeas, e elas eram daquelas, tipo, maria-rapazes, que eram do meu grupo de amigas, ainda para mais... E nós ficámos amigas durante ainda algum tempo na faculdade e tudo... E elas estavam sempre a dizer que eu tinha extremo mau gosto, que “Porque é que estás a ouvir isso?”, e... Eu acho que elas tinham um bocadinho de ciúmes também, porque queriam aprender música e não conseguiam aprender, e queriam aprender a tocar as cenas dos Pearl Jam, dos... Sei lá, Arctic Monkeys, assim essas cenas todas... E eu sabia tocar isso e tocar One Direction, e então era tipo “Ah, então porque é que estás a gastar o teu tempo com os One Direction?”. Porque gosto! Qual é o problema de eu gostar de alguma coisa? Eu não posso? Se tu gostas de morangos e eu não, eu não vou andar aqui a dizer “Eh, porque é que comes morangos?”.

Catarina – Isso... Alusivo aqui à escola, por acaso eu não tive assim tantos colegas que dissessem mal. Claro, diziam sempre, havia sempre aquela coisa, mas tinha um bocadinho abertura para partilhar. E eu, pronto, gostava de partilhar, e às vezes levava os meus posters (risos) para a escola, ou levava, tipo, aquelas revistas que falavam sobre eles, e punha-me, tipo, a debitar... Fogo, que chata... A debitar para o pessoal, tipo “Olha, sabias que...”, tipo, assim, neste nível. E eles tipo “Ai a sério?”, e tal, por isso não sei se instalei bichinhos em pessoas, não faço a mínima ideia, mas tive alguma abertura, tipo... Gozavam comigo, mas havia, por outro lado, pessoas que era tipo “Ai é? Então deixa saber mais sobre isso...” e... E por acaso é engraçado como é que há duas vertentes, não é, numa turma, há dois lados tão diferentes, tipo, uns que é “Tu és só... Miúda. Deixa-te estar”, ou... Mas nunca foi um bullying ao ponto de eu me sentir mal com isso. Claro que às vezes tinha alguma vergonha, quando conhecia as pessoas, de falar e dizer “Ah, não, eu gosto mesmo”. Mas com pessoas que eu já tinha mais confiança, mesmo que elas dissessem “Mas eu não gosto”, e eu tipo “Okay, tudo bem, mas olha, sabias que...”.

(risos)

Catarina – Eu oriento-me neste sentido. E também era engraçado ver esses dois lados diferentes, e mesmo assim eu, com a minha convicção, queria parecer que... Propagar. Propagar o amor e propagar aí a música boa... (risos)

Eu – Queria agora perguntar-vos precisamente sobre outra coisa desta questão dos fandoms e de propagar as ideias, que é, os fandoms são estes espaços dinâmicos, têm uma grande capacidade de mobilização e de consciencialização também, e os membros dos One Direction apoiaram diversas organizações e instituições de caridade, nomeadamente a Comic Relief, a Alzheimer's Association, a Eden Dora, a Greenpeace, e o apoio a estas organizações e instituições, aliado à enorme capacidade de mobilização das Directioners, permitiu apoiar monetariamente várias causas, e até houve o 1D Fans Give, criado em 2013, que angariou dinheiro para diversas instituições de caridade. Contudo, nem toda a gente reconhece este poder dos fandoms, esta parte, esta influência positiva que podem ter, porque são grandes formas de mobilização. O que é que vocês acham disto?

Joana – Wack.

(risos)

Joana - Lá está, eu acho que eles gostam de nos subvalorizar, porque somos só... “Raparigas adolescente obcecadas”. Quando... Aquele colar que eu tive do “No Control” veio de uma loja no Etsy em que cada colar ou cada coisinha que era comprada, iam para uma caridade. E isso é uma das cenas que as pessoas gostam muito de subvalorizar, o poder que o fandom tem de tipo, mudar correntes e começar a falar sobre cenas pertinentes e não sei quê. Não sei, tipo, isto do Comic Relief, quem é que fez mais? Tipo, outra banda que tenha feito isso. O Live Aid, pronto (risos), mas outra banda, agora, que tenha feito isso? Que tenha sido assim tão (emite um som de estalido com a língua) como foi?

Laura – Sim, no meu caso, uma das coisas que mais me marcou deles foi quando eles foram a África conhecer crianças subnutridas, com doenças, pronto, que eram claramente desfavorecidas para com o resto do mundo. E aí despertou um bocadinho o meu amor pelo voluntariado, e eu comecei a fazer voluntariado depois disso. Mas foi também uma das coisas que fez com que as pessoas que tanto me julgavam por gostar deles, comessem, pronto, a medir mais as palavras e a ter outra versão deles, porque na escola, quando tivemos uma atividade de, prontos, mostrar o que é que um artista que nós gostássemos tenha feito para nos impactar, ou que nos tivesse impactado, ou que nos tivesse tocado, whatever, e eu mostrei esse vídeo, acho que as pessoas começaram a ter um bocadinho a perceção diferente deles, que não eram só cinco rapazes que gostavam de cantar, mas eram pessoas reais, a lutar contra causas

reais e preocupantes, portanto vai ser sempre uma das minhas memórias favoritas deles, e que despertou em mim algo que eu não sabia que conseguia fazer, e que não é algo que eu continue a fazer de momento, mas tenho um sentido de orgulho de eu ter feito isso no passado, mesmo sendo muito novinha, portanto, para mim, faz todo o sentido e marcou-me, todas as ações de solidariedade que eles fizeram.

Eu – Querem acrescentar mais alguma coisa sobre este tema, ou preferem seguir para o próximo?

Joana – Próximo!

(risos)

Eu – Eu ia dizer que mesmo que a experiência de pertencer a um fandom tenha a si associadas todas estas coisas tão positivas, e possa ser uma experiência tão impactante de um ponto de vista positivo, isso não impede que sejam tecidas críticas, como vocês bem saberão. No caso das Directioners, é notório que foram várias vezes associadas a palavras como “loucura”. Representações deste tipo podem levar à propagação de estereótipos sobre os grupos, neste caso, os fandoms. Como foi a vossa experiência com as pessoas que eram externas ao fandom de One Direction quando se falava deles e do fandom? Como é que estas pessoas, ou os *media*, podem falar de *media*, da perceção que possam ter de headlines e isso, como é que estas pessoas percecionavam os One Direction e as Directioners?

Joana – Diziam que éramos histéricas.

Catarina – Histéricas. Miúdas histéricas, sempre. Depois é tipo “Isto é uma fase”.

Várias – Ya.

Catarina – Lembro-me que em família, muitas vezes, tipo, lá está, em família, eu e a minha prima não é, éramos duas, ainda por cima, e era um bocado tipo “Isto é uma fase, elas neste momento estão um bocadinho...”, não tão família próxima, mas era nesse sentido, tipo “É uma fase, isto vai passar, elas só estão aqui um bocado com as hormonas aos saltos”, e... E pronto, depois teciam comentários como “Ah, vocês vão lá para os concertos gritar, ou vão para as reuniões...”, tipo, flashmobs e assim, tipo, “... todas juntas e gritar, e vocês vão para lá só gritar...”, e eu... “Gente, não é assim...”.

(risos)

Catarina – Não é assim. Okay, sim, nós estamos realmente muito entusiasmadas e gritamos, sim, gritamos. Mas ao mesmo tempo, as pessoas acho que criam uma ideia tão má, como se isto fosse algo negativo, no sentido de... Nós estamos tão felizes, eu acho que as pessoas não

conseguem ver o quão feliz a pessoa está. Tipo, se eu às vezes... Eu quando estou entusiasmada a falar sobre qualquer assunto que eu gosto, eu falo um bocadinho mais rápido, e mais entusiasmada, e mais alto, e ... Acho que toda a gente é assim.

Joana – E...

Catarina – E acho que eles não conseguem ver, e isolavam muito, no sentido, desculpa...

Joana – Não faz mal.

Catarina – ... No sentido de “Não, são só cinco rapazes giros e elas estão com as hormonas aos saltos”.

Joana – Isso via-se, tipo... As pessoas que costumavam muito ter esse argumento que “São só raparigas com as hormonas aos saltos” eram os homens que eram adeptos de futebol.

(várias demonstram concordância)

Joana – E que, quando é para falar do clube deles também estão ali todos coiso, e quando...

Helena – Gritam para a televisão.

Joana – Gritam para a televisão, vão aos jogos e começam a bater uns nos outros... Nós não (risos). E nós é que somos as histéricas? Histerismo é doença, eu acho que isto não é doença.

Helena – Eu acho que há muito esse estereótipo também das mulheres que... “Ai, as mulheres são histéricas, as mulheres são loucas, são malucas...”... Mas, lá está, se formos a fazer comparação com futebol, exatamente, isto... Os homens ainda conseguem ser dez vezes piores que nós!

Catarina – Mais barulhentos.

Helena – Ao menos nós, quando vamos, estamos numa de amizade, de harmonia... Eles, qualquer coisinha, partem logo para a discussão, para a porrada...

Joana – Tipo, nós estamos em casa, e de repente, do nada, começa-se a ouvir “Golo!”. Eu não estou a dizer “One Direction!” aos berros, em casa...

Helena – Ou “É falta, carago!”.

Joana – (risos) Mas nós é que somos as loucas? Oh, meu Deus...

Helena – Não, temos que também ter a perceção que também há fãs... E fãs...

Joana – Sim, sim.

Helena – Porque há algumas que também passaram extremos. Eu vi algumas coisas que preferia não ter visto quando foi na altura que o Zayn saiu dos One Direction, em que eu literalmente vi no Twitter uma moça que tinha cortado o nome “Zayn” no braço...

Joana – Ai...

Helena – Eu acho que isso também é um bocado comportamento tóxico, e acho que é isso também que dá às outras pessoas um bocado a perspetiva de que somos todas assim, quando é um ato isolado, é que são meia dúzia que são assim, não representam um fandom inteiro. Mas, lá está, basta um para dar um mau nome a todas.

Joana – Ya. E depois quando nos conseguem filmar, é em alturas em que há concertos ou o filme e não sei quê, que é alturas em que nós todas estamos ali mais entusiasmadas! Por causa disso, as pessoas pensam “Ah, elas são assim todos os dias”. Eu não ando de manhã à noite, tipo acordo “Yes, Louis!”.

(risos)

Joana – Mas agora, se vou ver o filme, obviamente que estou entusiasmada! E estou rodeada de pessoas...

Catarina – Que também estão entusiasmadas!

Joana – Ya!

Helena – O que deixa uma pessoa ainda mais entusiasmada!

Catarina – E... E mesmo quando passa na televisão, acho que era isso que se calhar estavas-te a referir, tipo, televisão nacional, não é, temos o jornal, que são assim... Pessoas mais... Pessoas, pronto, portuguesas, vá, que veem... A imagem é sempre essa, é assim: “Então nós estamos aqui rodeados de pessoas, muito... Vêm ver? Então, é fã? E agora, vamos cantar uma música?”. Sempre que há algum concerto, em qualquer fandom, eles fazem isto.

Joana – Ya.

Catarina – Sempre. E não perguntam tipo “Olha, e então, o que é que significam para ti? Porque é que estás aqui? O que é que achas que o concerto vai-te trazer de bom?”... Sei lá, tantas perguntas e tanta coisa que se pode aí explorar, eu acho que eles focam muito no “São miúdas”, que nós já não somos miúdas, senhor... O da entrevista, não é? E... E é sempre “E estão aqui, muito entusiasmadas, é muito barulho, e...”... É o ambiente...

Laura – Até que, automaticamente, quando o artista é anunciado, os comentários são “Já vem este lixo outra vez, isto agora vai ser só miúdas a gritar”. Mas acho que vai ser sempre a ideia

associada a raparigas entre, sei lá, os 12 e os 16 anos, vá, que gostam de uma coisa e por isso têm logo que ser rotuladas, quando, exatamente, no futebol, no desporto em geral, há pessoas muito mais excêntricas, muito mais...

Helena – Nós não andamos a destruir propriedade.

Laura – Exatamente. Mas eu acho que foi, se calhar acho que foi, se calhar, uma ideia que a sociedade construiu há muito tempo, com os Beatles e todas aquelas bandas que, naquela altura, não havia maneira de propagar a informação, e realmente quando eles iam a qualquer lado era...

Joana – Entusiasmante!

Laura – Era a loucura! Mas essa loucura também é boa, lá está, tipo, em certos momentos, é, tipo, é o teu momento favorito do mês, da semana, do ano, o que for... E toda a gente tem direito a ir procurar a felicidade de...

Catarina – E mostrar essa felicidade.

Laura – E mostrar, onde consegue.

Catarina – (para Joana) Eu não sei se tu sentiste muito isso, por seres mais... Tu és 4 anos mais velha? Quantos anos...

Joana – Acho que sim. 28.

Catarina – No meu caso és 4 anos mais velha que eu, eu não sei se tu sentiste muito isso mas tipo, nunca te perguntaram “Ah, estás aí no meio das miúdas... És tão crescida e estás aí, tipo, a dar-te com pitas”, não é, porque... (risos) Eu lembro-me que o meu irmão tinha uma amiga, que o meu irmão é 4 anos mais velho que eu, tinha uma amiga que gostava, e ele era assim “Tu não tens juízo? A minha irmã também gosta disso, e tu gostas disso também?”, e eu dizia assim, eu dizia-lhe, tipo “Qual é o teu problema?”.

Joana – Ya. Eu fui ao concerto do estádio com 18 anos, então já era tipo, legalmente adulta, uma adulta ali no meio das miúdas, e é tipo, qual é o problema? (risos) E ainda também sobre o Estádio do Dragão, eu acho que uma coisa que fez com que eles ficassem todos tipo “Ah, elas são malucas” foram os bombeiros.

Laura – Sim.

Catarina – Ya.

Joana – Que, “Ah, eles estão ali a deitar água por cima delas”... Para nós não morrermos de calor...

Laura – Exato.

Joana – (risos) Vocês preferiam que nós estivéssemos aqui a assar? É que aí iam dizer “Ah, elas estão aqui, malucas, a assar, a meio do dia, e não sei...”... Hello? Nós... Somos, tipo... Somos insultadas por estarmos a fazer alguma coisa, somos insultadas por não estarmos a fazer alguma coisa...

Laura – A falta de organização dos eventos vai ser sempre culpa dos fãs...

Joana – É...

(risos)

Laura – Não vale a pena...

Helena – E eu acho que isto também se deve muito porque é a primeira grande boys band que houve na era do digital.

Joana – (expressa concordância).

Helena – Ou seja, isto propagou-se muito mais depressa, havia muito mais comunicação também de fãs com fãs, e isto criou uma comunidade enorme que não havia antes porque... A Internet basicamente deu grande boom exatamente no início dos 2000, 2010, ou seja, na altura em que eles começaram a surgir. E acho que é isso, também tínhamos, através da Internet, muita crítica, porque, lá está, a maldade dos comportamentos tóxicos que se via para mim era através da Internet, e isso fomentava que as pessoas depois também comessem a criar grupos nas redes sociais de hate contra os One Direction, de hate contra a Directioners, e isso havia muita discussão contra uma coisa que não tinha mal nenhum.

Joana – É tão weird isso... Tipo, nós somos só pessoas aqui a gostar de... Imagina, tu gostares de cor-de-laranja e as pessoas começarem “Hate group contra o cor de laranja e as pessoas que gostam de laranja”. Ah?! Nós estamos só a gostar...

Eu – Laura, posso perguntar-te sobre uma coisa que disseste? Estavas a falar sobre a capacidade de organização dos concertos, consegues explicar-me melhor essa parte?

Laura – Olha, então, tanto no Dragão como agora no concerto do Harry, eu acampeei para ambos os eventos, não tenho vergonha nenhuma de dizer, e isto não era porque eu queria ser mais do que alguém, era simplesmente porque eu sabia que num concerto de tamanho... De uma dimensão tão grande, eles nunca estudam a população que vai atender esse concerto, eles generalizam uma ideia de “O concerto é às 19h, as pessoas vão começar a aparecer às 17h, e é

a partir daí que se forma a fila”, e toda a gente que suporta estes artistas sabe que não vai acontecer isso.

Eu – Ah, então é a empresa em si de organização que não percebe?

Laura – Exatamente, eles não entendem que certo tipo de artista vai trazer pessoas diferentes que não estão habituadas àquele tipo... Porque não é isso que nós vemos nos concertos nos outros países. Eles generalizam essa ideia, portanto eu acampei sempre com um sentido de “Eu vou começar a fila, eu e as minhas amigas, e depois, tipo, vai seguir de uma forma mais organizada, só porque nós já sabemos o que é que é esperado das pessoas que vão atender o evento, e estamos quase a precaver aquilo que vai acontecer, e foi exatamente isso que aconteceu agora num concerto do Harry, até que a organização acabou a seguir o nosso sistema porque era o que ia resultar para a segurança de toda a gente. Mas, lá está, obviamente no concerto do Dragão ninguém estava preparado para tal coisa. Também, eles não tinham culpa que foi tipo o dia mais quente do ano, contudo, no entanto, não havia realmente sombras, e não era expectado que as pessoas iam chegar na parte da tarde. Claramente que não iam, porque senão tinha que haver lugares marcados para toda a gente. E, lá está, a partir desse momento acho que foi quando as pessoas começaram a incutir um bocadinho mais o camping culture, que tem os seus prós e contras, mas acho que foi aí que as pessoas começaram a levar mais a ideia de, tipo, “Vamos organizar-nos ao máximo para as pessoas de direito verem o quão organizado pode ser, que as pessoas não têm que estar a desmaiar, a ir para o hospital, a sentirem-se mal, tipo, estamos todos aqui, queremos todos ver o evento, portanto, tipo, vamos fazer o que é possível para fazer isso acontecer.

Joana – É tratarem artistas diferentes de forma diferente. Porque isto não acontece com os Coldplay, por exemplo.

Laura – Exatamente.

Helena – Sim. Mas por exemplo, tu agora se fores a ver, de certeza absoluta que isto vai acontecer quando vier a Taylor Swift, vai ser exatamente a mesma coisa. Mais uma vez, “Ah, são miúdas histéricas”, quando, lá está, a maior parte de nós, já somos adultas e não é histeria, é felicidade!

Catarina – E claro que a pessoa se... Por exemplo, okay, é um bocado diferente, mas o caso da Taylor Swift, é uma pessoa que nunca veio a Portugal, e há pessoas a gostar dela há mais de 10 anos... É muito tempo.

Laura – Já houve um concerto cancelado pelo meio, também.

Catarina – Pois foi, pois foi. E é muito tempo, como é que... Sei lá... Pode ser um jogo de futebol, pronto, “Eu quero muito ver um jogo de futebol”, se eu estiver impedida de ver aquele jogo de futebol durante 10 anos, 10 anos é muito tempo, gente! 5, 10 anos, é muito tempo. E depois, claro que quando chega o dia, a pessoa está super entusiasmada.

Laura – E como deve estar.

Catarina – E é esse o espírito, é isso que se quer! É que a pessoa esteja feliz, esteja entusiasmada para estar a viver o momento dela, e claro que é normal as pessoas... Ou as diferentes pessoas, há pessoas que sabem que não gostam de estar na fila da frente, há pessoas que preferem deixar-se para o fim e ficar cá atrás, porque sabem o que não gostam, ou que não se sentem confortáveis, e é legítimo. Mas eu acho que devia ser mais...

Laura – Normalizado.

Catarina – Normalizado, e saudável até, “Okay, tu queres ser o número 1, tudo bem, então vamos funcionar desta forma”. Não é “Os próximos que vierem, começa-se a formar fila então...”. E acaba por ser uma coisa muito mais tranquila, e acho que mesmo as próprias entidades promotoras dos concertos criam estas quezílias, é assim “Eu não te vou dar informação nenhuma”, ou...

Laura – “Não é permitido”, e depois acabam a seguir as tuas...

Catarina – “Não é permitido dar informação”... E as pessoas andam às aranhas, completamente, tipo, “Mas então o que é que eu vou fazer? Eu vim do Porto, estou em Lisboa, não é, vou ficar onde?”.

Joana – Ao relento.

Catarina – Assegurem-me, digam-me alguma coisa, digam assim “Olha, tens uma pulseira, e vai embora” ou então “Não podes, de todo... Só podes vir a...”... É muito complicado, e acho que se eles percebessem esse lado de “Okay, elas efetivamente querem e vão fazer, não é só “querem”, é “vão fazer”. Pá, vamos deixar, e garantir-lhes segurança”, porque nos outros países, eu nunca fui, mas conheço a Laura e ela já contou, e o resto do grupo já contaram várias histórias do estrangeiro, não é nada assim como é em Portugal.

Joana – Porque os outros países parece que respeitam mais os artistas e os fãs que os artistas trazem.

Laura – É assim, certos artistas já começam a incluir essa lógica, por exemplo, o Louis, o sistema que ele adotou, eu acho que funcionou super bem.

Catarina – Muito fixe.

Laura – Funcionou super bem para nós. Estava um dia de muito calor em outubro, eu não tinha comprado sequer roupa a achar que ia estar aquele tempo e afinal estavam 35 graus na Altice Arena, que também não tem sombra nenhuma. Nós fomos comer, fomos tomar banho, fomos arranjar, estivemos à sombra, descansámos até à hora de entrar, e correu super bem, eu acho que se tivesse sido de outra maneira que nós não tínhamos conseguido ver o concerto, e, da mesma maneira que aconteceu no Harry, eu acredito que, com a nossa organização, proporcionamos a segurança do resto das pessoas daquele setor, porque noutros setores a fila era completamente horrível, eles estavam ao Sol, e nós, com o sistema que adotámos, nós entrámos super cedo, estivemos à sombra, tivemos água, estávamos todas calmas, todas a descansar para, na altura que viesse o artista, também estivesse tudo okay e as pessoas estivessem realmente lá para fazer o que queriam fazer, que era ver o artista, portanto... Oh pá, eu vou sempre lutar contra esta ideia...

Eu – Obrigada por esse insight na parte da segurança, porque, realmente, queria perceber como é que funcionava, obrigada pelo insight.

Catarina – Mas por acaso, no Louis, apesar de, desculpa...

Eu – Sem problema!

Catarina – Apesar da segurança, à noite, não foi a melhor... Portanto, mas eles acabaram por, lá nas confusões deles...

Laura – Arranjar um sistema.

Catarina – Não, okay, teve que vir o segurança do Louis dizer tipo “Não é para fazer assim, vamos fazer assim”, okay, tudo bem, boa, excelente, dão-nos a pulseira, vamos embora, vamos comer, vamos tomar banho, porque depois dizem, não é, que nós somos sujas...

Joana – (risos).

Catarina – ... Que estamos lá há bastante tempo, e etc, etc. Assim uma pessoa vai tomar banho...

Helena – E não sei quantas que desmaiaram por desidratação...

Catarina – Vão-se arranjar, vamos estar um bocadinho à sombra, comer, que é fundamental, e que nos concertos nós nem comida podemos levar, ou tem que ser tudo...

Laura – Empacotado.

Catarina – Sim, e... Nem bebida, nem... Essa também do Louis foi...

(risos)

Catarina – O segurança... Eu estava assim, tipo, deixou entrar com tudo, e ele disse “Isso não é um Powerade?”, e ele assim “Não pode entrar”, eu tipo “Okay, tudo bem, fica aí de lado, eu quero é entrar”, e ele “Leva um copo”.

(risos)

Catarina – Foi assim...

Laura – Com as outras pessoas atrás dela a entrar.

Catarina – “Mais rápido...” (a expressar urgência). Ele assim...

Joana – (risos).

Catarina – E eu... Está a gozar com a minha cara... A sério?

Helena – Muitas vezes só pedem para tirar a tampa.

Catarina – Eu passei-me, eu assim... Mas é que ele estava mesmo a gozar comigo. Porque estava toda a gente a passar e eu ali, parada, com um copo, e ele a deitar-me Powerade, e eu tipo “Mas eu não quero mais, não encha, não encha, eu não quero mais”, e ele assim “Agora ponho o resto”. Este alvo de chacota, isto é muito feio, também. Porque... E depois é tipo “Ah, era uma miúda”.

Joana – Ya. E tipo... Quantos anos é que achas que ele tinha?

Catarina – Ai, devia ter os seus 40 e poucos...

Joana – Por isso, homenzinho.

Catarina – Homem. Homem.

Laura – Adulto. Capacitado.

Catarina – Adulto como eu, não é? Porque eu também não sou uma miúda, tenho 24, tinha 24 já na altura. Não sou uma miúda, porque é que estás a gozar comigo dessa forma? E eu a dizer “Eu não quero. Eu não quero, não levo isso. Não me importo, não levo.”, estava um calor de morrer, mas tipo, “Eu não levo”. E acho que isso também... Parece que tudo o que seja artistas que tenham um fandom sobretudo mulheres, há muito este julgamento.

Eu – Eu ia precisamente pegar nisso para a próxima questão, posso perguntar-vos?

Catarina – Força, força, sim!

Eu – E se quiseres continuas o teu raciocínio?

Catarina – Força, claro!

Eu – Eu queria perguntar-vos sobre, pronto, como vocês sabem, a dissertação que eu estou a fazer é sobre misoginia, e mais especificamente sobre mulheres e raparigas como consumidoras culturais. Eu queria saber se sentem que a forma como são tratados interesses como sejam, nomeadamente, o gosto por boybands, se a forma como são tratados é fruto de misoginia. Ou seja, se os gostos que estão tipicamente associados a um público feminino são geralmente tratados de forma diferente dos gostos que estão tipicamente associados a um público masculino. Qual é a vossa experiência com isto?

(risos)

Catarina – Era isso, exato...

Joana – É assim...

(risos)

Catarina – Que eu queria falar...

Joana – Tens bandas, tipo os Metallica, que a maior parte dos fãs são rapazes, então são mesmo bandas a sério (expressa ironia). E tens outras bandas, tipo... Red Hot Chili Peppers, é banda de menino... É aqueles... Quando entras numa loja qualquer e vais à zona de rapaz e vês tipo nomes de bandas lá, “Rolling Stones” e não sei quê, essas são as bandas de meninos. E se tu usares uma dessas camisolas, vais ter que dizer no mínimo três músicas e três álbuns diferentes.

Catarina – Exato.

Joana – E se não souberes?

Catarina – Fazem-te logo um questionário. É assim “Ah, tens uma camisola de Rolling Stones? Então diz lá...”

Joana – Ya.

Helena – Senão, fake fan.

Catarina – “... O que é que tu sabes sobre eles...”

Joana – “Onde é que eles estavam em 1987?”, o quê?! (risos)

Helena – Nem era nascida nessa altura.

Catarina – E também é um bocadinho do que falamos, o futebol acaba por também ser um bocado um fandom, não é? Pronto, as equipas têm os seus fãs e que vão a todo o lado...

Ninguém critica os fãs do Porto que vão a Milão, ou que vão a Londres, ou que vão a qualquer lado, ver o jogo.

Joana – Até dizem bem deles!

Catarina – E dizem “Ah, temos uma boa claque”.

Laura – Mas, por exemplo, eu nos últimos anos, eu tenho ido sempre pelo menos a cinco concertos do artista que eu gosto, porque eu quero, porque eu trabalho, e eu gasto o meu dinheiro onde eu quiser. Eu tenho sempre pelo menos 30 questões de pessoas diferentes, “Mas porque é que vais ver sempre o mesmo concerto?”. Porque se eu quero, porque eu compro, e porque... E porque sim!

Helena – Porque eu posso.

Catarina – És livre, é o teu dinheiro.

Laura – Exatamente, e mesmo...

Joana – Ya, porque é que tu deves razões a alguém?

Laura – Mas eu tenho sempre que dar uma apresentação... Imprimo um relatório...

(risos)

Laura – ... Tipo entrego, diretamente... Porque, mesmo, por exemplo, com a Taylor, só indo a 2, “Mas porque é que vais a 2?”, e isto, aquilo... Porque eu posso e eu quero e porque eu não tenho que dar explicações a ninguém. Mas, que com as pessoas na autoridade, nomeadamente nos concertos, nós tivemos experiências com polícias horríveis, que nos desprezaram a todo o nível possível e imaginário, até que, no dia do concerto, acabaram, tipo, a ser super queridos para nós, porque entenderam que nós não éramos miúdas e crianças que queriam criar confusão e pânico, mas sim queríamos ajudá-los a alcançar o trabalho deles de uma maneira mais fácil.

Catarina – E que não estávamos contra eles.

Laura – Exatamente, mas a reação inicial é sempre criticar e achar que nós só queremos criar pânico e confusão, e acho que isso nunca vai mudar... Porque é só a imagem que certas pessoas têm para com a figura da mulher.

Catarina – E, relativamente a isto que a Laura estava a falar... Pronto, isto do concerto do Harry, agora em Algés, o meu namorado também foi, e nós estávamos juntos e a acampar, e nós perguntávamos coisas aos polícias e eles não davam uma resposta... A ninguém. Tipo, diziam tipo “Não posso falar sobre isso, não posso falar sobre isso...”... Até que nós nos apercebemos, e o meu namorado ia atrás, e depois perguntava “Olhe, porque é que não há informações?”, e

eles diziam-lhe tudo. E eu... E é um homem. É da minha idade. E também estava lá para ver o concerto. Mas é homem. E “Não é uma miúda histérica, e então, por isso, já te podemos dar algumas informações, apesar de eu não saber...”, eles às vezes eram assim: “Eu não tenho a certeza mas, isto, isto, isto, passa cá amanhã”.

Laura – Mas se nós perguntarmos, diziam-nos só “Vão embora, não precisam de estar aqui, vão embora”.

Joana – Isso é tão esquisito, porque é tipo, parece que está a agir como se um rapaz da tua idade fosse mais maturo do que tu, e nós crescemos a ouvir que as raparigas ganham maturidade muito mais cedo e não sei quê, então qual é que é a verdade? Ganhamos maturidade mais cedo, ou são os rapazes que... Que devem mandar, entre aspas? Aspas muito grandes, nisto tudo, tipo...

Catarina – Mas em todo o caso...

Laura – Foi o que aconteceu.

Catarina – Foi o que aconteceu.

(risos)

Catarina – E ele ajudou-nos bastante, muito, se não fosse o que eles disseram...

Laura – É verdade.

Catarina – Estávamos lixadas. Mas pronto, mas... Ao mesmo tempo quem nos dava sempre estas respostas eram homens. E as senhoras, seguranças, nem sequer se chegavam à beira das grades para vir falar connosco.

Laura – Sim, a fila da frente e a fila dos primeiros polícias a chegar é sempre homens, sempre.

Catarina – Sempre. E se às vezes nós quiséssemos falar com mulheres, não nos deixaram.

Joana – Parece que têm aquela...

Catarina – Isso é estranhíssimo.

Joana – ... Aquela aura de autoridade, tipo “Ah, eu sou maior do que tu, eu sei mais do que tu”... Mas é tipo, não, tu estás a fazer o teu trabalho, eu estou aqui para me divertir, são coisas diferentes, o teu trabalho é garantir a segurança, não é dizeres onde é que... Não é manteres para ti informação de onde é que está o quarto de banho.

Catarina – E ninguém os quer desrespeitar, porque é que eles também nos fazem isso?

Laura – É verdade.

Joana – Ya.

Catarina – Esse caso de que eu estava a falar da garrafa de Powerade foi nítido, foi nítido desrespeito. Porque eu disse assim “Eu não quero, eu não levo, até está fechado...”, eu até lhe disse assim: “Está fechado, guarde e dê a alguém”. Estava selado ainda, e ele disse “Ah, não, leve”, eu disse-lhe “Mas eu não quero”, “Mas levas num copo”, “Mas eu não quero levar no copo”.

Laura – E isto podia ter estragado a experiência dela...

Catarina – Sim.

Laura – ... Porque todas nós entrámos quando...

Catarina – Sim, e elas...

Laura – ... No momento em que estavam... Nós passámos super rápido pela segurança, ela podia ter ficado sozinha num concerto que ela idealizou ir com outras pessoas.

Catarina – É verdade, e isso é muito triste, porque... Naquele momento, eu não merecia ser tratada assim. Nem eu, nem ninguém.

Joana – Não faz sentido...

Laura – Estavas a levar uma bebida num dia de 35 graus em pleno outubro!

Catarina – E eu respeito as regras, por isso é que eu já tinha fora e disse logo “Eu sei que isto não pode entrar, fique, está selada, dê a alguém”. Eu não... Eu não disse nada, não desrespeitei em momento nenhum, não é? Não disse “Olhe, arranje-me uma alternativa!”.

Joana – É uma dualidade tipo “Porque é que tu gostas desta banda?”, “Porque sim”, e depois tu perguntas à pessoa “Porque é que me tratas mal?”, a resposta também é “Porque sim”, não há ali nenhum, tipo, “Ah, é porque tu és mulher, é porque tu és...”... Eles não vão dizer isso.

Laura – Ah!

Helena – Ui!

(risos)

Joana – Ai deles!

Eu – Pronto, já numa de “wrapping up”, eu gostava de saber se têm mais alguma coisa a acrescentar, ou sobre esta questão da misoginia, mas também sobre a vossa experiência como Directioners no geral, se querem olhar para trás e deixar uma nota retrospectiva sobre o que isto significou para vocês, ou até, por exemplo, sobre o objeto que trouxeram, se quiserem

acrescentar mais alguma coisa... Queria saber se têm mais assim alguma nota que queiram deixar.

Laura – Eu posso começar. Eu tenho muito orgulho e sou muito agradecida de os ter encontrado. Como eu já disse, conheci não só pessoas que trago até ao dia de hoje, tive experiências que, de outra maneira, não conseguiria, e tive, principalmente, figuras em que eu tirava inspiração de, para levar para a minha vida. Até ao dia de hoje eu ouço as músicas deles no caminho para o trabalho com muita regularidade ou sempre que me apetece, e traz-me o mesmo nível de memórias e de felicidade como quando eu ouvi com 13, 14, 15, 16 anos, o que fosse. E, oh pá, acho que sou a prova que fui fangirl e sou uma mulher completamente independente, funcional na sociedade, tenho um papel tão igual a todas as outras pessoas que gostaram ou não, e não foi por isso que eu fui mais ou menos do que outra pessoa qualquer, mesmo eu tendo sido... Tendo eu gritado em concertos, tendo saltado, cantado, ter sido feliz, acho que (risos) eu, todas nós, somos a imagem que nós podemos ser isso e muita outra coisa, portanto não temos que levar esse rótulo só por gostar de uma coisa.

Catarina – Acho que, apesar de tudo, e claro que durante estes anos todos houve coisas más, e que se calhar até, se fosse outra pessoa, eu se calhar até desistia de gostar, não sei, mas olhando para trás eu tenho, lá está, tenho muito orgulho neste caminho e nesta história que eu também criei com eles, e na importância que eles tiveram na minha adolescência, que é a fase mais complicada de uma pessoa... A tentar-me descobrir quem eu sou, a forma como eu gosto de estar, o que é que eu gosto de ouvir, a forma como eu quero tratar as pessoas... E eles tiveram um papel muito importante, o fandom, e os One Direction acima de tudo, tiveram um papel muito importante na mulher que eu também sou hoje, porque eu não me envergonho de nada de que fiz, claro que há coisas que eu digo tipo “Catarina, não tinhas necessidade” (risos), mas faz parte do crescimento e eu acho que quando uma miúda ou um rapaz mais novo fala comigo sobre “Olha, gosto deste artista”, eu fico tão contente! Que eu digo tipo, olho para ele e digo “Tu não imaginas as coisas boas que este artista te vai trazer”, porque... Há uma parte tão incrível e, mesmo como eu falei aqui, sentimentos inexplicáveis, e eu considero o dia deste concerto um dos melhores dias da minha vida, e é uma coisa que eu não vou esquecer! E ter este papel, tipo, eu sei que não fazem de mim aquilo que eu sou, mas têm um papel muito importante naquilo que eu sou e nas fases boas e menos boas, que realmente acompanharam-me sempre nesta caminhada que é a vida, por isso... Acho que é mesmo... Mesmo bom, e estarmos aqui a partilhar e é tão bom saber que... Eu sabia que não estava sozinha nisto, não é, mas é tão bom ver adultas que somos, passámos por imensa coisa, e mesmo esta parte da

misoginia que estávamos a falar, e mesmo assim conseguimos olhar para isto tudo e eu só vejo aqui coisas positivas.

(risos)

Helena – Eu arrependo-me muito, sinceramente, de no início, por medo também da opinião dos outros, ter entrado na onda de criticar... E também ser contra essas cenas. Lá está, eu, enquanto mulher também participei um bocado na misoginia, exatamente por também, por muito receio da parte masculina. Mas agora se pudesse, lá está, tal como vocês eu tinha ido “Olha, eu gosto. E? Qual é o problema?”. Não temos todos que gostar da mesma coisa, mas temos que saber respeitar. Porque, lá está, mais uma vez, tal como o futebol, tu gostas do Benfica, eu gosto do Porto, okay, rivais, mas não temos que andar à porrada por isso. Tu gostas de uma coisa, eu gosto de outras, não quer dizer que não possamos dar-nos bem na mesma. Acho que é tudo uma questão de respeito. Portanto sim, se eu pudesse voltar atrás, mudava a maneira como eu também pensava na altura.

Joana – A mim, eles ajudaram-me a ser assim mais... (faz gestos)

(risos)

Joana – A não ter medo da opinião das outras pessoas, porque... Claro, no início, eu era... Estava toda vestida de preto, eu sei, toda vestida de preto... Sempre ali tipo “Ah, sim, eu ouço One Direction, mas ninguém pode saber...” (a segredar). Eu andava ali só tipo “O que eu ouço é Queen!”.

(risos)

Joana – “Pink Floyd, não é nada disto...”. E depois quando fiquei tipo “Mas porque é que eu sou assim?”, comecei a comprar as pulseiras, e ir à Claire’s, e ver tipo aqueles brincos da Claire’s, que são assim mesmo, plástico, mas eu adorava aquilo. E depois também, tipo, mais tarde, ajudaram a que eu também saísse do armário, you see? E ficasse mesmo tipo “Eu estou de bem comigo própria, e se as pessoas não estiverem, azar o delas. O que as outras pessoas pensam, o que está aqui a correr, eu não estou a ouvir, eles não estão a dizer, e mesmo se eles me dissessem, porque é que haveria de me afetar? Isto é a minha vida, não é a vida deles, eu vou vivê-la até ao fim.

Eu – Muito obrigada pela vossa partilha!

## 11. APÊNDICE F

### Transcrições das Entrevistas com fãs de Beatles

#### Entrevista 1

8 de maio de 2024

Eu – Quero começar por agradecer ter aceite fazer a entrevista comigo. Eu sou a Inês e queria fazer esta entrevista sobre o que foi ser fã dos Beatles na época de 60, e queria pedir se podia começar por apresentar-se e partilhar como é que ficou a conhecer os Beatles.

Luz – Bem, eu fiquei a conhecer os Beatles porque eu gosto de música alegre, vamos assim dizer, e acho que eles foram, na época, nessa época, era, para mim, era o mais alegre e suave, que ao mesmo tempo, era uma música que me encantava. Gostava muito, tinha a coleção completa deles, e aqui na aldeia emprestava às vezes os discos (risos), acabei por ficar praticamente, acho eu, praticamente sem nenhum, mas... Não tem importância. Eram bons, distinguam-se por... A maneira deles se exibirem era, além de ser uma música diferente, era suave, e atraía-me, eu gostava muito, era repousante.

Eu – E tinha alguma música ou um álbum que fosse assim o favorito?

Luz – Não, eu gostava deles todos. Era, para mim, era igual. As músicas eram bonitas, e embora a letra eu não soubesse, até certo ponto, o significado, não me importava, aquilo soava-me bem e não me importava muito da letra. Mas era... Gostava de todos, sem haver um preferido.

Eu – Há fãs que idealizam, que desejam poder conhecer os seus músicos favoritos, ou ser parte da vida deles, ou ser como eles... Porque estas pessoas conseguem ter uma aura muito atrativa, ser muito inspiradores, há quem queira conhecê-los pessoalmente, ou quem os veja como um exemplo a seguir. E eu queria saber como é que descreveria que foi a sua perceção dos Beatles, desta forma. Ou seja, eles eram pessoas com que queria estar, ou eram pessoas que ambicionava ser como, ou era algo completamente diferente?

Luz – Não, não ambicionava ser como eles, porque a minha vida não era música, eu era professora primária e... Mas isso não quer dizer nada, porque eles eram alegres e distinguiam-se entre outros músicos também de grande popularidade. Eu gostava dos Beatles, mas não queria ser como eles, não... Essa parte não...

Eu – E não queria conhecê-los?

Luz – Eu conhecia-os, eu conhecia-os por televisão, por... Pois, eu conhecia, inclusive por... As gravações e... Eu conhecia-os.

Eu – Então sentia que havia essa proximidade, uma pessoa era quase como se conhecesse?

Luz – Pois, porque eles começaram muito novos, muito novinhos, e depois foram indo, indo, indo, e é que se fez LPs, e etc. Mas eu já gostava deles em miúdos.

Eu – E esta popularização dos Beatles foi numa época em que o acesso à informação sobre os cantores que nós gostávamos era mais limitada do que é hoje...

Luz – Sim.

Eu – Hoje é muito acessível ir ver as entrevistas e as fotos na Internet, e ver atualizações de tudo o que eles estão a fazer, mas na época não era assim tão fácil...

Luz – Não.

Eu – E como os Beatles eram do Reino Unido, ainda se sentia mais este distanciamento para quem vivia nos outros países...

Luz – Claro.

Eu – Que informações e conteúdo assim dos Beatles é que chegava a Portugal, e como é que chegava?

Luz – Chegava. Claro que não era como agora, não é como agora... Mas nós sabíamos tudo, naquela altura não havia os telefones nem nada disso para a gente ter, mas chegava. E aqui em casa... A minha casa nessa altura era frequentada por muita juventude. O meu filho trazia para casa todos os amigos, não gostava de ir para casa dos outros, mas bem, e então eles no fim pediam-me se “Posso levar um disco dos seus?” eles já sabiam... (risos)

Eu – Mas assim já na altura de 60, 70, como é que a informação chegava cá? Era com revistas, era os discos, era...

Luz – Não, era... Eles são anteriores à televisão, e havia televisão a preto e branco... Eu não tinha dificuldade, porque tudo o que viesse novo, a Vadeca, que é na Rua de Santo António, mandava-me, mandava-me os discos que iam chegando (risos) e eram muito simpáticos. E eu ouvia, eu à noite sentava-me a ler e a ouvir música.

Eu – E havia grupos ou assim clubes de fãs dos Beatles em Portugal?

Luz – Acho que não, eu acho que não. Não sei, eu não frequentei nada disso. Pois eu dava aulas e vinha, jantava e vinha para a sala, pegava num livro e punha música. E quando, de vez em quando, me interessava muito a música, eu parava de ler.

Eu – Que era o caso dos Beatles, não é?

Luz – Claro!

Eu – O interesse assim pelos Beatles, o gosto assim pelos Beatles, foi algo que viveu em grupo? Os grupos de amigos juntavam-se para ouvir as músicas, para falar deles? Era algo assim de grupo?

Luz – Aqui em minha casa?

Eu – Sim, pessoalmente, na sua experiência.

Luz – Sim. Pois, por isso: eles gostavam dos discos mas não tinham.

Eu – Então os seus amigos e os seus...

Luz – Pois, e eu fornecia. Porque o meu marido gostava de música clássica, ninguém queria música clássica, queria aqui, vir para a minha sala para levar um disco para casa (risos).

Eu – E o interesse pelos Beatles levou-a a conhecer outros fãs e a conhecer outras pessoas?

Luz – Sim. Tudo o que era novidade nessa época eu, como lhe disse, a Vadeca encarregava-se de me dizer e mandava pelo meu pai os discos, para ver se eu... Não é pelo meu pai, era pelo meu marido, era pelo meu marido que mandava, e eu geralmente comprava tudo (risos).

Eu – Os Beatles foram pessoas muito vocais, davam muitas opiniões sobre política, sobre sociedade, quer nas músicas, quer através de outras ações, e a banda teve um impacto sociocultural nos jovens da época, ficou muito associada à mudança. Nesta época, Portugal vivia em ditadura salazarista, e as ideias políticas e sociais que fossem contrárias e manifestações não eram, como nós sabemos, bem vistas aos olhos do Estado Novo. Acha que se sentiu o impacto político e social dos Beatles em Portugal?

Luz – Não. Eu acho que eles fizeram o trabalho deles sem ser incomodados e... Toda a gente gostava da música, e como não conseguiam traduzir nem nada, como eu, toda a gente cantava essa música.

Eu – Então sente que se calhar a mensagem política não passava tanto?

Luz – Não, eu acho que nós, não incomodou nada nessa altura. Nessa altura não incomodava, era uma coisa nova, era uma coisa diferente, era uma coisa que a gente... Não sei, eu pessoalmente não gosto de Fado, por exemplo, não gosto, mas não quer dizer que não tivesse discos de Fado, também tinha. A Amália era uma coisa, não sei quê... E eu não tinha um disco dela. Mas quando ela morreu, eu comprei dois ou três discos dela (risos) para ficar, só porque sei que realmente ela, internacionalmente, era muito conhecida, e eu viajei bastante por outros países, e chegava a um país e eles diziam-me sempre “É espanhol?”, e eu dizia “Não, sou portuguesa”, “Ah! Amália!” (risos).

Eu – Pois, era um ícone.

Luz – Outras vezes era “Ah! Eusébio!”.

Eu – Então neste caso dos Beatles não sentiu que foi algo que marcou muita a juventude da época?

Luz – Quer dizer, na época, Portugal era pobre, comparado com hoje, era uma sociedade muito campestre, vamos assim dizer... Portanto, poucas pessoas... Portugal é pequeno, e eu estou a falar aqui perto do Porto, portanto, lá para baixo ainda seria mais desconhecido, mais... Era uma época que não se convivia assim como se convive agora.

Eu – Não havia se calhar a partilha à volta dos grupos, se calhar.

Luz – Não, não. Aqui a minha casa é, desde que mandámos construir esta casa, é que começou a juventude vinha de ali, vinham daqui, vinham de acolá, porque era a única casa que, onde se sabia que se distraíam ouvindo música, mas não era música clássica, era música ligeira. Cheguei a fazer ali no relvado uma festa, um arraial, vamos assim dizer. Também só fiz um, porque aquela gente jovem bebia (risos), e que dançava, é mesmo impressionante...

Eu – Os Beatles são hoje um fenómeno global reconhecido por todos, apelam a muitas pessoas diversas, mas durante os primeiros anos em que fizeram música o público deles era, maioritariamente, raparigas jovens, e estas fãs eram muito entusiasmadas, mas várias vezes as emoções e energia delas foram tratadas praticamente como se fosse sinais de uma patologia, inclusive usavam palavras como, diziam que elas eram “histéricas”. O que é que pensa disto?

Luz – Quer dizer, eu não concordo que fossem histéricas ou... Não. Era uma coisa nova, era uma coisa alegre, era uma coisa que elas gostavam, e que eu gostava, embora já com mais idade, sim porque eu casei com 21 e tenho 86, nasci em 1937. E dava aulas e comunicava com as crianças mas ninguém falava em música. É o que eu digo, nós estávamos... Não era aberto como é agora, era... Um povo submisso, vamos assim dizer, era...

Eu – E sente que os Beatles foram esse “algo novo”, essa mudança?

Luz – É, foi uma coisa que eu gostei muito, mas toda a gente gostava. Toda a gente... Eu não era uma exceção. E a juventude, a gente nova, gostava também.

Eu – Os Beatles são considerados uma das bandas mais inovadoras da História recente da música...

Luz – Sim.

Eu – Mas durante os primeiros anos de carreira eles tiveram algumas críticas, porque havia pessoas que consideravam que o som deles, a sonoridade, era simplista. Realmente o pico do seu sucesso veio depois destes anos, mas há quem diga que já na música inicial podia haver assim umas marcas das coisas que depois viriam a aparecer nos álbuns de maior sucesso. Eu queria questionar, como mencionámos há bocado, inicialmente muitos dos fãs eram raparigas jovens, acha que há alguma correlação entre o facto de que havia estas críticas feitas aos Beatles no início, e o tipo de público nesse início eram maioritariamente raparigas jovens?

Luz – Ah, não, não eram só raparigas. Eram raparigas e rapazes. Por exemplo, aqui eu tinha maior número de rapazes, que o meu filho trazia tudo cá para casa, e a minha filha não trazia ninguém. Andava... Era bailarina e andava com as colegas dela e tal e tal... Não quer dizer que não gostasse dos Beatles, elas gostavam, a minha filha se trouxesse uma ou duas raparigas, ou três, vá, não é comparado com a nuvem que vinha de rapazes. Mas gostava dos Beatles.

Eu – Então, na sua experiência pessoal, sempre foi algo que tanto os rapazes como as raparigas, aqui, gostavam?

Luz – É. É, não é só raparigas.

Eu – Refiro-me também, principalmente, aos primeiros anos, ao início da carreira deles, eram principalmente raparigas que gostavam, e depois é que o fenómeno, se calhar se foi expandindo mais, e hoje é este fenómeno que toda a gente gosta dos Beatles, não é?

Luz – É.

Eu – Gostava de perguntar se tem mais alguma coisa que gostasse de partilhar sobre as suas experiências de ser fã dos Beatles nestas décadas, se quer deixar alguma nota com uma retrospectiva, olhar para trás e se calhar avaliar o impacto que...

Luz – Ah, gosto na mesma. Gosto na mesma. Por acaso não tenho o meu aparelho de LP, está a precisar de não sei o quê, e eu não tenho, mas se eu estivesse com o aparelho direito, eu ouvia os Beatles encantada na mesma, como anos atrás.

Eu – E trazem boas memórias?

Luz – É, sim, muito boas memórias, gosto muito, gostava muito... Não quer dizer que não... Eu tinha uma coleção de discos enorme, depois, como vieram os CDs, que são mais, vamos dizer, mais práticos, porque a gente não tem de pegar na agulha e pôr... E foi-se evoluindo, mas digo-lhe, era um tempo muito mais agradável do que agora. Agora, as canções não têm, para mim, ou será da idade, interesse.

## Entrevista 2

**15 de maio de 2024**

Eu – Queria, em primeiro lugar, agradecer pela disponibilidade, é um prazer. E queria perguntar se podia começar por apresentar-se e partilhar como é que ficou a conhecer os Beatles.

Emília – Como é que fiquei a conhecer os Beatles? Ora bom, foi... Portanto, foi um grupo de quatro rapazes que se distinguiram naquela época, que era uma banda completamente diferente, chamavam-lhes “os rapazes de Liverpool”, porque eles eram quase todos de Liverpool, não sei se eram exatamente os quatro nascidos em Liverpool, mas eram conhecidos por isso. Fizeram uma música que invadiu o mundo inteiro, completamente diferente, com história, foi uma revolução. Com letras lindíssimas, sobretudo que falavam do amor. Se nós conseguirmos traduzir, é muitíssimo importante conhecer as letras deles, eu gosto muito do “Imagine” do John Lennon, principalmente. Esse teve uma história trágica, foi um rapaz que nasceu... 1940, e morreu em 1980, foi assassinado pelas costas na América, não sei se quer que conte essa história...

Eu – Se quiser, está à vontade para partilhar!

Emília – Porque ele era casado com uma rapariga, cujo o nome eu não sei agora, de quem teve dois filhos, penso que era um rapaz e uma rapariga, e depois nesse período, pouco antes de morrer, ele também iniciou-se num processo de drogas, mas não era essa a característica do grupo, a característica era ser um grupo normal. Nós achávamos que eles eram normais, quer na sua forma de vestir, quer na sua forma de estar, usavam uns fatos, uma gravatinha preta, calça apertada em baixo, os sapatos bicudos com tacãozinho, tocavam bastante bem, mostravam um sentido... Há uma música qualquer em que dois deles, penso que é o Lennon com o Paul McCartney, que embora tivessem dois microfones, cantam os dois no mesmo microfone. Era um grupo que tinha um rapaz esquerdino, que era o Paul McCartney, que teve violas especiais feitas para ele, porque ele tocava ao contrário dos outros, não é, portanto a viola não estava preparada, mas conseguiu. Isso também era uma coisa, às vezes nessa época, essas pessoas até eram marginalizadas, não é, na escola muitas vezes obrigavam-nos a escrever com a mão direita quando não se sabia que se devia deixar escrever como se queria. E realmente eles levavam-nos... À normalidade, era o gosto pela normalidade, e eu acho que também marcaram mais as

mulheres, as raparigas, que os rapazes. Embora o penteado deles fosse exótico, e as nossas mães diziam “Ai, aquele rapaz tem um cabelo à Beatle”, mas as mães se calhar nem gostavam muito... Mas eu namorei com um que era assim, o meu marido também gostava de estar na moda, também deixava crescer o cabelo... E aqui no Porto, eu só sei isso no Porto, lembro-me que eles iam ao barbeiro pedir... Chamava-se o “cabelo cortado à tigela”, porque parecia que tinham enfiado uma tigelinha e ficavam assim aqui com uma curvazinha em cima da testa.

Eu – E o que é que sente que, o que é que diria que despertou o seu interesse nos Beatles e a fez ficar fã da banda e da música? O que é que despertou assim o seu interesse?

Emília – Eu nunca conheci nada igual, assim num conjunto de união, realmente união do que nos representava, a Humanidade. E hoje, que nós temos até apoios de inteligência artificial, eles não tinham nada disso. Mas tínhamos a ideia que se relacionavam muito bem, e penso realmente... Ah, e note: a maneira até de pronunciar as palavras que muitas vezes nós estamos a cantar, e vamos atrás de umas sílabas e arranjamos... Há uma harmonia... E os gritos que eles davam, os “na na”s, “i, i”s, de certas músicas, agora não me lembro qual é, mas até sei... E diziam aquele “yeah, yeah”, não é? E repetiu aquilo n vezes, era uma coisa totalmente diferente, e não tinham que recorrer... Realmente esse rapaz teve esse processo de droga, mas não era esse... Não tinham que recorrer a coisas... Eram normais, não é?

Eu – E tinha ou tem alguma música ou álbum favorito?

Emília – Pois tenho, ah pois tenho! Olha, o “Yesterday”, gosto imenso. Era uma das bandas mais influentes, bem-sucedidas na História da música. Ah, não sei se interessa dizer o significado, porque há quem diga que essa palavra, uma que veio da... Que “Beat” queria dizer “Ritmo”, mas isso também não se sabe bem, que “Beat” se queria dizer “Besouros”, mas eu não sei se se sabe bem disto... Criando um trocadilho de palavras que nós chamamos as “beatniks”, que era uma gíria da época para descrever pessoas com “cultura Beat”. Sim, descreviam-se as pessoas com “cultura Beat”, que aquilo tudo ficou ligado à cultura mesmo. Já sabes que os três tocavam viola, não é, o baterista era o Ringo Starr, que ainda é vivo, acho que ainda são vivos dois até.

Eu – É o Ringo e o Paul McCartney.

Emília – É, que ainda são vivos. Penso que o Ringo Starr que vi que teria agora 83 anos. Pronto, que tinha realmente, ele tocava... Tinha um bombo, onde dizia também “Beatles”, tinha lá o

logotipo deles. Ele tocava o bombo e tocava os pratos, depois também comprava pratos de melhor qualidade, eles tinham que resolver os problemas deles e as dificuldades próprias de artistas, não é? Deixa ver se eu vejo aquilo que gosto mais...

Eu – Além do “Yesterday”?

Emília – Gosto muito do “Yesterday”, espera, mas não é só este, que eu lembro-me já... A modos que fui aqui vendo... “She Loves You”, que é engraçado. Depois, John Lennon... o “Imagine all the people”, essa é a minha favorita, é o “Imagine all the people”. Acho que devia atualmente ser cantada pelo mundo inteiro, tem uma letra lindíssima, e imagina aquelas pessoas, não é... Acho que ele, que dizia que a felicidade não existe mas que a vida tem momentos felizes, que é uma frase muito linda. Acho que é uma frase que nós ligamos muito a ele, e é verdade, a vida tem realmente momentos felizes, às vezes não temos, mas temos momentos infelizes e outros felizes. Depois ele faz-lhe a balada, para a Yoko, quando ele depois se apaixona por a japonesa, e acaba por se divorciar da mulher, não é, e também tem um filho da japonesa, e isso coincide com a fase dele de... Ai, mas tem uma coisa muito importante... Para dizer, ele tem uma para ela, que é uma... Não sei como é que se chama, mas ele tem uma para ela. O “Hey Jude” é muito lindo, também, não é? “Penny Lane”, “All You Need Is Love”... Tem... Não me lembro como é que se chama a que é dirigida a ela, é um que ele diz que só pode viver com o amor dela, e que ela...

Eu – Não há problema, era só, queria saber só assim algumas, já me deu aqui umas notas de quais eram as suas favoritas.

Emília – John Lennon, ele era... Cantor, compositor... Ah! Foi um ativista da paz! Ele foi um ativista da paz, era britânico, nos Beatles, pronto, com o outro... Mas... O maior sucesso comercial na História da música popular. Parceria com o colega Paul McCartney, mas é isso, é... Um hino à paz mundial, o “Imagine” é o hino à paz mundial, aquela letra é, e a música. Em 60 é que toma o nome do grupo de Beatles e apresenta-se no Cavern Club, em 62 Ringo Starr é que é convidado para fazer parte... E ele [John Lennon], a tal com quem ele casou, a tal Cynthia Powell, a primeira, e depois... Lá se apaixonou pela outra.

Eu – Gostava de lhe fazer uma pergunta, que era: há fãs que idealizam poder conhecer os seus músicos favoritos, ou ser parte da vida deles...

Emília – Ai, isso não tinha, isso não tinha.

Eu – ... Ou ser como eles... Eu queria perguntar porque estes ídolos conseguem por vezes ter uma aura muito atrativa e inspiradora, uma pessoa pode querer conhecê-los, pode querer ser como eles, pode vê-los como um exemplo... E eu queria saber como é que descreveria que foi a sua relação e percepção dos Beatles.

Emília – Não, não, isso, que... Via-os à distância, via-os realmente como músicos e que sempre também já gostava, e realmente uma coisa única, que nunca tinha aparecido, porque havia bandas...

Eu – Então não descreveria como...

Emília – Não, eu nunca pensei me apaixonar por nenhum deles, mas tinha uma amiga (risos) que era uma loucura, que era professora de Inglês, e depois percebia aquelas letras muito bem... Era professora... Era estudante de Inglês e de Germânicas.

Eu – Sim, sim, mas podia ser outra percepção, até podia ser, por exemplo, olhar para os Beatles como um exemplo a seguir, ou qualquer outro tipo de percepção.

Emília – Nesse aspeto não.

Eu – O que está a dizer é que os via mais à distância, então?

Emília – Sim, sim, via-os à distância. Depois... Acham que o desentendimento deles que foi realmente a partir da aproximação dele com a Yoko, não é, e depois ele, realmente como era ativista da paz e tinha essas ideias, e era contra a Guerra do Vietname, não é, não era... Teve dificuldade em entrar nos Estados Unidos, mas conseguiu, e foi quando um dia, a sair casa... E foi baleado pelas costas. Essa é a história que eu sei, mas posso ver aqui com mais perfeição... Ela era artista plástica, isto também sei, a japonesa era artista plástica. E conheceram-se numa exposição em Londres.

Eu – Eu queria perguntar também se.... A popularização dos Beatles deu-se numa época em que o acesso a informação sobre os nossos ídolos era mais limitada do que é hoje, hoje é muito acessível ver entrevistas, ver tudo na Internet, ver atualizações do que andam a fazer, ver no website dos nossos ídolos... E sendo os Beatles do Reino Unido, este distanciamento à informação certamente ainda se sentia mais para quem vivia noutros países...

Emília – E sentia. Nós depois sabíamos através de pessoas que tinham ido lá fora e que nos vinham dizer. Quer dizer, não, não havia a informação que há hoje, sem dúvida! Mas claro, mas... Não sei... Sou capaz de ter para aí, mas já são CDs, mas acho que nós também ainda arranjávamos uns discos ou qualquer coisa.

Eu – Eu queria perguntar precisamente, que informação e conteúdo é que chegava a Portugal? Através de que plataformas?

Emília – Lembro-me de ouvir, mas não sei se era no rádio. Mas eu penso que também havia discos, long play, uma coisa assim, penso que havia.

Eu – E havia grupos ou clubes de fãs dos Beatles em Portugal?

Emília – Não sei, não tenho conhecimento disso, pode ser que houvesse mas eu não tenho conhecimento nenhum disso... Tinha conhecimento de colegas que estudavam comigo na faculdade que também gostavam deles (risos).

Eu – O gosto pelos Beatles foi algo que viveu em grupo?

Emília – Ah, sim, sim! Sim, porque nós andávamos na faculdade, nesses anos eu andava a estudar, e portanto falávamos muito nisto, não é?

Eu – Ou seja, grupos de amigos juntavam-se para ouvir, para falar da banda?

Emília – Eu acho que... Não sei se nos juntávamos muito, juntávamo-nos... O meu café era o Piolho, mas talvez também falássemos lá nisto, é natural. Não me lembro bem do que é que falávamos no Piolho, mas talvez falássemos nisto. Éramos de cursos distintos, mas realmente havia, principalmente eu acho que até éramos mais raparigas, para nós aquilo era uma loucura, era uma loucura mesmo, que... Que invadiu o mundo inteiro... Que nascia deles para nós, vinha deles para nós.

Eu – E o interesse pelos Beatles levou-a a conhecer outras fãs, a começar amizades?

Emília – Isso não. As minhas amigas eram as mesmas.

Eu – Ah, okay, era o grupo de amigos que já existia, falava sobre os Beatles, gostavam todos dos Beatles?

Emília – Era, era! Isso sim, isso sim.

Eu – Ia precisamente perguntar-lhe agora sobre uma questão que tinha referido, que é: os Beatles foram figuras que foram muitos vocais sobre política, sobre questões sociais...

Emília – Eu tenho aqui esta informação assim, que diz “John e Yoko seguem para o Canadá, e em Toronto fazem um protesto de paz. Passado 10 dias...” Ah, na cama! Existia... Eu vi essa fotografia, eles fizeram protesto os dois deitados numa cama, não sabes disso?

Eu – Penso que já terei visto fotos, penso que sim.

Emília – Sim. “O evento foi intitulado “Bed-in””, dentro da cama, não é? E serviu de protesto contra a Guerra do Vietname. Diziam “Hair Peace” e “Bed Peace”, quer dizer, o cabelo seria a paz, para eles, não sei... Era um símbolo de liberdade, isso sim, porque as pessoas levantavam-se, eram milhões de pessoas a assistir... Isso víamos, as fotografias. Tinha ideia de saber disso, que era muita gente a assistir, não é? Nunca vieram a Portugal, que eu saiba, acho que não, nunca. Tive muita pena, uma coisa que eu tenho pena de nunca ter assistido ao vivo, que é completamente diferente de se ouvir, não é? Mas vejo que isso que arrastava aquelas pessoas todas, toda a gente cantava, e depois como eles tinham aquelas coisas “yeah, yeah, yeah”, toda a gente conseguia repetir aquilo tudo! E havia um envolvimento que... Nunca houve outro grupo assim.

Eu – O público juntava-se, também, fazia parte?

Emília – Absolutamente. Sim, sim.

Eu – Sobre as questões políticas e sociais, os Beatles eram pessoas muito vocais sobre isto, quer através das músicas, quer através de outras ações, e a banda teve um grande impacto sociocultural nos jovens da época e ficou muito associada à mudança. Nesta época, em Portugal, vivia-se em ditadura, e ideias políticas e sociais que fossem contrárias e manifestações não eram, como nós sabemos, bem vistas aos olhos do Estado Novo. Considera que se sentiu o impacto político e social dos Beatles em Portugal?

Emília – Eu não me lembro nada de se ter sentido nada disso...

Eu – Do que se falava, dessas ideias de mudança? Não foi algo...

Emília – Mas eu também, embora em minha casa as pessoas fossem contra, chamava-se “contra a situação”, não é, eu fui educada assim... Que havia coisas... Eu lembro-me perfeitamente de ir para a escola primária com 6 anos, por isso em 1949, que eu nasci em 43, e de me perguntarem, quando eu cheguei para almoçar, vivia com os meus pais e com os meus avós, e de me perguntarem “Então tu gostaste da escola?”, não sei quê, “Eu gostei”, “E como é que era a sala?”. A sala tinha assim um grande quadro preto... Era uma escola nova do Estado Novo, a minha escola já era chamada... Ainda existe, ali... Agora chama-se “Agrupamento... não sei quê”. E tinha o Cristo a meio, não é, e dois senhores um de cada lado. E eu disse assim “É um assim mais novo, e outro assim um senhor mais velhinho”, que era o Óscar Carmona, o velhinho. E o meu pai disse assim “Mas o mais novo é tão velhinho como o velhinho”, e depois comentou assim com o meu avô “Vê como estão a enganar as crianças? (risos) Põe lá fotografias novas para pensarem que o Salazar é muito novinho”. Portanto... E sabíamos que, realmente, que... Sempre soube que... Nunca... Nunca me ensinaram a acreditar no milagre de Fátima, nem nada. Mas isso foi a minha educação, isso foi a minha educação, não é, agora... Que eu depois, mesmo quando ia ali para o café, para o Piolho e tudo, havia colegas que iam para outros cafés e eu sei que tinham... Elas pertenciam a grupos... Tinham outra cultura política em casa, até da parte dos pais, percebes? Pais como... Mais ativistas, e tudo... O meu pai era chefe da contabilidade no Banco Nacional Ultramarino e nunca... Nunca pertenceu... De Ideias sim, mas que fosse filiado nalgum agrupamento desses, não. Mas era ligado à Cultura, era da Direção do Orfeão, dos Amigos do Porto... Era outro estilo.

Eu – Então não sente que a nível...

Emília – Eu não me lembro nada, não me lembro nada. Mas não nego, não é, mas não me lembro nada disso.

Eu – Os Beatles são hoje um reconhecido fenómeno global que apela a públicos diversos, mas durante os primeiros anos de atividade, o público era maioritariamente raparigas jovens...

Emília – Raparigas jovens, isso sim.

Eu – E eram fãs muito entusiasmadas...

Emília – Muito entusiasmadas!

Eu – Mas várias vezes as suas emoções e a sua energia foram tratadas quase como se fossem sinais de uma patologia...

Emília – Isso sim!

Eu – Inclusive, dizia-se a palavra “histeria”...

Emília – Isso sim!

Eu – O que é que pensa sobre isto?

Emília – Isso, penso que era um erro. Um erro muito grande. Mas isso dizia-se, realmente, até “Olha, aquela namora...”, e eu namorava com um rapaz que tinha o cabelo à Beatle (risos)... Mas isso era um bocado fora do contexto, era, era... Havia muitíssimos preconceitos! Muitíssimos preconceitos, até no comprimento das nossas saias, ou dos decotes, ou não sei quê... Eu não tinha nada, deixavam-me pôr os decotes que eu quisesse (risos).

Eu – E sente que então este...

Emília – Mas se eu quisesse punha, mas se não quisesse também não punha, também não me obrigavam. Mas acho que foi um fenómeno de liberdade, isso foi, que levaram a liberdade... Porque as pessoas ali tinham as reações que queriam, e havia uma unidade, e uma grande interação entre eles e o público.

Eu – Os Beatles são considerados uma das bandas mais inovadoras da História recente da música, mas durante os primeiros anos de carreira foram criticados por ter um som considerado mais simplista... E realmente o pico de sucesso deles viria depois, mas há quem diga que já nestes primeiros anos havia sinais das coisas que depois seriam os grandes êxitos dos álbuns seguintes. E como estivemos a falar, inicialmente uma grande parte dos fãs dos Beatles, no início, eram raparigas jovens. Acha que há alguma correlação entre terem sido feitas estas críticas no início e o facto de que o tipo de público deles era raparigas jovens?

Emília – Eu acho que não... Não sei, porque... Talvez nós gostássemos daqueles rapazes que nos pareciam normais, não é, não associávamos a... Não nos eram estranhos, mas eram diferentes. O que tinha... Eu, para mim, eram... Eram a personalidade deles, eram pessoas livres, eu associo muito à liberdade, sinceramente. A maneira de se... Depois houve uma altura que apareceram com os fatos muito coloridos os quatro, diferentes, outra fase que tiveram... E pensavam por eles, sobretudo pensavam por eles. E preocupados com a arte e davam-nos a ideia daquela... Da importância da arte. Porque a arte era desvalorizada em Portugal, precisamente. As pessoas às vezes não iam para as Belas Artes, os pais não deixavam, porque diziam “Mas

isso não dá dinheiro”. Mas ouço, até agora, colegas nestas aulas que eu tenho, de zoom e tudo, que dizem “Não, mas eu tive que ficar, eu nem pude ir estudar para Coimbra”, nem podia não sei quê... “O meu pai dizia que eu queria ser médica, mas que isso que não era para uma menina andar a ver cadáveres” (risos). Era um atraso, aqui havia, em Portugal havia um atraso.

Eu – E então sente que a parte cultural teve um impacto nisso também?

Emília – Deve ter tido! Com certeza que não fomos indiferentes a isso. Não seria tantas pessoas como era necessário que fosse, (risos) nós também estávamos muito, muito atrasados relativamente... Só quando podíamos ir lá fora mesmo... Aos pais desta minha amiga, que me telefonou agora, sabiam, tinham muita informação, mas o pai dela já pertencia a grupos, e foi preso pela PIDE o pai dela, portanto já estava um bocadinho dentro de muita coisa, e sabia de espetáculos que havia em Londres, teatro, mas que não vinham a Portugal. Aliás, eu, em 1968, numa viagem de estudantes, estive em Paris, vê lá, no Maio de 68. E nós íamos, como éramos da Química, íamos ver fazer as pastilhas à Bayer... Fomos a Leverkusen, à Bayer, depois fazer não sei quê... Andávamos nessas coisas, e à FIAT ver os automóveis e tal. Era uma viagem de curso, digamos assim. Mas tivemos 2 ou 3 dias em Paris, porque nós também queríamos ver Paris e também pertencemos à organização. E na verdade, o que foi onde eu vi a primeira vez uma peça, nessa altura, que estava lá o Sérgio Godinho, com quem eu brinquei, o Sérgio Godinho é da minha idade, e é muito amigo desta minha amiga também. Ele é da minha idade, não parece, está mais envelhecido, não sei se vês, mas ele é da minha idade, também é... Andava em Economia, depois não acabou e foi-se embora. E agora, porque eu vi o “Hair” e vi o “Jesus Christ Superstar”, e agora é que eu não me recordo bem qual foi o primeiro, mas eu penso que primeiro foi o “Hair”, não seria?

Eu – Por acaso não tenho ideia...

Emília – Porque estou a ver o Sérgio no palco, e sabia-se que se nós fôssemos a Paris, já não sei em que teatro é que estava, mas era num teatro de bairro, que nós não tínhamos dinheiro para sítios caros, e vi ele com um cabelo assim muito grande, realmente ele apareceu no palco, isso era uma coisa que não vinha a Portugal, eu vi porque por acaso estive em Paris.

Eu – Eram coisas que não podiam acontecer em Portugal.

Emília – Não! Não podia! Não entravam cá, nem pensar nisso...

Eu – Ao bocado até estava a falar da... Fiquei curiosa para ouvir mais do que estava a dizer de associar os Beatles à liberdade...

Emília – Sim, sim, isso sim.

Eu – Gostava de saber se gostava de dizer mais alguma coisa sobre isso, sobre essa ideia de que eles foram essa... Essa associação a liberdade. Como é que foi viver isso, observar isso?

Emília – Não te sei dizer... A liberdade porque o pessoal, ali, estava ali, esquecia tudo, estava... Sentia... Que podia fazer o queria, claro que tinha que ter respeito pelos outros, mas tinha um comportamento espontâneo, sabes o que é, é espontaneidade! A pessoa poder fazer o que lhe apetece e no fim ficar feliz, porque fez as coisas com gosto, que é uma coisa que eu estou farta de dizer, que a palavra “obrigada” se deve dizer, porque a palavra “obrigada” é motivadora. E eu digo “obrigada”, se me fazem... “Obrigada”, a pessoa diz “Ai, eu vou-lhe fazer isto outra vez”. É a motivação que se tem!

Eu – Gostava de perguntar se tem mais alguma coisa que gostasse de partilhar sobre as suas experiências como fã dos Beatles, ou se calhar até alguma nota que queira deixar de forma retrospectiva, a olhar para trás e avaliar o impacto que os Beatles ou ser fã dos Beatles, a experiência de fã, teve em si? Se quer deixar mais alguma nota...

Emília – Não me estou assim a lembrar... Só há uma, é que nunca me esqueci deles. Portanto, acho que segundo me diz a minha professora de Cérebro e Memória, nós temos Memória Afetiva e Memória Racional, e Memória Afetiva nós nunca a perdemos, tenhamos a idade que tenhamos, o que nos fizeram para o bem, e para o mal. E eu noto, porque se às vezes fazem-me uma coisa, depois pedem-me desculpa, eu não me esqueço, eu lembro que me fizeram mal (risos), que pediram desculpa, mas continuaram a fazer um mal que não deviam ter feito. Às vezes reconhecem, é verdade, há muitos que exageraram... Mas a Memória Afetiva não, eu nunca me esqueço disto, para mim foi um nome que ficou sempre, e que nunca esqueci. E é que não há nada... E até penso que são insubstituíveis, é uma personalidade própria, não é, é um grupo próprio.

Eu – E continua a ouvir, hoje?

Emília – Ai às vezes ouço, às vezes ouço... Ouço, até porque nós hoje temos possibilidade de fazer uma coisa, que se calhar nem devíamos fazer (risos), porque não pagamos direitos, é ir ao YouTube e pôr lá.

Eu – Ah, o streaming das músicas, ouvir as músicas...

Emília – Claro, pois, nós temos facilidade de fazer isso tudo.

Eu – Se calhar até sente que ouve mais hoje do que na altura.

Emília – (risos) Isto despertou-me, quando me apareceram “É para falar dos Beatles”, ai isso é que eu gosto! (risos) Era um tema... É um tema que me caiu em cheio...

Eu – Muito obrigada!

### Entrevista 3

16 de maio de 2024

Eu – Queria começar por agradecer, claro, a participação, e queria perguntar se podia começar por se apresentar e partilhar como é que ficou a conhecer os Beatles.

Vitória – Pronto, eu sou a Vitória, tenho 62 anos, trabalho na Universidade [nome da universidade ocultado para proteger o anonimato da participante], sou Professora, portanto, associada de [departamento ocultado para proteger o anonimato da participante], e foi assim que fiquei também a conhecer, foi através da minha atividade docente que fiquei a conhecer o tema da tua Dissertação de Mestrado. Ora bem, que considero bastante interessante, sobretudo também a metodologia que estão a utilizar para, portanto, recolher os elementos. Acho o tema de um interesse muito grande, na medida em que me parece que não... Eu não conheço nenhum trabalho feito neste âmbito. Como é que eu fiquei a conhecer os Beatles? Ora bem, portanto, os Beatles são uma banda marcante para a geração dos 70 e para a geração que nasce nos anos 60. Estão intimamente ligados a uma série de renovações mentais e sociais que se vão dar, que começam na década de 60, mas que, no fundo, praticamente se consolidam na década de 70, 80. Embora eu vivesse em Angola, portanto, e era ainda, digamos, que uma pré-adolescente quando contacto com os Beatles, na verdade tínhamos um outro ambiente nas colónias, não é? E eu hoje sei disso, na altura não tinha essa consciência, mas hoje sei disso. Portanto, os Beatles não chegaram diretamente ao meu conhecimento porque tivéssemos contacto físico com eles. Que eu tenha... Eu fiz uma pesquisa depois da nossa primeira conversa e verifiquei que eles nunca foram a Angola, nunca foram às colónias, e provavelmente não foram às colónias porque estariam centrados na Europa e, na verdade, talvez isso também se devesse ao facto de Portugal ser na altura um país um bocado periférico, até pelo facto de ser um país fechado, que vivia, portanto, num regime político... Ditatorial, digamos, e portanto, se não... Não sei se vieram a Portugal, penso que não terão vindo a Portugal nunca também, portanto muito menos iriam às colónias, não é?

Eu – E o que é que despertou, pessoalmente, o seu interesse nos Beatles e a fez ficar fã da banda, da música? O que é que, para si, despertou...

Vitória – Naturalmente, nestas questões, eu costumo considerar que há sempre uma catarse coletiva, não é? Pronto, há uma catarse coletiva que nos influencia, e na altura não tínhamos as tecnologias digitais que temos hoje, não tínhamos a Internet, estava tudo muito mais difícil, não estava à distância de um click, mas, naturalmente, foi o estilo de música, que na altura eu até me lembro que havia uma expressão, que eu não sei se já alguém te falou nisso, Inês, havia uma expressão que era: os Beatles tinham sido os iniciadores de um novo estilo de música e de dança, que é o “Ié-ié”. Eu penso que o “Ié-ié” vem de alguns refrões das músicas deles. Portanto, foi basicamente com o estilo de música, que era muito diferente daquele que nós tínhamos. E depois até me recordei que, isto, depois da nossa primeira conversa, recordei-me que esta questão dos Beatles lança, no caso de Angola, o interesse para uma outra banda, para um duo, não era uma banda, era um duo, que também se notabilizou muito, mas que era um duo, negro, chamado Duo Ouro Negro, que era... Portanto, que começou por, vinham um bocadinho na sequência dos Beatles, mas que tocavam, portanto, música entre, digamos assim, o pop e o tradicional angolano, ou seja, eles iam buscar... As letras eram sobre temas africanos, e eles... Só me lembro do nome de... Somente do nome de um dos... Do Raúl Indipwo, mas esquece-me o nome do outro, mas eles foram muito conhecidos em Portugal, e sim, esses vieram a Portugal e até creio que viveram cá e faleceram cá também. Portanto, o Duo Ouro Negro, mas, portanto, há aqui, sim, uma série de fenómenos ligados, no caso de Angola, ligados, portanto, à colónia, que é, é esse estilo de música, ou música “Ié-ié”. Depois, eu naturalmente, é assim, eu teria, eu tinha 10 anos quando tenho mais perceção da música dos Beatles, mas as pessoas mais velhas, portanto, que seriam já os adolescentes, teriam de facto, e eu tenho primos que eram mais velhos, etc, tinham muito mais perceção disso. E na altura ouvia sobretudo discos de vinil, não é, portanto havia festas particulares, era até quase um bocadinho, no caso de Angola não se notava assim muito, mas mesmo assim, os Beatles estão, para a minha geração, e um bocadinho mais velha, talvez uns 5, 6 anos mais velhos, ligados a um estilo de música rebelde. Ouvir aquilo era ir contra as convenções, contra aquilo que estava convencionado. Já nem estou a falar sequer do histerismo, das manifestações, etc, não, era mesmo... Eles eram contracorrente, e portanto ao serem contracorrente... Pronto, os pais toleravam que a gente ouvisse, etc, ouvíamos em festas particulares e não sei quê, mas, pronto, era sempre algo que estava contra a corrente deles, não é?

Eu – E tinha ou tem alguma música ou álbum favorito? Assim um que a tenha marcado particularmente?

Vitória – Não tenho talvez álbum, talvez tenha canções. Gosto muito daquela fase inicial deles, a do “Love Me Do”, aquelas, pronto, ainda hoje me põem elétrica, mexem comigo... E depois gosto do “Let It Be”, portanto gosto muito depois da fase em que eles começam, alguns deles, a cantar a solo, não é?

Eu – Queria agora perguntar sobre, há fãs que idealizam poder conhecer os seus músicos favoritos, ou ser parte da vida deles, ou ser como eles... Estes ídolos podem ter uma aura muito atrativa, muito inspiradora, e levar a que uma pessoa queira conhecê-los, ou queira ser parte da sua esfera pessoal, ou os veja como um exemplo a seguir... Como é que descreveria que foi a sua relação, a sua perceção, dos Beatles neste sentido? Eram pessoas com que queria estar, pessoas que ambicionava ser como, ou era algo completamente diferente?

Vitória – Ora bem, tendo em conta que eu tinha 10 anos, provavelmente eu não teria tanto essa... Não iria tanto nesse sentido, mas, é assim, eu também já não me lembro completamente, mas imagino que quisesse conhecê-los e estar com eles, da mesma forma que me apaixonava facilmente por alguns artistas de cinema. E então tinha paixões assolapadas, não é, como qualquer... Portanto, naturalmente devo ter... Os cortes de cabelo deles, a forma de vestir, era muito, muito, muito atrativa, no sentido de ir contra a corrente para... E era facilmente influenciável, não é? E atenção, e nas colónias vivia-se, sobretudo em Angola e Moçambique, vivia-se um ambiente mais mental, social, mais aberto, como te disse, portanto, já comprávamos certas revistas, já tínhamos muito contacto com o Brasil. Portanto, sobretudo tudo o que fosse de expressão portuguesa, de... Publicado em português, chegava lá muito mais facilmente do que... E não chegava aqui à metrópole, não é?

Eu – A popularização dos Beatles deu-se precisamente numa época em que o acesso a informação sobre os nossos ídolos era muito mais limitada do que é hoje...

Vitória – Exatamente.

Eu – Hoje em dia é muito acessível ver entrevistas na Internet, ver atualizações de tudo o que andam a fazer nas redes sociais...

Vitória – Isso era muito... Chegava com muito atraso, não é? Nós... Então nas colónias, que nem sequer havia televisão... Portanto, ou seja, nós não tínhamos televisão, vocês cá tinham televisão, cá na metrópole tinham televisão, mas nós lá não tínhamos, portanto, era basicamente... Qual era o grande meio difusor? Era a rádio e eram os vinis, os discos.

Eu – Pois, eu ia precisamente perguntar sobre isso, que era, como os Beatles, sendo do Reino Unido, este distanciamento sentia-se ainda mais a qualquer pessoa que vivesse fora do Reino Unido. E queria saber que informação e conteúdo é que chegava, no caso de, como viveu em Angola, qual era o conteúdo que chegava lá e quais eram as plataformas?

Vitória – Pronto, é assim, basicamente não havia plataformas digitais, okay? O que havia... As plataformas era, já havia, havia uma loja em Luanda, havia uma loja muito grande da Valentim de Carvalho, e nós íamos à Valentim de Carvalho, esperávamos ansiosamente pelas novidades, pelos vinis. Portanto, comprávamos vinis, eu ainda tenho vinis, não sei se terei vinis dos Beatles, mas tenho vinis dessa época. Acho que tenho de outras bandas, ah... Portanto, era basicamente através ou da rádio, portanto, programas de rádio, ou, basicamente, era programas de rádio e os discos que se compravam, os vinis.

Eu – E lembra-se de haver clubes de fãs dos Beatles? Integrou algum clube de fãs?

Vitória – Não, não me lembro de haver clube de fãs... Quer dizer, não estou a dizer que não houvesse, eu era demasiado pequena para saber se haveria ou não, mas admito que sim, que pudesse haver. Cá, haveria de certeza.

Eu – E o gosto pelos Beatles foi algo que viveu em grupo? Ou seja, os grupos de amigos juntavam-se para ouvir, para falar da banda?

Vitória – Sim, sim, sim, sim, sim, sem dúvida. E nas festas. Era, portanto, era, no fundo, eram ídolos que a gente adorava em conjunto, em festas que faziam nas casas uns dos outros.

Eu – E este interesse pelos Beatles levou-a também a conhecer outras fãs, a começar amizades? Houve novas relações que começaram por causa do gosto pela banda?

Vitória – Não, não necessariamente, acho que não. No meu caso, era ouvido entre as pessoas, portanto... Grupos de que já éramos amigos.

Eu – Agora até vou pegar num tema que até já tínhamos tocado aqui, que era que os Beatles foram figuras muito vocais sobre questões políticas, sociais, quer através das músicas, quer também através de outras ações, e a banda teve um grande impacto sociocultural nos jovens da época e ficou associada a mudança. Nesta época, Portugal vivia em ditadura, e as ideias políticas e sociais contrárias e as manifestações não eram, como nós sabemos, bem vistas aos olhos do

Estado Novo. Considera que se sentiu o impacto político e social dos Beatles, neste caso em Angola, onde referiu que vivia na altura? E de que forma?

Vitória – Eu penso que isso talvez, Inês, tenha sido sentido de forma mais profunda aqui, na metrópole, admito isso. Porquê? Porque era mais fechada. O ambiente era mais fechado, as pessoas não tinham tanto acesso à informação, e toda a informação que chegaria seria... Nova, era uma informação proibida. Nas colónias não se... Não houve tanto essa perceção da mensagem que eles pudessem ter, eventualmente, para... No contexto político. Aliás, eu acho que... O que me lembro perfeitamente de estar associado aos Beatles é os comportamentos, portanto, contracorrente dos jovens, o corte de cabelo, era uma coisa que eu me lembro, a questão do corte de cabelo, era “corte de cabelo à Beatle”, era qualquer coisa que até era pejorativo, “Estás a cortar o cabelo à Beatle”, que é aquele cabelo muito redondinho que parece que tem uma tigela na cabeça, não é? “Pá, estás a cortar o cabelo à Beatle”. “Estás a usar um bigode à Ringo Starr”. Havia estas coisas, porque era a imagem externa, era muito mais a imagem externa, no dress code, na forma de usar o cabelo, etc. Aliás, quem usava cabelo comprido, os rapazes sobretudo, neste caso, quem usava cabelo comprido... Não se usava cabelo comprido como hoje, os rapazes não estavam autorizados a usar cabelo como hoje. Quando usavam cabelo comprido, “Ah, tem cabelo à Beatle”, quando eles nem tinham o cabelo comprido, tinham o cabelo muito cortadinho e não sei quê. Portanto, isto sim, isto era marcante. Portanto, foi mais do ponto de vista social, em termos de diferenciação na apresentação física, de vestir e do corte de cabelo, etc, que destoava, eram diferentes, e portanto quem se apresentava como eles era diferente, na realidade, mais do que até qualquer mensagem política que eles pudessem ter passado.

Eu – Hoje em dia os Beatles são um reconhecido fenómeno global que apela a públicos diversos, mas durante os primeiros anos de atividade o seu público era maioritariamente raparigas jovens, e estas fãs eram bastante entusiasmadas, mas várias vezes as emoções e a energia delas foram tratadas praticamente como se fossem sinais de uma patologia, inclusive, usava-se a palavra “histeria”. O que é que pensa sobre isto?

Vitória – Qual é a minha opinião? É assim, eu isso lembro-me perfeitamente que isso era verdade. Eu penso que... O que é que eu penso? Penso que isso era considerado uma patologia por ser extremamente diferente de tudo aquilo que alguma vez alguma banda tivesse provocado, e como estava muito centrado, basicamente, eram, também, provocavam muita atração entre os homens, mas como eram sobretudo raparigas que se, no fundo, apaixonavam por eles e os

seguiam e... E tendo em conta que mesmo no Reino Unido as mulheres não podiam exteriorizar assim facilmente os seus comportamentos, aquilo ainda se tornava mais... Mais desviante, no fundo, portanto, então é... “O que é que estão aqui estas raparigas a... O que é que estes tipos têm de tão especial, que elas não se manifestam assim, por exemplo, com outras músicas, mas com a música deles?”. Portanto, eu suponho que era sobretudo ser muito contrastante, muito desviante daquilo que era a norma, e por estar centrado, sobretudo, por ser... Por ser emanado por mulheres, que estavam muito reprimidas, mesmo no Reino Unido.

Eu – E, até na linha desta pergunta, os Beatles são considerados uma das bandas mais inovadoras da História recente da música, mas, contudo, durante os primeiros anos foram criticados por ter uma sonoridade considerada simplista, e realmente o pico de sucesso deles viria mais tarde, em anos seguintes, mas há quem diga que já a música dos primeiros anos tinha marca dos atributos que depois iam ser muito elogiados nos álbuns seguintes. Ou seja, como mencionei há bocado, inicialmente uma grande parte dos fãs dos Beatles eram raparigas jovens, acha que há alguma correlação entre as críticas que eram feitas e o facto do público da banda serem raparigas jovens?

Vitória – Se há alguma correlação entre a crítica à música e ao facto de ser simplista, e serem raparigas jovens?

Eu – Sim...

Vitória – Não me parece, não me parece... Não me parece. Eu acho que eles... Eu quero... A minha interpretação é que eles foram de tal forma inovadores para a época, deram mesmo uma pedrada no charco, que nem eles próprios, provavelmente, estariam à espera de ter este sucesso entre as raparigas, que depois, quer dizer, passar aquele primeiro pico inicial, eles deram-se conta, na realidade, de que poderiam de facto melhorar a sua, a sua... Evoluir se calhar para uma notação mais complexa das suas músicas... Portanto, e poderiam eventualmente até... Até admito que lhes tenha passado pela cabeça, se calhar, atingir outros públicos mais maduros, que não apenas as teenagers, não é? Porque eles não atingiam só teenagers, eles atingiam teenagers, muitos jovens, até quase pré-adultas, não é?

Eu – Gostava agora de perguntar se teria mais alguma coisa que gostasse de partilhar sobre as suas experiências como fã dos Beatles, ou se quisesse deixar uma nota retrospectiva, olhando para trás e avaliando o impacto que tiveram em si, ou que continuam a ter, os Beatles, os fãs dos Beatles...

Vitória – Ora bem, sobre os fãs eu não tenho nada a dizer. Sobre o impacto que eles tiveram em mim, obviamente são uma banda que eu diria fundadora dos meus gostos musicais, não é? Como não podia deixar... Como há outras, mas os Beatles muito especialmente. Eu ainda hoje regularmente oiço músicas dos Beatles. E não é por saudosismo, é mesmo porque gosto e porque me tocam, portanto, interiormente, não é? Porque até podemos considerar que algumas letras são muito ingénuas, as primeiras sobretudo. E a gente interroga-se como é que realmente letras até tão simplistas, tão ingénuas, como o “Love Me Do”, etc, como é que nos entusiasmaram. Alguma coisa tinha que se passar a nível social, e é isso que eu acho, que é, eles trazem uma mensagem nova, e sobretudo uma forma... Demonstram que é possível fazer música entusiasmando as pessoas, pegando em temas simples, como o amor, por exemplo, como o amor entre duas pessoas, dois jovens, um namoro, etc... E, portanto, transformando essa mensagem em música, portanto, numa sociedade que provavelmente estaria muito fechada e que nunca tinha... Canções de amor já havia, mas era um amor muito formal, por exemplo, o caso do Fado, não é? Era um amor muito sofrido, portanto até... Eles não, eles trazem uma mensagem fresca, eles ensinam a ver o amor como algo que pode ser visto de forma fresca, não é, por exemplo... E não só, e pegam em temas como o “Yellow Submarine”, até mesmo algumas bandas desenhadas, algumas ilustrações das capas deles... São ilustrações muito interessantes do ponto de vista da banda desenhada também, poderia ser... E da animação podia ser estudado, não é, ou seja, é simplista mas não é simplista, eles ensinam como é que coisas complexas podem ser divulgadas de uma forma mais ou menos simplista, acessível a todos. Que eu acho que a mensagem deles não era só para as mulheres, era para toda a sociedade.

Eu – Agradeço imenso, muito obrigada!

## Entrevista 4

17 de maio de 2024

Eu – Em primeiro lugar, muito obrigada pela participação!

Margarida – De nada, de nada, é um prazer!

Eu – Queria perguntar se podia começar por se apresentar e partilhar como é que ficou a conhecer os Beatles.

Margarida – Olha, eu não conheci os Beatles, conheci os Beatles através daquele LP, não é, e pelos sucessos que realmente eles fizeram ao longo dos anos 60, 70, que foram os anos mais espetaculares deles, digamos assim. Conhecer, não conheci, porque, para já, nunca foram a Moçambique, não é, e segundo, acho que nunca vieram a Portugal, até. E mesmo que tivessem ido à minha terra, eu não tinha hipótese de ir porque os meus pais eram antiquados, e nem pensar deixar-me ir ver os Beatles, não é...

Eu – E como é que ficou a conhecer a música deles? Lembra-se?

Margarida – Lembro-me porque andava no Colégio de Freiras na África do Sul, e depois tínhamos os fins-de-semana que a malta... Levava-se discos, e então a gente dançava ao som dos Beatles e era uma festa completa não é? E pronto, começámos por aí, depois foi aquela Beatlemania, quer dizer, não se ouvia outra coisa na altura senão Beatles, Beatles, Beatles, Beatles... Depois vieram os ABBA, não é, mas primeiro foram os Beatles. E não há dúvida nenhuma que a gente passava os fins-de-semana... Estávamos sempre mortinhas que chegasse sábado e domingo, que não tínhamos aulas, para realmente, podíamos ouvir os Beatles, não é? E era, realmente, pronto, olha, era o nosso espetáculo, era ouvir a música deles.

Eu – E o que é que despertou o seu interesse nos Beatles, o que é que a fez ficar fã?

Margarida – Acho que realmente o ritmo, o ritmo alegre, a maneira que eles impunham para a gente também poder dançar aquele estilo sul-africano, não é? E é música alegre, realmente dava-nos, assim, um entusiasmo para nós podermos aguentar aquela semana toda de... Aturar as freiras, não é? (risos)

Eu – E tinha ou tem alguma música ou álbum favorito? Assim um que a tenha marcado mais...

Margarida – Aquele álbum, sinceramente, aquele primeiro álbum deles foi realmente marcante, tem as melhores músicas. Eles para mim, embora eles depois tenham, depois daquelas tenham tido... Não sei se o “Hey Jude” está ali, o “Yesterday” também não sei se está ali... Também o “Penny Lane”, também é uma outra música também muito gira deles... E há mais que eu, sinceramente, as que realmente ficaram, são aquelas que estão naquele álbum. Depois dessas, há mais... Quer dizer, há outras que também gostei menos, é como tudo, não é? Isto hoje também é como... Há malta que gosta muito dos Rolling Stones, por exemplo, eu nunca gostei. Tirando o “The House of the Rising Sun” lá dos Rolling Stones, nunca gostei deles, e ainda hoje não gosto, sinceramente. E ainda hoje gosto da música do Paul McCartney, por exemplo, gosto imenso de o ouvir...

Eu – Então continua a ouvir?

Margarida – Continuo a ouvir, sempre que há um sucesso do Paul McCartney, aí eu aí estou a ouvir, não há dúvida.

Eu – Há fãs que idealizam poder conhecer os seus músicos favoritos, ou ser parte da vida deles, ou ser como eles... Estas pessoas conseguem ter uma aura muito atrativa, muito inspiradora e levar a que uma pessoa deseje conhecê-los pessoalmente, ou ser parte da sua esfera pessoal, ou os veja como um exemplo a seguir... Como é que descreveria que foi a sua relação e perceção dos Beatles nesse sentido? Eram pessoas que queria ser como, eram pessoas com que...

Margarida – Era, era, porque eles na altura, houve uma fase que eles se vestiam todos de preto, e eu então resolvi também vestir-me à Beatle, e cortar o cabelo também assim um bocado à Beatle, mas quando apareci em casa assim vestida o meu pai disse-me “Imediatamente tirar essa roupa fora!” e não sei quantos... (risos) Mas passei uma fase que realmente gostava imenso de andar sempre vestida a preto também, vestida à Beatle, pronto, não é? (risos) E tinha muitas fotografias, quer dizer, mesmo no meu quarto, o meu quarto que era um quarto conjunto com outras, mas tinha fotografias assim na cabeceira da minha cama, dos Beatles. E eu na altura... Era os Beatles e, não faz parte com certeza... E era o Cliff Richard, também, não é? Cliff Richard também foi... Também fui Cliffista (risos). Mas os Beatles realmente marcaram uma época, que ainda hoje é marcante. Ainda hoje se ouve os Beatles com muito agrado, e onde houver uma festa e não houver uma música dos Beatles, parece que então esta até nem é completa, não é? (risos)

Eu – A popularização dos Beatles deu-se numa época em que o acesso à informação sobre os nossos ídolos era mais limitada do que é hoje...

Margarida – Exato.

Eu – Hoje é muito acessível nós vemos entrevistas na Internet, ir aos websites dos nossos artistas saber updates... E sendo os Beatles do Reino Unido, este distanciamento a informação ainda se sentia mais para qualquer pessoa que vivesse fora do Reino Unido.

Margarida – Exatamente.

Eu – Que informação e conteúdo dos Beatles chegava, e através de que plataformas, neste caso a Moçambique, onde estava?

Margarida – Ai, muito! Muito, aliás nós tínhamos uma emissora que era só sul-africana, e portanto dava muitas vezes música dos Beatles. E eu, como era estenodatilógrafa, não é, então aproveitava para tirar as letras quando ouvia a música, e tínhamos a facilidade, também, de entrar em contacto com a estação quando queríamos que pusessem a música a repetir, para tirar a letra, então eles faziam-nos esse favor, punham novamente a música e a gente tirava a letra, estenógrafa, não é? E aprendi muita letra de música dos Beatles assim, a estenografia, e depois passava aquilo tudo a limpinho e... (risos) E aprendia a letra e cantava com a malta, não é? (risos)

Eu – E havia grupos ou clubes de fãs dos Beatles? Lembra-se de haver algum, ou de ter integrado algum?

Margarida – Não, quer dizer, isso eu não, porque lá está, um dos meus pais era antiquados, não me deixavam integrar assim grupos de coisas, não tinha essa facilidade. Onde eu me apanhava com as asas um bocadinho mais libertas era quando andava realmente no colégio, então aí a gente libertava-se um bocado, e formávamos assim um grupo tipo Beatles e cantávamos e dançávamos e... Já estávamos fora... Fora dos pais, não é? (risos)

Eu – Eu queria precisamente perguntar-lhe sobre isso, sobre se o gosto pelos Beatles foi algo que viveu em grupo, se os grupos de amigos se juntavam para ouvir, falar da banda...

Margarida – Foi, exatamente. Foi no colégio que realmente, pronto, com um grupo de colegas, porque era um colégio Inglês, não se podia falar Português, e a gente tinha que aprender nem

que não quisesse, portanto a gente juntava-se, o grupo das portuguesas, não é, para começarmos a cantar tudo em Inglês, que era para a gente realmente engatar no Inglês ainda mais facilmente (risos).

Eu – E o interesse pelos Beatles levou-a a conhecer outras fãs, a começar amizades, a conhecer pessoas novas?

Margarida – Sim, sim, e já... Mas mais no colégio, mais no colégio, e depois, pronto, eu depois quando saí do colégio já foi nos anos 60 também, que saí, mas depois nos anos 70 tive malta do emprego onde andei, nos anos 60 também, onde estive a trabalhar... E aliás, eu acho que naquela época 99% das pessoas gostavam de ouvir os Beatles, acho que sim, acho que sim, pelo menos lá, aqui não sei, não é?

Eu – Os Beatles foram figuras vocais sobre questões políticas e sociais, quer através das músicas...

Margarida – Exatamente, exato.

Eu – ... , quer através de outras ações. A banda teve um grande impacto sociocultural nos jovens da época...

Margarida – Exato.

Eu – E ficou associada à mudança. Nesta época, Portugal vivia em ditadura, e ideias políticas e sociais que fossem contrárias e manifestações...

Margarida – Exato.

Eu – ... não eram, como nós sabemos, bem vistas aos olhos do Estado Novo. Considera que se sentiu o impacto político e social dos Beatles em Moçambique, onde vivia na altura?

Margarida – Não, não, absolutamente, nada, nada. Nem impacto político, nem... Nem perseguição, nem nada, absolutamente. Nesta questão de música realmente eu acho que tínhamos muita liberdade na música que se ouvia, exatamente nessa estação sul-africana. Portuguesa eu raramente ouvia, porque naquela época eu não queria saber de música portuguesa, queria era música estrangeira, e a maneira que eu tinha sempre, quando chegava a casa do trabalho, os meus vizinhos já sabiam que eu que tinha chegado a casa, porque a música

portuguesa tinha acabado e entrava a estação estrangeira, não é? De maneira que ouvia-se todo o tipo de música, já na altura se ouvia os Boney M... Cliff ouvia-se muito, o Elvis então nem se fala... Portanto eram realmente malta que na altura tinha muito, muito sucesso em Moçambique, neste caso, não é? Depois quando vim em 70... Claro que estranhei, porque ouvia-se aqui assim coisas mais diferentes, não é? Mas pronto, uma pessoa entra onde estiver e tem que vir entrar no ritmo de onde vive, não é? E eu ainda por cima fui para uma terra, para uma aldeia rural, não é? Na altura era uma aldeia rural, hoje é uma vila, não tinha comparação possível. E depois também não tinha... Ouvia os discos que tinha levado de Moçambique, ao menos contentava-me com isto (risos). Porque discos tenho muitos de conjuntos, aliás, eu posso-lhe mostrar, de conjuntos que fizeram sucesso na época. E eu não deixei lá ficar disco nenhum, eu trouxe os meus discos todos, todos.

Eu – Era colecionadora?

Margarida – Era colecionadora de discos. E depois ainda tive a sorte de abrimos aqui uma casa de eletrodomésticos, onde eu também resolvi fazer uma espécie de discoteca. Então resolvi também... Polygram era na altura a grande... Valentim de Carvalho, não é, eram as duas, eram as duas rivais, era a Polygram e a Valentim de Carvalho. Mas eu era a Polygram, a Polygram porque era a que tinha, para mim, a meu ver, os discos de mais sucesso na altura. E não há dúvida nenhuma... Mesmo aqui, ainda fartei-me de vender discos. E pronto, e punha, quando não vendia, punha os meus, pronto ia ouvindo os meus, que em casa não tinha tempo (risos).

Eu – Os Beatles são hoje um reconhecido fenómeno global, apela a públicos diversos...

Margarida – Exato.

Eu – ... mas durante os primeiros anos de atividade dos Beatles, o seu público era maioritariamente raparigas jovens...

Margarida – (expressa concordância)

Eu – ... e estas fãs eram muito entusiasmadas, mas várias vezes toda esta emoção, toda esta energia, foi tratada quase como se fosse sinais de uma patologia...

Margarida – Exato.

Eu – ... e usava-se palavras como “histeria”...

Margarida – (expressa concordância)

Eu – ... O que é que acha sobre isto?

Margarida – Não acho assim nada de especial, quer dizer, eu acho que os Beatles começaram a perder um bocadinho o êxito grande que tinham no início quando se começaram a meter na droga, não é? A droga destruiu-os um bocado, mas não deixaram de continuar a fazer êxitos, a não ser depois quando o Lennon foi assassinado em Londres, penso que foi em Londres, não foi? E a partir daí é que eles realmente começaram a ir abaixo... Depois só ficou o Paul McCartney, que ainda hoje faz música. Mas... Não acho, acho que não...

Eu – Okay... Estaria a perguntar mais na vertente de como as mulheres que eram fãs dos Beatles no início foram retratadas, que usava-se muito palavras como “histeria” para descrever o fenómeno de, como disse há bocado até, a Beatlemania. E era para ver se teria algo a dizer sobre o assunto, o que é que considera sobre...

Margarida – Não, acho que não, acho que não havia nada disso, não, não, não, não, não... Falava-se dos Beatles realmente com entusiasmo e com alegria... E alegria, não é, não há dúvida. Isto no meu tempo, mas... Quer dizer, se houve aí alguma coisa por fora, eu também, lá está, também não convivia assim muito, porque depois entrei na empresa, comecei a trabalhar muito cedo, com 17 anos. E portanto, lá está, fugi um bocadinho também, o que ouvia era em casa, ou então através da emissora, da tal emissora estrangeira. Mas de resto, acho que não, acho que continuava-se a ouvir Beatles muitíssimo bem e era sempre uma alegria. Os meus pais, aliás, era dos conjuntos que até apoiavam. Apoiavam pouca coisa, mas até apoiavam, às vezes o meu pai começava a dizer assim “Lá vêm aí os malucos”, não é? (risos), “Lá vêm aí os drogados, lá vêm os malucos”, mas aceitava perfeitamente o facto de eu gostar do conjunto, porque reconhecia que realmente eles tinham boa música. Uma pessoa ia para um baile qualquer...

Eu – Então acabaram por aceitar, mas no início era... Eles eram assim algo...

Margarida – No início, Deus me livre, no início nem pensar. E olha que cada vez que me lembro a vestir-me de preto, ui, Jesus, quase que me punham os cães...

Eu – Ia-lhe fazer agora uma pergunta que até é um bocado relacionada com esta anterior, que era que... Os Beatles hoje são considerados uma das bandas mais inovadoras da História recente

da música, mas durante os primeiros anos de carreira até receberam críticas por ter uma sonoridade que era considerada mais simplista...

Margarida – Exato.

Eu – ... E realmente o seu pico de sucesso dar-se-ia depois...

Margarida – Exatamente.

Eu – ... mas há quem diga que, já no início havia assim marcos das coisas que seriam muito elogiadas nos álbuns seguintes, mas que não foi detetado. E, como mencionámos há bocado, inicialmente as fãs dos Beatles, na fase inicial, eram raparigas jovens, maioritariamente. E queria perguntar-lhe se acha que há alguma correlação entre o facto desta fase inicial ter recebido estas críticas e o público serem as raparigas jovens.

Margarida – Não, sabe... Foi um primeiro grupo musical que apareceu assim com sucessos logo de início, e isso para muita gente foi assim um fenómeno, não é? Ninguém estava a contar que aparecesse. Havia grupos musicais portugueses e bons, aliás eu tenho-os ali, que depois até lhe mostro. Ah... Havia realmente grupos que... Mas assim um grupo estrangeiro, acho que até foi o primeiro, se não me engano, acho que foi o primeiro que realmente revolucionou a música toda. Fez uma revolução total na música toda, quer portuguesa, quer estrangeira, não é? E os grupos começaram a aparecer mais depois dos Beatles... É que começaram realmente a aparecer mais grupos, porque até ali não se ouviam falar noutros grupos, eram desconhecidos pelo menos, não é? Quando apareceram estes, realmente foi um sucesso, que não há dúvida nenhuma, um sucesso e acho que até mundial, acho que até foi um sucesso mundial.

Eu – Gostava agora de perguntar se tem mais alguma coisa que gostasse de partilhar sobre as suas experiências como fã, ou se quer deixar uma nota de forma retrospectiva, olhando para trás, vendo o impacto que os Beatles tiveram em si...

Margarida – (risos)

Eu – ... ou as fãs dos Beatles...

Margarida – Olha, tenho pena de não ter outra vez 13 e 14 anos para viver essa vida boa, pá, que realmente... Uma pessoa tinha outro tipo... A vida vai-nos mudando, vai-nos transformando, não é? Não quer dizer que eu hoje, se não ouvir uma canção dos Beatles...

Pronto eu fico assim meia... Meia maluca, meia maluca, não é? Porque realmente gosto imenso de os ouvir. E ainda neste fim-de-semana, quando estivemos a pôr ali o... Foi esta semana que nós estivemos a pôr o disco, nós começámos logo ali a dançar, tanto eu como o meu marido, não é? (risos). Mas, realmente, pronto, tenho saudades desse tempo, tenho, não há dúvida nenhuma, e quando eles eram ainda uns rapazinhos... Uns rapazinhos jeitosos, não é? Depois começaram a entrar naquela macacada de cabelos compridos, mais não sei quantos, que a malta já não estava muito habituada àquilo... Barbas e bigodes, e não sei quê... À exceção do Paul McCartney. Ah... Pronto, as coisas começaram a enveredar por outro caminho que a gente também começou a ver que não era o mais correto, mas as músicas eram boas, eram bonitas e o que interessava era a música, não era o aspeto, não é? (risos) De maneira que, pronto, só tenho saudades realmente desse tempo, não vou dizer que não tenho. Realmente enquanto estive a estudar diverti-me imenso com os Beatles, a ouvi-los. Sem dúvida.

Eu – Muito obrigada pela sua participação!